Sveva Casati Modignani



Baunilha e Chocolate

PORTO EDITORA

Agradeço a Donatella Barbieri, que me acompanhou e aconselhou durante a redacção deste romance; às "raparigas" da Sperling, pelo afecto e pelo profissionalismo; a Giuseppe Baroffio, que sempre me permitiu trabalhar em absoluta liberdade; e a Carla Tanzi, pela participação atenta em todas as fases do meu trabalho. Agradeço, finalmente, ao doutor Augusto Enrico Semprini, da Universidade de Milão, especialista em obstetrícia, ginecologia e imunologia, e à minha amiga Stefania Marom, por me terem contado uma experiência dramática que me inspirou esta história.

A "salinha chippendale", que serve de fundo a um momento importante da história, é uma sugestão da minha querida amiga Annamaria Andreini Arisi.

24 de Maio, Domingo

Querido Andrea, desgraça da minha vida, tantas vezes ameacei ir embora, e nunca o fiz. Agora, vou-me embora. Sabes como sou lenta, mas tenaz, nas minhas decisões.

Em dezoito anos de casamento fui medindo o teu egoísmo, a tua capacidade de mentir, os teus medos, a tua infantilidade.

Não quero saber como te vais arranjar sem mim, uma vez que, sozinho, não és sequer capaz de abrir uma lata de cerveja.

Se quiseres sobreviver, vais aprender a ocupar-te de ti próprio, dos nossos três filhos, do zoo da casa. Não vai ser tarefa fácil dar ordens à empregada, que tu amavelmente defines como "a cretina", nem entenderes-te com a irmã Alfonsina, que nos ameaça com o castigo perpétuo se não baptizarmos o pequeno Luca, com a tua mãe, que desaparece de casa dia sim dia não e depois é preciso esquadrinhar a cidade para a encontrar, com o psicólogo da Lucia, com o Damele, com brincos por todo o lado e que, aos quinze anos, ainda faz chichi na cama, com as contas que há para pagar nos Correios e as que há para pagar no banco, com os justificativos do IRS e com a lista diária das compras. Vais ter de andar de um lado para o outro, entre a escola e o infantário, entre a aula de judo para o Daniele, a piscina municipal para o Luca e a escola de dança para a Lucia. Vais ter de arranjar um canalizador para o autoclismo que verte e que neutralizar legiões de formigas gigantes que saem de um buraco na varanda e que são refractárias a todo e qualquer veneno.

Vais ter de enfrentar tudo isto e mais ainda, porque eu não vou estar aí a tentar, inutilmente, tapar as fendas de um barco destinado ao naufrágio.

Pergunto a mim própria como conseguirás encontrar o tempo e a vontade para praticar os teus desportos favoritos: as mentiras, as traições, o desinteresse pelos nossos filhos.

Tirando um breve e maravilhoso parêntesis, que se passou há muito tempo, fui durante anos a escrava devota de um patrão arrogante.

Sei que fui tua cúmplice neste jogo perverso e sei que suportei ofensas e injustiças porque tinha medo de ficar sozinha.

No fim de tudo, a tua falta de respeito foi mais forte do que o meu medo da solidão.

A minha condição é idêntica à de milhões de outras mulheres. Somos todas vítimas conscientes e vivemos na esperança de um amanhã melhor, de um golpe de magia que consiga mudar a situação.

Quantas vezes, cansada de engolir sapos, tentei demover-te do teu egoísmo. Foi tudo inútil. Compreendi que as palavras não servem para nada, escorrem como a água. O que conta são os factos. Por isso decidi agir.

Ao fim de dezoito anos de casamento, já não me fascinas. Como poderia imaginar que o homem por quem me apaixonei era apenas uma criança que se recusa a crescer?

Quando nos casámos, eu era demasiado jovem e insegura para compreender isso.

Culpa minha, da minha necessidade de ser aprovada por toda a gente, sobretudo pela minha mãe. Ela queria para mim um marido tradicional. Eu fiz-lhe a vontade.

E encontrei como companheiro o típico macho tirano que põe e dispõe da mulher, enquanto que os nossos filhos são aquilo que me poderia acontecer de mais complicado. Ninguém se conforma com as suas próprias derrotas e não há dúvida de que a Lucia, o Daniele e o Luca são a prova do meu fracasso. Mas já não tenho vontade de me sentir culpada por isso. A partir de hoje, vais ter de te entender com eles.

Amo-os apaixonadamente, como te amei a ti. Deixo-os com dor e afasto-me de ti com um sentimento de libertação.

Já não suporto a tua duplicidade, o teu narcisismo, o teu falso papel de pai-companheiro, generoso, compreensivo, que compra para os filhos os presentes que eu lhes nego, que ouve as suas mentiras, grandes e pequenas, com uma benevolência que não te pertence. Tu és o pai bom, eu sou a mãe má. Tu és o que permite, eu sou a que proíbe.

De cada vez que ouso encostar-te à parede, ficas furioso e partes tudo aquilo a que deitas a mão.

A fúria é a única resposta que sabes dar quando te chamo às tuas responsabilidades. Depois vais-te embora, batendo com a porta de casa. Houve um tempo em que temia que não voltasses. Eu era a vítima que tem medo de ser abandonada pelo próprio carrasco. Escondi piedosamente a tua infantilidade aos nossos filhos, mas eles perceberam e estão confusos e perdidos.

Desgraça da minha vida, não imaginas o rancor que acumulei e a dor que me causa abandonar os meus filhos. Ai de ti, se não tomares conta deles. Vou para Cesenatico, para casa da minha avó, porque preciso de estar sozinha.

Diz aos nossos filhos que me podem telefonar em qualquer altura, quer para o telemóvel, quer para casa. Naquilo que te diz respeito, porém, deves aparar o meu jogo e fazer de conta que fiz umas

férias para descansar. Não penses em vir buscar-me.'Se o fizesses, digo-te já que voltaria apenas para levar as crianças e deixar-te para sempre. Por isso, se queres à nossa família, não fales nem apareças.

Agora estás sozinho com as tuas responsabilidades e, pela primeira vez, com os teus filhos. Espero que se possam ajudar uns aos outros.

Pénelópe

HOUVE UMA DISCUSSÃO...

Houve uma discussão furiosa entre Andrea e Pénelópe por causa de Stefania, uma jornalista engraçada que se ocupava das crónicas de espectáculos. A razão do litígio não nasceu tanto do ciúme mas sim da raiva de Pénelópe pela capacidade desenfreada que o marido tinha de mentir, negando sempre a infidelidade, mesmo perante uma evidência. Andrea traía-a desde sempre, e desde sempre se proclamava inocente.

- Acontece que, exactamente esta manhã, poucas horas depois de ter feito amor contigo, tomei um café no bar com a tua bela colega. No fim refugiou-se em lágrimas entre os meus braços, pedindo-me que a perdoasse - começou Pénelópe.

- Estás a dar tiros no escuro - replicou Andrea.

- Olha que foi ela quem me procurou e contou tudo.

- Vocês são duas loucas. Duas visionárias! - Andrea esbugalhava os olhos, estupefacto.

Começava a ter medo e Pénelópe, que o conhecia, sabia que estava prestes a explodir, a escacar um objecto qualquer.já tinha assistido demasiadas vezes às suas cenas vulgares para se deixar intimidar.

- És um palerma, Andrea - comentou. - Tu não sabes a que ponto pode chegar a cumplicidade entre nós, mulheres. A Stefania não só me contou tudo a chorar, como, no fim, conseguimos até sorrir das tuas ridículas artimanhas para eu não te descobrir.

Agora Andrea fixava-a, rígido, alerta, pronto a saltar. Ela continuava, impávida: - já que falamos nisso, devo dizer-te que não podes continuar a insultar a minha modesta inteligência. És um descalabro, como marido e como pai. Estou cansada de ti. Desta vez, entre nós, acabou mesmo tudo - concluiu, indiferente ao facto de Priscilla, a empregada, estar a espiar por detrás da porta da sala e de os filhos, nos seus quartos, ouvirem tudo.

Andrea, naquele momento, tinha nas mãos um volume da Enciclopédia Treccam.

Atirou-o contra o vidro da porta, que se estilhaçou em mil pedaços. Logo a seguir saiu de casa, batendo a porta com estrondo. Regressou à meia-noite, trazendo consigo um bolo gelado de baunilha e

chocolate. Se a mulher já estivesse a dormir, metia-o no congelador. Mas se estivesse acordada, recitava o habitual acto de contrição, ela perdoava-o, e festejavam o fim das hostilidades à mesa da cozinha, entre uma carícia e uma fatia de bolo.

A casa estava silenciosa. As crianças dormiam.

Sansone, esticado ao lado do pequeno Luca, dirigiu-lhe um olhar indiferente, e depois voltou a fechar os olhos. Pénelópe estava estendida no sofá, a dormir. Pelo menos, assim parecia. Olhou-a com ternura, pensando que qualquer dia deixaria de lhe causar tantas inquietações.

Reparou no caixilho vazio da porta, e só então se lembrou de que tinha estilhaçado o vidro. Paciência. Pénelópe trataria de o mandar substituir. Inclinou-se sobre ela e acariciou-lhe a face. Depois entrou no quarto, cansado. No jornal, onde era chefe da secção de espectáculos, tinha tido um serão extenuante. O fax tinha avariado e a peça mais importante do enviado em Londres não tinha chegado a tempo. Assim, tivera ele próprio de se sentar ao computador onde, com materiais de arquivo e um sintético ponto da situação telefónico, escreveu o artigo de abertura.

Tinha havido outros aborrecimentos, incluindo um artigo enfático sobre um programa de televisão péssimo do qual tinha sido obrigado a dizer bem.

Despiu-se, atirando desordenadamente a roupa para cima do cadeirão, e meteu-se na cama. Tentou ler algumas páginas da biografia de uma cantora famosa, de que devia fazer uma recensão, mas caiu, vencido pelo cansaço. O último pensamento antes de adormecer foi que, na manhã seguinte, teria tempo para fazer as pazes com a mulher.

Acordou às onze horas. Espreguiçou-se como um gato, sentindo na pele o contacto agradável dos lençóis acetinados. Lembrou-se de repente de Pénelópe, a pessoa mais importante da sua vida.

Para Andrea, não havia mulher que se pudesse comparar a ela, a sua muito amada companheira, que lhe era tão indispensável como q ar para sobreviver. Stefania, por exemplo, era de uma beleza res andecente. Tinha sido divertido levá-la para a cama, porqu sabia transformar o amor num jogo irresistível. Mas nunca a teria trocado pela sua mulher, que cheirava a flores do campo e a pão fresco. Pénelópe, de pernas de seda, flancos generosos, seios de adolescente, ventre pequeno e rijo apesar de três gravidezes, agradava-lhe mais do que todas as outras. A sua boca sabia a tangerina, os grandes olhos dourados encantavam-no. Amava tudo nela: a voz pastosa, as mãos papudas, a graça

com que roía as unhas. Quando enfiava os dedos por entre os seus cabelos castanhos, eternamente despenteados, ou abraçava o seu corpo macio e forte, sentia-se dono do mundo. Ela era um rochedo a que se tinha agarrado e não havia mulher, por mais esplêndida que fosse, que pudesse competir com a sua tão adorada Pepe. Stefania, como as outras companheiras ocasionais, era apenas um jogo.

Por isso, precisava de fazer as pazes depressa. E para isso seria favorecido pela ausência dos filhos que, como todos os domingos, passariam o dia com uns primos da sua mulher.

Levantou-se da cama, enfiou o roupão, abriu a janela sobre a varanda e depois abriu a porta do quarto. Não ouviu a habitual música de fundo que caracterizava o despertar dominical. Admirou-se ao encontrar Sansone, um cão-pastor branco, encolhido em frente da sua porta. O silêncio preocupou-o. Tudo era um inquietante sinal de alarme.

- Pepe, onde estás? - gritou, esperando ouvir a voz da mulher. Não teve resposta. Em vez de entrar na casa de banho para tomar um duche, precipitou-se em direcção à cozinha.

Habitualmente, encontrava a mesa cuidadosamente posta, a sua taça de fruta aos pedacinhos, a tigela de iogurte fresco, as fatias de pão torrado, o mel, o café americano, claro e aromático, e a sua mulher sentada à mesa a folhear os jornais do dia. Naquela manhã não havia nada disto e Andrea susteve a respiração, com medo, pois tinha à sua frente uma visão clara daquilo que resta depois da revolução: pratos sujos, chávenas com restos de leite e flocos de aveia, frascos de compota destapados, açúcar espalhado no tampo da mesa. Recuou, quase espavorido.

- Pepe, onde é que estás? - gritou ainda, com a ânsia de uma criança que não encontra a mãe.

Apenas Sansone lhe respondeu, com um ar levemente aborrecido.

- Mas o que é que se passa esta manhã? - alarmou-se, enquanto inspeccionava a casa, escancarando as portas de todas as divisões. A sala de estar era um caos. A mesma desordem reinava nos quartos dos filhos, nos quartos de banho, na entrada. De Pénelópe, não havia vestígios. Excluiu a hipótese de ter acompanhado as crianças a casa dos primos. Eram sempre eles que vinham buscá-las ao domingo de manhã. Sentiu uma preocupante aceleração do ritmo cardíaco. Não era possível que Pénelópe tivesse saído deixando toda aquela desordem sem uma explicação. Regressou à cozinha. Em cima do armário, encostado ao pequeno relógio de porcelana vienense, viu um envelope que tinha

escrito: Andrea. Estava fechado. A mão tremeu-lhe enquanto o abria e retirava uma folha escrita com uma letra minúscula mas ordenada. Começou a lê-la rapidamente.

Leu tudo, até ao fim. Depois deixou-se cair numa cadeira. Estava atordoado, como se tivesse recebido uma pancada na cabeça. Aquelas não eram palavras de Pénelópe. Sansone, aos seus pés, fitava-o silencioso. Até Cip e Ciop, os pequenos papagaios, na sua gaiola por cima do peitoril, estavam estranhamente quietos. Nesse momento reparou numa outra mensagem, escrita a giz na pequena lousa pendurada ao lado do grande frigorífico azul. Dizia: Filhos adorados, resolvi ir embora durante algum tempo. Preciso de descansar. Volto depressa. Amo-vos. Um abraço muito forte. Mãe.

- Não é possível! - berrou Andrea, e olhou para o cão como se dele pudesse vir alguma resposta. Então lembrou-se daquilo que a sua mulher tinha gritado no dia anterior: "Desta vez, entre nós, acabou mesmo tudo".

- Enlouqueceu - sussurrou, assustado, dirigindo-se a Sansone, que respondeu com um bocejo. - Uma coisa é ameaçar, e outra é por em prática uma loucura. Agora vai-me ouvir - disse, enquanto voltava à sala de estar. Levantou o auscultador do telefone e marcou o número do telemóvel de Pénelópe. Respondeu-lhe uma gravação que lhe sugeriu voltar a ligar porque aquele número não estava "de momento, disponível". Deu um pontapé ao porta-réivistas e lançou um grito seguido de uma imprecação. Tinha-se magoado no pé.

Voltou à cozinha a mancar, abriu a porta do frigorífico e pegou na garrafa de água mineral. Encheu um copo e bebeu em grandes tragos.

Depois agarrou no açucareiro e atirou-o contra o armário. Os pequeninos grãos brancos caíram em chuva sobre o pavimento. Estava fora de si e não tinha ninguém com quem desabafar.

Não conseguia aceitar as acusações de Pénelópe mas, sobretudo, não lhe parecia verdade que o tivesse deixado. Sentiu-se insultado e ofendido.

- Se ao menos eu nunca a tivesse encontrado - sibilou. Amachucou a carta e atirou-a para longe. - Que grande cretina! Mas quem julga ela que é? Até desligou o telemóvel! Agora meto-me no carro, agarro-a pelo pescoço e trago-a para casa à bofetada - gritou ainda, olhando para Sansone. O cão pensou que os gritos fossem com ele e começou a rosnar, erguendo o lábio superior e mostrando os dentes.

- E pára com isso! - ordenou Andrea, enquanto procurava o sítio onde tinha ido parar a carta. Encontrou-a, pegou nela, alisou-a e regressou ao quarto. Era a única divisão da casa onde havia um mínimo de ordem. Estendeu-se em cima da cama, que conservava ainda a tepidez que tinha sentido até há poucos minutos atrás, quando não fazia ideia da catástrofe que se tinha abatido sobre ele, e recomeçou a ler a carta da mulher, medindo cada palavra. Pénelópe tinha traçado o perfil de um desgraçado no qual não se reconhecia.

Tinha descrito uma família desastrada que não podia ser a sua. Tinha-se retratado como uma escrava, vítima de um explorador, de um tirano. E por fim fazia chantagem com ele: se a fosse buscar, ela levaria os filhos. Um desastre. Mas seria tudo verdade? Ele sempre se tinha considerado um bom marido e um bom pai. Às vezes perdia as estribeiras. Mas quem não se zanga com a própria mulher, sobretudo quando esta sabe ser suficientemente pérfida para não deixar fugir uma única ocasião de encostar o marido à parede? Estaria com ciúmes por causa de Stefania?

Pénelópe tinha-se zangado porque ele se obstinava a negar. Mas que homem é tão tolo que admita uma infidelidade? Levantou-se da cama e debruçou-se da varanda. A rua era a mesma de sempre, as tílias exalavam todo o seu perfume, os automóveis percorriam a avenida nos dois sentidos, o mundo não tinha mudado. Mas ele sim. A sua mulher tinha-o deixado e Andrea não conseguia acreditar que as razões fossem aquelas expostas na carta. Talvez houvesse outra coisa. Mas o quê? "E se fosse tudo verdade?" perguntou-se de repente. Mas é claro, a sua Pénelópe tinha razão. Tinha-se comportado como um inconsciente. Foi como se um relâmpago tivesse iluminado a escuridão da sua mente, mostrando-lhe toda a sua insignificância. Sempre tinha sido um marido infiel, mentira, deixara-lhe a ela a tarefa difícil de gerir a casa e a família, intervindo raramente e sempre a despropósito. Por que era tão estúpido? E Pénelópe, como tinha conseguido suportá-lo durante tantos anos? Abriu a mão e largou a carta ao vento. Depois apoiou os braços sobre o parapeito e chorou.

A última vez em que tinha chorado assim era ainda um rapaz. Mas essa era uma velha história de família. Por que lhe vinha à ideia logo agora?

Nuvens carregadas de chuva adensavam-se no horizonte. Pénelópe entrou no carro, depois de ter saído do restaurante à beira da estrada onde tinha bebido um péssimo cappuccino e debicado um

croissant que tresandava a margarina. Quando foi à casa de banho passar a boca por água, embateu num grupo de turistas alemãs, gordas e barulhentas. Fugiu. Ao passar em frente à caixa, açambarcou uns rebuçados. Depois retomou a auto-estrada para Bolonha, mastigando algumas pastilhas de menta que pudessem adoçar a angústia dos seus pensamentos. Um remédio absolutamente ineficaz. À sua frente não via a faixa de asfalto, mas os vultos dos seus filhos, que tinha deixado apenas duas horas atrás e que não voltaria a ver durante algum tempo. "Todo o tempo que for preciso" pensou, trincando os rebuçados. "E esperemos que sirva realmente para alguma coisa" sussurrou com um suspiro cortado por um soluço, enquanto as lágrimas lhe turvavam a vista e as primeiras gotas de chuva caíam sobre o pára-brisas. Tinha escolhido um dia péssimo para se separar da sua família. A decisão, durante muito tempo adiada, não tinha sido um capricho, mas uma necessidade. Tinha intuído que não havia outra solução para dar a volta aos problemas que a angustiavam a ela, a Andrea e aos seus filhos.

Depois da última triste discussão com o seu marido, Priscilla tinha apanhado os estilhaços de vidro enquanto ela vagueava pela casa, apatetada, incapaz de fazer o que quer que fosse. Tinha passado em frente do quarto de Lucia. A porta estava entreaberta. A filha estava enroscada em cima da cama, abraçada a uma almofada guarnecida com rendas e fitinhas. Daniele estava sentado num banco e acariciava Igor, a sua cobra, enroscada no braço. Luca estava sentado no chão a fazer uma construção qualquer com o Lego.

Lucia e Daniele discutiam e ela parou a ouvi-los. - Aqueles dois são insuportáveis - dizia a filha.

- A culpa também é nossa. A mãe anda nervosa porque lhe damos um monte de problemas - respondeu o irmão.

- Tu é que lhos dás, porque não estudas. Eu sou a melhor da turma. Portanto, fala por ti.

- Mas tu fazes a dieta dos faquires. Isso incomoda-a muito.

- Os filhos dão problemas. Está escrito. Mas nem todos os pais se pegam como os nossos - sentenciou Lucia.

- O pai é muito mulherengo. Isto não está escrito, mas é uma verdade irrefutável - resumiu o rapaz.

- Ela também podia arranjar um amante. Assim ficavam quites. As distracções fazem bem - disse a filha, com o tom de uma mulher vivida.

- Os amantes chamam-se distracções?

A pergunta tinha vindo do pequeno Luca que, até àquele momento, parecia ignorar a conversa dos irmãos.

- Tu estás calado, porque ainda não tens seis anos e não percebes nada - ordenou Lucia.

- Eu, quando me casar, vou arranjar muitas distracções e, se calhar, hei-de esganar uma filha como tu, se a tiver - replicou a criança, nada intimidada.

O sentimento de culpa daquelas crianças relativamente aos seus desregrados pais aniquilou-a. Naquele instante decidiu ir-se embora. Andrea tornar-se-ia um pai responsável se ela deixasse de intervir. Devia absolutamente tentar entregar-lhe todo o peso da família, pois de outro modo Lucia ficaria rapidamente anoréctica, Daniele correria riscos de outro género, mas igualmente perigosos, e Luca, tão silencioso e introvertido, sabe-se lá de que outros sofrimentos padeceria. Deixá-los sós com o pai era a única solução razoável, ainda que dolorosa:

Depois de jantar levou o cão à rua. Lucia tinha ido a uma pizaria com o namorado. Daniele e Luca estavam deitados. Priscilla arranjou-se para ir ter com Muhamed, o namorado egípcio com quem passava todos os fins-de-semana.

- Acha que estou sexy, minha senhora? - perguntou-lhe, antes de sair. - Quando estava nas Filipinas, era mais slim e muito sexy. Agora o Muhamed diz que estou gorda.

- Estás gira, Priscilla. Não te preocupes - tranquilizou-a.

Às vezes, Muhamed enchia-a de pancada. Ela inchava de orgulho. - Bate-me porque gosta de mim - dizia.

Pénelópe esperou o regresso de Lucia e depois fez as las. Por fim estendeu-se no divã, em frente da televisão, distrai rdc-se com um estúpido programa de variedades.

Sentiu o elevador parar naquele andar. Desligou rapidamente a televisão e fechou os olhos. Não queria falar com Andrea. Quando o marido lhe acariciou a face, teve vontade de lhe morder a mão. Por fim, adormeceu.

Poucas horas mais tarde sentou-se à mesa da cozinha e escreveu a carta para Andrea, de jacto. Depois acordou os filhos e preparou o pequeno-almoço. Olhou para eles enquanto comiam. Ouviu as suas conversas, esforçando-se por responder correctamente, pois o seu espírito estava confuso. Amava-os, ia deixá-los e não lhes podia dizer.

Às nove horas, os primos Pennisi tocaram à campainha. As crianças estavam prontas para sair.

- Quem é que nos vai buscar? - perguntou Lucia. - Vai o pai - garantiu ela.

- Então recomenda-lhe que seja pontual. Tenho mesmo de estar em casa por volta das quatro, para acabar um exercício de Grego. Amanhã também tenho uma chamada de História.

- Que bonita que é a minha menina - comentou Pénelópe, sorrindo-lhe, enquanto se esforçava por não acrescentar as recomendações do costume, como a de não fazer de conta que comia enquanto escondia a comida por baixo da mesa. Lucia seria perfeita sem aquela mania de querer ser magra. O seu ideal era um corpo esguio como o de Veronica Pivetti e a cara maravilhosa de Claudia Schiffer.

Abriu a porta do elevador, dando-lhes um último beijo muito ligeiro. Luca pousou os pequenos lábios rosados sobre a sua face, fazendo o acostumado brrr, que era qualquer coisa entre um beijo e uma careta. Daniele fez tilintar a campainha pendurada no lobo da orelha.

- Eu não tenho nada que estudar. Por isso, mesmo que o pai chegue tarde, tudo bem. Aliás, melhor ainda - murmurou.

Ele nunca tinha nada que estudar. Mas tirava umas notas desgraçadas e arriscava-se a perder o ano.

Pénelópe debruçou-se da janela da sala e olhou para baixo, para a rua. Viu entrar os filhos no carro dos primos. Fechou as portadas e foi à cozinha. Se não tivesse decidido partir, arregaçava as mangas e começava a limpar. Em vez disso, escreveu uma breve mensagem na lousa. Tirou a carta para o marido do bolso do roupão e pousou-a, bem à vista, sobre o tampo do balcão. Depois foi ao quarto de vestir, onde tinha já a mala pronta. Apesar de ser o fim de Maio, o dia não era dos melhores. O céu estava coberto de nuvens e o ar estava fresco. Abriu o seu armário e, de entre a roupa que ficava, escolheu um velho tailleur cor de glicínia que já não usava há anos, desde antes de Luca nascer.

A saia e o casaco assentavam ainda perfeitamente no seu corpo. Do armário dos sapatos tirou um par de mocassins azuis, muito cómodos para conduzir. Pegou na carteira e na mala e dirigiu-se à porta de casa, nas pontas dos pés para não acordar Andrea. Quando chegou à porta lembrou-se de uma coisa. Voltou ao quarto dos rapazes. - Meu Deus, que confusão - disse, enquanto verificava os objectos que estavam em cima da mesa-de-cabeceira de Luca. - Pois é, já sabia, esqueceu-se do Ventilan -

constatou, em voz baixa, e ficou alarmada, de repente, culpando-se por não ter sido mais diligente. Se o pequenito tivesse um ataque de asma, sem aquele remédio à mão, ia assustar-se ainda mais. Se ela tivesse pensado menos no seu problema e mais no do pequeno, aquilo não teria acontecido. Talvez fosse caso para adiar a partida. O spray era muito mais importante. Talvez nem devesse partir. Bastaria desfazer a mala, rasgar a carta, apagar a mensagem escrita na lousa e continuar a viver como sempre tinha feito.

- Só que até agora foi um desastre - sussurrou, olhando à sua volta. Pensou que as coisas continuariam a piorar e que era necessário interromper a espiral perversa da degradação familiar. – O Luca lá se arranja. Os irmãos hão-de ajudá-lo - concluiu. Voltou a atravessar o corredor nas pontas dos pés e saiu.

O carro estava estacionado em frente de casa, no separador central da avenida, por baixo de uma fileira de plátanos. Entrou no carro e desligou o telemóvel.

Tinha evitado comunicar a sua decisão não só aos primos Pennisi e às suas amigas do peito, Donata e Sofia, mas também aos pais. Quando o soubessem, e não tardaria muito que Andrea pusesse a boca no trombone, ela estaria já em Cesenatico e não deixaria que quem quer que fosse a tirasse dali.

Na saída para Ancona a chuva tinha-se tornado um dilúvio. Os limpa-pára-brisas não conseguiam varrer toda a água, tornando a visibilidade problemática. Pénelópe abrandou a marcha e de 'diu fazer uma nova paragem. Não queria correr o risco de ter acidente. Para os seus filhos queria apenas uma mãe distante, não internada num serviço de traumatologia.

Estacionou em frente do restaurante e lamentou a sua distracção: tinha deixado o guarda-chuva na mala. Felizmente tinha um impermeável de emergência no banco traseiro. Enfiou-o como pôde e atravessou o pátio a correr, afundando os pés em grandes poças de água.

Como ela, outros viajantes enchiam o local à espera que parasse de chover.

Naquela altura abriu a carteira e ligou o telefone. Já se sentia suficientemente longe de casa para se considerar ao abrigo de qualquer mudança de ideias.

Não sabia quanto iria durar o seu exílio. Talvez poucos dias, talvez algumas semanas. Entretanto veria se, e quanto, o marido lhe fazia falta. Provavelmente, ultrapassado o impacto inicial, também

Andrea poderia reflectir sobre a sua relação, sobre os filhos, sobre tudo. Talvez voltassem a juntar-se, talvez se separassem. Neste caso, certamente que ela não renunciaria aos filhos, mesmo que fosse preciso arrastar o pai para o tribunal.

- Quem havia de imaginar - pensou - que a nossa grande história de amor ia acabar assim?

Olhou para a chuva que batia do lado de lá dos vidros e desejou ardentemente recuperar a sua família o mais depressa possível, porque Andrea não era apenas o pai dos seus filhos, era o homem por quem se tinha apaixonado e em quem tinha acreditado. Tinha-lhe dedicado a sua vida.

Quando conheceu Mortimer, viveu momentos terríveis, dilacerada pelos sentimentos de culpa e angustiada porque não conseguia escolher entre os dois homens que amava.

Tinham passado sete anos desde que tinha decidido encerrar a história com Mortimer. Mas a dúvida persistia. Mortimer continuava a ocupar um lugar importante no seu coração. Ainda perguntava a si própria se teria sido mais feliz com ele. E ainda não tinha uma resposta.

Lembrou-se de uma previsão de Donata, a sua amiga astróloga: "Andrea é uma cruz que vais carregar aos ombros durante toda a vida". Não queria aceitar o veredicto, sobretudo porque pesava também sobre os ombros frágeis dos seus filhos.

A chuva parou de repente, e o sol rompeu por entre as nuvens que se afastavam. Pénelópe encontrou um cestinho de metal e preparou uma reserva de água mineral, porque a de Cesenatico não se podia beber, sumos de fruta, boiões de mel e de compotas, embalagens de esparguete e garrafas de polpa de tomate.

Na velha casa da sua mãe havia sempre uma reserva de comida enlatada, mas ela preferia um bom prato de massa a uma sanduíche de atum.

Quando estava ansiosa, atirava-se à comida, que tinha sido sempre a sua grande consolação. Pagou a conta e saiu. Pousou os sacos no assento traseiro do carro. Abriu a carteira, porque lhe tinha parecido ouvir o toque do telemóvel. Naquele momento o telefone deixou de tocar. Marcou o código e identificou uma chamada da sua mãe.

Deixou escapar um meio sorriso. Imaginava a razão daquele telefonema. Andrea tinha ido chorar no ombro da sogra. Duvidava que tivesse encontrado consolo, pois nunca fora o genro dos seus

sonhos. Para ela, a mãe teria gostado de um marido talvez menos vistoso, mas com uma conta bancária substancial e uma profissão muito melhor remunerada.

Não se preocupou em responder à mensagem. Em vez disso, prosseguiu viagem. Meteu no leitor um CD, Um americano em Paris, de Gershwin, dirigido por Adriano Maria Barbieri, e esperou que, ao ouvir aquelas notas alegres e límpidas, a ânsia, o ressentimento e a dor se acalmassem.

Acompanhava o ritmo batendo com os dedos no volante. Aos trinta e oito anos tinha ainda vontade de viver, de amar, de ser feliz. E teve um lampejo de optimismo. Durante uma fracção de segundo sentiu que conseguiria emergir daquela espécie de lodo em que estava mergulhada há anos. Finalmente tinha tomado uma decisão importante e difícil de que só uma mulher enérgica seria capaz. - Pepe, tu és forte - disse para si, para ganhar coragem.

Tinha dito a Andrea que o deixava sozinho a enfrentar os problemas da família. Era uma meia verdade. Os mesmos problemas continuariam a ocupar os seus pensamentos, na solidão de Cesenatico. Deveria enfrentá-los e dissecá-los um a um, a começar pe~a relação com o seu marido. - Desgraça da minha vida - murmurou, com os dentes cerrados.

Enquanto saía da auto-estrada e, virando à direita, metia pela estrada de Cesenatico, teve a certeza absoluta de que Andrea, naquele momento, estava a chorar.

Finalmente, também ele descobriria o poder terapêutico das lágrimas.

Pénelópe entrou na vila atravessando a ponte sobre o canal, onde os barcos de pesca atracados ostentavam majestosas velas de cores berrantes contra o céu de Maio dourado pelo sol. Dentro do possível, sentiu-se reconfortada. Tinha nascido em Milão, mas as suas raízes estavam ali, naquela vila assediada pelas névoas invernais, pela humidade tórrida dos verões cada vez mais curtos, pelas melancolias outonais. Ali tinha nascido o bisavô Gualtieri, capitão da Marinha, ali tinha nascido e vivido a avó Diomira, ali tinha crescido a sua belíssima mãe e, também ali, ela tinha passado muitos verões da sua vida.

Conhecia todos os cantos de Cesenatico, desde a parte velha, onde sobreviviam as casas antigas dos pescadores, até à parte moderna, com o crescimento selvagem dos últimos cinquenta anos. Iam já longe os anos em que, durante a primeira noite do solstício de Verão, chegavam de Cesena, de Forlì e

de outras pequenas cidades do interior as famílias mais ricas, que traziam nos carros as suas barracas de madeira, numa corrida para conseguirem os melhores lugares na praia que, naquela altura, estava livre. Nesses anos comiam-se coisas já esquecidas, como o "pão dourado", que ocupava o lugar das costeletas e era feito com fatias finas de pão velho molhado em leite e frito em banha de porco, e os "esgana-padres", pequenos macarrões feitos de uma pasta de farinha com água e uma pitada de sal, cozidos e temperados com toucinho. Comidas pobres para gente pobre, que vivia com dificuldades mas que era rica em bonomia, fantasia, engenho; extravagâncias que tocavam a loucura e a vontade de sair da miséria. Uma vontade aguçada pelo confronto com os "senhores" que, no Verão, a bordo dos seus barcos, albergavam artistas e intelectuais e navegavam indolentemente ao longo da costa, entregando-se à "boa vida".

- Estou em casa - pensou Pénelópe, enquanto percorria a N7em Roma.

Parou o carro em frente de um velho portão de ferro forjado. Uma cerca baixa com grandes volutas delimitava o jardim. Ao fundo, um pouco escondida pelos pinheiros marítimos, via-se a fachada da casa. Tinha sido construída pelo bisavô, em finais do século XIX, num puro estilo liberty. Era um edifício de dois andares, encimado por uma torre lateral com j anelas em arco.

Pénelópe saiu do carro e abriu o cadeado que fechava o portão ferrugento, depois abriu de par em par os batentes que, a chiar sobre os gonzos, desenharam dois semicírculos no saibro do caminho de acesso, invadido pelas ervas daninhas. Passou, de carro, por duas grandes fúcsias viçosas e chegou à casa. As persianas estavam descidas. O reboco das paredes, que tinha sido de um belo amarelo dourado, estava rachado e acinzentado. Os vestígios de um ornamento colorido sobreviviam ao longo da parte superior das paredes. A porta de madeira, a que se chegava subindo seis degraus, revelava fendas profundas provocadas pela humidade invernal que a tinha feito inchar. No ar, sentiu o cheiro do mar.

Subiu os degraus pisando uma camada de folhas que ninguém tinha retirado. Abriu a porta e foi envolvida pela escuridão fria e húmida da velha casa desabitada.

Pensou que aquele era o único lugar do mundo em que ela poderia reflectir e tentar dar alguma ordem à sua vida.

Um triângulo de sol irrompeu na escuridão do vestíbulo, iluminando o pavimento de ladrilhos em losangos pretos e brancos, coberto por uma fina camada de areia que se tinha filtrado através das brechas, trazida pelos ventos de Outono. Do fundo do vestíbulo vinha a claridade opaca da marquise de vidros verdes e lilases. Carregou no interruptor da luz. A lâmpada não acendeu.

- Cá voltamos nós - resmungou Pénelópe.

O seu vizinho, o velho professor Attilio Briganti, tinha o encargo de pagar as contas dos vários serviços. Mas, ultimamente, esquecia-se às vezes. Por isso a casa estava sem luz. Teria de esperar até à manhã seguinte, ir depressa aos Correios pagar e suplicar ao empregado de turno que mandasse ligar rapidamente a electricidade. Paciência. À noite acendia umas velas e lavava-se com água fria.

Levantou as persianas do vestíbulo, depois as da sala de estar, e por fim entrou na cozinha. Estava esfomeada. Ia pôr uma panela de água ao lume e, enquanto esperava que fervesse para poder meter o esparguete, ia tirar do carro a mala e a comida. Abriu as portadas e tentou levantar uma persiana. Ficou com a fita na mão. Tinha rebentado. Por sorte, havia uma segunda janela. Aconteceu a mesma coisa. - Começamos bem - rosnou. Não lhe agradava a ideia de cozinhar à luz da vela às duas da tarde. Mas não desmoralizou. Encontrou e acendeu uma vela, tirou uma panela da prateleira e pousou-a na banca. Abriu a torneira da água e ouviu um gorgolejar suspeito. Depois, mais nada.

Naquele momento achou que estava tudo a conspirar contra ela e, por um momento, teve medo de ter feito mal.

- E agora, o que faço? - perguntou-se, desencorajada.

A vela, em cima da mesa, projectava sombras sinistras na escuridão da cozinha. Como sempre, nos momentos de desconforto, foi assaltada por uma fome furiosa, irreprimível. - Vou comer, de qualquer maneira - decidiu.

De entre as latas amontoadas no armário escolheu uma que lhe pareceu suficientemente grande. Encostou-a à chama e leu: "Posta de atum em azeite. Almadrava de San Cusumano. 3OO gramas". - Muito bem - disse, em voz alta, enquanto procurava o abre-latas numa gaveta. Abriu a lata e, munida de um garfo, comeu tudo, até ao último pedacinho. Em seguida, lavou as mãos com água mineral.

Naquele momento ouviu tocar o telefone, que estava pendurado numa parede do vestíbulo. Ali, felizmente, entrava a luz do sol. Pronunciou um "Estou sim" entre o choro e a raiva. Era a sua mãe, que a acometeu com uma torrente de palavras.

- Pode saber-se o que foi que arranjaste desta vez? - começou, e continuou: - Não tenciono tomar conta dos teus filhos e daquele neurótico do teu marido. É bom que fiques a saber. Eu já tenho os meus problemas.

Pénelópe conhecia bem os problemas da mãe: uma luta feroz contra a passagem do tempo, as marcaçõe ida cabeleireira, da esteticista, do doutor Bottari que lhe tiravarugas e lhe esticava a pele e as sessões no Clube Conti para nter a linha. Quando saíam juntas, quem não as conhecesse pensaria que eram irmãs. A sua mãe seria a irmã mais nova. Usava mini-saias esmeradas, sapatilhas que evidenciavam o seu andar ágil e camisolas de adolescente, porque os seus braços e o seu colo, aos cinquenta e oito anos, eram ainda jovens. Irene Pennisi era descaradamente bela e assim continuaria ainda por muito tempo. Pénelópe tinha-a sempre encarado como uma rival, não como uma mãe. Por isso, disse: - Não quero falar contigo. Faz-me o favor de não te meteres na minha vida. já arranjaste complicações que chegassem, comigo e também com o pai. Agora, se falhar, será só pela minha vontade e não para te querer agradar. - Desligou sem ouvir a resposta.

Finalmente, com poucas palavras, tinha conseguido dizer-lhe aquilo que lhe pesava no coração desde sempre. Toda a raiva, o rancor, as frustrações e os pedaços mal digeridos explodiram assim, como um fogo de artifício.

- Vai para o inferno, tu, esta casa, esta minha vida falhada - praguejou. - Vão todos para o diabo - gritou. Bateu numa mesinha cheia de bibelots, que oscilou perigosamente, e deu um pontapé a uma poltrona da salinha chippendale. Duas das pernas descolaram e a poltrona caiu ao chão.

Foi então que ouviu a voz rouca da avó Diomira.

- Pénelópe, por amor de Deus, pára de baloiçar na minha chippendale - gritou a avó, com a voz enrouquecida pelos cigarros.

A sua chippendale era uma cadeira estofada e fazia parte da sua salinha, no mesmo estilo, na qual tinha muito orgulho. Duas cadeiras, duas poltronas e um pequeno divã de dois lugares, todos absolutamente incómodos, três mesinhas, uma estante de vidros lapidados e um quebra-luz de pé.

A menina fez de conta que não a ouviu e continuou, impávida, a baloiçar-se, sentindo com prazer o queixume da madeira em vias de descolar. Estava sozinha, aborrecia-se e tirava algum consolo daquele baloiço, enquanto o seu olhar percorria a seda verde com desenhos chineses que revestia assentos e encostos.

- Aproveitas-te porque sabes que a tua mãe não pode intervir - gritou a avó mais uma vez, referindo-se à filha que estava na marquise na companhia de um homem jovem que tinha chegado pouco antes, com um ramo de gladíolos.

A avó apagou o cigarro numa tacinha de bronze e depois esticou os braços, para agarrar Pénelópe. A criança viu aqueles membros brancos de pele enrugada, as mãos de dedos compridos e encurva dos pela artrite e as unhas escarlates, a estenderem-se em direcção a ela para a agarrarem. Afastou-se um pouco, escorregou da cadeira e desapareceu antes de ser apanhada. Ao passar pela avó, sentiu o seu perfume, que era uma mistura de Givenchy, pó-de-arroz e tabaco.

Fugiu com a velocidade de um gato e chegou rapidamente ao jardim, perseguida pela voz rouca da avó.

- Olha para isto, o que fizeste à minha preciosa chippendale. De certeza que não vou ser eu a pagar a despesa do restauro. Pénelópe encolheu-se num canteiro salpicado de pequenas begónias brancas que faziam uma coroa à volta de uma pomposa hortênsia de flores azuis. Ali, por baixo da hortênsia, entre duas grandes pedras, estava escondido o seu tesouro: uma lata de biscoitos Oswego que continha um estojo de batom da mãe, uma pulseira de corais, um autógrafo de Iva Zanicchi, e o caderninho das suas poesias.

O batom da mãe sabia a violeta, e abriu-o para o poder cheirar. Era como sentir o perfume dos lábios da mãe. A pulseira, presente da primeira comunhão, tinha-a perdido e, por isso, apanhara uma sapatada.

Quando a encontrou, no meio do saibro do jardim, em vez de a mostrar à mãe, escondeu-a para não ter de a tornar a meter no braço. Quanto ao autógrafo da sua cantora preferida, tinha-o recebido

de uma amiga, em troca de um pacote de batatas fritas. O caderno, do qual era muito ciosa, fora um presente do professor Briganti, o vizinho.

- Vais entrar no quinto ano - dissera-lhe ele. - Está na altura de começares a escrever os teus pensamentos. Podes registar todos os dias as tuas reflexões através de palavras. Este exercício vai ajudar-te a compreender muita coisa.

- Os meus pensamentos não vão agradar à minha mãe - respondera Pénelópe.

- Não deves escrever para agradar aos outros. Nem sequer é preciso que aquilo que escreves te agrade a ti. o que importa é exprimires-te. Fui claro?

O professor Briganti era sempre claro e, sobretudo, nunca perguntava a ninguém se tinha percebido, mas se ele se tinha explicado bem. Pénelópe gostava muito daquele homem de meia-idade, que recebia a visita dos seus alunos, rapazes e raparigas de Cesena, onde ensinava História e Filosofia. Gostava dele porque era simpático e lhe falava como se ela fosse já adulta, e não uma menina de nove anos.

Tinha assim começado a anotar no caderninho as dúvidas, as amarguras, os ralhos injustos e as incongruências dos grandes, e a escrever poesias. Tinha facilidade em compor rimas emparelhadas. Pegou nele, soltou o lápis que estava preso ao caderno com um fio, voltou a fechar a lata e começou a andar, pensativa, ao longo da pequena alameda, na parte de trás da casa. Parou por baixo da marquise de vidros coloridos, onde a sua mãe conversava com o hóspede misterioso.

Agora também lá estava a avó.

- Eu não vejo a necessidade de tanta prostração - dizia a avó, com a sua linguagem antiquada, cheia de expressões despropositadas, que fazia sorrir toda a gente mas que, segundo ela, era sinal da óptima educação que tinha recebido e da sua elevada condição.

- Mas será que te dás conta da confusão em que te meteste? - disse-lhe a mãe. - Vendeste os casais, as terras de Sant'Arcangelo, e ainda querias hipotecar a casa.

- Mas agora estou cá eu para as ajudar - disse o visitante.

- Por conseguinte, senhor Oggioni, o senhor vai providenciar no sentido de evitar as complicações. É assim, não é verdade? - insistiu a avó, falando apenas com metade da boca, porque estava a acender um cigarro.

Pénelópe não sabia o que significava "hipotecar a casa", mas as palavras agradaram-lhe muito. Por isso, abriu o caderno e transcreveu-as. Depois sentou-se no banquinho de pedra, por baixo da marquise, e decidiu não perder uma única sílaba da conversa.

- Mas como é que nos vai ajudar, se já não há mais dinheiro? - insistiu a sua mãe.

- Fazendo render aquilo que sobrou - respondeu o hóspede. - Por isso preciso de conhecer exactamente a situação patrimonial.

- A minha situação matrimonial foi sempre desastrosa - disse a avó que, por ser um pouco surda, não tinha entendido bem. - E isto é uma calamidade que, savà sandir, tulmonconné.

Pénelópe escreveu rapidamente: patrimonial, matrimonial e tulmonconné. Filha de um comandante da Marinha, a avó tinha crescido num colégio onde aprendera um francês péssimo, um pouco de música, o suficiente para tocar ao piano algumas valsas, um pouco de bordado, que lhe permitiu preparar o enxoval, e as técnicas mais elementares para pintar aguarelas de glicínias frondosas, ramos de rosas e esboços de paisagens improváveis.

Nunca tinha sido bonita. Tinha um corpo duro e de linhas bem marcadas, um péssimo feitio e, sobretudo, era muito senhora de si. O pai comandante, em finais do século XIX, mandou construir a casa de Cesenatico, onde instalou a filha assim que esta saiu do colégio, esperando que arranjasse depressa um bom partido. Mas Diomira, assim se chamava a avó, tinha grandes aspirações e nenhum pretendente lhe parecia à altura da sua condição.

O pai, entretanto, com algumas especulações bem sucedidas, tinha conseguido juntar uma fortuna discreta em terrenos e casas. Depois morreu, deixando-a só. Diomira tinha quarenta e cinco anos. De um dia para o outro, transformou-se radicalmente. Começou a renovar o guarda-roupa, vestindo-se como uma rapariguinha, começou a pintar-se, a ir aos bailes e a fumar. Chorou por todos os prováveis maridos que tinha afastado e deixou-se apanhar por um valdevinos de Forlimpopoli, com metade da sua idade, sem eira nem beira, mas que era belo como Robert Taylor. Não foi preciso muito para se casarem. A avó soube que estava grávida quando já ia no quinto mês. Pensava que tinha entrado na menopausa, pois já tinha quarenta e seis anos.

Quando nasceu Irene, a sua mãe, o marido belo e jovem foi-se embora, depois de se ter apropriado de metade do património de Diomira, que não se preocupou muito com isso. Criou Irene,

que do pai tinha herdado a beleza, enquanto continuava a pintar ramalhetes de glicínias, a tocar valsas de Strauss ao piano, a bordar, a fumar e a considerar-se dois palmos acima de toda a gente. Entretanto, para sobreviver, vendia as terras e os casais a que o lindíssimo marido não tinha conseguido deitar a mão. Um dia chegou de Goma, uma cidade do Congo, a notícia de que ele tinha morrido. Nunca chegou a saber o que o homem lá tinha ido fazer nem por que razão tinha morrido no meio de todos "aqueles negros, que horror". Apenas disse: - Paz à sua alma. .

- Dona Diomira, estou a falar de património, de bens ao sol, portanto - disse o visitante, subindo o tom de voz.

Pénelópe escreveu no caderno "bens ao sol", porque também estas palavras lhe agradaram.

- Ainda tenho o palacete de Frampula - explicou a avó, referindo-se a uma casa arruinada em Forlimpopoli, alugada a algumas famílias operárias. E acrescentou: - E esta casa, claro. Depois há as minhas jóias, de que não posso de modo nenhum desfazer-me, porque fazem vista quando frequento a sociedade.

- E a esmeralda colombiana carrée - precisou a mãe. - Puríssima, sem carvões. Trouxe-a o avô de uma viagem à América do Sul.

Pénelópe deixou de escrever para se interrogar sobre aquilo que se estava a passar entre a mãe, a avó e o visitante misterioso, o senhor Oggioni. Era um belo jovem. Não tão jovem como a mãe, mas quase. Devia ser rico, porque tinha estacionado na alameda um Alfa Giulia púrpura. Vinha de Rimini, onde estava instalado no Grand Hotel. O seu pai tinha um Fiat 6OO e chegava a Cesenatico aos fins-de-semana com o motor a ferver, ainda que na auto-estrada nunca andasse a mais de cem à hora.

Pénelópe começou a escrever: "Segunda-feira, 27 de Julho. Matrimónio e património, isto é tudo um manicómio. Bens ao sol? Tulmonconné, que a gente, rica não é. Sem jóias nem palacete, não nos resta um alfinete. Não vejo a necessidade de não dizer ao pai a verdade".

Fechou o caderno e voltou a metê-lo na lata, que escondeu de novo debaixo da hortênsia. Depois regressou a casa sorrateiramente. A conversa na marquise tinha acabado. A avó estava na cozinha a lavar um peixe numa bacia cheia de água. Subiu as escadas nas pontas dos pés. Passou o primeiro

andar e avançou pela escada de caracol que conduzia à pequena torre, com as janelas em arco que se abriam sobre os quatro lados.

Dali viam-se os jardins da avó e os dos vizinhos: de um lado o do professor Briganti, do outro o dos senhores Zoffoli. Viu a sua amiga, Sandrina Zoffoli, com a prima de Bolonha que a tinha vindo visitar. Estavam a dar forma a qualquer coisa indefinida com massa salgada e tagarelavam animadamente. Invejou-as e desagradou-lhe que Sandrina não a tivesse convidado. Debruçou-se para o lado da rua e viu a procissão de veraneantes que regressava à praia depois da sesta. Não era um espectáculo interessante. Do lado oposto, o quarto lado, havia um caminho de terra batida, pouco frequentado, que conduzia à praia. Naquele momento, nesse caminho, viu a sua mãe. Estava encostada à cerca do jardim. Em frente dela estava o senhor Oggioni. Mais do que falar, sussurravam, e ela não ouvia o que diziam. Ele pousou uma mão no ombro da mãe. Pénelópe encolheu-se, como se tivesse visto alguma coisa que não queria ver. Desceu precipitadamente a escada de caracol, regressou à sala de estar no andar térreo e recomeçou a baloiçar-se em cima da chippendale da avó, sentindo-se infinitamente triste.

Pénelópe concluiu a escola primária e foi matriculada na preparatória. Partiu com a mãe para as acostumadas férias grandes em Cesenatico. Era agora uma rapariga em constante conflito com a mãe, que se esforçava por controlá-la, já que a filha aproveitava qualquer pretexto para discutir com ela.

Uma noite de Julho, depois do jantar, Pénelópe entrou no quarto dos pais. Irene estava sozinha a arranjar-se para ir à Milano Marittima, no Hotel Miramare, onde a esperavam umas amigas.

- Mãe, posso ir assistir ao Romeu e Julieta? - começou. Irene vestia um vestido branco direito, muito justo, que evidenciava a sua figura delgada e harmoniosa, deixando nus os braços e os ombros morenos. Estava a retocar-se em frente do espelho oval do toucador. Virou a cabeça e olhou para a filha.

- Estás a engordar um bocadinho de mais - observou. E acrescentou: - Olha para esse cabelo, todo mal-arranjado! Não és capaz de te pentear? - pousou no tampo de mármore o lápis negro dos olhos e esticou uma mão para a cabeça da filha. Passou os dedos por entre os seus cabelos desgrenhados. Depois abanou a cabeça com um ar desolado. - Hirtos e secos como os do teu pai - comentou. - Não há maneira de os endireitar.

- Nem todos podem ser tão bonitos como tu - replicou a rapariga, com um tom de voz entre a censura e a ironia. E insistiu: - Então, posso ir? - Entretanto, observava-a.

Irene era realmente bela. Tinha vinte e oito anos, mas parecia ter menos dez. Os cabelos castanhos, lisos e brilhantes como a seda, apenas lhe tocavam nos ombros e estavam presos por uma tira de madrepérola branca. Dos lobos das orelhas pendiam uns vistosos brincos de praia feitos de pequenas pérolas que desciam em cacho e davam brilho à sua cara dourada pelo sol. Pénelópe procurou inutilmente qualquer semelhança entre ela e a mãe.

- Ir onde? - perguntou Irene, que tinha recomeçado a pintar os olhos.

- À Piazetta della Conserve. Hoje à noite há um espectáculo de uma companhia da Romagna. Representam Romeu e Julieta - explicou a rapariga.

- Não tínhamos combinado que vinhas comigo? - observou. - Tinhas combinado tu, eu não - protestou. - Não me apetece estar com as filhas das tuas amigas. Têm muitas peneiras. Não posso com elas.

- O que é isso de terem muitas peneiras?

Entre os aspectos irritantes da personalidade da mãe contava-se o de responder às perguntas com outras perguntas.

- Percebeste perfeitamente. Só falam de vestidos, dos cruzeiros que fizeram ou que vão fazer, dos cursos de dança e de equitação. Fazem-me sentir uma pobre imbecil.

Esperava que a mãe respondesse: "Imbecis são elas". Mas disse: - Sabes como é, os pais delas são homens ricos, de sucesso. O teu pai, pelo contrário, é uma pessoa que sempre se contentou com pouco. É um homem sem ambições. .

Ali estava uma outra atitude da mãe que a irritava. Pénelópe tomava sempre o partido do pai. Numa composição na escola, pela qual tinha recebido uma apreciação lisonjeira, tinha escrito: "O meu pai é um verdadeiro pai: é bom, simpático, bonito e a sua pele cheira a limão".

Naquele último ano tinha crescido e dera-se conta de que os pais não se davam muito bem. A desmancha-prazeres, segundo ela, era a mãe, que não perdia nenhuma oportunidade de criticar o marido, ainda que fosse com benevolência, como agora. Segundo ela, era tudo uma farsa. Tinha lido em qualquer parte a expressão "água mole" e tinha-a imediatamente adaptado à mãe, uma vez que

definia uma pessoa que parecia tranquila e sem vontade própria, mas que, na realidade, era voluntariosa e falsa.

Até ao Verão anterior, os serões no jardim do Hotel Miramare eram agradáveis. A mãe fazia sala com os amigos e ela jogava pingue-pongue e futebol com as suas filhas. Mas agora aquele clima frívolo já não lhe interessava. Havia também um outro facto que a incomodava: a presença do senhor Romeo Oggioni, que dedicava a Irene muitas atenções e que era retribuído com sorrisos e olhares lânguidos. Aquela história não lhe agradava. Mas não o disse, pois sabia que a mãe reagiria com fúria.

- A Sandrina também vai à praceta ver o teatro. Podemos ir juntas - insistiu.

- Está fora de questão. Não te deixo ir para o meio daquela confusão. - Tinha acabado de se pintar. Levantou-se e mirou-se no espelho.

- És má - disse Pénelópe. - O pai ter-me-ia deixado ir.

- Tens a certeza? Então telefona-lhe. Se ele disser que sim, por mim tudo bem. Mas que fique bem claro que, se te acontecer alguma coisa, a culpa será só sua - replicou Irene com voz áspera.

- Não vou incomodar o pai só por causa disto. Ele trabalha e precisa de estar sossegado - declarou Pénelópe. Era clara a referência à mãe, que não fazia rigorosamente nada, para além de se divertir. Irene percebeu e ficou furiosa.

- Nesse caso, ficas em casa com a avó - decidiu, enquanto saía do quarto abanando as ancas em cima das sandálias brancas de tacão alto e fino. Pénelópe deitou-lhe a língua de fora, depois deixou-se cair em cima da cama fazendo chiar as molas. Estendeu-se "do lado do pai" e esboçou um meio sorriso, considerando a sua meia vitória. Não ia ver o teatro, mas tinha evitado um serão aborrecido no Miramare.

Pela primeira vez, observou atentamente aquele quarto, que tinha sido do bisavô, o capitão da Marinha Alcibiade Gualtieri. Dele e da mulher, morta ao dar. à luz a avó Diomira, havia um grande retrato a sépia, pendurado por cima da cómoda. A bisavó era uma jovem de ar pálido, com um vestido cheio de rendas que a cobria até ao pescoço. Estava sentada numa poltrona, com os braços languidamente pousados no regaço, os olhos pequenos, um pouco assustados, e os cabelos escuros, divididos em duas partes e recolhidos sobre a nuca. O capitão, direito, em pé ao lado dela, vestia uma farda branca de oficial e tinha na cabeça o boné de ordenança. Senão fossem os bigodes espessos e

escuros, era tal e qual a avó. Pénelópe considerou que também a avó teria uns bigodes assim, se a cabeleireira não lhos eliminasse com cera.

Sobre o mármore rosa da cómoda estava pousada uma moldura de madrepérola com a fotografia dos seus pais no dia do casamento. Tinham de cada lado uma criança vestida de pajem: Mariarosa e Manfredi Pennisi, os seus primos.

Em tempos passados, por mais que uma vez se tinha lamentado com a mãe.

- Por que é que eu também não estou naquela fotografia? - perguntava.

- No dia do nosso casamento, tu ainda estavas na Lua. Nasceste nove meses depois. Se eu e o papá não tivéssemos casado, tu nunca terias nascido.

Agora compreendia, mas quando era pequena aquela explicação era-lhe completamente incompreensível, e vivia-a como uma exclusão da vida dos seus pais. Naquela fotografia a cores destacava-se a figura morena do pai Dorrienico, a quem chamavam Mimì. Era alguns centímetros mais baixo do que a mãe, que vestia um vestido estilo império, de cintura alta, "copiado de um modelo de Josefina Bonaparte", explicava a avó, que escolhia sempre pontos de referência importantes. A mãe parecia uma noiva menina. No cabelo, graciosamente apanhado, estava pousada uma pequena coroa de flores de laranjeira, da qual descia um véu de tule. O pai sorria timidamente para a objectiva e segurava nas suas a mão da mãe, coberta com uma luva. Pénelópe tinha visto um filme e no actor, Ornar Sharif, tinha identificado uma semelhança com o pai, que tinha um aspecto árabe.

Domenico era siciliano. A família Pennisi era uma família numerosa. Quando se juntavam todos, ultrapassavam a centena. Tinham sido grandes proprietários de terras e herdades na província da Catânia. Depois, as divisões de heranças tinham reduzido a nada o património. O pai possuía ainda um lote de terras e uma casa em ruínas no sopé do Etna.

Depois do liceu tinham-no mandado para Roma, onde se formara em Economia e tinha obtido um lugar num banco. Revelou-se um funcionário brilhante, de tal maneira que, quando foi preciso abrir uma nova filial em Cesena, foi mandado para a Romagna como director. No campo de ténis do clube náutico de Cesenatico, Mimì Pennisi encontrou Irene. O siciliano apaixonou-se perdidamente por ela, que não tinha ficado insensível ao fascínio do brilhante funcionário, de modos galantes e excelentes

perspectivas. Estava em consideração, de facto, a proposta de uma nova transferência para Milão, para dirigir uma sede em Corso Buenos Aires.

A avó Diomira tinha feito todos os possíveis para concretizar aquele casamento, em primeiro lugar porque o dinheiro começava a escassear, e depois porque Irene era demasiado irrequieta para ser controlada por uma mãe já idosa. Assim, organizou um casamento em grande estilo e ficou feliz quando a filha partiu para Milão, onde os pais de Mimi tinham comprado um apartamento, na Via Plínio, que ofereceram aos noivos. A avó Diomira, por seu lado, tinha generosamente oferecido uma grande parte das pratas inglesas adquiridas por Alcibiade Gualtieri durante as suas viagens à volta do mundo.

Pénelópe tinha assistido muitas vezes às discussões entre os pais provocadas por Irene, figura dominante, que censurava o marido por ter ficado aquém das suas expectativas. Irene tivera ilusões de o ver instalado na chefia do banco em que trabalhava. Ele tinha-a desiludido. Um pouco por inércia, um pouco pela absoluta incapacidade de se impor, mas sobretudo porque se considerava satisfeito com aquele trabalho que lhe permitia estar junto da família.

- Quando se chega ao topo, deixa-se de ter uma vida afectiva. Há os almoços e os jantares de trabalho, as reuniões do Conselho de Administração e as viagens, em Itália e no estrangeiro. Eu sou um siciliano caseiro e gosto da tranquilidade. - Assim se justificou perante a mulher que, regularmente, o criticava.

- Estás a esquecer-te de um pequeno pormenor: o dinheiro. Por que te hás-de contentar com um ordenado modesto, quando poderias ganhar dez vezes mais? - objectou Irene.

- Porque o dinheiro a mais é uma fonte de complicações. Olha para as tuas amigas: gastam a torto e a direito e nunca estão contentes. A nós não nos falta o que é preciso e podemos até permitir-nos alguns caprichos. Como este - disse Mimì, estendendo um presente à mulher. Era um pequeno Rolex de ouro maciço. Irene, sempre sensível a estas atenções, tinha encerrado as hostilidades. Voltaria a abri-las na próxima oportunidade.

Pénelópe, espectadora silenciosa, já tinha percebido como funcionava o mecanismo familiar e, no seu íntimo, tinha-se definitivamente colocado do lado do pai.

Ouviu a avó, que a chamava do andar de baixo. Deixou aquela cama que chiava e desceu até à sala de estar. A televisão estava ligada. A avó estava a ver os jogos sem fronteiras.

- Por que não saíste com a tua mãe? - perguntou, depois de ter aspirado com força uma grande quantidade de fumo.

- Queria ir à praceta. Hoje à noite há teatro. Daqui a pouco a Sandrina vem-me buscar e eu não posso ir porque a mãe me proibiu - explicou, amuada.

- Não posso, nem devo, discutir as decisões da tua mãe. Por isso, é inevitável que te habitues à ideia - disse Diomira.

- É muito contrariada que me vou habituando - respondeu a rapariga, tentando acompanhar o estilo da avó. Tinha preparado uma linguagem especial para se dirigir a ela, que parecia agradar-lhe.

- Já sei. Levo-te eu a ver o teatro, embora me incomode um pouco misturar-me com aquela multidão de veraneantes - decidiu. Apagou a televisão e o cigarro. Colocou com graça o pequeno chapéu azul de ráfia, pegou na carteira e avançou à frente de Pénelópe até à saída. Na rua, veio ao seu encontro Sandrina Zoffoli. Também ela estava muito excitada com o espectáculo que iam ver. Contornaram o porto e, quando chegaram à parte mais antiga da vila, ficaram ofuscadas com as luzes do palco improvisado com bastidores de madeira tosca.

A avó encontrou uma cadeira livre, no fundo da praça, enquanto Pénelópe e a sua amiga abriram passagem por entre o público para chegarem mais perto dos actores que, com roupas bastante gastas, se batiam em duelo e trocavam falas fulminantes.

Pénelópe não captou a ingenuidade da representação, nem a pobreza da encenação. Pelo contrário, bebia, mais do que escutava, os diálogos e repetia para si algumas falas, em voz baixa, para não as esquecer, fascinada pelas imagens que estas evocavam no seu espírito ardente.

- "O amor é fogo cintilante nos olhos dos amantes" - sussurrava Romeu. E Julieta, mais adiante, replicava: - "As flechas dos meus olhos não irão mais além do que o bom senso o permita".

Os dois jovens actores eram lindíssimos ou, pelo menos, assim os achou Pénelópe, que se identificou com Julieta e corou quando Romeu a beijou, depois de lhe ter sussurrado: - "Assim os teus lábios purificam o pecado dos meus".

Toda aquela conversa de olhos, de lábios e de beijos a fez extasiar-se, ainda que nem sempre conseguisse captar o sentido daquela torrente impetuosa de palavras.

Sandrina deu-lhe uma cotovelada quando a viu chorar pelo fim trágico dos dois apaixonados.

- Mas tu és parva? É apenas uma comédia - ralhou-lhe.

- É uma tragédia. Parva és tu, que não percebes nada. Isto é poesia verdadeira - respondeu, e deu-se conta de como as suas rimas eram estúpidas e vazias. Tinha o coração cheio de emoções que não sabia exprimir. Por isso lhe desagradou ver os dois amantes infelizes voltarem à vida para receberem os aplausos. Durante duas horas, que passaram num instante, tinha penetrado num mundo fantástico que a tinha feito sorrir, vibrar e chorar. E aquele estado de espírito perdurava ainda quando regressaram a casa. Irene ainda não tinha chegado. A avó foi até às escadas que levavam ao andar de cima.

- Vai já dormir - disse-lhe. - E sobretudo não contes à tua mãe que nos misturámos com a multidão - recomendou.

- Obrigada por tudo, avó querida - sussurrou a rapariga, dando-lhe um leve beijo na face.

Em vez de ir para a cama, subiu a escada de caracol, entrou na torre e chegou-se à janela que dava para o jardim e para o caminho. Respirou profundamente, observando o céu cheio de estrelas. Uma sentida melancolia cobria-a como um manto. Acariciou os cabelos imaginando que eram longos e loiros como os de Julieta. Depois baixou os olhos sobre o jardim e, de repente, já não estava em Cesenatico, mas no palácio dos Capuleti, em Verona. Repetiu em voz baixa e apaixonada algumas falas da tragédia que tinha acabado de ver.

- "Quem és tu que, assim protegido pela noite, vens surpreender o meu segredo?" - recitou, como se o lindíssimo Romeu estivesse ali em baixo.

E continuou: - "Oh, Romeu, Romeu. Mas por que és tu Romeu?"

Não se teria espantado se Romeu lhe tivesse respondido, dando conta do seu amor. A lua de Julho, já alta no céu, iluminava o caminho para além do jardim. Viu dois vultos, um homem e uma mulher, que se abraçavam. A mulher trazia um vestido branco. Um cacho de pérolas nas orelhas cintilava na escuridão aveludada da noite. - A mãe - sussurrou, reconhecendo-a. O seu coração deu um salto. - E Romeo Oggioni - constatou com desprezo.

Mediu o abismo entre o jovem Montecchi e aquele horrível Oggiom que devorava os lábios da sua mãe.

A quela descoberta traduziu-se numa dolorosa sensação de ciúme e engano. Naquele Verão deixou de manter o seu diário em rima. A lata dos biscoitos Oswego, com o seu precioso tesouro, foi parar ao balde do lixo.

Nunca contou à mãe que a tinha visto, mas a sua relação com ela tornou-se ainda mais conflituosa. Pénelópe era-lhe decididamente hostil. Se Irene lhe pedisse para fazer alguma coisa, por despeito fazia outra. Esta espécie de guerra fria prolongou-se por muito tempo.

Pénelópe completou os dezassete anos e, invariavelmente, o seu Verão consumia-se na casa de Cesenatico. Numa tarde de julho, ao perseguir o gato da avó, que tinha roubado uma salsicha, entrou no quarto dos pais. Irene, sentada na cama, chorava. O rímel, ao derreter, tinha desenhado dois riscos escuros nas suas faces. - Anda cá, Pepe - disse, com uma voz quebrada. O gato tinha saltado para cima do armário e observava-as, segurando firmemente a salsicha na boca, consciente de estar inacessível.

Pénelópe aproximou-se cautelosamente da mãe, olhando-a com desconfiança. - Sabes por que é que estou a chorar? - perguntou Irene.

Pénelópe abanou a cabeça. Não sabia nem lhe interessava saber. - Creio ter perdido um afecto de que preciso muito - sussurrou a mulher.

- Pois. Já me disseram, Romeo Oggioni casou-se - deixou escapar a rapariga e logo se arrependeu, porque não queria jamais ter pronunciado um nome que lhe era odioso. Irene limpou a cara com um lenço de papel.

- Ele não tem nada a ver com isto. É por ti que eu choro - disse baixinho. - Há anos que me foges. Esforcei-me por não dramatizar os nossos mal-entendidos, dizendo que haviam de passar. A adolescência é um período difícil e uma mãe tem de aprender a ser paciente. Mas agora cresceste, és quase uma mulher. E continuo a sentir a tua hostilidade. Não compreendo a sua razão. O que foi que te fiz? De que maneira te ofendi?

Entendeu as palavras da mãe como uma intrusão nos seus próprios sentimentos. Não havia nada que a ligasse a ela. Tinha-se habituado a considerá-la uma estranha e desejava manter as distâncias.

- Não me fizeste nada - respondeu. - Portanto, se estás a chorar por minha causa, não tenho nada com isso. Deixa-me fora dos teus problemas porque eu estou longe deles.

- És muito dura - constatou Irene.

- Sou apenas sincera. Como tu quiseste que eu fosse - esclareceu, já de saída. Na realidade, sofria muito ao manter a distância de sua mãe. Tinha-se fechado sobre si mesma para não enfrentar um emaranhado de sentimentos suficientemente complexos para lhe provocarem um profundo mal-estar. Tinha escrito uma canção e naquela manhã, na praia, acompanhada pela guitarra, tinha-a cantado à sua amiga Sandra, sabendo que a mãe estava a ouvir.

Era uma invectiva impiedosa contra Irene, que se tinha calado e que, depois, se refugiou no quarto a chorar. O gato, do topo do armário, planou sobre a cómoda e dali voou para fora do quarto como uma seta. Pénelópe gostaria de ser como ele: agarrar em tudo aquilo que pudesse, ignorando os seus próprios sentimentos e os dos outros. Em vez disso, enchia-se de comida, engordava e sentia-se culpada. Esteve para sair, mas preferiu refugiar-se na varanda. A mãe foi ter com ela e tentou inutilmente pegar-lhe numa mão.

- Por favor, Pepe, vamos conversar - suplicou Irene. - Porquê tanto ressentimento contra mim? - voltou a perguntar-lhe. Pénelópe observou o jardim do professor Briganti e os hóspedes que o animavam. Pessoas tranquilas, um pouco avançadas na idade, que tinham um ar sereno. Havia também dois miúdos que brincavam com Piccarda, a velha tartaruga que vagueava por entre os canteiros.

Chegou até elas a voz preocupada do professor:

- Meninos, por favor, tenham cuidado com essa velha rapariga. - Tinha medo de que lhe fizessem mal.

Aquela imagem de vida tranquila, pacata, inspirou a Pénelópe um sentimento de paz, de serenidade.

- Não tenho nenhum ressentimento contra ti - respondeu. - Só não entendo por que é que tu podes fazer sempre aquilo que queres, enquanto que eu tenho sempre de pedir licença para tudo, e a maior parte das vezes ouço um não.

- Por que falaste em Romeo Oggioni?

- Sabes tão bem como eu - respondeu, hesitante, baixando os olhos.

Irene levantou-lhe a cara, obrigando-a a olhá-la nos olhos.

- O senhor Oggioni conseguiu salvar o pouco que restava dos bens da avó. É um homem de negócios. Se a casa de Forlimpopoli está ainda na nossa família, o mérito é seu. Fez sair os inquilinos e transferiu para lá uma das suas fábricas de botões. Hoje a avó sobrevive com o aluguer que ele lhe paga. Restaurou as paredes por sua conta. É bonito, inteligente e suficientemente cínico para ter sucesso. Com a tua avó foi honesto e generoso. Fê-lo por mim. Eu agradava-lhe. E ele também não me desagradava. Durante uns anos deixei-o fazer o jogo da sedução. Chegámos a beijar-nos e tu viste-nos da torre. Talvez eu tivesse ido mais longe. Foste tu que me fizeste parar e me permitiste salvar os princípios em que acredito: a fidelidade, o meu casamento, a minha filha. Em resumo, Pepe, entre mim e Oggiom houve apenas uns beijos, aqueles que tu viste. Depois, mais nada. Foi por isso que ele se casou. Eu amo o teu pai e, sinceramente, espero que encontres um companheiro como ele. Talvez com um bocadinho mais de ambição. Se é verdade que o dinheiro não faz a felicidade, é garantido que se sofre menos na abundância. Estou perfeitamente convencida disso. É tudo.

Pénelópe tinha-a ouvido com atenção. No silêncio que se seguiu pensou naquela noite de Verão, na torre, quando tinha desejado ser Julieta e morrer ao lado do seu apaixonado. Recordou Romeo Oggiom a beijar a sua mãe. Naquele momento, Irene matara todos os seus sonhos.

Era realmente demasiado simples e ingénuo que a sua mãe acreditasse que podia apagar com meia dúzia de palavras um episódio que a tinha feito sofrer durante tanto tempo.

Tinham passado cinco anos desde aquela noite e tinha aprendido a desconfiar dela. Não tinha a certeza absoluta de que ela estivesse a dizer a verdade.

- Por que me dás explicações que não te pedi? - perguntou-lhe, bruscamente. E acrescentou: - E depois, por que é que me falas disso agora? - já não aguento sentir-te tão distante. Eu vi-te, naquela noite. E ainda esperei que, na escuridão, não me tivesses reconhecido. Levei tempo a perceber que sabias. E depois interroguei-me durante muito tempo se estarias preparada para ouvir a verdade - disse Irene.

- Agora que me contaste, o que esperas que faça? - desafiou-a. - Não faço ideia.

- Muito bem. Então não esperes que te lance os braços ao pescoço nem que te diga: ficamos amigas.

- Bastava que deixasses de me odiar.

- A importância que tu te dás! Eu nem te vejo. Ora pensa lá se te posso odiar - e neste ponto os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

- Estás a dizer-me coisa horríveis. - Irene olhava-a, desconcertada.

- Lamento, mãe. Mas não consigo exprimir-me de outra maneira. Estou muitas vezes infeliz e inquieta. Não sou uma aluna brilhante. Por isso me mudaram de escola. Mas continuo a estudar pouco e sem vontade. As tuas amigas e as filhas criaram-me uma quantidade de complexos. Perante a tua beleza sinto-me uma rã feia e sem graça. Como é que faço para te perdoar isto tudo? - desabafou, desatando finalmente num pranto.

Achou-se entre os braços de Irene que, apertando-a muito a si, lhe disse baixinho: - O que posso fazer para te confortar?

- Tenta com a varinha mágica. Fizeste-me feia. Faz-me tornar bonita e desejável como tu - balbuciou entre as lágrimas.

Irene sorriu. O desabafo da filha parecia-lhe um bom ponto de partida para a reconquistar.

- Olha que eu tenho mesmo uma varinha mágica, apesar de tu não a veres. É claro que não actua instantaneamente. É preciso algum tempo e a tua colaboração - declarou, acariciando-lhe os cabelos.

- Explica-te melhor - pediu Pénelópe, soltando-se dos seus braços.

- Para já, ponho-te a dieta. Depois, vais praticar muito desporto. Vou ensinar-te a jogar ténis. Levo-te à minha cabeleireira, à esteticista, e vamos a Forlì comprar roupa nova. Em Setembro já vais vestir um número mais pequeno. É uma promessa. Nesse momento vais perceber que és bonita.

- Mas nunca vou ser como tu - disse Pénelópe, desconsolada.

- Vais ser melhor do que eu. Vais aprender a ser tu própria e a gostar de ti. Garanto-te.

- Vamos ver - duvidou a rapariga, amuada. Deixou a varanda e atravessou o quarto para sair. Quando chegou à porta, voltou-se: - Ainda não me deste autorização para ir à festa na praia.

As suas amigas de Verão tinham-na convidado para festejar os anos de uma delas com um churrasco. Iam acender uma fogueira, cantar e dançar. Cada um levaria de casa qualquer coisa para comer e para beber. Pénelópe tinha falado com a sua mãe alguns dias antes e Irene tinha-a deixado na expectativa, sem negar nem consentir.

- Vai ver ao frigorífico. Preparei, para essa festa, uma travessa de espetadinhas de camarão. Fiz uma boa provisão de laranjada e comprei dois quilos de gelado. Está tudo pronto. Também há copos e pratos de plástico.

- É mesmo verdade. que fizeste isso tudo? - perguntou Pénelópe, admirada.

- Não te esqueças de que o teu pai chega logo. Espera por ele antes de saíres. E à noite porta-te com juízo. Agora, desaparece. Tenho de lavar esta cara borratada de rímel - respondeu Irene, a sorrir. Pénelópe chegou à praia com todas aquelas iguarias e também com a sua guitarra. As amigas e os amigos estavam todos reunidos. Também lá estava Roby, o banheiro, a quem chamavam Bobby Solo devido à sua extraordinária capacidade de imitar a voz do cantor romano. Roby era o filho dos donos de uma pequena pensão daquele sítio. Durante o Verão contribuía um pouco para os magros rendimentos da família vigiando os veraneantes, quando não estava ocupado a tentar seduzir as raparigas, a quem cantava Una lacrima sul viso. Pénelópe tinha-se apaixonado por ele. Irene tinha dado conta e, como é natural, não via a situação com bons olhos. Por isso, ao dizer à filha "Porta-te com juízo", referia-se àquela espécie de macho de província, que tinha vinte e seis anos e nenhuma perspectiva para o futuro.

Pénelópe percebeu a mensagem mas não ligou. Pelo contrário, a ideia de um belo rapaz que a tentava seduzir levantou-lhe o moral. Desde há vários anos que as suas amigas do peito e as suas colegas de escola eram protagonistas de complicadas experiências sentimentais. Histórias que nasciam e acabavam no decurso de poucos meses e que se renovavam continuamente. Os rapazes consideravam Pénelópe apenas como uma boa amiga. Nunca nenhum deles lhe mandaria uma mensagem de amor. Ela sofria com isso e reagia tornando-se mais masculina, vestindo-se de modo descuidado e comendo muito. Mas sentia-se feia e só, e sofria atrozmente. Naquele Verão, o banheiro tinha-lhe montado um cerco, elogiando a sua habilidade como nadadora. Com a sua conversa risonha adulava-a, exaltando a delicadeza do seu rosto, o fascínio da sua voz, a sua inspiração para inventar canções. Irene, de longe, mantinha-a debaixo de olho e temia que aquela ingénua atracção pudesse causar-lhe algum dissabor.

Até a avó Diomira tinha dado conta das suas artimanhas para ficarem sozinhos e tinha abordado a neta com a sua habitual sinceridade: - Mantém-te longe daquele desgraçado. Lembras-te do Rigoletto? "Esta e aquela, para mim são iguais." Mas ele nem sequer é o duque de Mântua.

Pénelópe pensava no Outono, no seu regresso à escola, quando as colegas desfiassem as suas histórias de amores de Verão. Talvez ela tivesse também uma história para contar.

Quando a noite caiu, a meio da festa, o Bobby Solo da praia agarrou nela, sussurrando-lhe: - Menina linda, vamos dar um passeio à beira-mar. - Pénelópe deixou-se conduzir para longe dos outros, encantada com as suas palavras. Quando o banheiro a convidou para se sentar dentro de um barco, na areia, com a cumplicidade do luar, Pénelópe admirou o seu belo corpo e imaginou que Roby era um guerreiro viking.

Atribuiu a ambos uma estirpe real, vendo-se bela, tal como a sua mãe lhe tinha dito que ela ia ficar. Deixou-se beijar, a princípio confusa, porque não percebia a razão de ser daquela língua estranha na sua boca, depois vencida por uma onda de sensações novas e envolventes. Arrepiou-se quando o jovem lhe meteu a mão por baixo da roupa para a acariciar. De repente sentiu a mão dele conduzir a sua para aquele sítio onde a mão de uma rapariga decente nunca deveria ir. Baixou os olhos. A luz da lua iluminava qualquer coisa de pavoroso que nascia das bermudas fosforescentes do banheiro.

Pénelópe gritou, horrorizada. Saltou do barco e começou a correr em direcção ao grupo dos amigos. Passou por eles e saiu da praia, seguida por Sandrina que a chamava aos berros: - Pára, Pepe. Queres dizer-me o que foi que aconteceu?

- Não, não paro. O que aconteceu foi que, de machos, já me chega. Meu Deus, que nojo - respondeu, correndo para casa, para a mãe.

Pénelópe não contou a ninguém, nem mesmo à mãe, aquela amarga experiência com o banheiro. Guardou-a ciosamente para si e, mais uma vez, convenceu-se de que não tinha realmente sorte nenhuma: as suas amigas nunca tinham tido aventuras tão tristes. Todavia, tinha aprendido com aquela desilusão.

Dia após dia, mês após mês, foi-se reaproximando da mãe. Compreendeu que Irene, apesar de muito jovem, era dotada de uma forte dose de bom senso e, era por este, mais do que pelos sentimentos, que se deixava guiar. Do pai vagabundo, que nunca conheceu, tinha herdado o amor pelo

dinheiro. A mãe, megalómana, amante das aparências, tinha-lhe transmitido o gosto pelas coisas belas e pela importância do aspecto.

Diomira, a rainha dos despropósitos, tinha ensinado à filha, mais com o exemplo do que com palavras, uma certa rectidão moral e o respeito pelas regras.

- Não se pode viver assim, como vivem os jovens de hoje, a la san foson - dizia a avó. E continuava: - Em França, os extremistas fizeram a révolüsion, e depois acabaram com o derrier no chão.

Seguindo os conselhos da mãe, Pénelópe tinha melhorado o seu aspecto, de tal maneira que a sua amiga Sofia mais do que uma vez lhe disse: - Sabes que estás a ficar muito gira?

Melhorou também o seu aproveitamento escolar. O seu carácter reservado, melancólico, e o seu descontentamento inato continuaram os mesmos de sempre. Mas deu-se conta de que, quando o aspecto melhora, também os maus humores se tornam mais toleráveis.

A sua amiga Donata, que já então se divertia com a astrologia, presenteando parentes e amigos com os seus prognósticos, preparou para ela um horóscopo exaustivo.

- Tens um temperamento fechado. Uma vez que és dominada pela Lua, a tua aspereza não é evidente. Pareces tranquila, porque escondes bem as inquietações. Tem cuidado para não te fechares demasiado na tua concha, porque dos outros podes receber o mal, mas também o bem. Por que te subestimas sempre? - perguntou-lhe.

Pénelópe teria gostado de responder: "Porque já cá estás tu, que te sobrestimas e me fazes sentir um verme".

Mas não conseguia realmente descobrir-se, dizer aos outros, inclusivamente às amigas mais próximas, o que efectivamente pensava deles.

Quando regressou a Cesenatico, no Verão seguinte, o Bobby Solo das praias tinha mudado de sítio. Agora, junto à prancha vermelha de salvamento, estava um novo banheiro. Também este era um bonito rapaz da zona. Pénelópe protegeu-se bem das intimidades com ele. Quando não estava na praia com a mãe, frequentava a casa do professor Briganti, que a ajudava nos trabalhos escolares de férias mas que, sobretudo, tinha a capacidade de captar a sua atenção, contando-lhe episódios da História, da mitologia e da literatura. A velha mãe do professor tinha "passado a melhor vida" durante o Inverno.

Alguns meses antes tinha partido também o seu caro amigo Marino Moretti, deixando um vazio insubstituível. O professor, durante os meses de férias, sentia-se só e recebia com alegria as visitas que Pénelópe lhe fazia de tarde.

- A Piccarda ainda está viva - informou-a. - Esta velha rapariga vai mesmo sobreviver-me.

Pénelópe não conseguia compreender como era possível ganhar tanta afeição a uma tartaruga. Com o gato da avó, quando ele estava para aí virado, podia-se brincar. Com uma tartaruga não.

- Quando se está só - explicou-lhe o homem -, sem poder fazer investimentos afectivos nos nossos semelhantes, fazem-se num animal, seja ele qual for, e atribuem-se-lhe valores que, na realidade, não tem.

- O senhor não está só, professor. Ainda tem muitos amigos e os seus alunos gostam muito de si. Eu também gosto muito de si - sussurrou.

- Um dia vou ler-te algumas páginas de um grande escritor latino. Chamava-se Séneca. No seu breve ensaio sobre a velhice, contou coisas que eram verdade há dois mil anos, tal como hoje. A pior doença, para a qual não há remédios, é a velhice, que traz consigo a solidão. Tu és jovem e pensas que és dona do mundo. E é efectivamente assim. Mas depressa chega o tempo em que os anos correm rápidos como a água de um rio. Descobres que estás velha e dás conta de que estás cada vez mais só. Então tens necessidade de sentir alguém perto de ti. Eu tinha a minha mãe que, até ao fim, esteve perfeitamente lúcida. Sentíamo-nos bem juntos. Eu lia-lhe o jornal e comentávamos as coisa do mundo. Agora resta-me a Piccarda. É pouca coisa, eu sei. Não passa de uma tartaruga. Porém, quando sai da letargia do Inverno, à medida que vai recuperando as forças, vem procurar-me aqui mesmo, ao fundo da escada. Sabe que estou à espera dela. Ofereço-lhe uma folha de alface e, naquele momento, somos ambos felizes.

Aquele homem tinha-lhe aberto o seu coração e revelado a profunda melancolia do fim. Pénelópe comoveu-se.

- O senhor não é assim tão velho, professor - tentou consolá-lo. - É muito mais jovem do que a avó Diomira. Por que é que nunca se casou? - perguntou ingenuamente.

- Porque sou tímido. Sempre o fui, sobretudo com as mulheres. Quando era jovem, se encontrava uma rapariga que me agradava, corava até às orelhas, a olhar para ela. Ficava emocionado, balbuciava

qualquer coisa e depois fugia, cheio de vergonha - confessou. - Querido professor, o senhor é mesmo uma pessoa esquisita - declarou Pénelópe com convicção.

- Não falemos mais nisso - disse ele, encolhendo a cabeça nos ombros, exactamente como fazia a tartaruga Piccarda. - Apenas tentei responder à tua pergunta.

Escreveu para ele uma poesia, que lhe ofereceu.

Era uma composição breve, tocante. O homem leu-a e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Não fez comentários, mas passou-lhe uma mão hesitante pelos cabelos, quase com medo de a magoar. Pénelópe falava-lhe muitas vezes de si própria, do seu descontentamento, das suas dúvidas sobre o futuro. Um dia conseguiu confessar-lhe o desejo de pôr em música algumas poesias.

- Mas não consigo inventar uma boa melodia. Compreendi que a música precisa de grandes silêncios, enquanto que na minha cabeça há um barulho infernal. Neste sentido, não tenho talento. Nem em outros sentidos, para dizer a verdade - lamentou-se - Acho que não deves ter pressa. O talento, se existe, surgirá no momento certo. Percebo que gostasses de ser compositora. Mas nem sempre quem escreve as letras consegue também musicá-las.

Pensa nos libretistas dos melodramas. As melodias imortais de Mascagni, Verdi ou Puccini ganhavam corpo seguindo os enredos e os diálogos de excelentes libretistas - esclareceu o professor. - Pode ser que tu tenhas necessidade de um bom músico, que acredite na tua poesia.

- Não havia mulheres libretistas? - perguntou Pénelópe, curiosa.

- Receio que não. Talvez houvesse mulheres que poderiam ter escrito palavras belíssimas. Mas não teriam encontrado aceitação. De facto, as mulheres tiveram sempre muita inteligência, sensibilidade e génio - explicou.

- Acredita mesmo nisso? - perguntou Pénelópe.

- E de que maneira! Um dia vou contar-te a história de Santo Ambrósio, o padroeiro da tua cidade, que aprendeu a ler, sem declamar em voz alta, com as freiras de clausura, obrigadas a respeitar o voto de silêncio.

As tardes de Pénelópe, no jardim do professor, passavam-se assim, entre os trabalhos de férias e as digressões pelos temas da vida. A rapariga adorava aquelas horas de serena intimidade com aquele

homem culto, benevolente e sábio. Muitas vezes, porém, a mãe ou a avó chamavam-na, receando que tanta assiduidade pudesse aborrecer o vizinho.

Um dia a mãe chamou-a e, mal entrou em casa, disse-lhe que a avó tinha de ser internada com urgência no hospital.

- O que é que ela tem? - perguntou a rapariga, preocupada.

- O médico disse que se trata de uma broncopneumonia e que surgiram também umas complicações cardíacas - informou, angustiada.

Veio uma ambulância buscar a avó, Irene foi com ela e Pénelópe ficou sozinha em casa, à espera de notícias.

Quando a mãe regressou já era noite. Chorava.

- O estado da tua avó é grave. Talvez não aguente - disse-lhe, por entre as lágrimas.

Pénelópe gostava muito da avó e todos os dias montava na bicicleta e ia ter com ela ao pequeno hospital da vila, asseado e eficiente. A avó respirava com a ajuda de oxigénio, tinham-lhe enfiado na boca uma sonda para a alimentarem e, nas costas da mão, uma agulha com soro para a hidratar. Estava sempre a dormir. Pénelópe sentava-se à cabeceira da cama e acariciava-lhe a face, suavemente. Esperava que o afecto tivesse um poder terapêutico e fizesse melhorar a avó. Entretanto os dias passavam, e não havia melhoras. No fim-de-semana, o pai chegou de Milão. Pénelópe ouviu os pais falarem baixinho no quarto com a porta fechada. Depois a voz do pai subiu de tom.

- Não queres que ela morra numa cama de hospital - afirmou com decisão. A mãe sussurrou qualquer coisa incompreensível, a que se seguiu uma nova réplica do pai.

- Arranjamos uma enfermeira para a noite. Ela fez muito por nós. Agora chegou o momento de fazermos alguma coisa por ela. A avó foi trazida para casa. Passou outra semana de torpor absoluto. Veio um padre da igreja dos Capuchinhos para lhe dar a extrema-unção. Pénelópe rezou com devoção para que ela se curasse. E de repente, uma manhã muito cedo, a voz rouca da avó fez-se ouvir por toda a casa.

Pénelópe e a mãe acorreram ao seu quarto, onde a enfermeira tentava mantê-la sossegada.

- Quero o meu café. Forte e bem açucarado - dizia.

- Vou já prepará-lo - ofereceu-se a neta. Ria de felicidade enquanto se precipitava para a cozinha, consciente do facto de as suas, orações terem operado o milagre.

- Pepe, telefona depressa ao médico. Diz-lhe que venha ver a avó, que me parece curada - ordenou a sua mãe, do cimo da escada.

Irene e a enfermeira conseguiram pô-la em pé, lavá-la e vestir-lhe uma bela camisa de noite, enquanto Diomira não fazia outra coisa senão resmungar.

- Bastou que eu não estivesse bem durante alguns dias para vocês se aproveitarem. Vê em que estado está o meu cabelo. E o bigode? Rijo como ferro. As minhas unhas! Ninguém teve o cuida do de lhes pôr verniz. - A Diomira de sempre tinha voltado. Saboreou o seu café com infinito prazer, distribuindo sorrisos maliciosos.

- É um milagre! Um milagre! - repetia a enfermeira.

- Mas que milagre? Apenas fiz umas horas de repouso - zangou-se. - já é dia e eu ainda estou no meu quarto. Quero descer para a sala - acrescentou, afastando o lençol e reclamando o seu roupão.

Não se aguentava em pé, mas Irene e a enfermeira não conseguiram dissuadi-la do seu propósito.

- Este não. Quero aquele de cetim azul-celeste - teimou. Pénelópe nunca se tinha sentido tão feliz. Ajudou a mãe e a enfermeira a segurar a avó enquanto esta descia a custo as escadas e dava ordens seguidas.

- Mandem vir já a cabeleireira. Preparem-me outro café. Para o almoço quero uma boa sopa de peixe. Liguem a ventoinha, porque está muito calor aqui dentro.

Irene repetia incessantemente: - Está bem, mãe. Claro, mãe. Entraram na sala. Quis a cadeira rígida. Puseram-lhe uma almofada para apoiar a cabeça um pouco vacilante. Diomira respirou longamente.

- Assim está-se muito melhor - disse, mais calma. Depois voltou-se para Irene: - Quero ficar sozinha com a minha neta. Portanto, saiam e fechem a porta.

Olhou à volta, satisfeita, e sorriu a Pénelópe.

- Não estou tão bem como parece - confessou. - Mas um doente tem o direito de impor a sua vontade.

- É preciso forrar a minha salinha - constatou, considerando o estado da seda já gasta. Depois baixou a voz. - Agora, minha menina, preciso que me faças um favor. Abre a gavetinha por baixo da estante. Há lá cigarros e fósforos.

- Avó! Tiveste uma broncopneumonia. Com certeza não queres... - protestou a neta.

- Cala-te e faz o que te digo. Isso, linda menina. Dá-me um cigarro. Acende-o tu, por favor. E abre bem a janela. Se a tua mãe dá conta, é capaz de fazer uma cena.

Pénelópe meteu-lhe o cigarro entre os lábios e Diomira aspirou longamente. Sorriu, satisfeita.

- Ah! Je suis soulagée - comentou, feliz.

Reclinou a cabeça e adormeceu para sempre na sua preciosa chippendale.

A avó Diomira repousava dentro do caixão forrado de cetim branco bordado a dourado. Tinham-lhe posto o vestido de renda macramé hordeaux que tinha usado para a estreia do Rigoletto no teatro Bonci, de Cesena. Irene colocou-lhe nas mãos um terço, comprado a correr numa ourivesaria junto ao porto. Tinha as contas de um vermelho-escuro que combinava com o vestido.

Quando teve a certeza de que ninguém a estava a ver, Pénelópe tirou o maço de cigarros e os fósforos da gavetinha por baixo da estante e deixou-os escorregar para dentro do caixão.

- É para o caso de te apetecer dar umas passas - sussurrou ao ouvido da avó, convencida de que isso lhe teria agradado.

A notícia da morte de Diomira Gualtieri propagou-se das casas vizinhas a toda a região. E, de repente, foi um vaivém de gente de todas as idades e condições. O primeiro a apresentar-se foi o professor Briganti. Vestia para a ocasião um fato preto, uma camisa imaculada, uma gravata preta e um Panamá preto que tirou ao entrar no vestíbulo onde Irene, enquanto esperava a chegada do marido de Milão, recebia as visitas. Também ela trazia um vestido de seda negro com pintinhas brancas. Estava de pé, com ar sério, à entrada da sala de estar.

- Querida Irene, venho apresentar-lhe os meus pêsames - disse o professor num sussurro.

- Muito obrigada, meu amigo. Se quiser ver a mãe... - respondeu, indicando com um gesto o interior da salinha onde o divã, as poltronas e as cadeiras chippendale estavam alinhadas em frente do caixão, ao lado do qual ardiam duas velas.

Pénelópe estava na cozinha com Sandrina Zoffoli e a sua mãe, Gigina, que se tinham oferecido para a ajudar. E, de facto, à medida que as visitas se sucediam, as três mulheres, atarefadas, preparavam cafés quentes, cafés gelados, chás frios e água gaseificada. As pessoas, depois de uma breve paragem junto ao corpo de Diomira, eram orientadas para a copa e para a marquise. Pénelópe e Sandrina andavam para trás e para diante com tabuleiros cheios de chávenas e copos, que traziam da cozinha, e iam ouvindo os comentários sobre a defunta.

- A senhora já viu como a Diomira está bonita? Parece que está a dormir. - Teve uma santa morte. Partiu sem sofrer. - Grande mulher, a Diomira. Que Deus a tenha em sua glória. - E era jovem. Ainda podia durar mais uns anos.

Esta última consideração vinha das suas amigas, algumas mais velhas do que ela, que agora temiam por si próprias.

Segundo a tradição, o portão tinha um batente fechado, assim como a porta de casa por onde entravam moços de recados com ramos de flores e cartões de condolências.

Chegou também Mimì Pennisi, que abraçou a mulher e a filha e depois se pôs a chorar como uma criança. Tinha-se afeiçoado sinceramente àquela sogra estranha que sempre demonstrara por ele uma ternura especial.

Foi um dia muito cansativo. Irene foi a casa dos vizinhos buscar jarras para meter os ramos de flores. À noite, a salinha tinha-se transformado numa estufa.

Entretanto a senhora Zoffoli tinha começado a estender a massa para preparar lasanhas e tagliatelle. Os molhos ferviam sobre o fogão e o seu cheiro sobrepunha-se ao perfume das flores. Em Cesenatico, quando morria alguém, consumiam-se palavras, hectolitros de café e quilos de massa.

O professor Briganti voltou ao cair da noite, oferecendo-se para velar a avó. Veio oferecer-se também o pai de Sandrina, que era coetâneo e amigo de Mimì Pennisi.

- Tu e a tua mulher vão descansar - sugeriu. - Amanhã é o funeral e vai ser outro dia cansativo. Com este calor! Eu e o professor faremos companhia a Diomira.

O médico de família, chegado em visita oficial com a mulher, deu um sedativo a Irene e mandou-a para a cama.

- Eu fico a pé - anunciou Pénelópe. A morte da avó era um acontecimento extraordinário na sua vida e tencionava vivê-lo até ao fim. Sandrina quis ficar ao seu lado. Assim, quando caiu a noite, enquanto o senhor Zoffoli e o professor Briganti conversavam em voz baixa na marquise, Pénelópe e a sua amiga arrumaram a cozinha, alternando considerações sobre a morte com outras sobre as visitas, sobre histórias da praia e sobre os fogos-fátuos que, de Verão, se acendiam nos cemitérios.

- Na índia, metem os mortos num grande recinto e deixam-nos expostos ao sol e à lua. Chegam os corvos e comem-nos. Uma semana depois os parentes vão recolher os ossos - disse Pénelópe.

- Essa inventaste-a agora mesmo. O que acontece na índia é que as cinzas dos mortos são lançadas a um rio, o Ganges, que as leva para longe, até ao mar - explicou Sandrina.

- Mas os que vivem longe do rio acabam como eu disse - teimou Pénelópe.

- Os que vivem longe do Ganges são queimados. Fazem umas fogueiras imensas, como as nossas do Ano Novo - insistiu a amiga. - Seja como for, nós somos cristãos e a avó vai ser sepultada no jazigo da família Gualtieri, junto dos seus parentes - concluiu Pénelópe, que não estava com vontade de discutir.

- A propósito de jazigos de família, viste a casa nova dos Bertarelli?

- Parece mesmo um mausoléu. Aquele mármore branco todo faz-me arrepiar - constatou Pénelópe.

- Os Bertarelli são uns parolos. Fizeram, não se sabe como, um monte de dinheiro. Clelia Bertarelli foi minha colega de liceu. E, no entanto, quando me encontra, faz de conta que não me conhece. Fala de uma maneira enfatuada e diz que tem um namorado americano - contou Sandra, fazendo uma cómica imitação da atitude afectada da colega.

- Vou ter saudades da avó - sussurrou Pénelópe, exteriorizando finalmente a dor que tinha no coração. - Mas, até amanhã, ainda está connosco. - Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

- Olha, Pepe, deixa-me fazer isto. Eu acabo de limpar a louça. Vai para junto dela - sugeriu a amiga, docemente.

Pénelópe saiu da cozinha, atravessou o vestíbulo nas pontas dos pés e entrou na salinha. O quebra-luz difundia uma luz ténue. A rapariga foi envolvida pelo perfume intenso das flores. Aproximou-se da avó e observou-a, pensativa. Pareceu-lhe que o seu peito se levantava e baixava com a

respiração. - E se estivesse só a dormir? - esperou. Depois estendeu a mão e tocou-lhe a fronte. Estava gelada.

Da copa chegavam as vozes murmuradas do professor Briganti e do pai de Sandra, entretidos num diálogo pacato.

Ela pensou que Diomira tinha sido uma avó estranha, boa e generosa. Quantas vezes a tinha levado ao cinema, à sala de jogos e ao teatro! Sempre se tinha posto do seu lado, contra Irene, quando esta se mostrava demasiado severa. A sua linguagem extravagante e fantasiosa acabava com ela. A sua megalomania tornar-se-ia uma lenda na história da família. Coerente consigo própria até ao fim, tinha partido na sua chippendale, como uma rainha que morre no trono.

- Adeus, avó. Vou ter saudades tuas - sussurrou, comovida, acariciando-lhe uma mão. - Só espero que Deus te deixe fumar - acrescentou, para diluir a comoção.

Saiu da salinha e subiu ao primeiro andar. A porta do quarto dos pais estava entreaberta. Não se ouvia nenhum barulho. Estavam a dormir, exaustos. Passou à sua frente e trepou a escada de caracol. Foi até à torre e olhou para o céu. Achou que o mundo devia manifestar um sinal de luto pela morte da avó. As estrelas, naquela noite, deviam apagar-se, e as árvores do jardim deviam inclinar os ramos. No entanto, tudo estava como sempre. Baixou os olhos sobre a estrada. Estava deserta. Apenas uma carroça de pedais, com uma capota de tela vermelha, avançava lentamente. Ouviu a chiadeira das correias e viu as pernas de um homem e de uma mulher que pedalavam. De repente, a roda da frente soltou-se e rolou alguns metros no asfalto. Ouviu-se um grito e os dois ocupantes foram atirados ao chão, em frente do portão da casa. A rapariga vestia uma saia branca e um top preto. Gritava com uma voz furiosa: - já te tinha dito que isto estava estragado!

O jovem, de jeans e pólo amarelo, levantou-se e tentou socorrê-la, mas ela abanava os braços para o afastar.

- A culpa é tua. És um atrasado mental!

Pénelópe desceu precipitadamente as escadas, saiu para o jardim e foi abrir o portão.

- É preciso ajuda? - perguntou, aproximando-se dos dois.

O rapaz olhou para ela e sorriu-lhe. Tinha uns olhos grandes e escuros e um rosto lindíssimo, dourado pelo sol. Ouviu-o dizer com uma voz que a encantou: - Talvez. Esta menina esfolou um joelho.

- Entrem. Mas falem baixo, porque a minha avó morreu hoje de manhã - informou. Foi à frente deles até à cozinha. Sandrina tinha ido embora. Pénelópe levou um dedo aos lábios para indicar aos dois hóspedes que deviam falar baixo.

- Mas há mesmo um morto em casa? - perguntou a rapariga, preocupada.

Pénelópe assentiu, e precisou: - Está nesta sala aqui ao lado.

- Eu aqui é que não fico - afirmou a desconhecida, com um tom decidido.

- Olha que a minha avó não te come - disse Pénelópe, irritada. já tinha na mão um pano húmido e preparava-se para o passar nos seus arranhões.

- Ainda bem que me querias lançar no mundo da canção. Até agora, atiraste-me ao chão e arrastaste-me para um velório - sibilou, zangada, a jovem, que não deixava de olhar para Pénelópe. Afastou grosseiramente a mão estendida em direcção ao seu joelho e saiu da cozinha a bambolear-se em cima dos altíssimos tacões afiados.

Pénelópe e o rapaz olharam-se nos olhos. - Chamo-me Andrea - sussurrou ele.

- Eu sou a Pénelópe. Pepe, para os amigos - respondeu em voz baixa.

- Pareces a sósia da Romy Schneider. Mas és mais bonita do que ela.

Pénelópe pensou que Andrea era lindo de morrer. Sentiu que lhe agradava e soube que, naquele momento, tinha começado a sua primeira história de amor.

- Esta é a prenda da avó Diomira - murmurou. Andrea não percebeu a que é que ela se referia. De fora, chegou a voz vulgar da rapariga, que gritava: - Então, não te resolves a levar-me a casa?

- Há uma pequena fada que te chama - advertiu Pénelópe com um sorriso irónico.

A ressaca acariciava a areia e os seus pés descalços, enquanto o Sol era um enorme disco de fogo que nascia do mar. Andrea e Pénelópe viram-se, correram ao encontro um do outro, abraçaram-se e trocaram o primeiro beijo. E foi um momento irrepetível de felicidade absoluta.

Tinham passado dez dias sobre a morte de Diomira. Andrea tinha telefonado a Pénelópe todos os dias, de Milão, onde trabalhava na redacção de um importante jornal diário. Falava-lhe a horas combinadas, quando ela sabia que a mãe não estava em casa. As palavras, entre eles, corriam impetuosas como um rio caudaloso. Andrea esclareceu logo que a rapariga com quem tinha tido o

acidente na carroça não era sequer uma amiga. Era cantora de um conjunto musical da região e tinha muita vontade de aparecer nos jornais. Tinha-lhe sido apresentada por um colega, que trabalhava para um jornal local e que lhe tinha pedido o favor de a referir na crónica de espectáculos, no jornal de Milão.

- Não é o tipo de rapariga com quem eu gostaria de andar - explicou.

- E qual é o tipo de rapariga com quem gostarias de andar? - perguntou Pénelópe, que começava a afinar a arte inata da coqueteria feminina.

- Já sabes. - Andrea parecia não querer expor-se mais do que o necessário.

- Não faço a menor ideia - provocou.

- És tu. Gosto dos teus olhos sorridentes, da tua beleza discreta. Penso em ti e gostava que fosses uma bonequinha que eu pudesse guardar no bolso do meu casaco, para nunca me separar de ti.

Pénelópe ouvia em êxtase estas palavras banais, que para ela eram sublimes. Estava a nascer o seu primeiro amor e ela acariciava-o com ternura e espanto, como se fosse uma flor maravilhosa prestes a desabrochar.

- Eu também gosto de ti - sussurrou a tremer, corando e bendizendo o telefone que não permitia a Andrea ver a sua perturbação. Ele tinha vinte e dois anos e estava a aprender a profissão de jornalista. Tinha-lhe contado um começo difícil. Tinha começado com dezoito anos a andar pelas redacções, a mendigar colaborações irregulares e mal remuneradas, sem desanimar. Vivia com a mãe, que era contínua numa escola. Finalmente tinha sido admitido num jornal diário, passou o exame de jornalista e foi designado para a página de espectáculos. A sua aspiração máxima era tornar-se "enviado". Pénelópe não sabia o que dizer de si. Parecia-lhe que não tinha nada de interessante para lhe comunicar. Confiou-lhe, porém, o seu sonho: escrever belas canções.

Depois de tantas horas passadas a falar a uma distância de trezentos quilómetros, o telefone tocou, uma madrugada. Ainda não eram cinco horas. Os seus pais acordaram sobressaltados e ela desceu precipitadamente as escadas para atender.

- Estou aqui, em Cesenatico. Espero-te na praia.

- Quem é? - perguntou o pai, com uma voz ensonada.

- Alguém que se enganou no número - mentiu, enquanto se esgueirava para fora de casa. Montou na bicicleta e começou a pedalar com fúria, em direcção ao mar. Clareava, e a vila parecia-lhe um lugar irreal.

As rodas da bicicleta enterraram-se na areia quando travou frente à entrada da zona de banhos. Contornou o bar, que estava fechado. No horizonte, nasciam do mar os primeiros raios de sol.

Olhou em volta e viu Andrea, na praia, a uma centena de metros. Trazia o pólo amarelo. Tirou as sandálias e correu ao seu encontro. Abraçaram-se. Andrea beijou-a e Pénelópe retribuiu aquele beijo com a paixão ingénua dos seus dezoito anos.

- Nem acredito que te volto a encontrar - disse ele. - Nem eu - respondeu Pénelópe, num sopro.

- Amo-te - sussurrou o lindíssimo jornalista. - Diz outra vez - incitou ela.

- Amo-te, amo-te, amo-te - repetiu, feliz.

- Eu também. Parece-me que te conheço desde sempre. Eu não sabia, mas estava à tua espera. - Pensou na avó Diomira, que gostava de homens bonitos. Nisso parecia-se com ela. Se Andrea fosse um rapaz insignificante, nunca se teria apaixonado.

- Meu Deus, como estou feliz - gritou Andrea, erguendo os braços ao céu. Depois voltou a abraçá-la. - Também eu te procurei durante muito tempo. És a rapariga que eu sempre quis.

Pénelópe achou que deviam fazer qualquer coisa especial para festejar o seu amor.

- Já alguma vez tomaste banho às cinco da manhã? - perguntou ele, como se tivesse adivinhado os seus pensamentos.

Nunca o tinha feito. Viu-o tirar a camisola e os jeans. Por baixo trazia um fato de banho amarelo e azul. Admirou de fugida a maravilhosa firmeza daquele corpo jovem e forte. Ela não tinha fato de banho. Trazia ainda a camisa de noite de algodão branco debruada a vermelho com as mangas curtas de renda. Por muito ingénua que fosse, intuiu que Andrea gostaria de a ver nua. Não lhe ia dar essa satisfação.

Deu-lhe a mão e correram juntos para a água, levantando grandes salpicos. Depois começaram a nadar para o largo, entrando numa corrente tépida.

Por vezes, ao mover os braços, os seus corpos tocavam-se, provocando uma sensação maravilhosa.

O Sol, já fora da água, parecia uma esfera incandescente sobre a linha do horizonte. Pénelópe virou-se de costas, imitada por Andrea. Ficaram imóveis, com os braços abertos, de mãos dadas, a olhar aquela bola de fogo que lentamente se erguia no céu.

- Pensei que conseguia chegar lá ao cimo e tocar o Sol – disse ela.

- Podemos chegar a outro sítio e tomar o pequeno-almoço - brincou ele.

Regressaram à praia. Saíram exaustos da água. Pénelópe teve um arrepio.

Andrea secou-a como pôde com o seu pólo amarelo. Ela lembrou-se de que tinha um roupão de banho no cestinho da bicicleta e entrou numa barraca para se mudar.

Naquele momento, o proprietário levantou a grade do bar. Mandaram vir cappuccini e bolos e sentaram-se a uma mesa na praia. - Até que horas podemos estar juntos? - perguntou ele.

- Os meus pais levantam-se às sete e meia. Tenho de estar em casa um quarto de hora antes. Não sabem que eu saí - explicou. Mas podemos ver-nos de tarde. Em que hotel estás?

- Tenho de estar na redacção à uma. Parti esta noite, depois do fecho do jornal, e corri para ti. Não tinha outra maneira de te voltar a ver.

- Nem sequer te deitaste?

- Tinha na cabeça uma espécie de bela cópia da Romy Schneider. Chama-se Pénelópe e está de férias com os pais em Cesenatico. É uma sereia que me enfeitiçou com o seu canto. Não me podia deixar vencer pelo sono - explicou, em tom de brincadeira.

- Não se deve fazer uma viagem quando se está cansado - disse ela, que, no entanto, se sentia muito lisonjeada com aquela prova de amor.

- Mas eu sei ser prudente. Não quero ter um acidente e correr o risco de não te voltar a ver - respondeu Andrea, dando-lhe um beijo no braço.

Chegaram os bolos e os cappuccini a ferver. Pénelópe enterrou os dentes na massa fofa e perfumada.

- Come e deixa de olhar para mim - intimou-o.

- Não consigo afastar os olhos da rapariga mais bonita do universo - justificou-se ele.

- Ainda bem que não sou do género de me subirem as coisas à cabeça. Em comparação com a minha mãe, não passo de um patinho feio - confessou com simplicidade, depois de ter engolido um pedaço de bolo.

O dono do bar começou a abrir os guarda-sóis. Um rapaz começou a limpar a areia.

Eles despediram-se.

- Telefona-me quando chegares a Milão - recomendou ela. - Continua por aqui porque eu vou voltar muito em breve - prometeu ele.

Viu-o afastar-se num carro em mau estado que parecia o do seu pai, quando era pequena. Às sete e um quarto subiu em silêncio as escadas de casa e entrou no quarto. Estendeu-se na cama e abraçou-se à almofada. Andrea tinha partido e ela sentia-se só. Foi invadida por uma tristeza que se transformou de repente em choro. Seria isso o amor? Um momento de exaltação e depois apenas lágrimas? Repetiu várias vezes o nome de Andrea em voz alta: - An-dre-a. Três sílabas lindíssimas. Se calhar são só duas: An-drea - sussurrou, enterrando a cara na almofada. Procurou palavras que soassem como aquele nome. Lembrou-se da maré-cheia, que alterna com a maré-vaza segundo as influências da Lua. Andrea aparecia e desaparecia da mesma maneira. Seria sempre assim?

Sentiu necessidade de contar a alguém a sua magnífica história. As amigas falavam dos seus amores com as mães. Ela, porém, tinha de ser muito cautelosa com Irene, pois tinha a certeza de que ela seria capaz de estragar tudo.

Se lhe dissesse que amava um jornalista miserável, a mãe fazia uma tempestade. A avó, que a teria compreendido e confortado, ià lá não estava. Podia telefonar a Sofia ou a Donata. Depois pensou que certas histórias não se podem contar pelo telefone. Devia esperar até regressar a Milão. Mas, para já, podia falar com Sandrina Zoffoli. Era uma amiga fiel e não a iria trair.

Um dia Andrea telefonou-lhe.

- Consegui antecipar as férias. Um amigo meu daí empresta-me a casa dele. É um apartamento na Via Roma, ao lado do supermercado - anunciou.

- Quando chegas? - perguntou, ansiosa.

- Na próxima semana. Vamos estar juntos até meados de Agosto.

Era mais do que poderia esperar. Encontravam-se na praia todas as manhãs. Os pais não desciam à praia, porque os costumes obrigavam a que respeitassem um período de luto. O pai trabalhava no jardim e a mãe preparava as conservas para levar para a cidade. Ela ficava livre como o vento até à hora de almoço.

Com Andrea, nadava, andava de prancha ao largo, apanhava sol, falava e ouvia-o falar. Parecia que os seus temas de conversa nunca mais acabavam. Ele contava-lhe histórias da terra onde tinha nascido, do pai morto debaixo de uma camada de aço em fusão para salvar um companheiro de trabalho, do seu irmão que trabalhava em Roma e que tinha casado com uma espécie de herdeira rica, da avó Stella, mãe do seu pai, sempre vestida de negro, sempre amorosa com os filhos e com os netos.

Pénelópe falava-lhe de Donata e de Sofia, as amigas do peito, das ceias de Natal na Catânia, em casa dos parentes do pai, da avó Diomira, que trazia sempre no coração, do desejo de encontrar um músico que ouvisse algumas das suas canções.

- Qualquer dia apresento-te o Danko - prometeu.

- Que Danko? O das Margaridas para ti e de Beija-me, fetticeira? - perguntou, citando dois temas que naquele momento tinham grande sucesso.

- É meu amigo. Vai ser convidado de honra de um serão na discoteca de Villalta - explicou.

- Não posso acreditar que tu conheças o Danko. Não sei se percebes, mas para mim o Danko é um mito.

- Podes crer, vou apresentar-to.

Uma noite, com a cumplicidade de Sandrina, Pénelópe arrancou dos pais a autorização para sair até mais tarde. Andrea queria levá-la a Villalta, a uma discoteca onde lhe ia apresentar Danko.

- Mas atenção, nunca depois da meia-noite - decidiu Irene. Iniciou uma série de negociações e teve autorização para regressar à uma.

Era a primeira vez que Pénelópe e Andrea conseguiam estar juntos durante tanto tempo. Ele esperava-a de carro, em frente do supermercado. Conforme tinham combinado, Sandrina desapareceu.

- Não quero fazer de pau-de-cabeleira. Vou para casa da minha tia. Quando voltares, vai-me buscar. Assim ninguém descobrirá o nosso segredo.

- Se eu não tivesse medo de ofender a Pénelópe, dava-te um beijo - gracejou Andrea.

Levou-a à discoteca. Danko e a mulher, Ivona, estavam à espera deles.

O jornalista fez as apresentações. Ainda era cedo e só lá estavam eles. O músico entregou a Pénelópe a sua guitarra. Sobre os acordes de um velho tango, a rapariga começou a recitar, mais do que cantar, as palavras de uma canção que tinha escrito.

Danko sorria, parecia divertido. - Escreveste outros textos?

- Cadernos inteiros - interveio Andrea, satisfeito.

- A mim agradam-me muito estas palavras - decretou Ivona. - Têm uma atmosfera intensa.

- Mas não tenho ideias para a música - lamentou Pénelópe. - Se todos aqueles que escrevem as letras escrevessem também as notas, eu estava desempregado - brincou Danko.

Naquela noite nasceu uma amizade que durou toda a vida. Quando o espaço começou a encher, os dois namorados foram-se embora.

- Para onde me levas? - perguntou a rapariga.

- Para o único sítio onde podemos estar finalmente sozinhos, tu e eu.

- Talvez não seja ainda o momento - hesitou Pénelópe.

- Eu desejo-te, meu amor - sussurrou Andrea, acariciando-lhe o seio.

Estavam de novo no carro e regressavam a Cesenatico.

- Por que será que não se pode fazer certas coisas à luz do dia? - considerou a rapariga.

- Foste tu que decidiste que temos de nos ver às escondidas, como ladrões. Porquê? - perguntou Andrea.

- Enquanto for possível, quero que esta história pertença só a nós os dois - explicou.

- Assim desfias mentiras, umas atrás das outras. De tarde dizes que vais para casa do professor e saltas a sebe para ires ter comigo. À noite inventas saídas com a tua amiga. Isto parece-me tudo muito pouco racional - disse Andrea, bruscamente.

Era a sua primeira discussão.

- Tu não conheces Irene Pennisi - justificou-se.

- Amanhã vou-me embora e não voltaremos a ver-nos até voltares à cidade - advertiu, com ar ameaçador.

Pénelópe considerava-se uma rapariga sensata e não sabia como conciliar os impulsos do amor com os ensinamentos maternos.

- Tudo bem. Faça-se o que tu queres - disse com tom de vítima de um sacrifício. Desejava e temia aquilo que ia acontecer.

Tinha pensado que ia entrar num daqueles tantos, feíssimos, apartamentos de férias, com móveis de plástico, chão de tijoleira, mesas de fórmica e sofás forrados de pele sintética. Porém, passada uma breve rampa de degraus, encontrou-se num vestíbulo a céu aberto, rodeado de colunas brancas. No centro, numa fonte rectangular, a água que corria produzia sons suaves. A toda a volta, abriam-se as várias divisões.

Apesar de conhecer bem Cesenatico, Pénelópe não fazia ideia de que aquele palacete, ao lado do supermercado, escondesse um apartamento tão fantástico. Andrea mostrou-lho: a cozinha moderníssima, as casas de banho em mármore rosa português, os quartos e o salão em estilo provençal com valiosas peças de antiquário, quadros importantes do século xix francês e tapetes dos ateliers de Aubusson.

- Mas onde foi que me trouxeste? - perguntou, estupefacta. - Ao único sítio digno de ti - respondeu Andrea, abrindo a porta de um quarto onde se impunha uma grande cama de dossel, com cortinas de flores idênticas às do papel de parede, e um ramo de lilases brancos, perfumadíssimos, dentro de uma grande jarra pousada na cómoda.

- As flores arranjei-as eu, hoje de manhã - explicou. - Então sabias que eu cá vinha.

- Esperava - sussurrou, abraçando-a.

Pénelópe pensou que uma rapariga de bem deveria fugir, mas quem lhe dava forças para ir embora quando desejava ficar e descobrir o que ia acontecer? Tinha crescido no respeito de muitas regras. A mais importante determinava que "uma boa rapariga chega virgem ao casamento".

Sofia e Donata, que tinham muitos admiradores, nunca se tinham entregado. Sandrina estava apaixonada pelo filho de um comerciante de peixe que a tentava seduzir há alguns meses. Ela ainda não tinha cedido.

Nenhuma delas, porém, tinha encontrado um rapaz excepcional como Andrea. E, no entanto, também as suas amigas viviam histórias de amor intensas, muitas vezes mais sonhadas do que reais.

Agora ela estava só, numa casa lindíssima, em frente de um homem que a desejava.

Lembrou-se de algumas afirmações da avó: "Um homem que tem intenções sérias não compromete uma rapariga decente". As intenções sérias eram as matrimoniais. Esperou que Andrea não lhe pedisse para casar com ele porque não tinha a certeza de aceitar. O casamento não tinha nada a ver com as sensações perturbadoras que ele lhe suscitava. Para além do mais, parecia-lhe grosseiro colocar sobre um prato da balança a paixão, tendo como contrapeso uma garantia de núpcias. Todas estas considerações se atropelavam no seu espírito, enquanto Andrea a cobria de beijos e ela sentia a sua respiração, o seu perfume e ouvia enlevada as ternas, estúpidas palavras que lhe sussurrava.

Naquele momento aconteceu nela qualquer coisa de estranho. Pénelópe teve a percepção do seu poder sobre ele. Andrea respirava com ânsia e as suas mãos tremiam enquanto a acariciava. Dependia dela, só dela, ceder ou repeli-lo. Tinha-o na mão e esta tomada de consciência fazia-a sentir-se forte. Mas, por seu lado, estava subjugada pelo desejo e não era fácil decidir se havia de ceder ou de fazer prevalecer os princípios segundo os quais tinha sido educada. A solução chegou inesperadamente. Sentiu um grande vazio entre o estômago e o cérebro. Empalideceu e deixou-se cair na cama enquanto sussurrava: - Sinto-me mal. - E desmaiou.

Andrea, assustado, correu à cozinha para ir buscar um copo de água. Ela bebeu-o em pequenos tragos.

Pouco a pouco, o mal-estar passou e a face recuperou a cor.

- Desculpa - balbuciou com um sorriso triste.

- A culpa é só minha - admitiu ele. - Devia ter percebido que para as raparigas às direitas como tu não é fácil enfrentar uma primeira relação.

Pénelópe sentou-se na cama e olhou-o com um ar gélido.

- Então, se tivesse cedido, já não era uma rapariga às direitas - constatou.

- Sabes muito bem que não queria dizer isso - defendeu-se. - Pelo contrário, percebi perfeitamente. Tinha razão a avó Diomira quando dizia que "os homens têm dentes de cão, se não mordem hoje, amanhã morderão". É assim - defendeu, com firmeza.

Andrea olhou-a, desorientado. Ela viu entristecer os seus belíssimos olhos, enquanto os lábios se encrespavam numa expressão feroz.

- Acaba com isso! - explodiu, agarrando no copo e atirando-o contra a parede. Pénelópe estremeceu como se tivesse sido esbofeteada. Aquele gesto impulsivo não lhe agradou, e por isso aumentou a dose: - Tentaste aproveitar-te de mim. Organizaste tudo friamente: o encontro com Danko, esta casa lindíssima, os lilases perfumados na jarra. Contavas com o teu fascínio, com a tua simpatia, com a capacidade de me surpreenderes e com a minha fraqueza de rapariga apaixonada. O tempo em que os machos pediam a prova de amor às estúpidas como eu já passou há muito. Até porque entretanto as mulheres se emanciparam.

- Entretanto houve o Maio de 68 e as mulheres aprenderam a ser mais sinceras. Quando amam um homem, não pensam nos provérbios das avós. Seguem os seus impulsos e fazem amor - replicou Andrea, furioso.

- Deixa lá o Maio de 68! Para vocês, homens, é muito cómodo recordá-lo só quando interessa aos vossos desejos baixos - continuou, acalorada. E prosseguiu: - Espero ansiosamente o dia em que as mulheres consigam dar a volta aos velhos conceitos e sejam elas a pedir a prova de amor. Fui clara?

- Claríssima. Pede-me a prova e eu dou-ta - Andrea, subitamente mais calmo, dedicou-lhe um sorriso desarmante.

- Nesse caso, pede-me desculpa e promete que nunca mais estendes a rede para me apanhares como um peixinho. Se alguma coisa vier a acontecer entre nós, será quando e se eu decidir - afirmou, e dirigiu-se com um passo firme para o vestíbulo, para sair. Então Andrea foi atrás dela e segurou-a por um braço.

- Onde vais? - perguntou.

- Vou ter com a Sandrina. Ela está à minha espera. - E vai esperar mais um bocado - afirmou ele.

Atravessaram juntos a rua e ele conduziu-a até ao porto, apinhado de turistas. As lojas ainda estavam abertas. Levou-a para dentro da loja de Mantoni, a ourivesaria onde a mãe tinha comprado o rosário para a avó. O ourives cumprimentou-o como se o conhecesse.

- Aquilo que encomendou já está pronto - anunciou, pondo-lhe na mão um embrulhinho delicioso amarrado com uma fita de seda cor-de-rosa.

- É para ti - disse Andrea, entregando-o a Pénelópe.

Saíram para o porto. Ela abriu o embrulho. Lá dentro estava uma aliança de ouro. Leu o que estava escrito na parte interna: DO ANDRÉA PARA A PÉNELÓPE. Olhou para ele, perturbada.

- Estou loucamente apaixonado por ti - sussurrou. - Nunca mais te esqueças disso.

- Tenta lembrar-te tu também - respondeu ela com firmeza. Naquela noite Andrea regressou a Milão e começou a telefonar-lhe duas vezes por dia.

Uma noite, quando estavam à mesa, a mãe perguntou-lhe de supetão: - Quem foi o rapaz que te comprou no Mantom a aliança que trazes no dedo?

O ourives tinha falado.

- Eis o fim do meu segredo - resmungou Pénelópe, afogueada.

- Estás a esconder-nos alguma coisa? - interveio o pai.

- Tenho um namorado, finalmente. Gostamos um do outro e eu estou muito bem com ele - explicou com simplicidade.

- Só quero saber quem é - intimou a mãe. Estava irritada, mas esforçava-se por não o mostrar.

- Chama-se Andrea Donelli. Vive em Milão com a mãe. É jornalista. Tem vinte e dois anos. Não tem bens ao sol, como tu dizes. Mas adora a sua profissão e tem muita vontade de se afirmar.

É bonito por fora e espero que também seja bonito por dentro. Agora já sabes tudo - disse, sem perder a compostura.

O pai sorriu. Estendeu um braço para ela e acariciou-lhe a face. - Com a tua idade, a tua mãe já estava casada. Acho bem que tenhas um namorado - comentou.

- Mimi, por amor de Deus, como é que podes ser sempre tão tolerante? - perguntou Irene, com raiva.

- E és tu que me perguntas isso? - perguntou Mimì, abanando a cabeça.

Pénelópe pensou na avó. Se estivesse ainda ali, com eles, naquele momento teria exclamado: "Touchée", dirigindo-se a Irene, como é evidente. No entanto desagradou-lhe saber que o seu pai não era tão distraído que não tivesse dado conta de que a sua mulher tinha andado a namoriscar com Romeo Oggioni. Mimì Pennisi sabia e tinha-se calado.

- Agora que já acabámos de jantar, vou ter com o meu amigo Zoffoli para tomar café - decidiu.

- E eu fico à pega com a mãe - suspirou, resignada.

De facto, assim que ficaram sós, Irene vociferou contra a sua leviandade, até para esconder o embaraço suscitado pelo comentário do marido.

- Tu és louca! O que foi que te deu para te meteres com um miserável?

- Não me meti, no sentido que tu lhe dás. Ainda que acabe por o fazer, mais cedo ou mais tarde - ameaçou Pénelópe.

- Espero bem, por ti, que esta história acabe o mais depressa possível. Deves ser mais ambiciosa nas tuas escolhas.

- Mas de que ambições falas? Tu não conheces o Andrea, por isso não o podes julgar.

- Tenho mais experiência do que tu. Na primeira ocasião vais cair-lhe nos braços como uma pêra madura. Ele vai comer-te de uma só dentada e para ti a história acabará nesse momento.

- Por que é que és tão pérfida?

- Pepe, vamos falar claramente. Tu não és nenhuma beleza fulgurante. Precisas de encontrar um homem tranquilo, com uma posição sólida, que te ofereça garantias suficientes de se vir a tornar um bom pai de família.

A observação da mãe sobre a sua beleza feriu-a. Sabia que não podia competir com ela, apesar de Andrea a ter feito sentir-se lindíssima.

- A ti, a beleza não te serviu de muito - replicou. A mãe dirigiu-lhe um olhar feroz. Ela prosseguiu, destemida: - Neste momento, pela segunda vez na última meia hora, devias sentir-te touchée, como diria a avó.

- És uma insolente. Esta paixoneta, que não vale um tostão furado, deu-te a volta à cabeça. De qualquer maneira, vais acabar com essa história - concluiu, saindo da cozinha e deixando-a só, a reflectir.

Andrea não pôde voltar a Cesenatico. Pénelópe confiava a Sandra a sua tristeza e consolava-se fazendo girar no dedo a aliança de ouro. Só o ia voltar a ver quando regressasse a Milão.

Finalmente chegou Setembro. As férias tinham chegado ao fim. O pai tinha ido buscá-la. Na manhã da partida, quando abriu a persiana do seu quarto, viu uma fila de balões que oscilavam no ar.

Estavam presos ao ferro do portão e as letras traçadas em cada um formavam uma frase: PEPE, QUERES CASAR COMIGO?

Chamou os pais para verem aquilo. Mimì Pennisi desatou às gargalhadas.

- Deve ser um tipo divertido, esse teu jornalista - comentou. - Espero que penses bem antes de responderes - sibilou Irene.

Pénelópe não a ouviu. O seu sim foi imediato, e foi um sim para toda a vida.

As recordações esfumaram-se e Pénelópe recolheu com amor os pedaços da preciosa chippendale à qual tinha dado um pontapé. Prometeu a si própria que a mandaria restaurar, juntamente com o resto daquela incómoda mobília que não era autêntica, como defendia a avó, mas uma imitação dos anos 2O. Recordou que também a famosa esmeralda colombiana, em que a mãe tanto tinha confiado, se revelara uma pedra de escasso valor. A sua astuciosa avó sabia-o bem, mas gostava de brincar com esta e com outras mentiras que satisfaziam o seu prazer de ostentar. Olhou em volta e constatou que a casa já mostrava sinais da passagem do tempo. Pela primeira vez dava conta da degradação em que mergulhara. Estava convencida de que nunca nada acontece por acaso. Talvez a casa do bisavô capitão aproveitasse a sua visita inesperada para lhe mostrar a necessidade de ser recuperada.

Atravessou o jardim e tocou à campainha da casa ao lado. Era uma e meia da tarde. Sabia que àquela hora o professor Briganti dormia na sua poltrona, em frente da televisão ligada, e que não queria ser perturbado até às quatro. Mas a ela não lhe apetecia esperar muito tempo.

Viu a figura sumida do homem aparecer no vão de uma janela. - Quem tem a desfaçatez de me vir incomodar? - protestou, com aquela voz um pouco trémula dos velhos.

- Professor, desculpe. Sou Pénelópe, a filha de Irene Pennisi - gritou, por sua vez, porque o homem, com os anos, tinha ficado um pouco "duro de ouvido", segundo a sua própria definição.

A expressão carrancuda do velho tornou-se mais doce.

- Pénelópe! A companheira fiel do homem que desafiou os deuses na ânsia de saber. O que fazes aqui, a esta hora, nesta terra de selvagens?

- Se me abrir o portão e me deixar entrar, juro que lhe digo - brincou ela.

- Mas é claro, minha terna amiga - exclamou. Retirou-se e, pouco depois, desceu lentamente os degraus da casa para ir ao seu encontro, pelo caminho de terra, com passos curtos, apressados e um pouco incertos. Abriu o batente de ferro.

- Entra, entra, minha filha - convidou.

- Querido professor, peço desculpa mais uma vez por o ter incomodado. Gostaria de usar a sua casa de banho para me aranjar. Na minha casa não há água, nem electricidade. Talvez a mãe se tenha esquecido de lhe deixar o depósito do costume para o pagamento das facturas. - Disse tudo de uma vez, dando-lhe o braço e dirigindo-se com ele para o interior da casa, muito semelhante à da avó.

O professor vivia sozinho, assistido por uma mulher da terra que o ajudava segundo os antigos critérios: a cama feita, a comida na mesa e a roupa lavada. O resto era supérfluo. - Vai à casa de banho. Já conheces o caminho. Eu vou preparar-te um café - disse ele, subitamente revigorado por aquela visita inesperada.

Quando se sentaram juntos, na cozinha, a tomar o café numa chávena não muito luzidia, o professor explicou: - O dinheiro que Irene me deixou está aqui, querida menina. Sabes, em Dezembro tivemos cá muito frio. As condutas da água rebentaram por causa do gelo, em minha casa e também na vossa. Para mim, chamei uns operários que, em meio dia, resolveram tudo. Mas não ousei dar-lhes as vossas chaves sem a autorização de Irene. Devia ter-lhe telefonado. Depois, como sou um velho distraído, esqueci-me de o fazer. Desculpa-me, e pede desculpa à tua mãe também.

- Lá dentro há pouco que roubar. Será que pode avisar o canalizador, talvez mesmo esta tarde? Hoje à noite posso ficar num hotel, mas a partir de amanhã gostava de usar a casa. Acha que consegue arranjar alguém? É domingo, e nesta terra...

Não a deixou acabar.

- Lembras-te de como o meu amigo Moretti definiu esta terra? - perguntou, com um sorriso malicioso.

- Eu sei, professor: "Mais tórrida que alegre, com uma multidão derramada no mar". Não é assim? - respondeu ela, recordando as horas passadas com o professor a falar de poesia.

- Boa! - exclamou, e acrescentou: - Vieste sozinha? O teu marido como está? E os vossos filhos?

Estava com vontade de conversar, agora que a sua sesta tinha sido interrompida.

Pénelópe, em tempos, tinha-o usado para as suas escapadelas com Andrea. - Vou estudar para casa do professor Briganti - anunciava à mãe. Entrava no seu jardim, dava a volta à casa, saltava a vedação das traseiras e, na pequena estrada de terra batida, encontrava Andrea que a esperava. Uma vez Irene foi procurá-la, convencida de que a encontrava em casa do professor. Ele percebeu imediatamente a mentira da jovem aluna e protegeu-a.

- Pedi-lhe para me fazer um recado - explicou, prontamente. Depois esperou por ela na passagem das traseiras do jardim. Quando Pénelópe, com a ajuda de Andrea, saltou a vedação, falou com ela: - Minha menina, salvei-te por uma unha negra. Que o Senhor me perdoe: menti à tua mãe. Mas não te posso desculpar outra vez. Se aquele jovem com quem andas te quer realmente bem, devia evitar fazer-te saltar a sebe. - Pénelópe ficou-lhe sempre grata por aquela pequena cumplicidade que, apesar das suas recriminações, se prolongou durante todo o Verão.

Quando Pénelópe se casou, ele ofereceu-lhe uma edição do século xix da Divina Comédia, com uma dedicatória: - Que possas ainda encontrar qualquer coisa de muito agradável do outro lado da sebe.

Agora, em resposta à sua pergunta sobre os filhos e o marido, disse: - Saltei a sebe outra vez. Mas é uma longa história. Talvez lha conte um destes dias. - Lembrou-se de Mortimer e pensou que sentia muita necessidade de o ver num momento tão difícil da sua vida.

O homem dirigiu-lhe um sorriso de solidariedade. Acompanhou-a até ao portão.

- Estou feliz por estares aqui - afirmou.

- Como está a Piccarda? - perguntou, enquanto se despedia.

- Creio que me deixou - respondeu tristemente. - E, no entanto, continuo a esperá-la, ainda que já esteja um mês atrasada para o nosso encontro. - Depois mudou de assunto: - Sabes que restauraram o Grand Hotel? Dizem que está melhor. Por que não dormes lá esta noite?

Pénelópe seguiu a sua sugestão. Pediu um quarto virado ao mar. Fechou-se lá dentro, deixou-se cair em cima da cama e adormeceu.

Foi acordada pelo toque insistente do telemóvel que tinha posto a carregar na consola da casa de banho. Pensou nos seus filhos e correu a atender, esperando ouvir a voz de um deles. Mas era Donata, com a qual não queria falar de maneira nenhuma.

- Não ouço nada - disse.

- Pepe, por favor, preciso de falar contigo. - A sua amiga do peito tinha um tom de voz alarmado. Pensou conhecer a razão daquela necessidade e cortou imediatamente a chamada. Não queria ouvir as repreensões da astróloga sabichona. Viu as horas e deu conta de que tinha dormido apenas dez minutos. Agora a paz do sono tinha-se esfumado. Voltou a vestir-se e decidiu regressar a casa a pé. Ia arejar todas as divisões, aproveitando o tépido sol da tarde. Entrou de novo em casa e subiu ao primeiro andar. Abriu as portas dos quartos e a da casa de banho. Abriu as janelas todas. Ali, as persianas enrolaram sem problemas. Depois trepou a escada de caracol e debruçou-se da torre.

Olhou para o jardim dos Zoffoli. Reviu a sua amiga Sandrina, entretida a modelar gatinhos com massa salgada, na companhia da prima vinda de Bolonha. A recordação afastou-se e verificou que o jardim estava em condições deploráveis. A casa tinha sido vendida há anos a uma família de Forlì que nunca a habitava. Sandrina tinha morrido há muito tempo. Durante a viagem de núpcias, o avião em que viajava com o marido em direcção às ilhas felizes dos mares do Sul tinha caído. - Pobre Sandrina - sussurrou, lamentando a companheira de tantos longos verões agora distantes.

Voltou a descer até ao primeiro andar e entrou no quarto da avó Diomira. Olhou em volta. Se queria reestruturar a casa, tinha de começar por ali. Observou a bonita cama liberty em madeira de faia, a cabeceira com engastes de latão debruados com pequenas rosas, a Natividade por cima da cama, as pias de água benta em porcelana pintadas à mão, as mesinhas-de-cabeceira de tampo de mármore negro com veios azuis. Havia também um armário de três portas. A do meio sustinha um belíssimo espelho, emoldurado com volutas florais talhadas na madeira. Levantou os olhos e notou uma grande mancha amarelo-acinzentada que, do tecto, descia ao longo da parede por trás do armário. Na ano anterior não estava ali. O reboco tinha inchado, rompendo a tapeçaria vermelha escura com flores amarelas. "Rebentou o cano da água" pensou, preocupada. Tentou deslocar o móvel, mas não conseguiu. Abriu a porta e viu que, no interior, também a madeira da parte posterior tinha inchado e tresandava a humidade. Então esvaziou as prateleiras de lençóis, toalhas e velhos panos bordados de uma renda delicada a que a avó chamava frivolité e a mãe "renda conversadora" porque se fazia enquanto se conversava com as amigas. Voltou-lhe à ideia a agilidade com que a avó trabalhava, fazendo correr entre as mãos as pequenas lançadeiras de marfim onde estava enrolado um finíssimo

fio da Escócia. Dali saíam rendas de uma inconsistência maravilhosa. Tirou a gaveta e viu, no fundo do armário, duas caixas de lata um pouco ferrugentas. Pousou-as na cama e observou-as durante alguns instantes. Numa delas reconheceu a dos biscoitos Oswego, que tinha deitado no balde do lixo. Era evidente que a avó a tinha recuperado e que tinha decidido conservá-la com todo o seu conteúdo. Lá dentro estava a pulseira de coral, o batom da mãe, o autógrafo de Iva Zanicchi e o caderninho com as suas horríveis poesias. Na outra caixa havia papéis e fotografias a preto e branco. Espalhou os papéis sobre a cama. Encontrou o diploma de capitão de longo curso do bisavô Gualtieri, o atestado de bom comportamento e bom aproveitamento do colégio da avó, o diploma da escola da mãe, participações de crismas e várias certidões, entre as quais a do casamento dos seus pais. Tinham-se casado em Cesenatico, a 28 de Fevereiro de 196O.

Pénelópe teve um sobressalto. Ela tinha nascido em julho. Quatro meses depois do casamento. Lembrou-se de todas as vezes em que a mãe lhe tinha repetido: - Tu nasceste exactamente nove meses depois de eu me ter casado. - Aldrabona! Agora percebia a escolha do vestido de noiva estilo Império. A cintura alta tinha de esconder a linha do ventre já arredondado. Irene, uma vez mais, tinha-lhe mentido.

Sansone esperava à há horas que o levassem lá fora e, uma vez que Andrea parecia não se aperceber, começou a ladrar e a correr entre o quarto e a entrada.

- Tens razão - disse o homem. - Dá-me tempo para me vestir e já saímos.

Aquele belíssimo cão branco tinha chegado a casa dos Donelli depois do nascimento de Luca. Sansone era um cachorro de três meses. Tinham praticamente crescido os dois juntos. Estabelecera-se entre eles uma relação que excluía o resto da família. O cão deixava que o pequeno Luca lhe fizesse tudo, mesmo a limpeza dos dentes. Todos os dias o menino lhe fazia uma demonstração, metendo na boca uma horrível pasta acastanhada que depois passava ao cão ao mesmo tempo que, com uma escovinha, lhe punha a dentadura a brilhar. Sansone não toleraria esta tortura a mais ninguém, nem a Pénelópe, apesar de ser ela quem o alimentava e o levava ao jardim. Dela sofria, porém, o ultraje de ser lavado, porque sabia que assim se poderia deitar na cama do seu pequeno amigo.

Andrea enfiou-lhe a coleira e saíram do prédio. Sansone conduziu-o até um jardim público onde o soltavam e onde podia rebolar-se na relva, meter-se com os seus semelhantes e farejar a sua passagem.

Quando regressaram a casa, o cão estava sossegado e dedicou ao dono um olhar reconhecido. Ao abrir a porta do apartamento, Andrea esperou, por um momento, encontrar a mulher. Talvez Pénelópe tivesse compreendido o absurdo do seu gesto e tivesse voltado para não o deixar sozinho face aos problemas da família. Mas, sobretudo, porque o amava e não podia viver sem ele.

- Talvez a encontremos agora - sussurrou ao cão.

A casa estava tal como a tinha deixado uma hora antes, deserta e caótica.

Não sabia realmente por que lado começar para repor um mínimo de ordem. Se ao menos lá estivesse Priscilla! Mas não. A filipina desaparecia ao sábado e até segunda-feira de manhã não dava notícias. E ele estava só, desesperadamente só.

- Já sabia que havia de ir embora - protestou, entre a raiva e o choro. Depois deu um murro na mesa, fazendo tilintar a louça. O mesmo gesto, as mesmas palavras do seu pai.

Quem tinha ido embora, naquela altura, tinha sido Gemina. Essa história, que Andrea tinha tentado esquecer, regressava-lhe ao espírito com toda a sua carga dramática num momento em que precisava de ordenar serenamente as ideias e enfrentar aquele triste domingo e todos os dias que se iam seguir, enquanto esperava pelo regresso da mulher. Porque não tinha dúvidas de que Pénelópe ia regressar. Amava demasiado os seus filhos para resistir durante muito tempo sem os ver.

E ainda mais essa, os seus filhos. O que é que lhes ia contar quando, daí a algumas horas, os fosse buscar a casa dos primos? Como iriam reagir à ausência da mãe?

Quando telefonou à sogra, contando com o seu apoio, foi acometido por uma avalanche de recriminações. Por fim, Irene concluiu: - Esta desgraça foste tu quem a arranjou. Agora não esperes que seja eu a deitar água na fervura. Andrea estava desesperado. As acusações de Pénelópe, graves, sérias, motivadas, eram como uma punhalada nas costas. Por que não lhe tinha falado antes de tomar uma decisão tão definitiva? Talvez Sofia e Donata pudessem esclarecer este ponto. Pénelópe nunca fazia nada sem consultar as suas amigas do peito. Pensou telefonar-lhes, mas renunciou, com receio de que reagissem como a sogra. Por que será que as mulheres se aliam sempre contra os homens?

Até aquela parva da Stefania tinha entrado em crise e tinha feito um conluio com Pénelópe, indo chorar no seu ombro. Nunca se tinha sentido tão só como naquele tristíssimo domingo de Maio.

Parecia-lhe que o mundo inteiro se tinha organizado para o esmagar, para o aniquilar, para o suprimir. Entrou no quarto dos rapazes e olhou enjoado para a confusão que ali reinava. Sansone, que se tinha instalado na cama de Luca, rosnou, ameaçador, quando tentou fazer com que descesse.

- Estás muito mal-educado - disse-lhe, com severidade. A recriminação, que o cão não captou, era obviamente destinada à sua mulher. Retirou-se em boa ordem e entrou no quarto de vestir.

Abriu uma série de portas antes de encontrar aquela em que estavam as gavetas das camisas, todas bem passadas a ferro e dobradas. Não fazia ideia de ter assim tantas e arrumadas com tanto cuidado. Nunca entrava no quarto de vestir. Pénelópe fazia com que encontrasse o fato e a roupa lavada, todos os dias, no quarto de dormir. Nem sequer imaginava que todos aqueles armários estivessem arranjados com uma ordem e uma limpeza tão meticulosas. E não era certamente Priscilla que se ocupava deles. Ainda se lembrava daquela vez em que, durante uma ausência da mulher, a filipina tinha conseguido desintegrar em poucos minutos as camisolas de caxemira, ao metê-las na máquina de lavar a sessenta graus.

Tudo o que Pénelópe tinha sido capaz de lhe dizer foi: - A partir de agora estás proibida de tocar na máquina de lavar. Se dependesse dele, tê-la-ia despedido imediatamente. Mas a sua Pepe era assim: permissiva até ao martírio. Procurou as calças e encontrou-as num compartimento onde estavam cuidadosamente penduradas numa fila ordenadíssima. Nem um vinco a mais, nem um botão a menos. Agora que ela tinha ido embora, havia uma probabilidade muito alta de que tudo se precipitasse no caos. Abriu uma outra porta dupla. Estava ali a roupa de Verão da mulher. Tocou-lhe peça por peça, experimentando com os dedos a macieza dos tecidos e observando, pela primeira vez, a maravilha de certas sedas e as suas cores. Um vestido, em particular, chamou a sua atenção. Era um camiseiro de seda aos quadradinhos vermelhos e brancos. Pénelópe usava-o quando ficaram noivos. Lembrou-se dela com aquele vestido, sentada no carro ao seu lado. Percorriam, num fim de tarde de Verão, uma pequena estrada que contornava o aeroporto de Linate.

Pararam e, de mãos dadas, aproximaram-se da vedação metálica que delimitava uma zona interdita. Olharam os aviões que levantavam voo, levando também os seus sonhos para o céu. Imaginaram viagens a terras distantes: a América, a China, as ilhas dos mares do Sul.

- Um dia havemos de partir juntos - disse Andrea, abraçando-a. - Faremos viagens fantásticas, do Pólo ao Equador. Vamos fazer faísca, minha querida. É uma promessa solene - garantiu.

A promessa nunca foi cumprida. Casaram-se logo a seguir e depressa se encontraram a braços com as contas da casa. Não era fácil equilibrar o orçamento com o seu salário de redactor. A certa altura, porém, foi promovido a enviado. Era um bom aumento de ordenado e começou a viajar. Mas era impossível que Pénelópe o pudesse acompanhar. Lucia e Damele eram dois bebés esplêndidos que gatinhavam pela casa e tinham necessidade dos cuidados constantes da mãe.

E, no entanto, continuaram a acalentar o sonho de umas férias cintilantes em qualquer país distante. Ele, entretanto, embarcava em pequenas, estúpidas aventuras extraconjugais, que lhe deixavam sempre um amargo de boca, em parte porque se sentia culpado mas, sobretudo, porque a sua adorada Pepe era sempre a melhor das companheiras possíveis. Ela, de vez em quando, descobria estas infidelidades, sofria e mostrava-lhe má cara durante muitos dias. Então Andrea, recordando a promessa de há tanto tempo atrás, jurava a si mesmo: - Assim que fizermos as pazes, levo-a a passear.

Uma vez conseguiram realmente fazer umas belas férias de duas semanas em Inglaterra. A sogra oferecera-se generosamente para tomar conta das duas crianças e eles, outra vez meninos, tinham frequentado um colégio.

Aprenderam pouco, mas riram muito. Outra vez, quando Lucia e Daniele eram um pouco mais crescidos e tinham ido para um parque de campismo em Pinzolo, tinham-se permitido umas férias em Merano. Poucos dias, mas vividos com alegria. Também ali tinham sido felizes.

Agora segurava entre os dedos aquela seda de quadradinhos vermelhos e brancos que lhe fazia lembrar momentos de esplêndido entendimento com a mulher. Chegou o tecido à cara, esperando reencontrar o perfume dos vinte anos. Mas o que sentiu foi um vago cheiro a antitraça. - Por que será que o tempo apaga tudo o que de bom aconteceu entre um homem e uma mulher? - interrogou-se. Dos seus dezoito anos de vida em comum restava apenas uma carta rancorosa, abandonada ao vento.

Andrea admitiu que, para terem chegado àquele ponto, grande parte da responsabilidade era certamente sua. Mas talvez a sua mulher tivesse também contribuído para o desastre.

O telefone tocou e ele correu a atender, esperando ouvir Pénelópe. Mas era Donata.

- Passas-me a minha amiga? - começou. - Tentei ligar-lhe para o telemóvel mas ela não me conseguia ouvir - explicou.

- A tua amiga não está - respondeu, sufocando a desilusão. - Tenho uma necessidade absoluta de falar com ela - insistiu Donata.

Andrea esteve quase a contar-lhe tudo, mas uma nota de nervosismo na voz daquela mulher impediu-o de falar, tanto mais que ela se despediu rapidamente. Pousou o auscultador e acariciou com um gesto distraído o tampo da escrivaninha. Era a mesa de trabalho de Pénelópe. Havia uma fotografia dela com os filhos. Sorriam para a objectiva. Tinha-a tirado ele, poucos meses antes, na véspera de Natal. Tinham passado cinco meses e Pénelópe tinha partido.

Tocou numa taça de porcelana muito delicada de que a mulher gostava muito. Era uma peça de antiquário, pintada a ouro velho e tons pastel.

- Não lhe toques - disse-lhe uma vez em que ele a examinava.

- De onde veio?- perguntou, curioso.

- Da loja de um antiquário - foi a resposta, seca e rápida. Tinha ficado mal, apesar de saber que não merecia explicações. Havia já algum tempo que se falavam pouco e, quando o faziam, era para discutir. Porquê? Olhou a cara sorridente da mulher que se tinha tornado uma mãe-galinha, atormentada e neurótica. Às vezes achava-a insuportável, apesar de nunca ter deixado de a amar. Onde estava a rapariga doce e alegre que tinha encontrado numa noite de Verão, em Cesenatico?

Pénelópe tinha sido uma flor delicada e gentil que ele colhera com ternura no momento em que desabrochava, seguro de que aquela seria a sua mulher para sempre. Agora tinha-se virado contra ele e tinha-o agredido à traição.

O relógio bateu as duas da tarde. Dentro de pouco tempo ia encontrar-se face a face com os seus filhos. Uma perspectiva aterradora. Tinha absoluta necessidade de falar com Pénelópe. Agora já ela devia ter chegado a Cesenatico.

Deixou tocar o telefone durante muito tempo. Ninguém atendeu. Voltou a tentar o telemóvel e, finalmente, ouviu a sua voz.

- Pepe, por amor de Deus, não me voltes a atacar. Estou a enlouquecer - começou, ao mesmo tempo que lhe parecia que o coração estava a ponto de explodir de emoção.

- Não quero falar contigo - respondeu ela.

- Ajuda-me. Preciso de compreender - suplicou-lhe. - Isto é uma prova difícil que tens de passar sozinho. - Queria responder à tua carta.

- Já sabes a direcção - disse a mulher, e desligou a chamada. - Vai para o diabo! - gritou, furioso. Era a primeira vez que a mulher o amarrava às suas próprias responsabilidades, sem hipótese de fuga. Nunca acreditou que ela fosse capaz de tanto. Talvez a tivesse sempre subestimado. Talvez ela tivesse razão quando o acusava de nunca ter feito um esforço para a conhecer verdadeiramente.

Abriu a gaveta do meio da escrivaninha de Pénelópe. Nunca o tinha feito. As gavetas, muitas vezes, revelam a personalidade de quem as usa. Talvez, pesquisando entre as suas coisas, conseguisse saber mais alguma coisa sobre ela. Encontrou objectos estranhos que suscitaram a sua ternura: uma caixinha de veludo cheia de pedrinhas coloridas. Quem sabe o que aquilo poderia significar? Havia muitos restos de lápis bem afiados. Cadernos cheios da sua letra clara e minúscula. Uma rosa de organza de um bonito verde-pálido. Maços de cartas cuidadosamente amarrados e separados: das amigas, dos parentes, de Danko, de outras pessoas que não conhecia, dos filhos. Não ousou lê-las, apesar de ter vontade. Ficou curioso com um envelope, que continha um cartão de visita, dirigido à Signora Pepe Pennisi. Abriu e leu: Gentil Pepe, aqui vão as luvas de que te esqueceste no táxi. Boa sorte. Mortimer Do outro lado estava impresso um nome muito comprido: Raimondo Maria Teodoli di San Vitale.

- E este, quem será? - interrogou-se em voz alta. Havia também uma data: 26 de Fevereiro. Não dizia o ano. - Mortimer! - repetiu, desconfiado.

Arrepiante, como sobrenome. Talvez fosse algum amigo de juventude. Mas não tinha ideia de Pénelópe ter alguma vez privado com pessoas com dois nomes e dois apelidos. E depois aquele "Gentil Pepe" não lhe parecia um modo normal de apostrofar uma amiga. Reparou, então, num maço de cartas atadas com uma fitinha de seda branca. Todas dirigidas à sua mulher. Na parte de trás de

todos os envelopes estavam impressas as iniciais R. M. T. S. - Raimondo Maria Teodoli di San Vitale - repetiu. Esteve quase a rasgar a fita para ler todas aquelas folhas. Tremeu-lhe a mão, ficou afogueado e, por fim, atirou aquele monte de cartas para o fundo da gaveta. Se Pénelópe tinha um segredo, não ia ser ele a violá-lo.

Naquela noite, Andrea sentiu sobre ele, pela primeira vez, os olhares gélidos dos seus três filhos. De repente, já não era o pai amigo, cúmplice das suas transgressões, sensível aos seus caprichos, tolerante e generoso. Olhavam-no com severidade e ele sentiu-se culpado. Pénelópe tinha-lhe escrito: "Deves aparar o meu jogo". Tinha-se preparado para defender a mulher, mas não encontrava argumentos para se defender a si próprio.

- Pai, isto é uma brincadeira de péssimo gosto. Onde escondeste a mãe? - Daniele foi o primeiro a romper o silêncio depois de ter lido a mensagem da mãe na pequena lousa.

- A mãe nunca saiu para descansar e me deixou sozinho - constatou o pequeno Luca, com ar grave.

Foi Lucia quem leu em voz alta as palavras que Pénelópe tinha escrito na lousa. Andrea não tinha tido coragem de ir a casa dos primos buscar os filhos. Manfredi e Mariarosa Pennisi tinham-nos deixado à porta do prédio e, quando eles entraram em casa, anunciou: - A mãe não está. Tirou uns dias de férias. Partiu hoje de manhã.

- Mais do que partir, parece que fugiu - observou Lucia. - Nem sequer arrumou a cozinha.

- Anda, Sansone, vamos procurar a mamã - disse Luca, convencido de que os pais tinham organizado uma brincadeira que não lhe agradava.

- A vossa mãe foi para Cesenatico. Podem telefonar-lhe quando quiserem. Garanto-vos que tem uma grande necessidade de repousar porque está muito cansada - afirmou, tentando encarar a situação.

- Cansada de ti! - disse Lucia bruscamente, com uma voz penetrante. - Não é que eu queira defendê-la, mas tu és mesmo um descalabro. A mim dá-me jeito um pai que me deixa fazer tudo. Quando cá está, como é evidente. Só que tu nunca estás - afirmou, com ressentimento. - De facto, a mãe anda muito pior ultimamente. Está insuportável. Eu estou farta de vocês os dois. E não tenhas

ilusões de que eu agora me vá pôr a limpar a cozinha ou a fazer as camas. Deixaste-a fugir e agora és tu quem tem de remediar isso. Vou para o meu quarto estudar. Arranjem-se.

Andrea apercebeu-se de que os filhos tinham entendido imediatamente a situação e que lhe viravam as costas, os três.

- Eu já me arranjo - afirmou Daniele, refugiando-se por sua vez no quarto que dividia com Luca, o qual andava pela casa a abrir armários, a levantar almofadas e a espreitar por baixo das camas à procura da mãe.

Andrea deu um murro na mesa. Não lhe apetecia recitar um acto de contrição aos filhos. Para além do mais, não se considerava assim tão culpado. Sentiu uma espécie de choque eléctrico atravessar-lhe o cérebro e depois uma grande dor na mão. Serviu para lhe fazer recuperar a calma. Abriu a porta do quarto de Daniele. Dentro de um saco de tela azul, de marinheiro, Daniele metia camisolas, jornais e um par de sapatilhas de ténis malcheirosas.

- O que é que estás a fazer? - perguntou-lhe.

- Vou dormir a casa do meu amigo Lele - respondeu tranquilamente.

Andrea ficou alarmado. Lele era um colega de escola que partilhava com ele o escasso interesse pelos estudos e a paixão pelas cobras e pelos brincos que espetava em todo o lado.

- E o resguardo de borracha, deixa-lo em casa? Com certeza que não queres molhar a cama do teu amigo - observou perfidamente.

Tinha-o ferido à queima-roupa, parecendo-lhe o único meio de drenar uma rebelião que arriscava contagiar os outros.

Daniele ficou afogueado e lançou-lhe um olhar carregado de ódio.

- Sai do meu quarto e não voltes a falar comigo - replicou, enquanto despejava no chão o conteúdo do saco.

Andrea retirou-se em boa ordem. Tinha vencido um assalto, depois de ter sido atirado para o tapete. Talvez tivesse chegado o momento de virar a situação em seu favor, ainda que fosse à custa de perder a imagem de pai bom e tolerante que, afinal, se tinha revelado pouco convincente.

Abriu a porta do quarto de Lucia.

- Tens duas horas para arrumar a cozinha e pôr em cima da mesa qualquer coisa comestível para a família - ordenou.

- Fala com a Priscilla. Eu tenho de estudar e não sou tua criada - reagiu ela, nada intimidada.

- Vamos já esclarecer algumas coisas. Tens dezassete anos e por isso estás em condições de satisfazer, por uma noite, as tuas necessidades e as dos teus irmãos. Daqui a uma hora eu vou para o jornal trabalhar. Tu e o Daniele levam o cão à rua e dão-lhe de comer. É preciso tratar dos papagaios e levar o lixo lá para fora. Não volto antes da meia-noite, se tudo correr bem. Quero encontrar a casa arrumada e os meus filhos a dormir. Isto é uma ordem - disse, com voz firme.

- Se não? - desafiou Lucia, com um sorriso cortante.

- Se não, vais sentir-te muito culpada por não teres assumido as tuas responsabilidades - respondeu, com um sorriso igualmente pérfido.

Luca estava na sala, estendido no tapete. As costas de Sansone faziam-lhe de almofada. Andrea agachou-se no chão, ao seu lado. - Como é que vamos? - perguntou-lhe.

- Uh uh - rosnou, amuado.

- Posso fazer alguma coisa por ti?

O miúdo pensou um pouco antes de responder.

- Quando é que a mãe volta? - perguntou, num sussurro.

- Não sei. Espero que volte depressa. - Andrea acariciou-lhe o cabelo.

- Depressa quando? Esta noite? - Não me parece.

- Então quem é que me lê a história?

- Tens de inventar uma para contar ao Sansone. Eu não vou cá estar quando fores para a cama - disse Andrea.

- Se a mamã não me ler a história eu não consigo adormecer. - E prosseguiu: - Para além disso, o cão não pode ir para a minha cama se a mãe não lhe lavar primeiro as patas. Andrea teve de reagir depressa àquele princípio de capricho.

- Lavas-lhas tu. Eu sei que és capaz - replicou, decidido. - Agora tenho de ir trabalhar.

- Se tenho de o lavar, quero uma gorjeta - respondeu o miúdo. Andrea observou-o, espantado.

- Nem pensar! Não se recebem recompensas por cuidar dos próprios animais.

- O Daniele e a Lucia recebem dinheiro todos os fins-de-semana. Eu também quero - teimou.

A solução mais simples, aquela que Andrea teria adoptado se Pénelópe ali estivesse, seria o consentimento. Depois, ela trataria de corrigir a rota. Mas agora estava sozinho. Sabia que a Luca não interessava o dinheiro. Ainda não conhecia o seu valor. Mas percebeu que o filho queria polémica.

- Quanto recebem os teus irmãos? - perguntou.

Luca pensou. Não distinguia uma nota de mil liras de uma de cinco mil. - O que precisam - declarou, depois de um momento de silêncio.

- Óptima resposta - constatou Andrea. - E o que tu precisas é nada. Nem se recebe por se cumprir um dever.

Viu o filho corar até às orelhas, abrir os pequenos, deliciosos lábios num trejeito de desespero e gritar entre lágrimas:

- Quero a minha gorjeta! A gorjeta! A gorjeta!

Andrea percebeu que Luca só queria a mãe e sentiu toda a sua incapacidade para enfrentar aquele capricho. Tentou inclinar-se sobre ele e o cão saltou para as suas costas, deitando-o ao chão. Sansone julgou que ele queria agredir o menino. Andrea assustou-se e gritou para chamar Lucia e Daniele que, da porta da sala, tinham assistido à cena.

Lucia, com ar enérgico, agarrou no irmão mais novo e deu-lhe duas bofetadas. Luca deixou imediatamente de gritar. Daniele pegou no cão pelo pescoço, segurando-o, e Andrea conseguiu pôr-se de pé.

- Mas como é que a vossa mãe consegue aguentar isto tudo? - berrou, enquanto compunha a gravata.

- Nós temos problemas. Só agora é que dás conta? - afirmou Daniele com ar complacente.

- Desculpa, pai - sussurrou Luca, agarrando-se às suas calças. - Desculpo, mas com a condição de que estas cenas não se voltem a repetir - disse, e acrescentou: - Agora, arranjem-se. Eu tenho de ir. Entrou no elevador com um suspiro de alívio. Talvez Pénelópe tivesse alguma razão para estar sempre nervosa e irritável. A ele tinham-lhe bastado duas horas com os filhos para se sentir um farrapo.

Foi para o jornal e entrou na redacção.

Afinal até estava orgulhoso pela maneira como se tinha saído com os filhos.

É claro que a filha lhe tinha dado uma mão com Luca, demonstrando uma presença de espírito surpreendente. Talvez tivesse aprendido com a mãe aquela técnica um pouco crua de resolver os caprichos histéricos do pequeno. Ele nunca teria tido a coragem de o esbofetear. Nunca tinha levantado um dedo para os seus filhos. Lembrou-se de quantas vezes a mulher tinha chamado a sua atenção para os problemas dos filhos.

- Andrea, precisas de crescer e de aprender o papel de pai - dizia-lhe. - A tua imaturidade faz-me sofrer a mim e a eles. Tentou começar a trabalhar, falar com os colegas, mas os seus pensamentos estavam em outro lugar.

O telefone tocou. Atendeu e ouviu a voz agitada de Lucia.

- Anda depressa para casa. O Luca não está bem - disse a filha.

- O que foi que aconteceu? - perguntou, alarmado.

- Uma crise de asma. Não é como as do costume, pai. O Ventilan não chega. Está a respirar com dificuldade. É preciso levá-lo ao hospital.

Regressou a casa a correr e meteu no carro o pequeno, Lucia e Daniele. A toda a velocidade, chegaram à urgência de pediatria.

O pequenito estava realmente muito mal. O médico de serviço pegou em Luca pelo braço e levou-o para o seu gabinete, fechando a porta.

Passou meia hora antes que a porta se voltasse a abrir e aparecesse o médico, sozinho. Explicou que tinha prestado a Luca os cuidados necessários. Naquele momento já estava muito bem. Depois olhou para Andrea com severidade e disse: - O miúdo não tem nada de fisiológico. Os pais é que são o seu problema. Aconselho-o, a si e à sua mulher, a recorrer à ajuda de um psicólogo.

Lucia e Daniel não fizeram comentários. Quando o médico entregou Luca aos familiares, a criança saltou para os braços do pai e cobriu-lhe a cara de beijos.

Saíram todos juntos da clínica e entraram no carro. Sentiam-se quase felizes, porque o grande susto pelo pequeno Luca tinha passado.

- Proponho agora um megagelado - disse Lucia.

Eram nove horas da noite. Sentaram-se à mesa de um café. Daniele e Luca pediram um copo de baunilha e chocolate. Lucia, para não estragar a sua linha perfeita, escolheu uma salada de fruta. Andrea só tomou um café.

- Por que é que não podemos resolver os nossos problemas entre nós, em vez de ir ao psicólogo? - perguntou Daniele, de repente.

- A mãe já está a fazer isso. Foi-se embora - explicou a rapariga.

- A mãe fez uma boa escolha - concluiu Andrea. - Vai perceber a falta que lhe fazemos. Nós vamos aprender a pesar menos sobre ela.

Quando regressaram a casa estavam exaustos. Foram imediatamente para a cama. Andrea, porém, não conseguia conciliar o sono. A certa altura levantou-se e saiu do quarto. Do corredor ouviu Daniele a falar ao telefone com a mãe. Então regressou ao quarto nas pontas dos pés. Pegou num papel e numa caneta e escreveu a Pénelópe.

Pénelópe tinha recorrido a um soporífero para conseguir adormecer. Não estava habituada a tomá-los, e o pequeno comprimido branco fez o devido efeito em poucos minutos. Por isso, demorou algum tempo antes de recuperar a lucidez necessária para dar conta de que o seu telemóvel, em cima da mesa-de-cabeceira, estava a tocar. Encontrou-o às apalpadelas, no escuro, e respondeu com uma voz ensonada. Entretanto acendeu a luz e, no despertador, viu as horas. Eram onze horas da noite.

- Mãe! Onde estás? - perguntou o filho.

- Na cama, como é evidente. E tu? - Agora estava bem acordada e ansiosa por falar com Daniele.

- Eu estou na cozinha. Estou a falar baixinho para os outros não me ouvirem - sussurrou.

- Os teus irmãos ainda estão acordados? - perguntou, preocupada.

- Onde estás? - repetiu o rapaz. - Liguei para casa, mas ninguém responde.

- Estou num hotel. A duzentos metros da casa da avó, que não tem água nem luz. Amanhã de manhã vêm os operários. Mas, como vês, encontraste-me na mesma - explicou Pénelópe. Sentou-se na cama. Estava feliz por falar com ele.

- Mãe, por que te foste embora assim de repente? Por que nos deixaste com o pai? Ele não é de confiança, já sabes - suspirou o rapaz.

- Tenho a certeza de que vai aprender a desenrascar-se bem. Tem paciência e dá-lhe tempo. Eu estou cansada, preciso de descansar e aproveito para dar um jeito à casa da avó, antes do Verão.

- Não percebo nada - disse Daniele, e acrescentou: - Fazes-me uma falta de morte. E não só a mim.

- Meu querido! Nunca recebi uma declaração de amor tão bonita. Eu volto depressa, podem ter a certeza.

Subitamente, ele despediu-se.

- Parece-me que vem aí alguém. Talvez seja o pai - sussurrou. - Telefona-me quando quiseres. Um beijo.

O filho não ouviu estas últimas palavras. já tinha pousado o auscultador. Queria ter-lhe pedido notícias de Luca e de Lucia. Saber como tinha corrido o dia. Por que não teria falado dos irmãos? Teria acontecido alguma coisa? Apagou a luz e virou-se na cama durante muito tempo, inquieta. Aquilo, sabia-o bem, era o preço que tinha de pagar por os ter deixado.

Na manhã seguinte, quando acordou, o seu primeiro pensamento foi ainda para os filhos. Consolou-a a ideia de que Priscilla se teria apresentado pontualmente às oito horas e estaria a arrumar a casa.

Tomou o pequeno-almoço e depois dirigiu-se a casa. Quando chegou encontrou dois operários que tinham demolido um pedaço da parede da cozinha e deixado a descoberto um cano de água que se tinha furado por causa do calcário. Tinham sido avisados na vês~ pera pelo professor Briganti, que agora controlava o andamento das obras.

- Pénelópe, tenho uma notícia extraordinária - começou o vizinho, com uma expressão radiosa. - A Piccarda voltou. Foi ontem, ao fim da tarde. Encontrámo-nos quando eu ia a descer as escadas para acender a luz do jardim. Fez-se desejar, como qualquer velha rapariga que se preze. Mas finalmente voltou.

- Até parece que ganhou a lotaria - comentou um operário, brincalhão.

- Estou muito contente por si - sorriu Pénelópe.

- Olhe, minha senhora, a situação aqui está complicada. Este cano está podre. É preciso substituí-lo - afirmou o homem.

- Se é mesmo indispensável... - suspirou Pénelópe. E acrescentou: - Também há uma fuga de água num dos quartos, no andar de cima.

Agora já tinha percebido que aquele velho edifício não estaria habitável durante alguns dias.

- Nesse caso, é preciso fazer uma inspecção mais profunda - decidiu o canalizador. Ele e o electricista passaram em revista toda a casa, quarto por quarto. Concluíram que era preciso refazer a instalação eléctrica, adequando-a às normas da CEE, e a do aquecimento. Para além disso, era preciso renovar as caixilharias, substituir a caldeira e restaurar as paredes.

O professor Briganti, totalmente ignorante em questões práticas, seguia com interesse aquela conversa sobre deitar abaixo e voltar a fazer, como uma criança que se diverte a descobrir um jogo novo.

- Eu ofereço-me para acompanhar estas obras - propôs a Pénelópe. Era uma ocasião inesperada para quebrar a monotonia dos seus dias.

- Os custos são altos - anunciou o canalizador. - É preciso montar um estaleiro.

- A casa é da minha mãe. Acho que devo falar com ela - respondeu. Mas não tinha vontade de enfrentar Irene depois de ter descoberto a sua última mentira e, sobretudo, decidiu que duas reestruturações, a da sua família e a da casa, as duas ao mesmo tempo, eram realmente demasiado para as suas forças.

- Preparem-me um orçamento das despesas; entretanto, façam as reparações essenciais: água, luz e persianas. Depois avaliamos o resto das obras - concluiu.

Tinha regressado à velha casa da avó Diomira para reflectir, pois sentia realmente necessidade de estar sozinha. A ideia de viver num hotel durante vários dias pareceu-lhe insuportável. Queria dar longos passeios pela praia, ainda deserta naquela época do ano, e olhar para os barcos dos pescadores. Queria trabalhar no jardim e arrancar as ervas dos canteiros. Não queria operários, andaimes nem martelos pneumáticos.

Tocou o telefone no vestíbulo. Era da estação dos Correios.

- É a Signora Pénelópe Donelli? - perguntou a empregada. - Não desligue, por favor. Vou passar ao Sr. Director.

- Olá, Pepe. Chegou agora uma carta para ti, de Milão, em correio urgente. Esperas pelo carteiro ou preferes vir buscá-la agora? - perguntou-lhe o seu amigo Sandro Curi.

- Vou já buscá-la - respondeu. Andrea tinha-lhe escrito e enviara a sua resposta pelo meio mais rápido.

24 de Maio

Querida Pénelópe,

Li a tua carta uma infinidade de vezes. Estou surpreendido e magoado. Nunca esperaria de ti uma pancada assim. Conheço a tua honestidade, por isso sei que escreveste sinceramente aquilo que pensas. Mas, com a mesma sinceridade, devo dizer-te que não sou o monstro que descreves.

Hoje de manhã, quando acordei e não te encontrei, senti-me como uma criança abandonada.

Depois, comecei a reflectir.

Naquele dia comportei-me como um imbecil, insistindo em negar a estúpida história com a Stefama e destruindo o vidro da porta.

Foi sempre o medo de te perder que me fez reagir com violência. Os modelos da família de que provenho devem ter tido o seu peso nisto tudo. Não é uma justificação, é uma explicação.

Depois de ler a tua carta, pensei que tinha enlouquecido. Precisei de várias horas para perceber que só um grande sofrimento te poderia ter empurrado para uma decisão tão drástica.

Proibiste-me de te ir buscar. Recusas-te a falar comigo ao telefone. Em suma, puseste-me de castigo. Espero sinceramente demonstrar-te que posso mudar. Pela primeira vez, creio ter sido sincero com os nossos filhos. Tive de o ser porque aquelas três pestes me fizeram compreender claramente que me consideram responsável pela tua fuga. Posso não lhes dar razão?

Querida Pepe, fiz-te sofrer, mas nunca deixei de te amar. Lembro-me de quando fomos a Verona. Tu estavas grávida da Lucia.

Era janeiro. Estava tanto frio que puseram um aquecedor no nosso quarto de hotel. Eu tinha de entrevistar Patty Pravo, que não compareceu ao encontro, mandando dizer-me pelo seu agente que estava cansada e tinha dores de cabeça. Fui ter contigo ao restaurante, à hora de jantar. Estava muito

aborrecido. Um maa"tre eficientíssimo propôs-nos um "bacalhau em estufado lento sobre cama de polenta". A descrição fascinou-nos. No fim da refeição eclipsaste-te por causa de um telefonema. Depois regressaste à mesa com um ar triunfante.

- O café, vamos tomá-lo no hotel - anunciaste. - Patty Pravo está à tua espera no bar. Entraste como autora de letras no mundo da música ligeira e abandonaste-o rapidamente, mas conservaste algumas amizades. Patty Pravo era uma delas. Naquele momento irritei-me porque tinhas conseguido uma coisa em que eu tinha falhado. Depois, prevaleceu a gratidão. Fiz a minha entrevista e escrevi uma boa peça. Naquele dia, ao fim de um passeio entre a Igreja de Santa Anastasia e a praça Bra, entrámos na loja de um antiquário.

Ofereci-te um pequeno colar do século xix, feito com pérolas e granadas ligadas por uma malha de ouro escuro. Usaste-o até ao momento do parto. Depois nunca mais o vi. O que lhe aconteceu?

Regressámos ao nosso lindíssimo quarto, cheios de frio e felizes. Enfiámo-nos por baixo dos cobertores de lã e, para te aquecer, apertei-te entre os meus braços até que adormeceste. Então levantei-me e afastei a cortina da janela. Vi que estava a nevar. Acordei-te. Ficámos atrás dos vidros, abraçados, a olhar o espectáculo dos flocos brancos que caíam, silenciosos.

A praça, os carros estacionados, os telhados das casas, tudo ia ficando branco. E nós os dois, muito juntos, com o coração a rebentar de felicidade, sussurrávamos um ao outro palavras de amor.

Os problemas, entre nós, começaram depois. Quando nasceu a Lucia, passavas os dias e as noites com ela nos braços. Já não tinhas tempo para mim. Senti-me excluído. Em casa apareciam a toda a hora a tua mãe e as tuas amigas. Passavas horas a conversar com elas e a fazer festas à menina. Comigo falavas a custo.

Passavas mais tempo com a Sofia do que comigo. Sempre soubeste da hostilidade que há entre nós os dois. Ela considera-me vazio, e eu sei que ela é uma presunçosa da pior espécie. Nunca percebi como podes ser amiga daquela palerma, de horizontes e aspirações limitados. Falo da Sofia porque tive a suspeita de que pudesse ter pesado na tua decisão de partir. Depois de tudo, não poderíamos olhar-nos nos olhos, tu e eu, e esclarecer honestamente os nossos problemas? Não, não podíamos. Lembro-me de quantas vezes tentaste ter uma conversa séria comigo, sem nunca teres conseguido, porque eu tinha medo de enfrentar isso.

Só agora me dou conta de como são problemáticos os nossos filhos e sei que tenho as minhas responsabilidades em tudo isto. Ia escrever: "as minhas culpas", mas ainda não consigo. Estou a sofrer mais do que imaginas. Deixaste-me perante um mar de problemas que não sei como enfrentar. Para não falar das questões práticas que para ti, certamente, são banalidades. Pensa no zoo desta casa, por exemplo. Quantas vezes por dia é preciso levar o cão à rua? É mesmo necessário que durma com o Luca? Como é que se prepara a comida dele? O Cip e o Ciop, como é que se trata deles? Achas que a Priscilla sabe alguma coisa disso? E os peixes? Luca disse-me que a fêmea vermelha está grávida e que é preciso preparar no aquário uma rede para isolar os peixinhos, para evitar que os grandes os comam. Isto é o que diz o Luca. Será verdade? E onde é que vou encontrar a rede? Por sorte, é o Daniele quem se ocupa pessoalmente da Igor, aquela cobra nojenta. Depois há os outros problemas todos: o psicólogo e as aulas de flamenco da Lucia, o infantário e as aulas de natação do Luca, a aversão de Daniele em relação à escola. O que devo fazer? Bater-lhes ou fazer-lhes festas? Com a tua mãe já percebi que não posso contar. Em relação à minha, é melhor nem falar. Pepe, meu amor, que ideia foi a tua? Como é que vamos sobreviver sem ti? Sempre soube que eras preciosa. Agora sei como és indispensável. És a mulher da minha vida. Amo-te e estou pronto para tudo, se puder recuperar o teu amor. Dá-me notícias tuas, por favor.

Vou mandar esta carta em correio urgente. Quero que a recebas depressa.

Um beijo.

Andrea

P.S. 1

Esta noite o Luca teve uma crise de asma e tive de o levar à urgência. Agora está bem. O médico de serviço aconselhou-me a falar com um psicólogo, porque a sua perturbação é psicossomática, não fisiológica, e é causada pela relação problemática dos pais. Sabias disso?

P.S. 2

Quem é o Mortimer? Encontrei um maço de cartas dele. Nãoas li.

P.S. 3

Qualquer dia conto-te a história da Gemma. Acho que o facto de ter tentado esquecê-la me fez mal. Indirectamente, prejudicou-te também a ti e aos nossos filhos.

Penclope foi para a praia. Sentou-se na beira de um bote de salvamento e, em frente ao mar plano como uma tábua, leu a carta do marido.

Respirou profundamente aquele ar que cheirava a sal e avaliou as palavras de Andrea, esforçando-se por manter algum distanciamento. Fundamentalmente, não havia nada de novo, incluindo as lembranças dos seus momentos tranquilos. Andrea era assim: passava da ternura à violência com extrema rapidez. Nem sequer era novidade a crise do pequeno Luca. já tinha falado com o psicólogo de Lucia que, indirectamente, seguia também Daniele e Luca.- O pequeno está a fazer chantagem convosco - tinha-lhe explicado o especialista. - Inconscientemente, transmite-vos uma mensagem: uma vez que não estou contente com os meus pais, somatizo este mal-estar tornando a minha respiração difícil. Quando a sua insatisfação cresce, agrava-se também a asma.

Agora o seu inconsciente dizia-lhe: já que a mãe se foi embora, eu vou ficar muito mal para a fazer regressar. Mas desta vez ela não estava lá para sofrer a chantagem. Pénelópe já sabia isso tudo, mas estava ansiosa por causa dele.

As únicas novidades da carta estavam nos outros dois P S.: as referências a Mortimer e a Gemina. Andrea tinha encontrado as cartas de Mortimer. Não as tinha lido, mas queria saber. Três dias antes, isto não teria acontecido. Por muitos indícios que tivesse espalhado, ele nunca tinha dado sinais de se ter apercebido. Quanto a Gemina, a irmã de Andrea morta quando ainda não tinha vinte anos, tinha sempre sido considerada como um assunto tabu. Ela apenas conseguira saber que, quando Andrea tinha quinze anos, a irmã e o pai tinham morrido quase ao mesmo tempo.

O sol tépido secava o areal. Os proprietários das barracas punham cá fora cadeiras, camas e guarda-sóis. Lavavam-nos para lhes tirar a areia e prepará-los para a estação que ia começar dentro de algumas semanas. Com o encerramento das escolas, os primeiros banhistas invadiriam as praias. Entretanto pintavam-se as cabinas, limpavam-se os bares e montavam-se os baloiços para as crianças.

Pénelópe viu o escorrega envernizado de azul no qual, durante o Verão, tinham brincado os seus três filhos. Quanta ternura havia naquelas recordações!

Pareceu-lhe então, enquanto protegia os olhos dos raios de sol, ver o corpinho bronzeado e perfeito do pequeno Luca, o cabelo negro levantado pela brisa, escorregar com os braços levantados

ao longo do percurso sinuoso do escorrega e ouvir os seus gritos agudos e alegres, enquanto ela e Andrea estavam ali, na areia, prontos para o receber nos seus braços.

Nos fins-de-semana que Andrea passava com eles em Cesenatico, não havia tensões e Luca não sofria de asma. Daniele e Lucia, pelo contrário, já tinham os seus problemas. Pénelópe esperava que Luca se salvasse. Porém, poucos meses depois, no Outono, começou ele também a manifestar sinais de sofrimento.

"Dois pais problemáticos só podem prejudicar os seus filhos" pensou. Se Andrea se tivesse decidido a abrir-se com ela, talvez tivesse conseguido contar-lhe a história de Mortimer.

Porém, naquele momento, cada um deles devia elaborar em paz os próprios dramas.

Meteu no bolso dos calções a carta do marido. Pegou nos sapatos de lona e atravessou a praia, descalça.

- Posso entrar no bar? - perguntou Pénelópe ao homem corpulento que estava a tirar a cobertura de plástico do balcão. As mesas ainda estavam empilhadas num canto. As prateleiras estavam vazias. As paredes, pintadas de fresco, libertavam um cheiro forte a verniz.

O homem levantou os olhos para ela e sorriu-lhe com um ar incrédulo.

- Mas tu és a Pénelópe! - exclamou. Devia ter uns cinquenta anos. Tinha os cabelos grisalhos amarrados atrás e a sua face era uma rede de rugas curtidas pelo sol. Dos calções curtos transbordava um ventre robusto de bom comedor.

- Tu és o Robby! O Bobby Solo da Romagna - disse ela, surpreendida. Não se viam há mais de vinte anos.

- E tu és a Romy Schneider de Milão - recordou ele.

- É isso - disse ela e acrescentou, com um sorriso malicioso: - A Romy Schneider com quem tentaste fazer a festa.

- Ainda te lembras? Correu-me mal, contigo. - Saltou-lhe do peito uma gargalhada sonora.

- Não tinhas ido trabalhar para Inglaterra?

- Trabalhei como banheiro na ilha de Jersey. Depois fui barman em Brighton. Sabes, este nosso fascínio fazia um certo efeito naquelas inglesinhas deslavadas. Eu cantava-lhes Una lacrima sul viso e elas caíam do ramo como pêssegos maduros. Casei-me com uma delas. Ganhei algum dinheiro.

Recuperei esta zona da praia e tomo conta da pensão dos meus pais, que estão cansados de trabalhar. Agora tenho três filhos. O último ainda gatinha.

- Eu também tenho três filhos - disse ela.

- Quem diria! Pareces uma rapariguinha. Mas isto parece um velório. O que fazes aqui nesta altura do ano? Anda, eu ofereço-te de beber - convidou.

- Obrigada, mas fica para outra vez. Agora estou com pressa - desculpou-se.

Os anos tinham passado, mas o Bobby Solo da praia não tinha mudado. Tinha voltado a lançar-lhe olhares assassinos que, se estivesse menos angustiada, a teriam feito sorrir.

- Vou apresentar-te a minha mulher. É uma durona, mas foi o que valeu a um garoto como eu.

- Voltaremos a encontrar-nos, Roberto - despediu-se ela. Dirigiu-se a casa. Era quase meio-dia e queria ver em que ponto estavam as obras.

Pensou outra vez em Mortimer, na sua história de amor parada mas não concluída. Uma paixão que ainda não se tinha extinguido. O pai de Pénelópe dizia: "Com a bola parada é que se sabe como acabou um jogo". Nesta história, algumas bolas estavam ainda a rolar, algures.

- Estava mesmo à sua espera - disse o canalizador, parado junto ao portão do jardim.

- Está tudo pronto? - perguntou-lhe.

- Nem por sombras. Venha. Eu já lhe mostro - anunciou, avançando à frente dela para a entrada. - Já lhe tinha dito que é preciso mudar estes canos. Repare bem no estado desta parede. E a caleira também apodreceu - explicou, mostrando-lhe manchas de humidade ao longo de todo o perímetro da cozinha e nas paredes que davam para o exterior. Depois acrescentou: - Ligaram a electricidade e os fios entraram em curto-circuito. Se vem a vistoria, ainda apanha uma multa.

Pénelópe soltou um suspiro resignado.

- Está bem. Faça tudo aquilo que for preciso. Quantas horas vai demorar?

- Vai demorar alguns dias, minha senhora. Eu agora vou almoçar. Volto daqui a uma hora - disse, e afastou-se.

Entrou na carrinha onde o seu assistente o esperava. Pénelópe viu-os partir. Regressou ao vestíbulo, pegou no auscultador do telefone e, instintivamente, marcou o número da sua casa em Milão. Queria falar com Priscilla. Saber notícias dos filhos.

O telefone tocou durante muito tempo. Ninguém atendeu. Pénelópe sabia que, àquela hora, os dois filhos mais velhos estavam na escola, o pequeno no infantário e o marido no jornal. A empregada filipina tinha necessariamente de estar em casa a tratar do almoço. Mas não estava. Marcou de novo o número, com medo de se ter enganado. Nada, outra vez. Ficou preocupada. O seu primeiro impulso foi telefonar ao marido, para o jornal. Obrigou-se a não o fazer, pelo menos naquele momento. O que a preocupava era sobretudo a saúde de Luca. Telefonou para o infantário. Atendeu a irmã Alfonsina.

- O que posso fazer por si, minha querida? - perguntou a directora.

- Ontem à noite o Luca não esteve muito bem. Como se sente agora? - perguntou; com cautela.

- Está ali fora, no jardim. A julgar pelo entusiasmo com que brinca, diria que está óptimo. O seu marido já me tinha avisado.

Esteja sossegada, minha senhora. O pequeno está bem. Mas vai estar ainda melhor no dia em que os seus pais viverem e o fizerem viver de maneira cristã. Jesus Cristo seja louvado.

A freira desligou o telefone e Pénelópe soltou um suspiro de alívio. A ausência de Priscilla, porém, continuava a causar-lhe algumas suspeitas. Devia arranjar uma maneira de ter notícias. Excluiu a sua mãe e o porteiro. Telefonou a Sofia.

- Já sei de tudo - começou a sua amiga do peito. - Disse-me a tua mãe. Estava cheia de curiosidade por saber pormenores, mas não ousei dar sinais de vida. Estás mesmo em Cesenatico?

- Acalma-te, Sofia. É tudo verdade. Estou desesperada, porque não sei o que está a acontecer em minha casa. A Priscilla não atende o telefone. Não te importas de ir ver como é que estão as coisas? - Sabia que lhe estava a oferecer um petisco.

- Não desligues o telemóvel. Logo que possa telefono-te. Quanto a ti, tomaste a decisão certa. A Donata já sabe? - perguntou, não conseguindo aguentar a curiosidade.

- Não. Nem precisa de saber. Fico à espera do teu telefonema - cortou Pénelópe.

Confiava em Sofia como em si própria. A sua amiga tinha uma capacidade rara de enfrentar com sentido prático qualquer situação, mesmo a mais difícil. Só perdia alguma noção da realidade quando entrava em jogo o seu marido, o professor Varini, um indivíduo pálido que ela tinha mitificado e que agora, tendo-a deixado por causa de uma jovem aluna, denegria, chamando-lhe "verme".

Regressou à porta da entrada e sentou-se no primeiro degrau. Olhou para o portão de ferro. O verniz castanho que o recobria estava descascado e quase completamente devorado pela ferrugem. Observando-o, recordou uma manhã de Agosto quando, ao levantar a persiana do seu quarto, viu ondear uma série de balões onde estava escrita a frase: PEPE, QUERES CASAR COMIGO?

Mortimer havia de chegar muitos anos mais tarde. A partida com os dois homens da sua vida ainda não estava concluída.

ANDRÉA DORMIA PROFUNDAMENTE.,.

Andrea dormia profundamente. Acordou ao sentir uma impressão na planta dos pés, ao mesmo tempo que duas patas enormes caíram sobre os seus ombros e uma língua lhe lambeu a cara.

- Mas o que vem a ser isto? - perguntou, com uma voz ensonada. No quarto entrava uma tira de luz que provinha do corredor. Luca puxava-o pelos pés e Sansone respirava em cima dele. - O que é que querem, vocês os dois?

- Pai, são sete horas. Tens de levar o Sansone à rua. E depois é preciso preparar o pequeno-almoço e eu tenho de ir para a escola - disse Luca de um fôlego. Andrea esteve quase a protestar, sugerindo ao pequeno que fosse ter com a mãe. Mas Pénelópe não estava lá. - Tu acordas sempre a esta hora? - perguntou. Entretanto levantou-se e, continuando a rosnar, foi à casa de banho lavar-se. Luca e o cão foram atrás dele.

Era delicioso, aquele menino de pijama azul-celeste, com os pés descalços, sempre com uma mão agarrada ao pêlo espesso e branco do seu cão.

- Hoje é segunda-feira. A Priscilla não vem? - perguntou Andrea, enquanto enfiava uns jeans.

- A Priscilla só chega às oito. A essa hora o Daniele e a Lucia já saíram para a escola - informou.

- E tu, a que horas tens de estar no infantário?

- Às nove. À entrada temos de escolher o menu do almoço. Pode-se escolher risotto ou massa, de entrada, e depois carne assada ou costeleta, salada ou batatinhas. Eu quero sempre massa, costeleta e batatinhas. - Enquanto falava, tinha já enfiado a coleira no pescoço de Sansone.

- Muito obrigado pelas informações - sorriu Andrea, despenteando-lhe os cabelos. - A partir deste momento nomeio-te meu ajudante. Eu levo o cão à rua, tu tratas de lhe dar de comer e depois vais acordar os teus irmãos - acrescentou, enquanto tentava inutilmente abrir a porta da entrada.

- Precisas das chaves, que estão naquela taça - sugeriu Luca. - Muito obrigado - respondeu Andrea. - O que seria de mim sem ti?

Regressou um quarto de hora depois. Sansone desapareceu na cozinha. Daniele batia à porta da casa de banho, a barafustar com a irmã.

- Estás um minuto e meio atrasada. Despacha-te. Hoje temos de nos arranjar com aquele trengo do nosso pai e desconfio que vamos chegar tarde à escola.

Lucia abriu a porta da casa de banho e, enquanto regressava ao seu quarto, berrou: - A ti adianta-te muito, chegar à escola a horas. Andrea fez de conta que não ouviu aquele bate-papo, nem a apreciação sobre a sua pessoa. Luca estava agachado junto à porta exterior da cozinha e controlava a refeição do cão.

- E tu, por que é que ainda não te vestiste? - perguntou-lhe o pai.

- Se eu sou o teu ajudante, tenho de te dizer o que comemos ao pequeno-almoço. E depois é a mãe quem me veste todos os dias - explicou tranquilamente.

Andrea esforçava-se por parecer desenvolto, mas não sabia por onde começar. Para além do mais, tinha dormido mal e acordado três horas mais cedo do que o costume.

- Tudo bem, hoje vais-me ensinar a escolher a tua roupa - disse, com ênfase. E acrescentou: - Agora diz-me lá o que comem ao pequeno-almoço. Sansone lambia a sua taça, já vazia, empurrando-a pelo chão em todas as direcções. Luca estava decidido a mostrar toda a sua competência como colaborador.

- Vou começar por mim. Eu tomo chá com leite e torradas com compota. A Lucia bebe um batido de fruta em que a mãe deita uma colher de mel. Tem de ser às escondidas, se não a Lucia já não o bebe porque diz que o açúcar faz engordar. Para o Daniele não há problema. Pões-lhe na mesa o pacote do leite, a caixa dos flocos de aveia e o açucareiro. Ele prepara tudo sozinho. E tu, o que é que tomas?

- Para mim preparo um café - rosnou, enquanto fazia o melhor que podia para pôr a mesa.

- A mãe come fruta e iogurte. O café toma depois - informou. E acrescentou: - Estou muito chateado com a mãe.

Lucia entrou naquele momento e Andrea soltou um suspiro de alívio porque não sabia como havia de responder ao comentário de Luca.

- O meu batido está pronto? - perguntou, sentando-se à mesa.

Andrea lavava uns morangos, depois de ter descascado uma pêra e uma maçã. A água para o chá estava a aquecer no fogão.

- Despacha-te, porque só tenho três minutos para sair - disse.

Andrea olhou para ela. Era uma rapariga fantástica, quase da sua altura, esguia como uma cana. Na face tinha misturados os melhores traços do pai e da mãe: maçãs do rosto altas, nariz pequeno e levemente arrebitado, lábios grandes e carnudos, olhos fundos e claros. Os cabelos muito negros, compridos e ondulados, estavam apanhados numa grande trança enrolada na nuca. A maquilhagem apenas poderia estragar tanta perfeição. De facto, Lucia não se pintava. Vestia com uma simplicidade estudada: saias compridas e flutuantes, grandes camisas de seda cuidadosamente passadas a ferro e sapatos baixos. Apenas usava sapatos de tacão para dançar o flamenco. Perfumava-se abundantemente, como a sua avó Irene. Quando saíam juntas, avó e neta, pareciam mãe e filha. Tinha muitos pretendentes. Também tinha um namorado: Roberto Tradati. Tinha vinte anos e frequentava o primeiro ano de engenharia. Tomava amorosamente conta dela e recorria a mil expedientes para a fazer alimentar-se melhor.

- Olha que não estou a gostar nada do teu tom de voz. E sabes que mais? Se queres o teu batido, prepara-o tu - replicou o pai, exasperado com todas aquelas incumbências que lhe tinham caído em cima, apanhando-o desprevenido.

- Eu preciso de ir para a escola e tenho os minutos contados. A mãe já sabe disso - respondeu Lucia, em tom de provocação.

- A mãe habituou-te pior do que o razoável. Eu não tenciono continuar nesse caminho - anunciou Andrea, de rajada, enquanto deitava a água no bule.

- E tu é que criticas a mãe? - retorquiu a rapariga.

- Já chega! Por mim, até podes sair com o estômago vazio. É uma coisa que me deixa completamente indiferente. Anuncio-te oficialmente que, a partir de hoje, se quiseres comer, preparas a comida sozinha. Já tens idade para isso.

Luca pôs as mãos nas ancas e olhou para o pai com ar de aprovação. - Muito bem! - exclamou, satisfeito, dirigindo-se à irmã. - Estou pura e simplesmente escandalizada com a tua mudança. Até ontem eu era a tua menina adorada e hoje de manhã, só por causa de um batido de fruta, vens-me com uma agressividade que eu não te conhecia. A tua mulher habituou-te pior do que a mim. Vais aprender à tua custa o que significa governar uma família - sentenciou, com voz estridente. Pegou numa maçã e saiu, batendo com a porta da cozinha.

Andrea seguiu-a, furioso, até ao corredor.

- Não te permito que batas com as portas - gritou.

- Porquê? Tu fazes sempre isso - replicou com um sorriso pérfido, enfiando nos ombros a mochila cheia de livros.

Naquele momento apareceu Daniele.

Andrea olhou para ele como se o estivesse a ver pela primeira vez. Era o oposto de Lucia. A sua cara era idêntica à da mãe e do avô Mimì: muito mediterrânica. Com quinze anos ainda não tinha crescido completamente, mas as premissas não eram de encorajar. Tinha uma clara tendência para engordar. Pénelópe consolava-se pensando que isso também lhe tinha acontecido a ela quando tinha a sua idade. Era um péssimo aluno, como ela tinha sido na sua adolescência. Era frágil e inseguro. Ela tinha reagido entrando em conflito com a mãe, ele reagia molhando a cama, cultivando uma ternura exagerada pela cobra Igor e enchendo a cara de anéis. Usava roupa própria para ir para o lixo e só se lavava quando Pénelópe o enfiava à força debaixo do chuveiro.

Naquela manhã Daniele apresentou-se com a cara lavada. A campainha no lobo de uma orelha, a cruz celta no outro, o anel enfiado no lábio e as bolinhas espetadas numa sobrancelha tinham desaparecido.

- Estás bem? - perguntou Andrea, preocupado.

- Estou péssimo. Hoje tenho dois testes e não estou preparado - confessou. Sentou-se à mesa, onde Luca espalhava compota sobre uma fatia de pão torrado. Deitou leite frio na sua tigela e deixou-lhe cair os flocos de aveia em chuva, enquanto o irmão lhe estendia o açucareiro. - Açúcar, não - disse. - Faz engordar e nunca serviu para aumentar as minhas capacidades cerebrais.

Andrea tinha resolvido preparar o seu café. Estava de costas voltadas para os filhos e ouvia-os falar.

- O que são as capacidades cerebrais? - perguntou o irmão mais pequeno.

- São uma rodinhas que a gente tem no cérebro. Quando giram da maneira certa, fica-se menos bronco - explicou, com seriedade.

- Mas nunca se deixa de ser um bocadinho bronco, pois não? - quis saber Luca.

- Querendo, sim. Pode não se ser nem um bocadinho bronco. A partir de hoje vou renunciar ao piercing e ao açúcar.

- Eu gostava dos teus brincos. Dás-mos? - perguntou Luca. - Não. Guardo-os como recordação.

- És mesmo bronco - concluiu o pequeno.

Andrea virou-se de repente e fulminou-os com um olhar.

- Querem parar com essa linguagem? Por hoje já chega de palavras feias.

Tinha falado com voz grossa, mas estava contente com a cara lavada de Daniele. Acompanhou-o à porta.

- Pai, se tiro nega nestes dois testes, lixo a minha passagem - anunciou.

- Já disse que não quero mais palavras feias - ameaçou Andrea.

- Não sabia que nega era uma palavra feia - brincou o rapaz. - Não sei mesmo como é que a vossa mãe conseguiu suportar-vos durante tanto tempo - concluiu Andrea, abrindo-lhe a porta. Depois, pensou que os filhos são o produto da família de que provêm e percebeu que tinha a sua dose de responsabilidade. Regressou à cozinha. Luca bebia tranquilamente o seu chá.

- Vai vestir-te - ordenou.

- Temos tempo. Toma o teu café - aconselhou a criança.

- já são oito horas. Por que será que a Priscilla não aparece? - perguntou-lhe.

- Se calhar zangou-se com o Muhamed - comunicou o miúdo com ar seráfico.

- Quem é o Muhamed?

- É o namorado dela. Ele bate-lhe porque tem ciúmes. Ela vem mostrar as marcas à mãe e chora. A mãe telefona ao Muhamed e ameaça denuncia.-lo. O Muhamed diz-lhe para se meter na vida dela porque se não é ele que vem a nossa casa e bate-nos a todos. Então a Priscilla ainda fica mais desesperada e... - já chega. Não quero saber de mais nada. Pelo menos esta manhã - advertiu. A sua capacidade para aguentar aquilo tudo já tinha sido submetida a uma dura prova. Naquele momento, tocou o telefone.

- Eu atendo - disse Luca, correndo até à sala de estar. Andrea bebia o café com um ar triste. Continuava a remexer nos seus próprios erros e esperava que a carta que tinha escrito a Pénelópe pudesse restabelecer um contacto com ela.

- A Priscilla está no hospital - anunciou o pequeno, aparecendo à porta da cozinha. - Hoje não vem trabalhar porque o Muhamed lhe partiu as costelas.

Andrea demorou a assimilar a notícia. Priscilla era a garantia de uma casa onde se pudesse viver. Sem ela seria um desastre. Só com as suas forças não ia conseguir conciliar as exigências dos filhos, o arranjo da casa e as necessidades do seu trabalho.

- E agora, o que é que vamos fazer? - perguntou, perdido, olhando para o seu filho como se dele lhe pudesse chegar uma solução maravilhosa.

Luca encolheu os ombros, abrindo os pequenos braços com ar desconsolado. Depois iluminou-se-lhe o rosto;

- Se calhar podias telefonar à mãe.

Andrea inclinou-se, pegou no filho ao colo e apertou-o bem contra si.

Sofia tinha acabado de chegar do ginásio quando recebeu o pedido de ajuda de Pénelópe. Tinha passado algumas horas no Clube Conti. Frequentava-o metodicamente, em dias alternados, com Donata, Pénelópe e a mãe de Pénelópe, que parecia ter a idade delas. Segundo uma definição de Donata, o ginásio juntava o útil ao agradável, no sentido em que aqueles exercícios massacrantes alternavam com rios de conversas. Depois relaxavam debaixo do chuveiro, na sauna ou na piscina.

Pénelópe era a menos assídua do quarteto. Quando não aparecia, nenhuma das outras se preocupava. Mas Sofia preocupou-se quando não viu Donata.

- O que lhe terá acontecido? - perguntou a Irene, que tinha chegado primeiro e fazia já o aquecimento na bicicleta.

- Não sei, nem quero saber. já tenho os meus problemas com a Pénelópe - disse.

- O eterno conflito mãe-filha? - perguntou Sofia, digitando no computador a velocidade da bicicleta.

- Tratou-me com duas pedras na mão depois de ter largado casa, marido e filhos - disparou a notícia enquanto abrandava a pedalada.

Sofia ficou petrificada.

- Desculpa, não te importas de repetir?

- Percebeste perfeitamente. Queres que acredite que não sabes de nada?

- Juro-te que não. Estava convencida de que a ia encontrar aqui hoje de manhã. Irene parou de pedalar e olhou consternada para a amiga da sua filha.

- Se não falou contigo, é porque a situação é muito mais grave do que eu pensava.

- Vamos esperar antes de fazer um drama. Há anos que a Pepe ameaça deixar o Andrea. Desta vez deve ter querido assustá-lo a sério - observou.

- Que o meu genro é um marido e um pai desastrosos, não há dúvida. Fico contente que a Pepe tenha querido assustá-lo. Mas tudo tem regras. A minha amiga Idina, quando cortou com o marido, encheu duas malas com as coisas dele. Como é evidente, arrancou os botões de ouro do smoking e ficou com eles. Depois mandou mudar a fechadura da porta e, finalmente, despachou as malas para casa da amante dele. Quando o Giulio regressou, ela já estava num cruzeiro com as filhas. Agiu segundo as regras. Cortas com o traidor e comunicas com ele através do advogado. Aquela estúpida, pelo contrário, foi-se embora e deixou-lhe os filhos, que são a única arma de chantagem de uma mulher traída. Percebes o que quero dizer? - considerou Irene.

Sofia pensou na sua própria situação conjugal. Ela também não tinha seguido as regras. Aquele "verme" do Varim tinha-a abandonado para se meter com uma aluna de vinte anos e ela continuava a recebê-lo a ele e à jovem amante, na esperança de o reconquistar. Por isso, disse: - Cada um actua segundo o seu instinto. Se lhe deixou os filhos, quer dizer que lhe quer dar uma lição e provavelmente

espera que ele lhe suplique que volte. A menos que... - Não acabou a frase porque a dúvida que a assaltou lhe pareceu absurda.

- A menos que a Pepe tenha um amante. E isto explicava tudo. Mas uma mulher que tem um amante não se vai esconder naquele barracão de Cesenatico - considerou Irene.

- Pepe não tem amantes. E se te referes àquela velha história com o Mortimer, garanto-te que ela sofreu muito mas que, no fim, prevaleceu o amor pelo Andrea.

- Então não me resta senão concluir com a amarga constatação do costume: a Pepe é imatura e nunca vai crescer - concluiu Irene secamente, continuando a pedalar.

- O teu marido o que diz? - perguntou Sofia pouco depois. - Esse também é uma bela peça. Como bom siciliano, nunca se contradiz. Cala-se. Cala-se sempre. Foi o tormento da minha vida inteira. A Pepe saiu a ele e à minha mãe. São pessoas com as quais é melhor a gente não se meter - desabafou.

- És injusta para com o Mimì. Eu conheço-o desde pequenina e sempre o considerei um homem delicioso - objectou Sofia.

- Bem, se é isso que pensas, ofereço-to. Passei trinta e nove anos com ele. Há trinta anos que tenciono deixá-lo, sem arranjar coragem para o fazer. Não se pode passar a vida com um homem acomodado, horrivelmente compreensivo, eternamente terno, que não te dá nem um pretexto para discutir - continuou a desabafar. - Eu gostava de ter tido um pai como o Mimì - confessou Sofia.

- Dizes bem. Mas acontece que é meu marido, apesar de parecer meu avô - disse, com raiva.

Sofia deixou a bicicleta e pôs-se à frente de Irene, pousando as mãos nos manípulos.

- O que se passa contigo? Nunca te vi tão transtornada - constatou.

Aos cinquenta e oito anos, a mãe de Pénelópe era ainda muito bela e conseguia manter-se jovem recorrendo a pequenos expedientes. Sofia sabia que Irene frequentava assiduamente o consultório do doutor Bottari, porque também ela recorria a ele para renovar com ácido glicólico o brilho da pele do rosto. Irene apanhava injecções de ácido ialurónico para atenuar as rugas e tinha candidamente contado que eliminara as olheiras com uma intervenção de blefaroplastia. Mantinha a sua linha com dietas massacrantes e manhãs inteiras de ginásio. Usava mini-saias vertiginosas sem parecer vulgar, porque tinha o corpo de uma adolescente. Mais uma vez Irene deixou de pedalar e olhou-a com os olhos brilhantes de choro.

- Estamos a falar de Pénelópe, ou há outros problemas? - insistiu Sofia.

A mulher escorregou do selim e dirigiu-se aos vestiários. Sofia foi atrás dela, decidida a aprofundar a questão.

- Vais tu tratar dos teus netos? - perguntou-lhe.

- Deixa-me em paz - ordenou, começando a despir-se.

- Como é que pensas que o teu genro se vai arranjar sozinho? - insistiu.

- Sofia, mete-te na tua vida - replicou Irene com uma voz áspera.

Sofia regressou ao ginásio. Não se ia meter na sua vida nem que lhe amarrassem uma corda ao pescoço. Mas nada, nem sequer a deserção de Donata, a impediria de continuar com os exercícios do seu programa.

Depois chegou a casa no momento em que o telefone estava a tocar. Era Pénelópe a pedir ajuda.

No plano organizativo, Sofia era fantástica. Uma vez que da casa Donelli ninguém atendia, procurou Andrea no jornal.

- A tua mulher ligou-me - começou e, indo direita ao assunto, acrescentou: - Quer saber onde está a Priscilla.

- No hospital. Como o Luca me disse, o egípcio partiu-lhe umas costelas - explicou.

- Assim os teus filhos ficaram de uma só vez sem a mãe e sem a empregada. Desculpa, Andrea, não quero pôr o dedo na ferida. Só quero saber se posso ser útil - disse Sofia.

- Não sei. Estou agora a sair do gabinete do director. Pedi-lhe uns dias de férias para poder tratar da casa e dos miúdos.

- Muito bem. Eu trato da Priscilla. Em que hospital foi internada? - quis saber.

- Não faço ideia. Dou-te o número de casa dela. Vê o que podes fazer por aquela cretina - disse, com ar desconsolado.

Sofia estava finalmente no seu elemento. Fazer alguma coisa pelos outros fazia-a sentir-se bem. Primeiro tinha de informar Pénelópe e tranquilizá-la, depois iria no encalço da filipina.

Enquanto procurava na agenda o número do telemóvel da amiga, o telefone voltou a tocar. Era Donata. Tinha a voz quebrada pelos soluços.

- Preciso mesmo de falar com a Pepe, mas não consigo encontrá-la - anunciou.

- Podes sempre falar comigo. O que te aconteceu? - perguntou com apreensão.

- Sofia, contigo não falo. Quero a Pepe, pelo menos para já.

- Pior para ti. A Pepe está em Cesenatico. Vai lá ficar algum tempo, porque se zangou com o Andrea - explicou. Ter-se-ia alongado em pormenores se não estivesse ansiosa por saber o motivo do choro de Donata.

- Também ela! - deixou escapar.

- Não me digas que também andas pegada com o Giovanni. Deus do céu, tu, a Pepe e eu somos mesmo um trio desastroso - comentou, quase com alegria. E acrescentou: - Giovanni foi sempre um homem irrepreensível. Nós sempre to invejámos. O que foi que ele te fez?

- Deixa lá, Sofia. Vou tentar telefonar para Cesenatico - concluiu a amiga astróloga, e desligou.

Andrea já tinha deixado indicações aos seus redactores e estava a sair do jornal quando foi abordado pelo director.

- Vou tomar café. Fazes-me companhia? - propôs-lhe Ettore Moscati.

Tinha pressa de regressar a casa, mas não pôde recusar. Entraramjuntos no elevador. Desceram em silêncio até ao rés-do-chão e saíram para a rua. Andrea nunca ousava recusar os convites do homem que, segundo ele, era o artífice do seu destino profissional. Esta aquiescência tinha-lhe custado mais do que uma vez a censura de Pénelópe.

Se Moscati dizia: - Amanhã de manhã vamos apanhar cogumelos? - Andrea respondia: - A que horas te vou buscar? - Eram madrugadas difíceis para ele, que gostava de dormir, enquanto Moscati, que sofria de insónias, estava pronto às quatro da manhã.

- Por que é que não lhe engraxas os sapatos e lhe beijas os pés? - provocava-o a mulher, irónica.

Às vezes, depois do fecho do jornal, o director dizia: - Vamos dar um salto ao casino de Campione? - Andrea só tinha vontade de ir dormir, mas replicava: - Estava mesmo a pensar propor-te isso.

Na roleta, Moscati ganhava e Andrea perdia. Regressava a casa às seis da manhã, deprimido e sem dinheiro. Dormia quatro horas e voltava para o trabalho, destruído, mas com um sorriso nos lábios.

- Só sabes dar graxa - comentava Pénelópe, sem uma ponta de piedade.

- Moscati é um amigo - justificava-se.

- E a tua família o que é? Uma inimiga? Tenta perguntar-te se serias capaz de fazer a mesma coisa pelos teus filhos - martelava ela.

- Por ti fiz muito mais. Devias lembrar-te, se não tivesses fraca memória. - recriminava.

- Nessa altura tinhas vinte e dois anos. Agora tens quarenta e dois. Entre nós havia uma história de amor. Com ele há só servilismo.

- És uma cretina! Eu devo tudo ao Moscati. Foi ele quem me fez chegar onde cheguei. Sempre confiou em mim.

- E tu deste-lhe o teu profissionalismo. Como é que consegues ter uma consideração tão miserável por ti próprio?

Falava sem dó nem piedade.

- Acho-te muito em baixo - começou o director enquanto despejava um pacotinho de adoçante no seu café.

- A Pepe deixou-me - confessou.

- E tens pena? Eu estou em guerra com a minha mulher há dez anos para conseguir separar-me - objectou.

- Depende da maneira como se está com a mulher que se tem. Eu estou muito bem com a Pénelópe.

- Mas dás umas voltas com as outras. O que foi que armaste com a Stefania?

- Nada de sério. Eu amo a minha mulher. - Precisas de um advogado?

- Não penso nisso, nem por sombras. Só quero que ela volte para mim e para os nossos filhos - afirmou, decidido.

- Com que então ficaste com eles às costas... Isso quer dizer que volta. Dá-lhe tempo e tira as férias de que precisares - concluiu o director, dando-lhe uma palmada nas costas. Aquela frase de Moscati: "Isso quer dizer que volta" fez-lhe boa companhia no caminho para casa. Era a primeira mensagem positiva das últimas vinte e quatro horas. Depois, perante a confusão do apartamento, voltou a desanimar. Mais do que tudo, incomodou-o a porta sem vidro da sala de estar, porque lhe recordava a última discussão com Pénelópe. Procurou na lista o número do vidraceiro, chamou-o e pediu-lhe para arranjar aquilo o mais depressa possível. Se Pénelópe voltasse, ele nunca mais havia de

partir nada. "Juro!" prometeu a si mesmo, enquanto se perguntava por onde devia começar para tornar a casa habitável. Atacou a arrumação da cozinha, começando pela gaiola dos papagaios. Sansone tinha-se encolhido num canto e olhava-o de modo indecifrável. Achou que talvez lhe estivesse grato por não o ter deixado sozinho durante muito tempo. Teve um assomo de ternura e esticou uma mão para o acariciar. O cão rosnou.

- Já percebi. Nada de confianças - sorriu Andrea, e estendeu-lhe um pedaço de biscoito. O cão cheirou-o e depois agarrou-o delicadamente com os dentes.

Ao fim de meia hora de trabalho pareceu-lhe que a cozinha tinha adquirido um aspecto aceitável.

- E agora, o que é que eu faço? - perguntou, olhando para o cão. - Ah, tenho de preparar o almoço para o Daniele e para a Lucia. Eles não comem na escola como o Luca. - Abriu o frigorífico à procura de inspiração. Lembrou-se de que em tempos tinha gostado de cozinhar. Tinha mesmo sido ele a ensinar à mulher alguns pratos rápidos e delicados: a salada "bem salgada, com pouco vinagre mas com bastante azeite", o peixe-espada grelhado com orégãos, salsa e um borrifo de limão, a massa "à Donelli", com tomate fresco em cubos, folhas de manjericão picadas e azeite aromático.

- Temos aqui os ingredientes. Por isso, vamos tratar do assunto - disse em voz alta, para ganhar coragem.

A campainha da porta tocou. Foi abrir e encontrou Sofia e Priscilla à sua frente. A filipina tinha um olho negro.

- Fui buscá-la à urgência. Felizmente, não tem nenhuma costela partida - explicou, empurrando para a entrada a jovem, que olhava para o chão, como se tivesse vergonha de ter sido agredida.

- Durante alguns dias, pelo menos até estar apresentável, não a deixes sair. E agora desculpa, mas tenho de ir embora depressa. Tenho lá o professor e a sua amiguinha para o almoço.

Priscilla dirigiu-se à casa de banho de serviço para se mudar. A empregada filipina estava em casa deles desde o nascimento do pequeno Luca. Foi Sofia quem a descobriu e sugeriu a Pénelópe que a contratasse: - Não podes continuar a viver nestas condições. Tens absoluta necessidade de ajuda. Priscilla tinha aparecido como o coelho que sai da cartola de um prestidigitador. Tinha vinte e cinco anos, um passado de dificuldades económicas e familiares e um marido que, depois de a ter engravidado, tinha fugido para o Japão com uma enfermeira inglesa. Tinha vivido nas filipinas com mais

nove irmãos e os pais numa barraca onde esgaravatavam as galinhas. Teve, do marido, uma menina que sofria do coração e precisava de dinheiro para a tratar. Por isso partiu, como clandestina, desembarcou em Amesterdão e dali chegou a Itália, onde encontrou uma tia que a pôs a trabalhar em casa de uma senhora de idade. A tia queria metade do ordenado por lhe ter arranjado trabalho. A senhora morreu ao fim de dois meses e ela foi trabalhar para casa de uma outra senhora, rica, que para a castigar pelos seus erros a fechava na varanda, no exterior, em pleno mês de janeiro. Nessa altura, pediu ajuda a umas freiras. Fora então que Sofia a descobriu.

A lista das complicações que Priscilla arranjava na casa dos Donelli era inesgotável. Mas era simpática, optimista e relativamente fiável. Pénelópe gostava dela. Com muita paciência da sua parte e muita boa vontade da parte da filipina, tinham instaurado uma convivência aceitável. Até aparecer Muhamed, o egípcio, que trabalhava num night club e queria convertê-la à religião muçulmana e mandá-la para o Egipto tomar conta dos seus velhos pais. Priscilla recusou-se a satisfazer as suas exigências. Periodicamente, ele acusava-a de ter amantes e batia-lhe. Ela chorava, mas tinha orgulho em ter um homem ciumento. Pénelópe censurava-a por aquela submissão e explicava-lhe a importância da dignidade. Priscilla dizia: - Sim, tem razão, minha senhora. - E depois espicaçava-a: - Mas parece-me que o senhor Donelli é um bocado como o Muhamed. Berra e parte tudo. Depois traz-lhe uma prenda e a senhora sorri.

Pénelópe ficava furiosa. - Ele nunca levantou um dedo para me agredir - sublinhava.

- Mas engana-a. O Muhamed não. Portanto, estamos quites - concluía com o seu eterno sorriso.

Agora Andrea olhou-a enquanto ela se afastava. Era pequena e redonda como um novelo de lã. Sempre a tinha rejeitado, considerando-a uma cretina. Mas naquele momento abençoou Sofia, que lha tinha trazido de volta.

- Eu preparo o almoço. Tu vais limpar as casas de banho e os quartos - ordenou, quando ela reapareceu com a bata cor-de-rosa. - Está bem. Mas digo-lhe já que tem de fazer compras e ir buscar o Luca ao infantário. À uma hora tem de levar o Sansone à rua. Do resto trato eu.

- Muito bem, minha senhora - disse Andrea, com um meio sorriso.

- A Signora Pénelópe fugiu, não foi? - perguntou ela com um ar divertido.

- Mete-te na tua vida. E trabalha - respondeu, aborrecido. Andrea continuou a preparar o almoço. Àquela hora, tinha a certeza, Pénelópe já tinha recebido a sua carta e já a tinha lido. Esperou que lhe telefonasse. Poder falar com ela seria um alívio. O telefone tocou naquele momento. Afastou Priscilla, que corria para atender.

- Deixa, eu atendo - disse, enquanto levantava o auscultador. E uma vez que a empregada continuava ao seu lado, curiosa, mandou-a embora com um gesto.

- É o senhor Andrea Donelli? - perguntou uma voz de homem.

- Sou eu. Quem fala? - perguntou, alarmado.

- Qual é o seu grau de parentesco com a D. Maria Guidi? - É a minha mãe - respondeu, empalidecendo.

- Estou a falar-lhe do hospital. A sua mãe tem um braço fracturado e está muito confusa. Encontrámos o seu endereço escrito num papel que tinha dentro da carteira. Caminhava pelo meio da rua e foi atropelada por um carro - explicou o homem.

- Vou já para aí - disse Andrea. E pensou que se a mulher ali estivesse nada daquilo teria acontecido.

Por mais do que uma vez, ao longo da sua vida, Andrea tinha desejado a morte de algumas pessoas que lhe complicavam a existência. O seu desejo tinha-lhe sido sempre concedido. Quando era pequeno rezou para que o pai morresse. Nos momentos de desespero gritava-lhe isso na cara: - Quero ver-te morto. - Não precisou de esperar muito tempo. Depois esperou que a morte colhesse Gemina. Também ela tinha partido rapidamente. Em seguida desejou um fim lento e doloroso à professora Cazzaniga. Também este desejo se realizou pontualmente. Então assustou-se. Apesar de a razão lhe dizer que os seus maus pensamentos não tinham a mínima influência sobre o destino dos outros, a sua consciência censurava-os como se fossem pecados terríveis.

Agora, em frente da mãe, que estava reduzida a um monte de ossos, instalada naquela cama branquíssima de hospital, pensou que, se ela tinha de morrer, era melhor que se apagasse de repente, sem sofrer. Mas rejeitou imediatamente este pensamento, sussurrando: - Meu bom Deus, se realmente existes, lê no meu coração e não ligues aos meus medos.

Andrea amava a mãe e olhou-a ternamente. Numa das mãos tinham-lhe enfiado a agulha do soro. Acariciou-lhe delicadamente a face e os cabelos, procurando naqueles traços consumidos a imagem da mulher que o tinha dado à luz na flor da idade. Tinha sido uma mulher forte, uma trabalhadora incansável, uma mãe distraída e solicita ao mesmo tempo, uma mulher ferozmente enamorada do seu marido. Para poder mantê-lo a estudar e assegurar-lhe um futuro melhor do que o seu, Maria Donelli tinha igualmente suportado as humilhações da professora Cazzaniga, que trabalhava na escola em que ela era contínua. No apartamento de duas assoalhadas, para onde foram viver quando ficaram sós, a sua mãe trabalhava também de noite: mudava colarinhos de camisas, fazia bainhas de calças, alargava ou apertava saias e vestidos para compor o salário e permitir a Andrea estudar e fazer carreira. Tinha ainda um outro filho, Giacomo, dez anos mais velho do que ele. Vivia em Roma, onde se tinha casado com uma rapariga rica, e não voltara a ver a mãe desde o dia dos funerais do pai e da irmã. Andrea tinha ido ter com ele algumas vezes. Também lhe tinha apresentado Pénelópe. Giacomo era sempre simpático e muito formal, mas insistia em sublinhar que preferia não ter mais contactos com a família. A mãe sofria com isso. Aquele filho ausente tinha-lhe ficado no coração. Abriu os olhos e viu Andrea.

- És o Giacomo, não és? - perguntou, hesitante. - Sou o Andrea - respondeu.

- E eu, onde estou?

- No hospital. Partiste um braço e tiveram de te engessar - explicou.

- A sério? Não me lembro - sussurrou. Tinham-lhe dado sedativos. Voltou a adormecer.

Andrea deixou a sua cabeceira, saiu para o corredor e telefonou para Roma, para o seu irmão.

- A nossa mãe está doente. Queres vir vê-la? - disse-lhe. - Estou muito ocupado. E depois, o que é que ia adiantar? - Perguntou por ti - sublinhou.

- De qualquer maneira, por aquilo de que ela se apercebe, tanto lhe faz que eu esteja como não - desculpou-se.

- Giacomo, é a tua mãe - insistiu Andrea. - Está numa cama de hospital e corre o risco de não recuperar.

- Na verdade, é mais tua mãe do que minha. Por mim nunca fez nada - replicou com um tom agressivo.

- Resolve lá isso com a tua consciência. Eu avisei-te - respondeu com a mesma agressividade, e desligou a chamada.

Lançou o olhar para o quarto de quatro camas. Maria ocupava a do fundo, próxima da janela. Não se mexia, não se lamentava, não pedia nada. E no entanto, ele sabia, o seu coração gritava a necessidade de ternura, sobretudo da parte daquele filho que não via há tantos anos.

Tinha falado com o médico. A fractura do braço era pequena e deveria conservar o gesso durante um mês. Mas o hospital só a poderia manter durante dois dias. - O problema da sua mãe é a demência senil - disse o médico. E tinha acrescentado: - Deve ser internada numa estrutura idónea. Há muitas clínicas para doentes deste género. Aconselho-o a informar-se junto de uma assistente social, que lhe fornecerá uma lista de endereços.

Andrea tinha dito: - Está bem, muito obrigado. - Mas não podia aceitar a ideia de internar Maria num lar de terceira idade. Se Pénelópe ali estivesse, saberia o que fazer. Mas agora tinha de resolver o problema sozinho. A única solução que lhe vinha à ideia era a de uma clinica privada. Mas isso representaria um custo excessivo e não queria de forma nenhuma mexer na conta da sua mulher. O telemóvel tocou. Era Lucia. - Pai, acabei de chegar da escola. Obrigada por nos teres preparado o almoço. Já soube da avó. Dá-me as coordenadas. Vou comer e a seguir vou ter contigo - anunciou.

- Antes queria que tratasses do Luca. A Priscilla não pode sair para o ir buscar ao infantário.

- Mas eu quero ver a minha avó - insistiu.

- E vais vê-la. Agora preciso que trates do teu irmão.

- Dos meus irmãos. O Daniele pediu-me para lhe dar um curso intensivo de matemática. É trabalho perdido, porque não percebe nada. Mas vou fazer-lhe a vontade.

Voltou a sentar-se junto à cama de Maria, que tinha aberto muito os olhos para ele.

- Mamã, como estás? - perguntou-lhe, acariciando-a.

- Mas que sítio mais esquisito. Onde é que eu estou? - perguntou de novo.

- Estás no hospital. Partiste um braço e engessaram-te. Estás a ver. - repetiu Andrea.

- Sim, sim, estou a ver. E o teu pai, onde está? - O pai morreu - explicou pacientemente.

- Oh, que pena. E por que não me disseste nada?

- Porque já foi há quase trinta anos. Mas tu não te lembras, pois não?

- Estás sempre na brincadeira. Ele foi buscar a Gemina. Agora me lembro. Sabes, a minha memória vai e vem e acontece que me esqueço de coisas que são muito importantes. Olha, quando o Pietro me trouxer a menina, temos de ir embora daqui - disse. E começou a ficar agitada.

- Está bem, mãe. Vamo-nos embora, prometo. Mas agora tens de estar sossegada. Eu estou aqui ao pé de ti - sussurrou.

Veio uma enfermeira substituir a garrafa de soro. Depois passou um médico para a ver e pediu-lhe para sair. Não era o mesmo com quem tinha falado duas horas antes. A porta abriu-se ao fim de algum tempo e o médico foi ao seu encontro.

- Logo que tenha uma cama livre, transfiro a sua mãe para a cardiologia - anunciou.

- Há mais algum problema? O seu colega disse-me que lhe dava alta depois de amanhã - objectou Andrea.

- Vi o electrocardiograma da senhora e agora vim observá-la. Tem uma insuficiência cardíaca grave. Já mandei meter-lhe no soro diuréticos e digitálicos.

- Diga-me, doutor, a minha mãe está a sofrer? - perguntou com apreensão.

- Não creio. Não se queixa.

- A minha mãe nunca se queixou - afirmou. E acrescentou: - Se está a morrer, por que lhe engessaram aquele pobre braço?

- Para eliminar a dor. Agora vamos tratá-la e depois veremos se responde à terapia. Não se inquiete - sugeriu, antes de se despedir.

Andrea foi sentar-se ao lado da cama de Maria. As doentes das outras camas pareciam desinteressadas deles. Havia uma senhora de idade que tinha umas talas nas pernas e estava a dormir. Uma rapariga com o busto engessado até ao pescoço ouvia música com uns auriculares. Uma outra senhora fazia palavras cruzadas.

- Veio cá um médico muito simpático. Fez-me muitas festas - disse-lhe. Estava num bom momento. Tinha plena consciência de si e do local em que se encontrava.

- Hoje de manhã saí para ir receber a minha pensão. Deu-me uma tontura muito grande. Caí, e depois dei por mim aqui. Onde está a Pénelópe? - quis saber.

- Foi passar uns dias à praia. Queres que a chame? - A doença da sua mãe podia ser um bom pretexto para a convencer a regressar. Mas logo se envergonhou daquele pensamento.

- Deixa-a estar onde está. Já lhe vou dar que fazer quando voltar para casa. Vais-me levar para casa, não vais? - Precisava de ter a certeza.

- Mas só quando te tiverem feito os exames todos - garantiu-lhe o filho.

- Meu menino, procura na minha carteira. Há lá rebuçados. Chupa um - disse Maria, tratando-o como quando era pequeno. Encontrou a carteira em cima da mesa-de-cabeceira. Abriu-a e revistou o seu interior, enquanto o seu coração se enternecia. Tinha um porta-moedas com alguns trocos, a caderneta da pensão, o terço numa caixa de filigrana de prata, o bilhete de identidade, uma caixa de pastilhas Valda e um envelope branco que continha algumas fotografias. Viu-as uma a uma. Reviu a casa arruinada em que viveu até à morte do seu pai, o velho Ford, os setters Full e Dolly, o pai e a mãe em pose para a objectiva em frente da entrada do Lido de Veneza, onde tinham ido em lua-de-mel. E depois reviu-se a si próprio, pequeníssimo, pelo braço da avó Stella e, ao lado deles, Giacomo, que já tinha dez anos, e Gemina, a fazer caretas.

- Canta-me qualquer coisa - pediu Maria. - O quê? - perguntou, confuso.

- Uma daquelas cantigas de que o teu pai gostava - disse ela. - Diz-me qual - perguntou de novo, para ganhar tempo.

- Aquela assim: Che gelida manina, se la lasci riscaldar Cercar, che giova? Al bulo non si trova...Maria tinha começado a cantar em voz baixa. Andrea inclinou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. Não queria que a mãe o visse chorar.

Pietro Donelli era um gigante de dois metros de altura, ombros largos como um armário e uma cara tão bonita, tão nobre e tão gentil que induzia qualquer pessoa em erro sobre a sua verdadeira natureza, que era agressiva e até violenta, embora, por vezes, extremamente doce. Sem nenhuma razão aparente, passava, em poucos minutos, de uma alegria quase infantil a uma raiva feroz. Maria, a sua mulher, amava-o apaixonadamente. Sofria a sua instabilidade emotiva, vivendo as suas fúrias como uma calamidade inevitável e a sua ternura como uma dádiva divina. Mais do que amá-lo, os seus filhos temiam-no, até porque Pietro lhes fazia sentir todo o peso da sua autoridade. Quando estava afectuoso

e tentava brincar com eles, retraíam-se, desconfiados. Andrea odiava-o quando o via descarregar a sua agressividade sobre a mãe. Naqueles momentos, desejava com toda a alma que o pai morresse.

Um dia, Pietro regressou cansado do trabalho, tropeçou na roda da bicicleta de Maria e caiu. Desfiou um rosário de impropérios contra ela, ameaçando-a de, se não se afastasse dele, lhe partir a cara. Depois agarrou na bicicleta como se fosse um brinquedo e, com um só braço, atirou-a contra uma árvore, destruindo-a. Por fim, entrou em casa, pôs a tocar o disco da "sua" Bohème com o volume no máximo e saiu para se lavar na fonte.

Estava nu da cintura para cima. Com as mãos, que pareciam umas pás, lançava a água gelada sobre os braços, as costas, o pescoço e o tórax ensaboados. Di Stefano cantava: Che gelida manina... Pietro lavava-se e acompanhava o tenor, sem errar uma nota. Full e Dolly, um casal de setters, encolhidos debaixo da figueira, levantaram-se e fugiram para os campos, perturbados pelo volume altíssimo daquela música. Se Gemina estivesse em casa, tê-los-ia seguido. Gemma odiava tudo aquilo que o seu pai amava: as óperas líricas, o vinho, o pato assado, a espingarda de caça e as botas de couro, que Pietro usava mesmo em pleno Verão. Gemina odiava o pai, tal como Andrea e Giacomo, de resto. Só a avó Stella, sua mãe, e Maria, sua mulher, o amavam. Mas todos o temiam.

- Por que te casaste com ele? - perguntava Gemma à mãe.

- Gostava dele. Era bonito. Ainda é bonito - justificava-se Maria.

- Mas não vês como é horroroso quando olha para ti com aquela cara de louco?

- Depois passa-lhe. Não é mau. É diferente, só isso. Se fosse um homem comum, talvez não me agradasse tanto.

- Então devias ter evitado ter filhos dele. Não é justo que nós tenhamos de o suportar, só porque te agrada a ti.

- Vai correr tudo bem - concluía Maria.

Andrea lia um livro de banda desenhada, estendido sobre a erva ressequida. De vez em quando observava as costas enormes do pai e imaginava que havia um índio no meio do campo de milho, armado de arco e flecha. O índio disparava a flecha, que assobiava no ar e depois acertava na nuca de Pietro, o qual, atingido mortalmente, ficava estendido no chão.

Então, finalmente, não haveria mais ódio nem medo, só silêncio e paz.

Pietro secou-se com uma esponja e voltou-se. Viu Andrea, o filho mais novo, a soluçar.

- E tu, desgraçado, o que é que tens? - perguntou-lhe, chegando perto dele.

O miúdo cobriu a cara com um braço. Aquele gesto continha o terror de ser agredido e a vergonha pela fantasia elaborada sobre a morte do pai. Pietro dobrou-se sobre os joelhos e Andrea entreviu o gigante a avançar sobre ele. Foi tomado pelo medo. Começou a tremer.

- Estás com dores de dentes? - perguntou Pietro. A sua voz potente tinha-se transformado num sussurro.

- Antes quero que tu não morras - disse Andrea.

- Por que é que havia de morrer, se nem sequer estou doente - tranquilizou-o Pietro. Tirou do bolso uma nota de quinhentas liras e meteu-lha na mão. - Vai à aldeia e compra um gelado.

- Obrigado - respondeu Andrea. - Mas não me apetece um gelado - acrescentou, devolvendo-lhe o dinheiro. Nunca poderia aceitar dinheiro de um homem que, um momento antes, tinha desejado ver morto.

O pai levantou-se e abanou a cabeça, olhando-o com ternura. - És tolo de todo - desculpou-o. Virou-lhe as costas e entrou em casa recomeçando a cantar em sincronia com Di Stefano: Ma per fortuna è una notte di luna...

Andrea levantou-se e começou a deambular em volta da casa, que se situava num caminho de terra batida. A um quilómetro ficava a aldeia, rica por causa da economia que girava em torno da indústria dos cabos de aço, mas pobre de cultura porque as pessoas se preocupavam unicamente em ganhar dinheiro. Os habitantes eram pessoas de bem: casa, trabalho e férias. Havia uma igreja, o cinema paroquial, a escola, a creche e um centro desportivo. Os ricos tinham uma amante na cidade. As mulheres dos ricos, também. Os seus filhos desfilavam em carros de grande cilindrada. O automóvel e o frigorífico eram símbolos de afirmação social. Alguns operários metiam-se a trabalhar por conta própria, abriam pequenas indústrias e, de repente, construíam uma casa com piscina.

Depois havia os chamados "irregulares". A família Donelli estava entre eles. A sua casa, se assim se podia chamar, estava isolada da aldeia. Era uma barraca construída por Pietro e pelos seus irmãos, com materiais de refugo, no início dos anos 5O. A garagem era uma choça de chapa ondulada. Albergava o velho Ford de Pietro, as bicicletas da família, a moto de Giacomo, os utensílios da horta de

Maria e todos os trastes da casa: camas partidas mas que não se deviam deitar fora porque nunca se sabe, baús com etiquetas de viagens e cruzeiros, chegados até ali não se sabia como, malas sintéticas já inutilizáveis, caçarolas esburacadas, cadeiras sem tampo, boiões vazios, cordas, pneus de bicicleta, um espelho de parede rachado e lavatórios enferrujados. Ao lado da garagem ficava o galinheiro, onde esgaravatavam as galinhas que, à noite, se enfiavam dentro de uma casota de madeira. Por fim havia o canil de Full e Dolly, o casal de setters irlandeses com quem Pietro ia à caça.

Giacomo e Gemina já eram nascidos quando os Donelli se mudaram para ali, deixando a aldeia e a casa da avó Stella. Por definição unânime da família, Pietro era considerado uma "dor de cabeça". Por isso os seus irmãos ficaram contentes por o ajudarem a pôr de pé aquela barraca, livrando-se de uma presença incómoda.

De Verão, naquela casa, fazia um calor insuportável; de Inverno, um frio terrível. A avó Stella chegava a pé, em qualquer estação do ano, levando-lhes de comer quando a família não tinha dinheiro nem para comprar cigarros. Pietro era um trabalhador temperamental. Depois de se ter massacrado durante dias a rachar lingotes incandescentes, discutia com alguém e despedia-se. Então começavam os períodos negros. Com o dinheiro que tinha ganho metia-se no carro e, na companhia de outros idiotas, andava semanas a passear. O tempo passava. Não havia dinheiro para fazer compras. Maria gastava a sua "reserva de ouro", que lhe vinha da venda dos ovos. Cheia de vergonha, ia às lojas e pedia para "assinar". Pagaria quando pudesse. A avó Stella liquidava as contas do talho, da padaria e da papelaria. Depois aparecia-lhes em casa com cestas de massa, uma panela de batatas assadas no meio das quais vinha sepultado um assado saboroso, uma terrina de barro cheia de novilho estufado.

- Estas pobres crianças precisam de se alimentar e têm de crescer - dizia à nora, que chorava e lhe atribuía culpas que não tinha.

- Enquanto você lhe resolver todos os problemas, aquele desgraçado do Pietro nunca vai mudar - lamentava-se e, sobre a sua fronte pálida, notava-se uma veia azulada a pulsar.

- Enquanto tu lhe desculpares tudo, aquele desgraçado do teu marido há-de continuar a fazer tudo o que quer - replicava a avó. - Você é que começou a dar-lhe sempre razão - dizia Maria, zangada.

- E tu continuaste. Já te tinha avisado que era uma desgraça e disse-te muitas vezes para não te casares com ele. Mas tu, mais teimosa que uma mula, ficaste com ele. Agora, o que queres que te faça? Ajudo-vos como posso.

A mãe batia com a porta da cozinha e refugiava-se no horto a chorar, enquanto arrancava as ervas daninhas que comprometiam o crescimento das abóboras.

Maria ficava cada vez mais nervosa, à medida que os dias passavam e o marido não aparecia. Depois chegava o momento em que montava na sua bicicleta e, em vez de ir para a aldeia fazer o seu serviço na casa dos Gnutti, dava a volta à zona à procura do fugitivo. Conheciam-na em todas as tabernas e nos piores restaurantes. - O seu marido não apareceu - diziam-lhe. Ou então: - Passou por aqui na semana passada, com os amigos do costume. Estavam todos bêbedos. Não se preocupe. Mais cedo ou mais tarde, ele volta.

- Eu sei. A erva daninha nunca morre - comentava, com os dentes cerrados, e regressava a casa, vencida, mas não resignada. Giacomo e Gemina, então, atiravam-se a ela.

- É um desgraçado - dizia Giacomo. - É um inconsciente - dizia Gemina. - É vosso pai - replicava Maria.

Andrea observava, calado, mas dentro de si odiava Pietro talvez ainda mais do que os seus dois irmãos, porque fazia sofrer a mãe. Depois chegava o momento em que da estrada de terra se levantava uma nuvem de pó e aparecia o Ford azul. Full e Dolly partiam como setas ao encontro daquele automóvel barulhento. Pietro fazia ouvir a sua possante voz de tenor.

- Eh, gente da casa, tudo cá para fora. Tudo fora da toca. Chegou o Pai Natal. - Com efeito, tinha presentes para toda a família. Uma vez trouxe para casa um divã de camurça branco com as costas acolchoadas. Outra vez, uma máquina eléctrica para cozer e bordar. E depois chegavam blusões e impermeáveis, botas de couro inglês, lenços de seda franceses e perfumes, serviços de louça em porcelana, um televisor novo. Maria ficava sempre com um amargo de boca, porque a proveniência de todas aquelas coisas era sempre muito duvidosa; no entanto, suspirava de alívio porque o seu homem tinha regressado são e salvo. Então cortava o pescoço a uma das suas preciosas galinhas poedeiras e punha na mesa uma refeição memorável. Pietro distribuía os presentes e depois contava as suas façanhas, verdadeiras ou inventadas. Tinha ido à ópera e tinha visto La Traviata ou La Bohème.

Discorria sobre as vozes dos cantores fazendo distinções subtis entre o timbre de Mario Del Monaco e o de Giuseppe di Stefano, sobre a potência vocal da Callas e de Mirella Frem. Falava dos cantores como se fossem vizinhos da casa. Mostrava as suas fotografias com dedicatórias e autógrafos. A mulher anuía, admirada. Andrea não perdia uma sílaba e via a figura de Pietro agigantar-se sobre todos. Gemina deitava a língua de fora nas costas do pai. Giacomo comia em silêncio. Entretanto, Pietro acabava a garrafa de Chianti e pedia outra. As vozes dos seus benjamins, Renata Tebaldi ou Ettorre Bastianim faziam tilintar os vidros e ele, já embriagado, levantava-se e, segurando o copo, cantava: Libiam ne' lieti calici...

Então Maria arrastava-o até ao quarto, despia-o e metia-o na cama. Giacomo montava na sua moto barulhenta e ia à aldeia. Gemina sentava-se à porta de casa e fumava um cigarro. Andrea apanhava pirilampos e fechava-os na palma da mão. Com excepção do pai, estavam todos muito infelizes.

- Ouve-o, o porco. Ouve o barulho que ele faz - dizia Gemma, referindo-se aos sons que chegavam do quarto dos pais.

- Estão a fazer amor, não estão? - perguntava Andrea, incerto.

- Pois é. E ela mia, como uma gata com cio - replicava a rapariga encolerizada, apagando o cigarro com a sola do sapato. E continuava: - Amanhã começa outra vez a chorar.

- É normal. É a história do costume - dizia Andrea, resignado, encolhendo os ombros.

Pietro estava sem trabalho há um mês. Maria consumia-se para lhe arranjar dinheiro para comprar o vinho e os cigarros. Um dia empenhou os brincos e o anel de coral porque sabia que Pietro ia ficar numa fúria se não lhe desse dinheiro. Era capaz de a encher de pontapés e depois comentar com um sorriso de escárnio: - Desculpa lá não ter lavado as botas. - Maria escondia-se a chorar e Gemina tratava-a com pachos de água fresca, enquanto lhe suplicava:

- Por favor, vamos embora. Não posso mais viver nesta casa com aquele desgraçado.

- Mas o que é que te importa? Ele nunca se vinga em ti. Gosta muito de ti.

Giacomo cerrava os punhos, refreando a vontade de agredir o pai, porque era apenas um rapaz e sabia que não levaria a melhor. Andrea observava tudo e sofria, até porque não percebia de que lado estava a razão.

Não lhe parecia que Pietro fosse tão mau como dizia Gemina. Nas noites de Inverno, o homem levava-o com ele para a cama e lia-lhe histórias maravilhosas dos seus autores preferidos: Walter Scott, Dumas, Hugo, Ponson du Terrail. Eram momentos belíssimos. Às vezes o pai levava-o com ele no carro. Faziam a ronda das tabernas e apresentava-o aos seus amigos.

- Este é o mais novo da casa. É inteligente e de poucas falas. Ainda vai chegar a Presidente da República.

Depois começava a beber e a jogar as cartas e esquecia-se dele. Havia uma taberneira na aldeia. Era uma espécie de mulher-canhão. Loira, com pele de porcelana, seios enormes e voz de barítono. Os fregueses, incluindo Pietro, temiam-na e respeitavam-na. Ela já tinha deixado estendido mais do que um bêbedo que tinha tentado importuná-la. Andrea escondia-se debaixo da mesa, entre as pernas do pai, e adormecia. Então ela pegava-lhe pelo braço. Entre o sono e a vigília, ele sentia o seu perfume de menta. A mulher acariciava-lhe os cabelos, falando-lhe com doçura, e ele sentia um langor extenuante. Amava-a loucamente.

Naquela noite de Verão, depois de se ter lavado, Pietro deixou-se cair numa espreguiçadeira, debaixo da figueira, e pediu em voz alta um copo de vinho. Gemma tinha acabado de chegar da aldeia, de bicicleta. Trabalhava num cabeleireiro, como aprendiza.

Andrea estava na cozinha, a descascar ervilhas com a mãe. - Oh, que desgraça, estamos sem vinho - afligiu-se Maria. - Que vá ele comprá-lo - protestou Gemina.

A sua irmã tinha dezanove anos. Era bela como o pai e tinha o mesmo temperamento que ele, impetuoso e estranho. Era a única que conseguia fazer-lhe frente. Pietro nunca lhe tinha levantado a mão. Talvez a temesse. Mas quando se sentia provocado para além do razoável, pegava-lhe por um braço, arrastava-a para a porta enquanto ela o cobria de insultos e deixava-a lá fora, mesmo em pleno Inverno.

Maria esperava que o marido se distraísse, e depois deixava-a entrar às escondidas.

- Faz-me esse favor. Vai à aldeia e compra-lhe duas garrafas - disse Maria.

- Não faço mesmo tenções de lá ir. Vai tu, que és a escrava dele.

- Eu vou - respondeu Andrea. A mãe deu-lhe o dinheiro, ele montou na bicicleta e partiu.

Quando voltou, Giacomo já lá estava também. Giacomo tinha vinte e dois anos. Tinha tirado um curso de electrotecnia e trabalhava numa fábrica de televisores. Estavam todos na cozinha quando Andrea entrou com as garrafas de vinho. Sentiu um silêncio preocupante.

A mãe estava a servir a sopa. Aproximou-se do marido e ele, com um pé, fê-la tropeçar. Caiu, partindo a terrina. Pietro explodiu numa gargalhada de escárnio e entretanto olhava à volta, à procura de uma aprovação que não encontrou. Que pena. A ele pareceu-lhe uma brincadeira muito divertida. Maria levantou-se e, em silêncio, começou a limpar os cacos e a sopa com uma pá. Os filhos olhavam para o pai com olhos glaciais. Ele deu um murro na mesa.

- Deus do céu! - berrou. - Nem sequer sabem entrar numa brincadeira. Mas que raça de gente são vocês?

- Mas que raça de animal és tu! - reagiu Maria. Era a primeira vez que reagia. Ficaram todos com a respiração suspensa.

Se fosse razoavelmente inteligente, Pietro não teria insistido. Mas, como todos os violentos, não percebeu e reforçou a dose.

- Sou um animal saudável que come, bebe, fuma e fornica. Já assim faziam o meu pai e o pai do meu pai. É assim que as coisas funcionam. É preciso saber usar o chicote ou a cenoura, segundo a ocasião. Com este sistema, Napoleão criou um exército invencível - disse, pondo o peito para fora. Estava muito satisfeito consigo. De repente, Giacomo levantou-se da cadeira. Esticou os braços por cima da mesa e agarrou no pai pelas axilas, pondo-o em pé. Agora era um homem e)á não tinha medo dele.

- Tu não és o Napoleão. Tu és apenas um louco. E nós, que te aguentámos durante anos, somos ainda mais loucos do que tu.

E agora pede desculpa à minha mãe - disse devagar, olhando-o enfurecido.

Andrea esperou que o pai reagisse. Nunca, até àquela altura, tinha havido uma rebelião. Mas Pietro encolheu-se, baixou os olhos e sussurrou: - Tens razão. Peço desculpa, Maria. Maria estava encostada ao aparador, consciente de ter pegado fogo a uma mecha que estava em vias de explodir. Giacomo largou a presa depois de ter obrigado o pai a sentar-se de novo.

- Eu vou-me embora - anunciou. - Nunca mais volto a esta casa.

Entrou no quarto que dividia com Andrea, tirou a mala do armário, abriu-a em cima da cama e começou a enchê-la com as suas coisas.

Andrea tinha-o seguido. Foi para junto dele e olhou-o com espanto, enquanto considerava a incoerência das suas próprias fantasias. Era preciso mais do que a flecha envenenada do índio. Era preciso a força de Giacomo. Mas Giacomo tinha mais dez anos do que ele.

- Leva-me contigo. Eu também não quero ficar nesta casa - pediu-lhe.

- Quer dizer que não percebeste nada. Eu cortei com a família Donelli. Todos os Donelli contribuíram para o transformar no desgraçado que é. Se pudesse, até mudava de nome. - Fechou a mala e saiu de casa.

Maria foi ao seu encontro quando ele estava a preparar a moto. - Mas onde queres tu ir? Assim mesmo, de repente, tomas uma decisão dessas? O que é que eu vou fazer sem ti? - disse, apesar de saber que não ia conseguir detê-lo.

- Continuarás sempre a estar do lado daquele animal, sem te importares com o mal que te faz a ti e aos teus filhos.

- Cada qual tem o seu temperamento e o seu destino. Que Deus te proteja - sussurrou, estendendo-lhe os braços. Queria apertá-lo a si uma última vez. O filho afastou-a com um gesto brusco e partiu.

No céu acendiam-se as estrelas. Estava um calor de cortar a respiração. Nos campos em volta da casa, a erva estava queimada e a terra era uma rede de fendas. Os frangos dormiam no poleiro, com as penas invadidas pelas pulgas. Full e Dolly estavam imóveis à porta de casa, com as línguas pendentes por causa do calor. Andrea olhou para o irmão que se afastava para sempre da sua vida, a cavalo na moto que acelerava ondeando no meio do pó. Maria, ajoelhada no chão, chorava. Gemina golpeava com os punhos a chapa do velho Ford. Pietro saiu de casa, plantando-se de pernas abertas no caminho de cimento. Olhou para Maria.

- Tenho de ir comer fora? - perguntou com uma voz arrogante. Então Maria agarrou um punhado de terra e atirou-a com raiva contra ele.

- Morre, infame! - gritou, com a voz quebrada pelo choro. Andrea esperou que Deus ouvisse aquele desejo e lho concedesse.

Depois da partida de Giacomo, aumentou a tensão em casa dos Donelli. Maria não perdia uma ocasião para atirar à cara do marido a fuga do filho mais velho. Pietro, habituado à silenciosa aceitação da sua companheira, tinha-se tornado ainda mais agressivo. Todas as noites regressava a casa bêbedo e surgiam litígios furiosos. Os móveis da casa, já desconjuntados, acabavam em pedaços. Numa noite de Outono, Andrea meteu-se no meio dos seus pais para se pôr do lado de Maria. Pietro, cego de ira, rebentou-lhe o lábio e arrancou-lhe um dente com um murro. Andrea rebolou no chão, vencido pela dor. Gemina pegou na espingarda e apontou-a à cara do pai.

- Se não te vais imediatamente embora desta casa, mato-te - disse, com voz gélida. já tinha tirado o travão e posto o dedo no gatilho.

Maria estava debruçada sobre o seu menino e, gritando de desespero, abraçava-o com força, a soluçar.

Pietro recuou, pálido de medo, até à porta.

- Fora daqui - continuou a filha, perseguindo-o.

Quando o pai estava já fora de casa, a filha disparou um tiro, fazendo pontaria aos pés. Pietro não ousou sequer montar na bicicleta. Correu ao longo do caminho de terra batida, em direcção à aldeia. Full e Dolly foram os únicos que o seguiram.

Gemina sentou-se ao volante do carro e, com a ajuda da mãe, levou Andrea ao posto médico.

- Quem foi que o pôs neste estado? - perguntou o médico. - Caiu em cima de uma pedra. Na valeta - respondeu Gemina. Coseram-lhe o lábio.

- Metam-no na cama com um saco de gelo. Podem dar-lhe aspirina para acalmar a dor e a febre. O dente perdeu-se para sempre - afirmou o médico. Andrea ficou em estado de choque e foram precisos dois dias para recuperar.

Na manhã seguinte chegou a avó Stella.

- O que foi que aquele desgraçado arranjou agora? - perguntou a Maria. E contou que Pietro tinha ido ter com ela a chorar e que, no meio dos soluços, lhe disse que tinha armado uma grande confusão.

- Se ele volta, mato-o mesmo - disse Gemina, que estava a sair para ir para a aldeia trabalhar.

- Tu cala-te, que és uma cabeça quente como ele - admoestou-a. - Em nossa casa os irmãos e as mulheres deles não o aceitam. Com certeza não querem mandá-lo dormir para os campos. Gemma afastou-se e a avó entrou em casa com Maria. No torpor da febre, Andrea sentiu a mão fresca da avó na sua fronte. - Meu menino, o teu pai não te queria fazer mal. Agora está arrependido. Perdoa-lhe - suplicou a velha.

- Mais vale que morra - sussurrou Andrea.

A avó fez o sinal da cruz e ficou ao pé dele durante muito tempo, a rezar o terço.

- Nunca sejas como ele - disse-lhe. - Quando fores grande, nunca batas na tua mulher nem nos teus filhos. Vês que coisa feia é a violência?

- Mas eu espero que ele morra - reforçou o rapaz.

Pietro regressou quando Andrea já estava curado. Maria escancarou a porta da garagem e disse-lhe: - A partir de agora, este é o teu quarto. Nunca mais entras em casa, nem para comer. Nós trazemos-te a sopa aqui fora.

Depois, um dia pegou no seu menino pela mão, apanharam a camioneta e foram à cidade, ao melhor dentista.

Maria vendeu o relógio de ouro para lhe comprar um dente novo, que foi fixado no osso. Quando o trabalho acabou, a sua boca voltou a ser bonita como dantes.

- É como se não tivesse acontecido nada - sorriu Maria.

- Mas aconteceu tudo, e eu vou-me lembrar disto para sempre - disse Andrea.

Maria recomeçou a trabalhar para a família Gnutti. Pietro deixava na janela da cozinha o envelope do seu salário todos os sábados. Já não se embriagava. Passava as noites na garagem a ouvir os seus discos. Quando queria mudar-se, deixava um bilhete na porta. De cada vez que passava em frente da garagem, Gemina cuspia no chão.

Chegou Novembro. Maria e os seus dois filhos estavam à mesa. Andrea já tinha levado a comida ao pai.

- Está frio de noite - observou Maria. - Faz-me impressão saber que ele está lá fora, sozinho.

- Se entra ele, saio eu - disse Gemina.

- Ele mudou. Já não bebe. Trabalha como um cavalo. Não acham que já foi bem castigado? - tentou defender a sua causa.

- Teve sorte por não o termos denunciado - replicou a rapariga.

Maria levantou a mesa e depois foi-se deitar. Gemina deitou água quente no alguidar e lavou o cabelo. Depois sentou-se ao lado do fogão para o deixar secar, enquanto se penteava. Andrea golpeava a casca das castanhas. Depois ia pô-las sobre as brasas a assar. Entretanto observava a irmã. Era lindíssima. Os cabelos, que lhe caíam ondulados sobre os ombros, tinham reflexos ao secar.

- Podias ser manequim - disse-lhe.

- O meu namorado é ciumento - respondeu ela. E a sua expressão sombria suavizou-se.

- Tens um namorado? - perguntou.

- Não é segredo para ninguém. É o Alessandro. A sério que não sabias?

- Alessandro, o filho do Gnutti?

- Sim. O que é que tem de estranho?

- É um palerma. Toda a gente sabe - queixou-se o irmão.

- As pessoas não o conhecem. Ele não quer saber dos milhões do pai. É uma alma sensível. Percebes?

- Eu sei que não estuda, não trabalha, está sempre bêbedo e desfaz os carros como se fossem carroças.

- Porque não lhes dá importancia. É tudo comprado com o dinheiro do pai, que é dinheiro maldito.

Gemina referia-se ao facto de a empresa Gnutti fabricar minas antipessoal, espingardas, canhões e outras coisas diabólicas.

- Não gosto do Alessandro Gnutti. Se o dinheiro do pai lhe mete tanto nojo, podia trabalhar e ganhar para viver - replicou.

- Eu não quero continuar nesta casa de mendigos. Qualquer dia o Alessandro vai levar-me ao México - afirmou ela.

- Com o dinheiro maldito do pai? - perguntou o rapaz.

- Não me interessa - respondeu ela, cortando a conversa. Sacudiu a longa cabeleira, já enxuta, enfiou uma camisola pesada que tinha posto a aquecer junto ao fogão, e saiu.

Andrea sabia que Gemina não ia dormir em casa naquela noite. Afastou a cortina da janela e olhou para a garagem. Das fendas na chapa saía uma luz débil. O pai estava a ler. Veio-lhe a nostalgia das noites em que, quando era mais pequeno, Pietro o levava consigo para a cama grande e lhe lia histórias de piratas, corsários, mosqueteiros e guardas do rei. Saiu e entreabriu a porta da garagem. Pietro estava estendido no catre, embrulhado num capote de pele, com um barrete de lã na cabeça. Sorriu-lhe. Tinha um ar calmo. Parecia muito mudado.

- Há muito tempo que não nos víamos - disse, pousando o livro na manta de lã.

- Eu perdoo-te - sussurrou Andrea.

- Obrigado - respondeu Pietro, sem se mexer.

- A Gemina saiu. Por que não vais dormir com a mãe?

Foi assim que o pai voltou a viver em casa. Gemina estava quase sempre na aldeia. Quando regressava, fazia de conta que não o via.

No Natal chegou de Roma um postal de Giacomo. Vinha dirigido a Maria. O texto dizia: "Estou bem e espero que tu também estejas. Felicidades".

- É só isto?! - exclamou Maria, aliviada mas desiludida. - O que é que ele havia de escrever mais?

- Nem sequer me mandou a direcção, nem me disse o que faz para viver.

- Ele não quer ter mais contactos connosco. Fez uma jura - recordou Andrea.

- Isso são coisas que se dizem num momento de raiva. Mas já passaram cinco meses! - protestou a mulher.

Passou um ano e voltou um outro Verão tórrido. O calor deixava toda a gente prostrada. As galinhas deixaram de pôr. Full e Dolly deambulavam preguiçosos em volta da casa. Gemina tinha ido viver definitivamente para a aldeia, para casa da avó Stella, havia já muitos meses. Maria tinha caído numa espécie de apatia que a tornava indiferente a tudo.

Uma manhã de Agosto, Andrea estava sentado à porta a catar as pulgas aos cães. Maria estava na cozinha a ler uma fotonovela, à espera que o café acabasse de se filtrar. Pietro lavava-se na fonte.

Andrea viu um pequeno vulto de mulher, vestido de negro, a andar depressa ao longo do caminho cheio de pó. Foi ao seu encontro.

- Por que é que andas a passear a esta hora? - perguntou-lhe, beijando-a na face.

- Onde está a tua mãe? - perguntou a avó. Estava pálida e respirava com dificuldade.

Maria apareceu à porta.

- Chegou mesmo a tempo para o café - disse-lhe.

A velha entrou na cozinha, sentou-se exausta numa cadeira e desfez o nó do lenço preto que lhe cobria a cabeça.

- A Gemina desapareceu há dois dias - anunciou. - Não voltou a ir trabalhar.

A mãe soltou um longo suspiro.

- O que foi que ela armou agora? - perguntou Pietro, que tinha entrado naquele momento.

- Estás a ver esta marca negra no meu braço? - A avó arregaçou a manga comprida do vestido. - Foi ela que ma deixou, há dois dias. Queria que lhe desse dinheiro que não tenho. A vossa filha vai por maus caminhos.

- Temos de a salvar - disse Pietro.

- Tenho a certeza de que fugiu com o filho mais novo do Gnutti - informou a avó.

Andrea ouvia, sem dizer uma palavra.

A mãe pousou os cotovelos na mesa e cobriu a cara com as mãos. - Quantas vezes me suplicou que a levasse para longe daqui, quando era pequena. Nunca tive coragem para lhe fazer a vontade.

Não podia deixar o meu homem. Não seria capaz, nem sequer agora - confessou Maria. E prosseguiu: - Como é que se faz para tirar um homem do coração? É como sofrer de uma doença que não se pode curar.

Andrea saiu e começou a limpar os cães. Ouviu o pai, que dizia: - Anda, mãe, eu levo-te à aldeia. - Quando passou por ele, sugeriu-lhe: - Precisas de éter para as pulgas. Há uma garrafa na estante da garagem. O velho Ford afastou-se, levantando uma grande nuvem de pó. Pouco depois, também Maria montou na bicicleta.

- Vou trabalhar - anunciou. já não trabalhava para a família Gnutti. Desde que soube que Gemina andava com o filho deles, não voltara àquela casa. Em vez de ir trabalhar, Pietro tinha ido a correr à polícia participar o desaparecimento da filha. Depois tinha andado pela aldeia à procura de notícias. Por fim regressou a casa. - Então? - perguntou-lhe Andrea.

- Vão encontrá-la. Vais ver que vão encontrá-la - tranquilizou-o Pietro. Estava pálido, com ar de sofrimento. Deixou-se cair na espreguiçadeira e disse-lhe: - Traz-me um copo de limonada.

- Se calhar foram para o México - sussurrou Andrea. - A Gemina já não quer viver aqui.

- Mas não pode levantar a mão para a minha mãe. Ainda é menor, e vai ter de se entender comigo.

- Nunca mais vai voltar - sussurrou o rapaz.

Pietro bebeu a limonada. Depois olhou o filho nos olhos, com ternura.

- É tudo por minha culpa. Primeiro o Giacomo. Agora a Gemina. Qualquer dia, se calhar, vais tu também. Há meses que me porto com juízo. Mas não chega para apagar todo o mal que fiz. Os meus irmãos vêem-me com maus olhos. A minha mãe chora de cada vez que me chego perto dela. Os filhos fogem. Tu estás a crescer. Estás quase da minha altura. Quando é que vais fugir? - perguntou, com uma voz amarga.

- Não sei. Isto aqui não é uma vida muito boa - respondeu Andrea.

Maria regressou ao meio-dia.

- Eu quero a minha filha de volta - disparou, enfrentando Pietro.

- E vais tê-la. juro-te - prometeu, abraçando-a e acariciando-lhe a face com ternura. Maria chorou no seu ombro. Tinha a certeza de que o marido cumpriria a promessa, assim como sabia agora que tinha levado a melhor sobre ele: Pietro tornara-se o homem que ela sempre desejara.

Chegou outro Natal. Maria recebeu de Roma um postal de boas-festas de Giacomo. Desta vez não fez comentários. Bastava-lhe saber que o filho estava bem. O seu coração estava ansioso por causa de Gemina. Ainda não tinham conseguido encontrar vestígios dela. Pietro passava pelo posto da Polícia todos os dias, e a resposta era sempre a mesma: - Ainda nada.

O senhor Gnutti, o industrial, tinha ido a casa dos Donelli, em Novembro, para os informar de que tinha contratado um detective. Através do controlo dos movimentos bancários, tinha seguido as pisadas do filho primeiro até Zurique, depois Mónaco, Frankfurt, Berlim, a seguir Amsterdão e agora Paris. Naquela altura, Gnutti tinha dado ordens para suspender qualquer pagamento.

- Até agora, viveram à grande - disse. - Agora que ficou sem dinheiro, vai regressar com a vossa filha. Pessoalmente, preferia que o metessem na cadeia. Ouvi dizer que as prisões francesas são duras.

Alessandro Gnutti regressou à aldeia poucas semanas depois. Andrea e os pais souberam disso quando ouviram bater à porta de casa, na noite de consoada.

Pietro foi abrir.

O homem mais rico da aldeia empurrou o filho para dentro de casa.

- Este é o desgraçado que levou a vossa filha - começou. E acrescentou: - Ela ficou em Paris.

Andrea lembrava-se bem de Alessandro. Era um rapaz forte, de contornos duros, com ar estouvado e olhar obtuso. Causava sensação entre as raparigas apenas pelo seu apelido e pelos carros que trocava continuamente. Agora tinha uma expressão de cão escorraçado, a barba por fazer e as roupas rasgadas e sujas.

Se Pietro fosse o homem que tinha sido até há pouco tempo atrás, ter-se-ia certamente lançado sobre o jovem para o agarrar pelo pescoço e tentar desfazê-lo. Mas não fez nada. Agora sabia que, se tivesse sido um pai minimamente aceitável, Gemina nunca se teria ligado a um indivíduo débil e obtuso como Alessandro. Em poucos instantes, enquanto observava aquele jovem destruído, recordou os olhos violentos do pai Gnutti, que tinha sido um companheiro de malandragem infantil. juntos, munidos de fisgas e pedras, faziam pontaria aos candeeiros da estrada, fazendo-os estourar, e aos vidros da igreja, escacando-os. Depois passaram os anos. Gnutti lançou-se ao trabalho com determinação, revelando para isso uma capacidade fora do comum. Pietro continuou a comportar-se de modo infantil, troçando daquele antigo companheiro e das suas ideias de grandeza. Quando Gnutti fez fortuna, ele deixou-se devorar pela inveja e, com um amargo de boca, foi trabalhar para ele. Agora olhavam-se num plano de igualdade. Os cansaços e os sucessos de um, as bebedeiras e as incontinências do outro, tinham produzido nos filhos um resultado idêntico: Alessandro Gnutti e Gemina Donelli eram dois infelizes.

- Por que foi que mo trouxeste aqui? - perguntou-lhe, num sussurro.

- Quero que veja a cara de dois pais desesperados.

- Por que foi que a minha Gemina não veio contigo? - perguntou Maria.

O jovem encolheu os ombros. - Disse que não queria. - Porquê? - insistiu Maria.

O jovem Gnutti não respondeu.

- Sem dinheiro não pode viver. O que é que ela faz sozinha, numa cidade tão distante? - continuou a mulher. Não esperava uma resposta do rapaz. Expressava em voz alta a sua ânsia.

- Está aqui a direcção da rapariga - disse Gnutti, entregando a Pietro um papel. E acrescentou: - O sítio onde vive fica perto da

Gare de Lyon.

Se quiserem, faço um telefonema e trazem-na para casa amanhã.

- Eu é que a vou buscar - decidiu Pietro. - E tu, faz-me desaparecer da frente este desgraçado - acrescentou, dirigindo-se ao amigo.

- Não vão voltar a vê-lo durante algum tempo - afirmou Gnutti. E acrescentou: - Peço perdão a ti e à Maria.

Pietro abriu a porta de casa, para o deixar sair.

- A viagem até Paris é cara - observou o industrial, que queria dar dinheiro aos Donelli.

- Isso é problema nosso - cortou Pietro.

Eram nove horas da noite. Enquanto o marido preparava uma mala, Maria encheu um termo de café a ferver, meteu alguns pães com queijo num saco e entregou ao marido as suas poupanças.

- Achas que te vai chegar? - perguntou a Pietro. - Ainda te vou trazer troco - garantiu ele.

- Entre ir e vir, são precisos pelo menos três dias, talvez quatro - observou a mulher.

- Espera e tem fé. - Acariciou-lhe a face. Estendeu uma mão para a cabeça de Andrea e despenteou-lhe o cabelo, sorrindo-lhe. Pietro já não era o gigante temível que sempre conhecera. Pareceu-lhe mais pequeno e teve pena dele. Andrea e Maria ficaram à porta a vê-lo partir. No escuro, os faróis do automóvel iluminavam a estrada de terra gelada pelo frio. - Vamos para casa, meu menino - disse a mãe. - E vamos rezar os dois um terço à Nossa Senhora.

Foi uma consoada triste. Não foram à missa do galo nem houve ceia nenhuma.

- Agora que o teu pai ganhou juízo, a família tem de se reconstituir - afirmou Maria. - A Gemma vai voltar e o Giacomo também. Vai dar algum trabalho encontrá-lo.

Alguém na aldeia disse que o tinha encontrado em Roma. Trabalhava numa grande loja na Via del Corso, onde se vendiam televisores e aparelhos electrónicos. Maria tinha juntado algum dinheiro para ir ela própria a Roma procurá-lo, falar com ele, explicar-lhe que ainda tinha uma família. Agora aquele dinheiro tinha servido para Gemma. Ia recomeçar a economizar para tornar a juntar mais qualquer coisa.

Na manhã do dia de Natal, Andrea acordou cedo. Acendeu o fogão e pôs a aquecer o leite e o café. Depois saiu para chamar os cães e deixou-os entrar em casa. Deu-lhes de comer e pôs a mesa para a mãe.

Maria entrou na cozinha. Estava pálida e tinha uma expressão cansada. Sorriu e agradeceu-lhe.

Andrea não respondeu. Estava tenso e confuso. Temia o regresso da irmã. O instinto dizia-lhe que não viria dali nada de bom. Saiu para o frio e começou a correr à volta da casa, seguido por Fulle Dolly. Depois entrou nos campos e atacou à pedrada um ninho de melros. Um camponês foi atrás dele, ameaçando-o com uma vara comprida e cobrindo-o de insultos.

- Eu conheço-te, meliante - gritou. - És grande e forte, mas tens a cabeça do teu pai. Eu tiro-te a vontade de te armares em parvo. Se te apanho, encho-te de pancada. Pietro tinha sempre sido temido pela gente das redondezas. Desde que tinha acalmado, o desprezo tinha predominado sobre o medo. Apesar disso, o camponês não o apanhou. Durante algum tempo, Andrea correu até ficar sem fôlego pelos campos cultivados com couves, delimitados por filas de amoreiras de ramos esqueléticos sob um céu sem cor. Depois parou, ofegante, e olhou em volta. Estava sozinho, naquela desoladora manhã de Natal. Adivinhou ao longe os finos contornos da torre da igreja do século XVIII.

Levantou os braços e gritou: - Meu Deus, se estiveres aí, ajuda-me.

A sua voz perdeu-se no horizonte infinito e plano. Então começou a saltitar entre as filas de couves, esmagando-as sob a sola dos sapatos duros só pelo prazer de sentir as folhas geladas estalarem numa espécie de lamento. Depois regressou a casa. Maria, sentada ao lado do fogão, remendava um par de meias de lã. - São as da Gemma - explicou-lhe. - Preparei todas as coisas dela para quando estiver aqui outra vez.

Andrea pensou: "É melhor que não volte", mas não o disse, até porque não sabia explicar a razão daquele desejo. Gemma sempre tinha sido afectuosa com ele, mas não sabia ao certo se gostavam um do outro. Como com Giacomo: eram irmãos, tinha acontecido viverem juntos, mas não se tinham escolhido. Para eles, certamente, ele pouco importava, porque se tinham ido embora. Com o pai tinha acabado a época das contradições: um dia a bebedeira e outro a ternura. Agora havia uma espécie de vazio que não sabia como preencher. E com a sua mãe? Pensou que se ela morresse ele ia sofrer. Mas também sofreria se morressem Full e Dolly. Queria isto dizer que ele gostava tanto da mãe como dos cães?

Ligou a televisão, já que não tinha resposta para estas perguntas. Transmitiam a missa de São Pedro e a voz do papa Montim dava a bênção urbi et orbi. Maria fez o sinal da cruz no momento em que entrou a avó Stella. Tinha feito todo o caminho a pé, desafiando o frio, para comer com eles. Trazia uma panela de sopa, uma galinha cozida, a mostarda de Cremona e o panettone.

Foi uma refeição silenciosa, interrompida por longos suspiros das duas mulheres. - Esperemos que a encontre mesmo - dizia a avó Stella.

- Ele prometeu-me - repetia obstinadamente Maria. - Daqui até Paris... - sussurrava a velha.

A refeição acabou e, de repente, a velha casa desarranjada e vazia encheu-se de gente. Vieram os irmãos de Pietro com as mulheres e os filhos. Trouxeram pequenos presentes. No dia de Natal manifestou-se a solidariedade dos parentes em relação à família de Pietro. Os tempos em que aquele irmão desnaturado desaparecia durante dias no seu velho carro para se ir embebedar com os amigos pareciam esquecidos. Desta vez era um pai desesperado que tinha ido buscar a filha. Merecia respeito e afecto. Por isso os parentes se uniram à volta de Maria para a confortar.

- Paris é grande - dizia a mulher. - Como é que ele vai conseguir encontrar a minha menina?

- O teu marido, quando quer, não é estúpido nenhum - diziam-lhe, para a tranquilizar.

Ninguém emitia juízos sobre o comportamento de Gemina, mas era evidente que todos a consideravam uma cabeça quente como o pai. Não estavam preocupados com Giacomo. Tinham comentado: "Teve bom senso. Se tivesse ficado com o pai, não tinha futuro nenhum". Mas todos conheciam a personalidade concreta do rapaz, tão diferente do pai. Da mesma forma que todos conheciam a instabilidade de Gemina, e os prognósticos sobre ela não eram muito favoráveis.

Andrea começou a jogar o loto com os primos. Deu-se conta de que se tinham tornado subitamente generosos e, fazendo batota, levavam-no a ganhar. Decidiu aproveitar tanta benevolência insólita.

Os adultos, entretanto, conversavam entre si, em voz baixa, tecendo comentários sobre a figura de Pietro. - É uma pessoa que sabe ajudar os outros nos momentos de necessidade - dizia um irmão. - Nunca o ouvi incomodar quem sofre - comentava uma cunhada.

Andrea jogava distraidamente e pensava que com o pai tinha aprendido a mentir e a sentir-se culpado.

O Natal passou e seguiram-se dias de negra solidão. Uma noite, veio visitá-los o padre para levar conforto a uma família de cujas tribulações tinha ouvido falar, como disse a Maria. Andrea foi esconder-se no seu quarto. Começou a ler um romance escolhido entre aqueles que Pietro tinha na estante, na garagem. Era de um escritor russo, Máximo Gorki. Chamava-se A Mãe. Era uma história apaixonante. Para lá da parede fina que separava a cozinha do seu quarto, ouvia a voz queixosa de Maria.

- Errei em tudo na minha vida. Portei-me mal com os meus filhos. Pensei sempre mais no meu egoísmo de mulher do que no meu papel de mãe - dizia, abrindo o seu coração. Andrea comparou-a à personagem de Pelágia Nilovna, vítima de Vlasov, um marido violento e bêbedo. Naquelas páginas tinha encontrado sentimentos e uma atmosfera muito semelhantes aos da sua família. Maria nunca tinha sido tão egoísta como agora dizia. O seu erro tinha sido o de escolher um homem diferente dos outros, querendo construir com ele uma família normal.

- Rezarei ao Senhor para que tudo se resolva pelo melhor - disse o pároco ao despedir-se, e depois de ter ouvido a confissão da mulher.

Uma noite, Maria pôs na mesa duas malgas de papas de farinha. A manteiga perfumada tinha desenhado finos círculos amarelos ao longo das bordas. Sentiram o barulho de um carro. No mesmo momento, tocaram os sinos da igreja. Os toques espaçavam-se para anunciar o fim do dia. Andrea pensou que o dia que morre se parece com uma vida que se apaga e recordou as lápides brancas entre os caminhos de saibro do cemitério.

A porta escancarou-se. Pietro entrou, segurando a sua filha nos braços, como se fosse uma menina. Com eles, entrou também em casa a morte, que era uma sombra imensa, fluida como

mercúrio, e que se enfiou em todos os quartos, nos cantos mais escondidos. Penetrou na cozinha, cobriu os móveis, insinuou-se no fogão e apagou o fogo. Andrea sentiu-se sufocar.

- Trouxe-te a tua menina - disse Pietro, que tinha uma barba de muitos dias, uns olhos encovados que brilhavam e um sorriso que fazia pena. Maria levou as mãos à boca para sufocar um grito.

- Já não é ela - disse, por fim, observando o perfil apalermado de Gemina, que tinha os braços agarrados ao pescoço do pai.

- Não, já não é ela - repetiu Pietro. - Está drogada. E também fez a outra coisa.

Andrea saiu para olhar os campos cobertos de neve que pareciam azuis à luz da Lua. Queria tirar de cima de si aquela terrível sensação de morte que lhe cortava a respiração, mas não conseguiu libertar-se dela. Então montou na bicicleta e começou a pedalar como um louco.

Entrou em casa da avó Stella que, ao vê-lo, fez o sinal da cruz. - Jesus, outra desgraça? - perguntou, num sussurro.

- O pai voltou. Trouxe a Gemina. Mas não vieram sozinhos. Com eles chegou também a morte - disse, finalmente. Tremia-lhe todo o corpo e parecia-lhe que a sua cabeça se tinha transformado num balão pesado, enorme, prestes a explodir.

- Estás quente como o lume - constatou a avó. Ele sentia-se de gelo.

Pietro demorou dois dias a chegar a Paris, passando pela Suíça. Na montanha, o carro avariou porque a correia de transmissão se partiu. Era de noite e não havia possibilidade de encontrar ajuda. Reparou a avaria como pôde. Depois teve de montar as correntes de neve. Ao entrar em território francês, foi apanhado por um ataque de sono e embateu num rail ao descrever uma curva. Por sorte, ia devagar. O carro ficou amolgado. Encontrou uma saída de emergência e dormiu duas horas. Depois retomou a viagem. Finalmente, leu a certa altura, numa placa de sinalização, a palavra PARIS. Tinha chegado. Ali estava a sua menina. Talvez até ficasse feliz por o ver. Talvez lhe agarrasse na mão e lhe dissesse: - Pai, agora vou mostrar-te uma cidade de que já me tinhas falado, mas que nunca viste.

Entrou na cidade. O céu estava cinzento na escassa luz do entardecer. O ar estava impregnado do gás dos escapes de carros e camiões. A paisagem urbana não se parecia com as imagens que ele tinha construído através das suas leituras. Parecia-lhe estar na periferia de Brescia ou de Milão, apenas

muito maior. Não tinha uma planta da cidade e, a certa altura, deu-se conta de que estava a andar às voltas porque se encontrou na mesma praça pela terceira vez. Por fim viu umas placas que diziam PORTE D'ITALIE e, como não conhecia a língua, imaginou que indicassem a direcção de onde tinha vindo, a Itália. Atravessou-a, seguindo as setas que indicavam o centro da cidade, e pouco depois leu outras placas que indicavam a GARE DE LYON. Atravessou o Sena. Foi complicado encontrar a rua Gilbert, onde a filha morava, segundo as indicações de Gnutti.

Estava demasiado cansado para parar a admirar aqueles edifícios imponentes e severos, a imensidão das praças, as luzes cintilantes na escuridão da noite. Estava assustado, intimidado e só. Não ousava sequer pedir indicações a quem passava, uma vez que não falava a sua língua. Pensou em todas as vezes que se tinha considerado uma espécie de super-homem e tinha olhado os outros do alto do poder que lhe vinha de se saber o mais forte. Agora a força física não o podia ajudar. A ignorância esmagava-o. Só a determinação de recuperar a sua menina o fazia não perder o ânimo. E encontrou a casa onde estava Gemina. Um palacete decadente. Nem sequer tinha portão. Subiu uma longa escadaria de degraus húmidos e escorregadios. Abriu uma porta com vidros e encontrou-se numa espécie de vestíbulo escuro do qual partiam escadas, corredores e portas, entre imundície, vozes alteradas, músicas ensurdecedoras e estridentes e alguns choros de mulher e de criança.

- Mas onde foi que eu vim parar? - sussurrou, com a certeza de se ter enganado na direcção. Acendeu um fósforo para ter alguma luz e confirmar que aquela era a casa que procurava. Apartement 41, estava escrito no bilhete de Gnutti. Então reparou que por cima de cada porta estava indicado um número. Estava em frente do 41. Bateu à porta. Ninguém respondeu. Por que seria que a sua filha tinha preferido aquele lugar horrendo à sua casa que, apesar de estar em mau estado, era certamente mais confortável e mais limpa? Empurrou o fecho e a porta abriu-se. O cheiro insuportável da imundície e da degradação provocou-lhe náuseas. Havia gente deitada em catres e colchões, num emaranhado de roupas, garrafas de vinho e outras bebidas alcoólicas vazias e restos de comida. A luz ténue de uma lâmpada azulada criava no quarto sombras alongadas. De uma aparelhagem estereofónica saía o som repetitivo e forte de uma música rocle.

- Estão todos bêbedos - pensou, assustado.

Uma vez que Alessandro Gnutti lhe dissera que Gemma estava com uma amiga, Pietro tinha imaginado qualquer coisa pequena sob os telhados de Paris, uma casinha asseada, com charme, e duas raparigas cheias de alegria de viver que certamente faziam qualquer trabalho ligeiro para se manterem. Tinha-se obstinado absurdamente a acreditar nisso, apesar de o aspecto do jovem Gnutti, que tinha vivido com ela até há poucos dias, não ajudar a essa ilusão.

Pietro não era pessimista. Quando uma situação lhe parecia demasiado desagradável, pensava logo que havia uma forma de a melhorar. Mas desta vez não encontrou nenhum pretexto para a esperança. Olhou em volta. Aqueles corpos exaustos, aqueles rostos apalermados de jovens eram o produto de uma civilização a caminho da ruína. "Marginais, filhos de marginais" pensou. E, naquele momento, lembrou-se de que também ele tinha sido sempre um inadaptado. Regressaram-lhe ao espírito aquelas infinitas bebedeiras na companhia dos amigos, todos os expedientes para juntar algum dinheiro quando não trabalhava, as perigosas visitas nocturnas aos armazéns das fábricas de onde roubava roupas e móveis pelo prazer de dar à sua mulher prendas impossíveis. Nunca tinha ido parar à cadeia, mas tinha-o merecido. Que exemplo tinha dado aos seus filhos? Como podia imaginar que Gemina, tendo deixado a aldeia na companhia de um idiota, depois de ter batido na avó para arranjar dinheiro, pudesse ter ganho juízo?

Uma rapariga esquelética olhava-o com um ar imbecil.

- Estou à procura da Gemina. Onde está? - perguntou-lhe. Inesperadamente, a rapariga respondeu-lhe na sua própria língua. - Sei lá! Não sou mãe dela - replicou a jovem, enquanto esticava um braço para fora da colcha para pegar numa garrafa.

- Pelo menos sabes de quem falo? - perguntou o homem, inclinando-se sobre ela.

- Sei. É a amiga do Alessandro. Se não está aqui, é porque saiu para arranjar dinheiro - disse, com um ar indiferente.

A sua filha não estava ali. Havia três rapazes e duas raparigas. Tinham um ar apalermado, terrível.

A loira agarrou na garrafa e bebeu um longo trago. - Mas tu quem és? - perguntou-lhe bruscamente.

- Um amigo - respondeu Pietro. E acrescentou: - Onde é que ela vai arranjar dinheiro?

- Procura na Gare de Lyon, é onde ela vai sempre - explicou. Em seguida os seus olhos apagados iluminaram-se. - Tens alguns trocos? - perguntou-lhe.

- Vai para o inferno - praguejou ele, saindo daquele lugar nojento.

Estava já noite fechada. O frio era quase insuportável. Mas o que o paralisava era o gelo da alma. Gemina, sentia-o, estava perdida para sempre. E, no entanto, tinha de a encontrar para a levar a Maria.

Na estação, as pessoas entravam e saíam incessantemente. Pareciam-lhe marionetas enlouquecidas. Os automóveis e os táxis faziam muito barulho por causa de um engarrafamento. Havia tanta luz como se fosse de dia. Grinaldas luminosas, penduradas no céu, desejavam JO=x NOËL. Odiou aquela humanidade de ar atarefado e feliz. Odiou-os a todos porque ele estava a viver sozinho um drama desconhecido dos outros e pelo qual se sentia extremamente culpado. O seu olhar, habituado a descobrir a caça nos sítios mais difíceis, captou a presença de Gemina. O instinto, mais do que o aspecto, disse-lhe que era ela aquela figura mirrada, magra, enfiada num par de jeans à boca-de-sino, coberta com um miserável blusão de carneira, com os olhos cobertos por uma pintura pesada. Chamava os que passavam por ela. A sua menina prostituía-se para sobreviver. Reteve um soluço e agarrou-a.

- O que é que tu queres, seu merdoso? - balbuciou ela. Vacilava, incapaz de opor resistência.

- Sou o teu pai - sussurrou, segurando-a pelos ombros e arrastando-a para longe da luz.

Tinha economizado durante toda a viagem para se poder permitir um quarto de hotel. Pediu um com duas camas. Mal chegou ao quarto, a primeira coisa que fez foi meter Gemina debaixo do chuveiro. Estava convencido de que assim ela ia recuperar alguma coisa. Mas, uma vez que a filha não se aguentava em pé, despiu-a e viu os seus pobres braços martirizados. Encontrou uma seringa no bolso do blusão. Deitou-a na cama e ela adormeceu imediatamente. Saiu para comprar um vestido e um casaco para ela. Fez uma provisão de pão e queijo. Quando voltou ao quarto, Gemina ainda dormia. Deixou-se cair na cama. Estava destruído. Adormeceu ainda com o capote de lã e o barrete postos.

Acordou de repente. Gemina tinha desaparecido. Deu um salto e escancarou a porta da casa de banho. A sua filha estava ali, acocorada no canto entre o lavatório e a banheira, com o cinto das calças

amarrado à volta do braço, o punho fechado. Na mão direita, uma seringa injectava veneno numa veia. Arrancou-lha, e o sangue salpicou tudo à volta. Pietro estava aterrado. Nunca tinha visto nada parecido.

- És um chato - disse ela, com a voz empastada. - Dá-me qualquer coisa para fumar - balbuciou.

Se lhe tivesse batido, provavelmente ela nem teria dado conta. Pegou-lhe por um braço, voltou a instalá-la na cama e arranjou-lhe os cobertores.

- Como é que estás? - perguntou-lhe. - Bem - respondeu.

- Como é que se chama aquela porcaria que injectas nas veias? - Heroína. Não é uma porcaria. É um remédio. Depois vê-se tudo bonito. Quero montes de heroína. É a única coisa que desejo. - Onde foi que a escondeste?

Gemina deu uma gargalhada infantil.

- No tacão da bota - respondeu, satisfeita.

Talvez Gemina precisasse mesmo da droga para estar bem. Até há bem pouco tempo, para se sentir bem, ele bebia. E então?

Não tinha sido fácil, para ele, compreender que atordoar-se com o álcool não o ajudava a viver, nem a raciocinar, nem a sentir-se mais feliz. O vinho era barato, enquanto que aquela coisa que Gemma escondia e pela qual se prostituía era muito cara. Pietro sabia-o e, pela primeira vez, via na sua filha os efeitos devastadores da droga. Gemina era um esqueleto. A pele do rosto era cinzenta, opaca. Dormia, ou estava apenas insensível? Acariciou-lhe o cabelo. Passou-lhe um guardanapo húmido pela cara para retirar as últimas marcas de pintura.

Depois foi à casa de banho e limpou-se cuidadosamente do sangue da sua filha.

Estava destruído e, no entanto, alimentou uma luz de esperança. Tinha de levar a sua menina para casa depressa. Precisava de tratar dela, de a salvar. Alternava momentos de esperança com outros de inquietação. Não arriscou estender-se na cama, com receio de adormecer. Tinha medo de que a rapariga aproveitasse para fugir. Comeu um bocadinho de pão com queijo, bebeu água mineral e depois preparou mais pães para a viagem de regresso.

A filha dormia. Parecia tranquila.

O regresso foi alucinante, porque Gemina estava desperta e nervosa. Repetia obsessivamente que tinha necessidade "de se chutar". A certa altura agrediu-o, porque queria que Pietro parasse e a

deixasse ir embora. Cobriu-o de insultos e ele teve de lhe bater e de a amarrar ao banco para continuar a guiar. Quando estavam já em território italiano, Gemina desapareceu. Disse que precisava de ir à casa de banho. Ele confiou. Foi encontrá-la no posto da polícia de Aosta, onde tinha ido participar o seu desaparecimento.

Tinha sido apanhada num estaleiro junto à estrada. Contou que tinha sido agredida por um camionista.

- Talvez seja verdade e talvez não. Mas uma coisa é certa: está completamente drogada - disseram-lhe os guardas. De facto, estava estendida numa maca, a dormir. Acordou a poucos quilómetros da aldeia. Estava muito fraca. Pietro teve de lhe pegar ao colo para a levar para casa. Depois, quando Maria a meteu na cama, teve de lhe explicar a situação. Contou-lhe tudo.

- Eu vou dormir - concluiu Pietro. - Tu, toma conta dela. Pode fugir outra vez.

E assim foi. Aconteceu quando Andrea chegou a casa, trazido pelo tio, e chamaram um médico para o ver, porque estava muito mal. Estavam todos no quarto da criança e Gemina aproveitou para fugir.

Foi um Inverno terrível. Nunca se tinha visto tanta gente na casa dos Donelli. Vinham os parentes, os amigos, os curiosos, o médico, o padre e os guardas. Tudo girava à volta de Gemma. Todos traziam conselhos, sugestões, imagens milagrosas. Entretanto desapareciam as poucas coisas de valor que não tinham sido vendidas nem empenhadas: os lençóis de linho bordados à mão do enxoval de Maria, a espingarda de caça de Pietro, o relógio de pulso de Andrea. Gemina, não se sabia como, conseguia iludir aquela vigilância rigorosa e desaparecia durante dias. Voltava em condições cada vez piores. Quando estava em casa, dormia. Ou então apontava uma faca à garganta da mãe para arranjar dinheiro. Nos jornais saiu a notícia, acompanhada de uma fotografia, da morte de Alessandro Gnutti. O cadáver tinha sido encontrado na casa de banho de um bar em Milão, onde se tinha escondido para injectar a última dose de droga.

O médico, chamado diversas vezes, receitava sedativos potentes, que em Gemina tinham um efeito diminuto, e abanava a cabeça. - É um vício que não sabemos como curar - dizia. Andrea, que tinha estado durante dias com uma febre altíssima, foi internado no hospital, porque se temia que fosse meningite. Quando teve alta, recusou-se a regressar a casa e foi viver com a avó. Tinha medo da morte

que se tinha instalado em sua casa. De facto, uma manhã, Pietro encontrou Full e Dolly mortos na sua casota. Uns dias depois, morreram também as galinhas de Maria. A avó Stella rezava continuamente. Algumas vezes, dominada pelo desencoraiamento, sussurrava: - Se o bom Deus me ouvisse, pelo menos uma vez... - Mas, na realidade, não sabia o que lhe havia de pedir e limitava-se a concluir: - Se ao menos me fizesse morrer.

Andrea, pelo contrário, esperava com todas as suas forças que a morte levasse Gemma, que estava agora reduzida a pouco mais do que um vegetal mas que, no entanto, ainda arranjava por vezes força para lhes causar problemas.

Veio outra vez o médico vê-la. Abanou a cabeça com um ar desconsolado. - Vão acabar por a encontrar morta numa latrina como o filho do Gnutti - disse a Pietro. E acrescentou: - Vai-te mentalizando.

Mas Pietro não conseguia mentalizar-se. Gemina ficava estendida na cama, durante horas, completamente insensível. Pietro sentava-se ao pé dela, punha a tocar o disco de La Bohème, em surdina, e cantava baixinho em sintonia com o tenor, o soprano e o barítono, acariciando-lhe o cabelo. Maria metia-lhe a comida na boca como se ela fosse uma recém-nascida, pois de outro modo Gemina não comia.

A avó Stella morreu. Encontrou-a Andrea, que dormia em sua casa, num divã na sala, e que tinha ido de manhã levar-lhe um café, antes de ir para a escola. Parecia adormecida.

Depois do funeral, Pietro obrigou-o a regressar a casa. A mãe disse-lhe: - Fá-lo por mim.

Gnutti disse a Pietro que tinha sabido de uma clínica, na Suíça, onde curavam os doentes como Gemina.

- Não te preocupes com as despesas. É por minha conta - tranquilizou-o.

- Da minha menina trato eu sozinho - reagiu Pietro.

- Acho que se tivesse sabido mais cedo desta clínica, tinha levado lá o meu filho e ele não tinha morrido - insistiu.

- Tinha fugido. Sabes muito bem disso - corrigiu Pietro.

- O que sei é que, quando vou visitá-lo ao cemitério, sinto uma grande tranquilidade. Sinto que, finalmente, repousa em paz - confiou ao velho amigo.

Maria e Pietro continuavam a esperar o impossível. E, finalmente, o impossível aconteceu um dia. Gemina levantou-se cedo, com as suas poucas forças lavou-se cuidadosamente, secou o cabelo ao pé do fogão, vestiu-se e penteou-se, e depois preparou o café para Andrea e para os pais.

- Acabei com aquela merda - anunciou.

Maria abraçou-a. Gemma olhou para o pai e sorriu-lhe, enquanto mexia o açúcar na chávena de café.

- Isto é um milagre. É a avó Stella que, lá no céu, rezou ao Senhor por nós - disse Maria.

- É a minha menina que é forte e sensata e percebeu que quer viver - afirmou o seu pai.

Foi trabalhar a cantar e, à noite, quando voltou a casa, o jantar estava pronto. Tinha sido Gemina a cozinhar.

- Falei com o Gnutti. Logo que recuperes um bocadinho as forças, mete-te na fábrica a trabalhar. Vais ter um emprego - anunciou com orgulho.

- E vamos sair desta casa - decidiu Maria. - Os teus tios dão-nos a casa da avó. Temos de a pintar e arranjar. Acabou o isolamento. Até o Andrea, coitado, vai poder estar mais tempo com os colegas e não vai ter de percorrer um caminho tão longo até à cidade, para chegar à escola.

Gemina parecia ter acordado de um longo sono. - Em que escola estás? - perguntou ao irmão.

- Estou no primeiro ano de contabilidade. E sou bom aluno - informou-a timidamente.

- Se calhar eu também vou voltar a estudar - disse Gemina. No coração da noite, Andrea foi acordado pela irmã.

- O que é que queres? - perguntou, ensonado.

- Não consigo dormir. É sempre assim quando se tenta desintoxicar. Já me tinha acontecido em Paris. Uma vez, eu e o Alessandro decidimos acabar com a heroína. Não conseguimos dormir nem dez minutos em três dias.

- E depois? - perguntou o irmão.

- Depois dormimos seis horas. Estávamos tão bem que recomeçámos a picar-nos.

- Vais fazer a mesma coisa desta vez?

- Não. Agora cortei mesmo. Não quero acabar como o Alessandro. Ele morreu porque tomou um produto de má qualidade. Mais cedo ou mais tarde acaba por acontecer, mesmo se se pagar caro. A gente sabe, mas quando precisa daquilo a todo o custo nem liga. Percebes?

- Não. Não percebo nem quero perceber. A droga não me interessa. Aliás, até me meto nojo, se queres que te diga - disparou Andrea.

- Queria pedir-te desculpa por te ter roubado o relógio. - E acrescentou: - Vou trabalhar. Com o primeiro ordenado vou comprar-te um ainda mais bonito.

- Está bem. Agora deixa-me dormir.

- Deixa-me ficar ao pé de ti. Eu não durmo, mas vou-me sentir menos só - suplicou.

Andrea chegou-se para o lado para lhe deixar espaço na sua cama, mas Gemina fazia-lhe medo. As coisas continuaram assim durante uma semana. Gemina não dormia, mas resistia. Maria, seguindo os conselhos do médico, enchia-a de comida, de fermentos lácteos, de vitaminas e de camomila. O seu olhar ia-se tornando mais claro e os braços estavam a melhorar.

- Para a semana mudamos para a aldeia - anunciou Pietro. - A partir de hoje vamos começar a pintar as paredes. Estamos em Março. A tinta vai secar depressa. Comprei pincéis e duas latas de tinta. Quem me ajuda?

- Nós ajudamos-te - disse Maria, radiante.

Assim, depois do jantar entraram todos no Ford e foram para a aldeia. A casa da avó já estava desocupada. Muitas coisas tinham sido deitadas fora, outras amontoadas e cobertas com capas de plástico. Andrea e Gemina debruçaram-se da pequena varanda da sala que dava para a praça. Os dois cafés da aldeia estavam iluminados e cheios de gente. Nos degraus da igreja havia jovens que conversavam, riam, comparavam as suas motos e faziam perguntas, como especialistas, sobre a potência de cada uma.

- Gostava de ser como eles - disse Gemina. - Porquê? - perguntou o irmão.

- Porque me interessava por alguma coisa. Assim, só tenho uma coisa na cabeça. Só aquela. É uma obsessão que não quer ir embora - sussurrou.

- Vocês os dois, parem de conversar e venham cá dentro ajudar - disse Maria, impaciente.

Começaram todos a trabalhar com Pietro.

- Vai buscar-me um balde de água. Preciso de diluir esta tinta - disse Pietro a Gemina.

Gemina foi à cozinha. E não voltou. Era como se o vento a tivesse levado. Ninguém a viu desaparecer.

Pietro e Maria passaram a noite à procura dela. Não havia vestígios da filha, nem na aldeia nem nos campos. A esperança renascida uma semana antes apagou-se numa nova dor. Ao fim de três dias, quando já era noite, ouviram arranhar a porta de casa, como faziam os cães quando queriam entrar. Pietro foi abrir. Gemina caiu-lhe nos braços. Estava cheia de droga. Ninguém fez comentários. Maria despiu-a, limpou-a e meteu-a na cama. Andrea fechou-se no seu quarto a chorar, não pela sua irmã, mas por si próprio. já não havia a avó Stella, para se refugiar. Era-lhe insuportável estar ali, entre aquelas paredes, onde tremia de medo.

Pietro deu um tranquilizante a Maria e obrigou-a a ir para a cama.

- Eu fico ao pé da minha menina - disse à mulher.

Andrea sentiu durante muito tempo os passos pesados do pai que se deslocava entre a cozinha e o quarto de Gemina. Sentiu-o sair. Levantou-se e olhou a escuridão, através do vidro da janela. Viu aquele homem enorme ajoelhado no chão, dobrado sobre si próprio. Abriu a janela e ouviu-o soluçar. Refugiou-se na cama, a tremer. Pietro regressou a casa. Entrou no quarto de Gemma e ligou o gira-discos, em surdina. De novo La Bohème, e de novo a sua voz que repetia aquelas palavras num sussurro.

Andrea tinha a garganta seca. Saiu do quarto para ir à cozinha beber água. A porta do quarto de Gemina estava aberta. Viu Pietro de costas, inclinado sobre a filha, que dormia profundamente. Acariciava-lhe os cabelos e falava-lhe com doçura, enquanto o soprano cantava: Mi piacciono quelle cose...

- Estás a sofrer muito, minha filha - sussurrava Pietro -, não mereces uma agonia tão terrível. És como um passarinho ferido. Eu acreditei que ias voar outra vez. Não conseguiste. Mais uma vez foste sair, à procura de certa gente má, gente que não conhece o anjo que há em ti. Gosto muito de ti, Gemina.

Levantou-a pelos ombros e apertou-a contra si, com força, cada vez com mais força, embalando-a.

"Meu Deus, está a esmagá-la" pensou Andrea. Teve piedade do desespero do seu pai e horror da sombra escura da morte que deslizava sobre aqueles dois, como uma onda gigantesca, e os envolvia, arrastando-os consigo. Tinha medo de entrar naquele quarto, de se aproximar do pai e da irmã. Refugiou-se na cozinha. Pôs os lábios por baixo da torneira da água e bebeu.

- Sabes que dia é hoje? - perguntou Pietro. Sorria-lhe da porta da cozinha.

Incapaz de falar, Andrea abanou simplesmente a cabeça, como um autómato.

- É o dia vinte e um de Março. O primeiro dia da Primavera. Depois do longo sono do Inverno, renasce a vida. - E acrescentou: - Agora vou trabalhar. Diz à tua mãe, quando ela acordar, que a tua irmã repousa, finalmente.

Saiu. Andrea viu-o entrar no Ford e olhou para ele enquanto se afastava ao longo da estrada, por entre os campos. Lá fora despontava a Primavera.

Pietro não voltou. Naquela manhã, quando se abriu o forno em que trabalhava, encontraram-no debaixo de uma camada de aço em fusão.

Uma mão simpática pousou no ombro de Andrea e uma voz doce disse-lhe: - Estás a chorar. Está assim tão mal, a avó? Ele estendeu um braço e apertou a cintura estreita de Lucia.

- Sou um pai cheio de sorte - sussurrou. - Porque te tenho a ti - acrescentou, pensando em como a sua filha se parecia tão pouco com aquela tia infeliz, morta havia quase trinta anos. Nunca lhe tinha falado de Gemma, até porque tinha há muito tempo apagado a sua recordação. Gemma era uma imagem de contornos nebulosos, enquanto que ao seu pai o tinha mitificado, fazendo-o tornar-se uma espécie de herói. "Lembras-te de quando ele trouxe do bosque o pinheiro de Natal?", dizia Maria. "Era um caçador fantástico. Não falhava um tiro." "A Callas e Di Stefano eram amigos dele e uma vez convidaram-no para jantar." "Sabia as óperas todas de cor. La Bohème era a sua preferida. Puccini o seu deus. Era uma pessoa que sabia muito de música." Maria e Andrea tinham inventado uma personagem picaresca, divertida, impávida e generosa. Foi preciso a fuga de Pénelópe e a crise que se lhe seguiu para fazer vir ao de cima, com toda a sua carga de tragédia, a história de uma família desesperada e de um pai que, à falta de outras qualidades, tinha feito da força física um estandarte. Quanto ao resto, Pietro era tímido, inseguro, um homem com medo da vida. Eram estes os valores que lhe tinha transmitido, e agora tinha de saldar contas com estas fraquezas.

- Então, como está a avó? - insistiu Lucia.

- Já estás a ver. Dorme, felizmente. Mas tu devias estar em casa a tratar dos teus irmãos - disse Andrea.

- E estou a tratar. O Roberto trouxe-me aqui e vamos os dois ao infantário buscar o Luca. E logo à noite vai levar-me ao ensaio de flamenco - explicou.

- O teu namorado é um amor - constatou Andrea, aliviado. - O Roberto é perfeito. Como eu, de resto - brincou a rapariga. - Mas o problema, agora, é esta pobre avozinha. Quem é que vai ficar ao pé dela? Quero dizer que não podes tomar conta dela sozinho, dia e noite.

Raciocinava como Pénelópe, demonstrando o mesmo bom senso. Até há poucos dias antes, criticava todas as palavras da mãe; agora comportava-se da mesma maneira, mesmo na relação com Andrea.

- Já pedi os serviços de uma enfermeira externa, para esta noite. Quando ela chegar, eu volto para casa. Agora vai-te embora - disse.

Lucia beijou a avó e depois tocou com um gesto maternal a face do pai.

- Eu sei que estás a sofrer por causa dela. E também pela mãe. Vai correr tudo bem, vais ver - tranquilizou-o.

Andrea esteve quase a perguntar-lhe se tinha comido. Depois, lembrando-se das admoestações de Pénelópe, calou-se. Em todo o caso, já havia Roberto, o seu namorado, que a vigiava nesse aspecto.

Nas horas que se seguiram, Maria foi transferida para o serviço de cardiologia. Andrea estava prostrado e confuso. Todas as recordações de uma infância e de uma adolescência difíceis, trazidas com clareza à sua consciência, tinham-no perturbado. Olhou para a sua mãe, que se ia apagando, e pensou na sua força, na sua determinação, na sua generosidade, na sua capacidade de suportar a dor. Dos seus três filhos, uma tinha-se perdido. Giacomo, o irmão mais velho, tinha-se protegido com um cinismo que talvez nem possuísse para fugir da violência e da miséria.

Maria, com os dentes cerrados, tinha continuado a cultivar o seu sonho de normalidade. Depois da morte de Gemma e do marido, abraçou o filho ainda adolescente.

- Vou levar-te daqui - prometeu-lhe.

Gnutti, o industrial que tinha relações importantes, conseguiu arranjar-lhe um lugar como contínua numa escola privada onde Andrea ia continuar o curso de contabilidade. Com a pensão do marido e o seu salário, começaram juntos uma nova existência em Milão, onde não conheciam ninguém e ninguém os conhecia a eles. Como em todos os locais de trabalho, Maria encontrou alguém que a tiranizava pelo prazer sádico de a humilhar. Era a professora Cazzaniga.

- Preciso de ir à casa de banho, Maria. Vá limpá-la - ordenava. Maria, obediente, voltava a limpar a retrete e o bidé, que já estavam limpos. Depois de a ter usado, a professora Cazzaniga deixava

a casa de banho em condições lastimáveis, para que os outros professores pudessem queixar-se da contínua incompetente.

- Esta criança está suja. Lave-a e mude-a - ordenava-lhe. - E já que está com as mãos na massa, lave-se também porque tem os cabelos gordurosos.

Aos quarenta anos, Maria tinha-se matriculado nos cursos nocturnos, na esperança de vir a ser professora. Esta aspiração legítima tinha desencadeado sabe-se lá que demónios na psicologia retorcida daquela solteirona maligna que aspirava a tornar-se directora pedagógica, mas que tinha visto naufragar as várias tentativas. Mesmo a meio das aulas, saía da sala e caía em cima de Maria para verificar se ela estava a estudar durante o horário de trabalho. Uma vez apanhou-a a fazer um exercício de gramática. O livro voou pela janela fora.

- Podia denunciá-la por incompetência, sabia? - Com este recado mantinha-a de rédea curta e atingia-a com duros golpes, chamando-lhe a "nossa contínua sabichona", a "nossa aspirante a Maria Montessori", o "futuro Prémio Nobel da didáctica".

Maria calava-se. já tinha superado provas piores na sua vida. À noite desabafava com Andrea.

- Não ligues, mãe - dizia ele. Mas roía-se e desejava à professora Cazzaniga uma morte lenta e dolorosa por todo o mal que fazia à sua mãe.

A professora Cazzaniga tiranizou Maria durante dois longuíssimos anos. Depois foi atingida por um mal que não perdoa. Andrea arrependeu-se por lhe ter desejado aquele fim. A sua mãe, que nunca tinha formulado pensamentos análogos, disse: - Cá se fazem, cá se pagam.

No entanto, foi muitas vezes visitá-la ao hospital, levando-lhe qualquer pequena lembrança que, no meio do sofrimento, a professora Cazzaniga aceitava com gratidão.

Chegou a enfermeira contratada para a noite.

- Se a mãe piorar, telefone-me a qualquer momento - recomendou Andrea.

Deixou aquele local de dor com um sentimento de alívio. No átrio encontrou Stefania, a sua última amante.

- O que é que estás aqui a fazer? - perguntou-lhe.

- Acabo de deixar a minha irmã. Foi operada de urgência por causa de uma úlcera perfurante - explicou a colega.

- E está tudo bem? - perguntou, dando-lhe o braço. Desta vez não havia subentendidos naquele gesto afectuoso.

- Parece que sim, felizmente - respondeu ela. Os sinais da tensão emotiva eram revelados pelo nervosismo dos gestos. - Já soube que a Pepe te deixou - acrescentou.

- As más notícias chegam depressa.

- Sinto-me tão culpada - lamentou-se a jornalista.

- A Pepe não se foi embora por tua causa. O culpado sou eu. Tu és boa rapariga e eu sei que vamos continuar a ser amigos - disse ele, dando-lhe uma pancadinha afectuosa no ombro.

- E tu, por que foi que vieste ao hospital? - perguntou-lhe. Estavam já na rua, perto do parque de estacionamento.

- A história do costume. A minha mãe está doente - informou-a.

- Sabes uma coisa, Andrea? Os maus momentos passam. Os bons sentimentos ficam. Sou tua amiga, sinceramente - afirmou, abraçando-o.

- Eu também - disse Andrea. Admirou-se por não experimentar nenhuma emoção por aquela bela colega que lhe tinha suscitado tantos desejos.

- As melhoras da tua mãe - disse ela, despedindo-se. - Da tua irmã também - replicou ele.

Enquanto regressava a casa, cansado e deprimido, voltou-lhe um nome ao espírito: Mortimer. O que teria tido Pénelópe para partilhar com um homem que usava aquele nome odioso? Recordou a breve mensagem no cartão de visita, que começava com: "Gentil Pepe". Torceu os lábios num trejeito de aversão e sussurrou: - Decididamente, um idiota. - Pensou no maço de cartas, apertadas com uma fitinha branca, na gaveta da escrivaninha. Nunca teria a coragem de desapertar aquela fita, abrir os

envelopes e ler o seu conteúdo. Tinha medo de se encontrar com uma realidade desagradável. Havia já demasiadas complicações na sua vida.

Entrou em casa e viu Priscilla na sala, sentada no sofá a falar ao telefone. Exprimia-se num inglês aproximativo e dizia ao seu interlocutor palavras de fogo. Chamava-lhe bastardo e ameaçava-o de represálias. Para além disso, explicava-lhe que era ainda suficientemente sexy para arranjar um companheiro melhor do que ele. Estava tão acalorada a exprimir as suas próprias razões que não se apercebeu da chegada de Andrea.

Ele foi à casa de banho lavar-se e vestiu uma camisa limpa. Estava cansado e cheio de fome. Na cozinha, por sorte, encontrou o seu jantar na mesa: era uma espécie de picadinho. Cheirou-o. Tinha um aroma adocicado.

- Priscilla! - chamou.

A filipina chegou, irritada por ter sido obrigada a concluir repentinamente a discussão com o namorado.

- O que é esta coisa? - perguntou-lhe Andrea. - Estava a contar com um belo prato de massa.

- É porco. Fritei-o em mel. É muito bom. Vai dar-lhe muitas forças.

Andrea provou um pedaço. Era horrível. Afastou o prato.

- São todos uns viciados, nesta família. O único que gostou foi o Luca. Os outros recusaram - rosnou.

- Quero um prato de esparguete - ordenou, enquanto deitava ao lixo aquela comida desagradável.

- Então vai ter de o fazer. Eu acabei o meu horário de trabalho - respondeu, agressiva.

- És uma cretina! - explodiu. - Então também acabou o uso do telefone. Vai para o teu quarto - ordenou-lhe.

Priscilla saiu empertigada da cozinha, mas voltou a aparecer logo em seguida.

- O senhor tem de me dar um aumento de ordenado porque ando a trabalhar muitíssimo e sinto-me cansada. Hoje não foi como quando cá está a minha senhora. Tudo em cima dos meus ombros. Sinto-me muito cansada - repetiu.

Andrea olhou para ela, lívido.

- I am very tired. Do you understand? - reforçou a ideia em inglês, com uma cara de enfado. Era uma rica chantagem. Se Pénelópe ali estivesse, ela saberia metê-la na ordem; mas o que podia ele fazer? Aceitar a chantagem e a insubordinação ou pô-la na rua. Escolheu a última hipótese.

- Estás despedida - anunciou, tranquilamente. Depois abriu o frigorífico à procura de qualquer coisa comestível.

Priscilla olhou para ele abrindo os lábios ainda inchados da pancada que tinha apanhado do egípcio.

- I am weary of you. Do you understand? - respondeu-lhe à letra.

- A minha senhora tem razão. Os homens são todos iguais - rosnou. Depois sorriu-lhe: - Eu preparo-lhe uma salada de tomate com mozzarella e azeitonas. Está bem?

- Dou-te cinco minutos para a preparares - avisou. Tinha vencido mais uma pequena batalha.

Foi ver os rapazes. Luca dormia ao lado de Sansone. Damele estava sentado à secretária, a estudar. Sem todas aquelas argolas que o tornavam grotesco, era mesmo um bonito rapaz.

- Não achas que é um bocado tarde para estudar? - perguntou-lhe em voz baixa, para não acordar o pequenino.

- Pai, amanhã tenho a última chamada de História. Se não tiro pelo menos oito, não tenho média e lixam-me ali também - explicou.

- Castigam-me ali também - corrigiu Andrea.

- Como está a avó? - perguntou, mudando de assunto. - Continua na mesma. Quem levou o cão à rua?

- Roberto Tradati, o grande amor da minha irmã. O homem perfeito que sabe as datas de todas as guerras e resolve problemas de matemática como se fossem palavras cruzadas.

- Tens ciúmes?

- Um bocadinho. Sobretudo, irrita-me aquele ar de perfeição. - Está bem, estuda. Onde está a Lucia?

- Imagina - desafiou.

- Na casa de banho - adivinhou Andrea.

Lucia estava sentada num banco, tinha posto os pés de molho numa bacia com água e sal e entretanto fazia um exercício de Grego. Estava em camisa de noite e tinha rolos no cabelo. Andrea olhou para ela e sorriu. Ainda na véspera gatinhava pela casa, e agora assumia um comportamento de mulher. Tinha uma energia desconcertante. Nisso parecia-se com Pénelópe.

- Por que estás a dar banho aos pés? - perguntou-lhe.

- É a única maneira de dar alívio às minhas pobres extremidades depois de duas horas de dança - explicou, e acrescentou: - Como está a avó?

- Não há novidades. Esperemos que esteja bem. E tu?

- Há quatro anos que danço flamenco e ainda não sabes o que se trabalha com os pés. Uma hora de aquecimento, quando corre bem. Fazemos o golpe, forçando planta e tacón, e depois é que começam as sevillanas e temos de coordenar o ritmo dos pés com a vuelta, a vuelta a tras, o paseito e a pasada. Estou rebentada.

Aos treze anos Lucia tinha sido operada a um pé, devido a uma malformação congénita que tinha implicado a inserção de dois parafusos de titânio entre a tíbia e o calcanhar. Agora os seus pés estavam perfeitos. Iriam aqueles parafusos resistir às solicitações de uma dança baseada sobretudo na força dos pés? Guardou a dúvida para si, uma vez que Pénelópe nunca tinha feito comentários sobre isso.

- Vou comer uma salada caprese - anunciou. - Estou em jejum desde manhã.

- Também vou comer um bocadinho. Ainda vou ter umas horas de estudo - decidiu Lucia.

Perante a firmeza de Andrea, Priscilla tinha-se empenhado e agora estava a um canto da cozinha à espera de ordens.

- Podes ir para o quarto - disse-lhe Andrea. - Quando precisares de telefonar aos teus amigos, anota as chamadas porque no fim do mês desconto-te no salário - acrescentou tranquilamente. Não lhe ia permitir pôr e dispor na ausência da sua mulher.

- Está bem, senhor - concordou, antes de desaparecer.

Lucia comeu mais do que o costume. O pai não fez comentários.

Mas ela, sim.

- Está a acontecer-me uma coisa estranha. Tenho fome. Fome, realmente, sempre tive, mas já não me sinto culpada por comer. O que é que tu dizes?

- Eu cresci na miséria e estava sempre à espera da chegada da minha avó, que nos trazia o almoço ou o jantar e era como se chegasse uma dádiva do céu. Há dois anos que estamos a dar demasiado dinheiro ao psicólogo. Se tens problemas comigo, gostava que me falasses deles. Se os tens com a tua mãe, devias enfrentá-la e dizer-lhe abertamente o que sentes e o que pensas, em vez de guinchares sempre como uma galinha esganada. A mãe pode ter as suas culpas nos teus conflitos. Mas quem não tem? És bonita, aliás, lindíssima, tens imensos interesses, tens um namorado que te adora. Se estás à procura da Lua, fica sabendo que nunca a vais encontrar - disse Andrea, limpando o prato com um pedaço de pão.

- Talvez eu esteja à procura daquela clareza que nunca existiu nesta família - disparou Lucia à queima-roupa.

- Explica-te melhor.

- Se queres perceber, já percebeste. Se não queres, pensa sobre isso - replicou a rapariga. Depois engoliu a última garfada. - Agora, desculpa, vou continuar a estudar.

- Primeiro mete os pratos na máquina - ordenou Andrea. - Não podes fazer tu isso? - perguntou, com um sorriso. - É uma ordem, Lucia - retorquiu Andrea.

A rapariga olhou para o pai e compreendeu que ele não estava a brincar.

- É verdade que mudaste. Ainda não sei se gostava mais de ti antes ou agora.

O telefone tocou.

- Eu atendo. Pode ser a enfermeira da avó - disse Lucia. Andrea desejou que fosse Pénelópe. Mas a chamada era mesmo do hospital.

- Acho que podemos dormir sossegados. O estado da avó é estacionário - anunciou a sua filha, enquanto levantava a mesa. Andrea saiu silenciosamente e entrou no quarto. Estava exausto. Despiu-se, espalhando a roupa por todos os lados. Depois, lembrou-se de que não estava lá a mulher para a apanhar e apanhou-a ele. Dobrou as calças com cuidado, desfez o nó da gravata, pendurou o casaco no cabide, deitou no cesto da roupa suja a camisa e a roupa interior.

Estendeu-se na cama, mas estava com dificuldade em conciliar o sono. Deveria estar ansioso por causa da mãe. Porém, o seu pensamento dominante era Pénelópe. Não queria perdê-la por motivo nenhum, mas não sabia como reconquistá-la. Tinha-o acusado de duplicidade, de narcisismo, de generosidade falsa. Era tudo verdade.

O seu narcisismo tinha-o levado a traí-la pelo prazer de se sentir irresistível. A sua generosidade tinha sempre um duplo fim: fazer-se perdoar por qualquer coisa. Mas tinham bastado poucos dias de estreita convivência com os filhos para modificar o seu papel de pai permissivo. Durante demasiados anos a mulher tinha aguentado cenas de que, agora, se envergonhava profundamente. Estas reflexões impediam-no de adormecer. E havia um fantasma que o inquietava: Mortimer. Quem era? Mas, sobretudo, o que era para a mulher este indivíduo a quem não podia atribuir um perfil, uma voz, um papel?

Saltou da cama, abriu a gaveta da escrivaninha e pegou no maço das cartas. Estava a cometer uma acção torpe, e sabia-o. Não tinha nenhum direito de remexer nos segredos de Pénelópe. Tomou-lhe o peso, dividido entre a curiosidade e o medo de saber. Ouviu um choro abafado que vinha do quarto dos rapazes. Voltou a pousar as cartas e fechou a gaveta. Abriu a porta do quarto deles. Damele dormia profundamente. Luca chorava enquanto Sansone abanava a cauda e lhe lambia as mãos. Acendeu o candeeiro da cómoda. A criança tinha a cara vermelha e ardia em febre.

- Meu filho, o que é que tens? - perguntou, assustado. Desde que a mulher tinha ido embora, as complicações surgiam a cada momento.

Sacudiu o cão da cama, pegou em Luca ao colo e levou-o para o seu quarto.

- Estás quente como o lume - disse, recordando as palavras da avó Stella. Sabia como as crianças se sentem mal naquela idade, porque também ele tinha sido dado a excessos de febre.

Luca tinha parado de chorar e queixava-se em voz baixa, como era seu costume.

- Quero vomitar - sussurrou a criança. E, mal acabou de pronunciar estas palavras, libertou o estômago, inundando almofada, lençóis e cobertores. Andrea estava aterrado.

- Lucia, Daniele! - gritou, à procura de ajuda. Os dois filhos saltaram como molas.

- Pai, vai buscar o saco do gelo - ordenou Lucia, que tinha percebido a situação de imediato. - Daniele, vai ao armário buscar roupa lavada - disse ao irmão. - E tu, fera nojenta, já para o covil - gritou para o cão, que se tinha mantido impassível.

Sansone aninhou-se no tapete. Quando Andrea regressou com a bolsa do gelo, a cama já estava mudada e até Luca estava com um pijama limpo.

- Ele precisa de beber, porque a febre e o vómito desidrataram-no - sugeriu Daniele, enquanto instalava delicadamente o irmão mais novo na cama. Lucia pôs-lhe o gelo na cabeça. Luca tinha parado de se queixar.

- Não seria melhor telefonar ao médico? - perguntou o pai. - Não é preciso, pai. O Luca só teve uma indigestão de porco frito. Agora vou preparar-lhe água com açúcar - disse Lucia.

À uma hora da manhã a febre tinha descido e a criança repousava sossegado. Andrea meteu-se na cama ao lado dele. Sansone não tinha ousado voltar a mexer-se do canto a que Lucia o tinha confinado.

- Eu também fico aqui. Nunca se sabe - decidiu Daniele, enfiando-se debaixo dos lençóis. Andrea apagou o candeeiro. Viu Lucia entrar outra vez no quarto, nas pontas dos pés, e sentiu-a estender-se ao lado deles. Sentiu um lampejo de felicidade. Os seus três filhos estavam com ele, porque precisavam dele, como ele precisava deles. Antes não o sabia. Se Pénelópe não tivesse ido embora, teria continuado a ignorar esta maravilhosa realidade.

"Mas quem será aquele Mortimer?" interrogou-se mais uma vez, e adormeceu.

Irene deitou duas colherinhas de açúcar na chávena do café, mexeu-o e depois ofereceu-o ao marido. Para si deitou água a ferver numa chávena maior que continha cevada solúvel. Tinham acabado de almoçar e passado à sala. Irene estava mais silenciosa do que o costume.

- Estás preocupada por causa da nossa filha? - perguntou-lhe o marido.

Ela abanou a cabeça.

- Mas devias - acrescentou Mim!. - Porquê? - perguntou-lhe.

- Porque a Pepe tem problemas sérios. Se não fosse assim, não teria deixado o marido e os filhos - explicou o homem.

- Mas nós não podemos fazer nada. Cada um tem os seus problemas e deve resolvê-los sozinho - cortou Irene.

- Certo. Mas sempre é nossa filha e eu estou preocupado por causa dela. E tu também estás, uma vez que mudaste de disposição desde que ela foi embora - insistiu.

- Talvez. Mas não tenho vontade de falar sobre isso.

- E nem sequer foste ver os miúdos - sublinhou o marido. - Vai tu - respondeu secamente. Depois saiu da sala.

Entrou no quarto, tirou os mocassins e a saia e estendeu-se sobre a coberta de seda cor bois de rose que tinha sido da sua mãe. Tentara muitas vezes oferecê-la a Pénelópe, mas a filha sempre a ti

nha recusado, considerando-a "uma antiqualha de péssimo gosto".

Por muito que gostasse da filha, Irene nunca tinha conseguido entrar em sintonia com ela. Desde sempre se vigiaram com olho crítico, ambas prontas para atirar à cara da outra defeitos, faltas e culpas.

Com os anos, aquela mulher tinha percebido que a sua relação era assim conflituosa porque, na realidade, ela nunca quisera ter filhos. Pénelópe foi concebida involuntariamente e ela aceitou-a como um problema a resolver, mais do que como um dom do amor. Apressou o casamento para evitar o escândalo de um nascimento fora dele. A gravidez foi marcada por pesadelos nocturnos, e não pelos sonhos cor-de-rosa de uma espera tão importante. De algum modo, Pénelópe devia ter-se dado conta desta rejeição materna. Desde os primeiros meses de vida, a filha preferia o pai. A cumplicidade entre os dois consolidou-se no período de crescimento, incomodando-a por se sentir excluída. Pénelópe fez escolhas na sua vida que ela nunca partilhou. Quando Irene descobriu a sua história secreta com Raimondo Teodoli, esperou que Pénelópe se divorciasse de Andrea. Mas mais uma vez ficou desiludida em relação às suas expectativas. Agora sentia que não ia resultar nada de bom de mais uma cabeçada da sua filha: deixar o marido e os filhos para se ir esconder em Cesenatico. Por que não tinha falado com ela? Por que tinha sido excluída daquela decisão? Sobretudo quando ela própria tinha uma coisa muito importante para lhe confiar.

Esticou-se na cama, escondeu a cabeça debaixo da almofada e pensou que, se conseguisse chorar, se sentiria melhor. Mas as lágrimas não vinham. Em vez disso, cresciam a inquietude e a irritação.

A certa altura sentiu uma mão que lhe acariciava as costas. Era o marido, que lhe falava com doçura.

- És tão bonita! - sussurrou. - Tenho muita sorte por te ter como companheira da minha vida.

- Por que és tão insuportavelmente afectuoso? - replicou, tentando esquivar-se da sua ternura.

- Desculpa - retraiu-se ele. - Sinto-te inquieta e não consigo ajudar-te. Tenho muita pena. Se ao menos eu soubesse o que te consome - murmurou, com ar desanimado. Então saiu do quarto, deixando-a só.

Irene levantou-se da cama e olhou-se no espelho, pendurado sobre a cómoda siciliana do século XVIII.

- Vais acabar por saber - sussurrou, abatida.

Agora que a filha tinha deixado Andrea, talvez ela arranjasse coragem de acabar a sua relação com Mimi. Há muitos anos que adiava uma decisão que devia ter tomado no tempo em que Pénelópe era ainda adolescente. Mas como se faz para dizer a um marido irrepreensível, terno, apaixonado, honesto e cheio de atenções: "Já não te amo. Quero viver com outro"? O outro era Romeo Oggioni. A certa altura tinha-se casado, tornando-lhe a vida mais fácil. Mas depois ficou viúvo. Oito anos atrás recomeçaram e encontrar-se e tornaram-se amantes. Isso aconteceu na altura em que Pénelópe se apaixonou por Mortimer. Ela tinha feito cinquenta anos e a vida começava a fugir-lhe das mãos. Decidiu agarrar aquele pedaço de felicidade que lhe cabia por direito. O marido não tinha nenhuma culpa em tudo aquilo. Mas ela também não. Aos dezoito anos tinha-se apaixonado por Mini e ao fim de algum tempo, ao encontrar Romeo, percebeu que era ele o homem da sua vida. Viveu muito tempo atormentada com a consciência de provocar um grande desgosto ao marido, se o deixasse. Alguns dias antes, Romeo Oggioni tinha-a encostado à parede.

- É agora ou nunca - disse-lhe.

Irene estava quase a falar com Mimì quando Pénelópe fugiu, atirando ao ar o seu projecto.

O espelho devolveu-lhe a imagem de uma beleza quase intacta que parecia não conhecer idade. Só ela sabia quanto lhe custava tanta perfeição e quanto temia a ideia da ruína, inevitável com a passagem do tempo. Para Irene, velhice era sinónimo de decadência.

Sofreu a menopausa como um insulto do destino e caiu numa depressão profunda. O ginecologista sugeriu-lhe o uso de um substituto hormonal para recriar as hormonas que o seu património genético já não produzia.

Uma noite, ao entrar no quarto, o marido surpreendeu-a a chorar.

- O que é que se passa contigo? - perguntou-lhe. - Nada - respondeu.

- Uma pessoa não chora sem motivo - insistiu o marido. - Antes quero morrer do que envelhecer - confessou. Mimì abraçou-a muito depressa.

- Picciridda - sussurrou no dialecto da sua ilha -, tu nunca vais envelhecer. Mesmo com oitenta anos, vais ser sempre a rapariga belíssima que eu conheci numa tarde de Verão e que me roubou o coração. - Era sincero, mas Irene achou-o incómodo.

- Quando é que te decides a usar óculos? Ficaste hipermetrope há algum tempo e já não distingues uma lagosta de um croissant - disse, agredindo-o. O problema e a força de Irene sempre tinham sido a sua incurável infantilidade, a incapacidade de se tornar adulta. O marido, nesse aspecto, facilitou-lhe as coisas. Desde que se reformou, Mimì Pennisi dedicou-se ao estudo da Revolução Francesa, uma tarefa que o absorvia quase totalmente e que requeria uma frequência assídua das bibliotecas. De Milão a Paris, de Palermo a Londres, aquele homem conduzia as pesquisas com método e determinação, cultivando a esperança de encontrar documentos inéditos que aumentassem o valor do seu trabalho. Há alguns meses que aprofundava o tema da sublevação de Vendeia, procurando uma prova directa que apoiasse os boatos sobre o financiamento inglês aos vendeanos.

Quando Mimì saía para ir para a biblioteca, Irene fechava atrás de si a porta de casa para ir ter com Romeo.

Aos sessenta anos, Oggioni era um viúvo cortejado por muitas senhoras, não só por ser um homem forte e agradável, mas também devido ao seu sucesso profissional, que tinha feito dele "o rei dos botões", como foi definido num programa de televisão sobre os chamados self-made men que se tornaram famosos em Itália e no estrangeiro. Trabalhador incansável, transformou a pequena oficina artesanal, herdada do pai, numa empresa de grandes dimensões. A inteligência, o fascínio pessoal e um talento inato para os negócios permitiram-lhe assegurar fornecimentos importantes. Os uniformes dos exércitos de meio mundo tinham botões Oggioni. Também as fivelas, os fechos-éclatr, os ganchos

e todos os outros tipos de fechos tinham a sua marca. Ao longo dos anos tinha diversificado a sua produção. Na casa de Forlimpopoli, que tinha sido de Diomira Gualtieri e agora pertencia a Irene, funcionava o sector artesanal que fornecia a alta costura. Na periferia de Milão encontrava-se a empresa industrial para a produção em série.

Irene, inicialmente atraída pelo fascínio do homem de sucesso, tinha-se apaixonado por ele por aquelas razões insondáveis que estão na base de cada paixão. Desde sempre que ele lhe retribuiu esse sentimento. Tinha sido um bom marido. Agora era um viúvo feliz, porque tinha esperança numa longa e serena velhice ao lado da mulher dos seus sonhos.

Quando Irene saía para se encontrar com ele na grande casa da Via Bagutta sentia-se como Madame Bovary, em relação à qual nunca tinha tido nenhum assomo de simpatia, considerando-a uma neurótica da pior espécie que traía um marido bom, doce e honesto. Desprezava a heroína de Flaubert e desprezava-se a si própria. Mas tinha a certeza de ter direito à felicidade. E Romeo era o homem feito à sua medida.

Naquele dia saiu de casa. Apanhou o metropolitano, saiu na praça San Biblia, chegou à Via Bagutta e entrou no edifício onde morava o seu amante.

Ele estava à espera dela.

- É agora ou nunca - começou ela, repetindo as palavras de Romeo.

- O teu marido sabe? - perguntou-lhe.

- Vai saber quando não me vir chegar. Se lhe tivesse dito, provavelmente não estaria aqui. Vamos embora depressa, antes que eu mude de ideias.

Na casa de Cesenatico os operários estavam a trabalhar. Para além dos canalizadores e dos electricistas, havia também os pedreiros, que rachavam as paredes para trocar os velhos canos de chumbo por outros de plástico e emparedar as novas condutas de água. Os carpinteiros, no sótão, substituíam velhas traves já pouco seguras, enquanto os pedreiros descarregavam entulho pelas janelas e o metiam na camioneta. Quase todos os móveis estavam embalados e empilhados na marquise. Os outros, incluindo a salinha da avó Diomira, tinham sido mandados para Sant'Arcangelo, para o marceneiro, para restauro.

Finalmente, Pénelópe decidiu pôr em ordem a casa da mãe porque sabia que Irene não o faria nunca, enquanto que ela era muito afeiçoada àquela casa que guardava uma parte tão grande das suas recordações. Para além do mais, ocupar-se de questões práticas distraía-a da solidão. Era agradável ir a Cesena procurar papéis de parede, azulejos e acessórios para a casa de banho. Não queria mudar o estilo liberty da casa e descobriu a existência de oficinas artesanais que restauravam as banheiras de esmalte e os velhos aquecedores monumentais, munidos de estufa, com tubos decorados com motivos florais. Encontrou também uma fábrica em Forlimpopoli que produzia azulejos com desenhos da belle époque. A casa do bisavô capitão voltaria a ser como ele a tinha feito, na fronteira dos dois séculos. Continuava a dormir no Grand Hotel e passava o dia a caminhar pela praia, a fazer compras, a vigiar as obras e a conversar com o professor Briganti, com quem partilhava as refeições que mandava vir da cozinha do Hotel Pino. O professor comia pouquíssimo, mas tinha um pretexto para pagar a sua parte.

- A tua companhia chegou-me como uma dádiva do céu - dizia-lhe, sorrindo, enquanto mastigava uma maçã cozida ou um creme de legumes com a lentidão dos velhos que consideram a comida mais como um dever do que como um prazer.

Pénelópe servia o almoço e o jantar numa mesa de pedra redonda, sob uma pérgula de rosas selvagens de cinco pétalas, de um delicado branco-marfim, que nasciam aos cachos e se reproduziam generosamente de Abril a Novembro. Não precisava sequer de lavar os pratos, porque o empregado do hotel os retirava quando servia o café.

A jovem mulher e o seu velho amigo faziam um ao outro uma companhia agradável sem terem de se preocupar em manter a conversa viva. Havia longos silêncios entre eles. Depois bastava uma coisa de nada para dar início a uma sequência de lembranças ou de considerações pacatas. Tinham no coração alegrias e amarguras e, por vezes, confiavam mutuamente pensamentos ciosamente guardados, sabendo que encontrariam no interlocutor uma atenção sincera, um juízo sereno, um conselho amigável.

A tartaruga Piccarda sentia o barulho da louça e, de onde quer que estivesse no jardim, ia ter com eles com uma agilidade surpreendente. Enfiava-se debaixo da mesa e esperava a mão do dono que, sem falhar, se esticava até ela para lhe oferecer um pedaço de maçã ou uma folha de alface.

- Hoje, o meu pequenino faz seis anos - disse Pénelópe. - Parece que ainda nasceu ontem - suspirou. Nunca tinha pronunciado uma frase tão banal com tão amargurada convicção.

- O tempo vai-se e o homem não se prepara - citou o professor. - Purgatorto, canto quarto. Lembras-te?

- Desculpe. Fui sempre uma aluna distraída - tentou brincar. Mas tinha o coração apertado e as lágrimas assomaram aos seus grandes olhos escuros. - Hoje de manhã telefonei-lhe, antes de ele ir para a escola - acrescentou, recordando a voz grave do seu menino, que lhe tinha dito um "adeus" gelado.

- Telefonei-te para saber como estás e para te desejar um bom dia de anos - sussurrou ela, comovida.

- Obrigado - respondeu Luca.

- O que é que estás a fazer? - Tinha uma grande vontade de o sentir perto dela, de o tocar, de o beijar, de o apertar contra si.

- Estou a olhar para as nuvens - foi a resposta.

- Que nuvens? Aqui em Cesenatico há sol e está calor - disse, enquanto tentava perceber se Luca falava de nuvens verdadeiras ou se, pelo contrário, exprimia o seu estado de espírito. - Gosto tanto de ti - acrescentou. Naquele momento ouviu a voz de Lucia que vinha do fundo da sala: - Quem é que está ao telefone? - perguntava.

Como única resposta, Luca disse: - És má - e desligou a chamada.

Por um momento esperou que aquele "és má" fosse dirigido à irmã. Mas percebeu que a "má" era ela. Duas palavras tão pequenas para a repreender, para lhe dizer que não se abandonam assim os próprios filhos, que também ele a amava e sofria pela sua ausência.

A capacidade de síntese das crianças é assombrosa. Conseguem exprimir com uma só palavra os conceitos mais complexos. Pénelópe explodiu num pranto desesperado enquanto segurava ainda na mão o auscultador do telefone. Tinha a certeza de que Luca não ia dizer a Lucia que tinha falado com ela. Era uma criança introvertida e já tinha aprendido a guardar os seus próprios dissabores.

Pénelópe tirou do mini-bar do seu quarto uma lata de Coca-Cola, uma bebida que não lhe agradava mas que era a preferida do seu pequenino. Abriu-a e bebeu um longo trago, sussurrando em seguida: - Feliz aniversário, meu filho distante, deseja-te esta mãe tão má que te ama infinitamente.

O professor estendeu timidamente uma mão para acariciar a

sua.

- O Luca recebeu a tua mensagem. Tenho a certeza de que lhe soube bem - disse, para a consolar.

- Professor, o senhor viu-me crescer. Como é que eu era em criança? - perguntou-lhe.

- Como os teus filhos. Silenciosa, pensativa, obstinada e rebelde. Tinhas, às vezes, manifestações de grande alegria. Ouvia-te cantar a plenos pulmões no teu jardim. Também tinhas muita curiosidade. Mas não eras uma criança feliz. Uma vez ofereci-te um caderno para escreveres os teus pensamentos. Esperava que mo desses a ler, para compreender o que sentias - disse o homem.

- Eu lembro-me. Encontrei-o no outro dia. Estava no armário da avó misturado com outras coisas, entre as quais a certidão de casamento da minha mãe - respondeu a meia voz.

O professor não fez comentários.

- Como era a minha mãe? - continuou Pénelópe.

- A Irene teve um grave estorvo na sua formação. Hoje dir-se-ia um handicap. Nem sempre é verdade que a beleza ajuda. Por vezes cria enormes dificuldades. Todos lhe teciam grandes elogios e ela acabou por considerar a beleza como o único valor em que confiar. Não sejas tão severa com ela. Nem sejas demasiado severa contigo própria - aconselhou.

- Eu culpo a minha mãe por todos os disparates que fiz. Os meus filhos, ainda que não o digam, culpam-me a mim pela sua infelicidade. É uma história tão antiga como o mundo, imagino. Mas sei que a minha vida de hoje é exactamente a mesma de quando era criança: algumas manifestações de alegria e muita melancolia. Penso que vai ser sempre assim. A minha mãe sempre foi muito mais feliz do que eu - afirmou.

- Como é que sabes?

- Ela vive centrada em si própria. O resto vai andando. É avarenta com ela. A sua participação na vida dos outros esgota-se nas bisbilhotices, sem envolvimentos emotivos - declarou Pénelópe, exprimindo com sinceridade o seu próprio pensamento.

- Talvez seja só uma forma de autodefesa. E depois, aquilo que realmente sente, só ela o pode saber - considerou o homem. - Uma vez, quando eu era miúda, chorou dizendo-me que eu não a amava. Fui má naquela altura. Na realidade, adorava-a e admirava-a. Sempre foi um modelo inatingível. Nunca teve uma empregada. E, no entanto, conseguia fazer tudo mantendo o ar da grande senhora que não se ocupa dos aspectos mais aviltantes da vida quotidiana. Nunca consegui ser como ela. Sou desordenada, resmungona, irascível e estou sempre a armar em vítima. Acho que me pareço muito com a avó Diomira - desabafou.

O professor sorriu. Chegou ao jardim o empregado do hotel. Pousou a cafeteira a ferver, as chávenas e o açucareiro. Depois tirou a mesa. Os operários também já tinham começado a fazer barulho no jardim de Pénelópe.

- Voltando ao pequeno Luca - continuou o professor -, também eu, às vezes, parecia ser mau com os alunos de quem gostava mais. Porque era mais exigente com eles. Depois chegou o dia em que me ficaram agradecidos por isso - explicou, na tentativa de a consolar.

- É isso que também espero dos meus filhos. E do Andrea também. Sei que não tenho sido uma companheira fácil. Mas ele decepcionou-me muito - confessou.

- Vocês são tão jovens - disse ele -, têm muito tempo para descobrir se são realmente feitos para estar um com o outro. Mas nunca te esqueças de que, entretanto, os teus filhos têm direito ao respeito pelos seus sentimentos. Eu tive muitos filhos emprestados: os meus alunos. Cada um com a sua própria história, cada um com o seu temperamento. Tinham uma única coisa em comum: a necessidade de se sentirem respeitados. Eu sempre o fiz e isso deu-me muita alegria. No entanto, era apenas o professor deles, não um pai. A minha tarefa era muito mais fácil do que a tua e a do teu marido.

- Deixei-o sozinho precisamente porque espero que Andrea comece a tornar-se um pai - esclareceu Pénelópe.

- E vai fazê-lo, podes ter a certeza. Quem seria tão tolo ao ponto de querer perder três filhos maravilhosos e uma mulher deliciosa como tu?

Pénelópe não respondeu. Mas disse: - Há oito anos tive um amante. Saltei outra vez a sebe. E foi lindíssimo e terrível.

- Apetece-te falar-me disso? - perguntou o professor. - Acho até que preciso - respondeu ela.

Estava quase a começar em Sanremo o Festival da Canção, que Andrea Donelli, como todos os anos, cobria por indicação do jornal. Durante duas semanas, as relações com a família limitavam-se a alguns telefonemas.

De manhã, telefonou a Pénelópe da redacção.

- Pepe, prepara-me o saco. Parto à uma hora - disse-lhe. - já está pronto - respondeu ela.

De cada vez que Andrea fazia uma viagem, Pénelópe enchia um saco com mudas de roupa interior, camisas, calças e, pelo menos, um casaco suplementar. Se fosse o caso, acrescentava camisolas e um traje de noite. Era óptima a dobrar a roupa, com o suporte de um papel vegetal que reduzia os vincos e as amachucadelas. Por muito escrupulosa que fosse a lembrar-se de tudo aquilo de que ele precisava para as várias deslocações, mais do que uma vez lhe tinha acontecido esquecer-se de qualquer coisa. Nesses casos recebia de Andrea um telefonema de censura e, em vez de o mandar passear, desfazia-se em desculpas, sentindo-se infeliz pelo esquecimento e por tê-lo feito zangar-se. Acontecia, por vezes, que Andrea, quando estava já em viagem e antes de ter controlado o conteúdo do saco, lhe telefonava de um restaurante, do aeroporto ou de uma estação de caminho-de-ferro para lhe perguntar: "Meteste no saco o gravador pequeno?" ou "Não será que, como de costume, te esqueceste de meter a faixa do smoking?". Naquelas alturas Pénelópe espumava de raiva, até porque, se se tivesse esquecido de alguma coisa, não tinha nenhuma hipótese de reparar o erro. Gostaria de lhe recordar que não era nem uma secretária nem uma empregada, e de lhe dizer que estava completamente farta de se ocupar da sua bagagem, e que preparasse ele o maldito saco. Mas sabia que Andrea iria começar a gritar mais do que ela. Por isso, por amor da paz, respondia pacientemente às suas perguntas.

Uma vez o marido partiu de carro para ir a Basileia. Telefonou-lhe da fronteira porque se tinha esquecido do bilhete de identidade. Ela teve de ir a correr até Chiasso, para lho levar. Como agradecimento, foi atacada com uma avalanche de censuras.

Nos primeiros tempos de casados, quando lhe preparava a mala com carinho, ia metendo, pelo meio da roupa, minúsculos papéis com breves mensagens de amor. Deixou de o fazer assim que deu conta de que alguns dos péssimos hábitos do marido tinham sido criados precisamente por ela, com o seu servilismo. Era ela quem lhe comprava sapatos e meias, quem participava nas reuniões de condomínio, quem filtrava os telefonemas porque Andrea não queria ser incomodado quando estava em casa, quem tratava do pagamento das facturas, quem juntava os recibos de despesas para o jornal no fim de cada viagem, sem nunca conseguir acertar com as contas porque Andrea perdia os recibos. Com o tempo, aquilo que, quando não tinham filhos, lhe parecera uma tarefa agradável, tornou-se uma escravidão de que se queria libertar. Mas temia a reacção do marido. Sabia que isso iria provocar uma discussão violenta e então, para não complicar posteriormente a sua própria existência, continuava a sujeitar-se a tarefas que não lhe competiam. No fim de contas, Andrea não era o pior dos companheiros. Conhecia homens que se embriagavam, outros que perdiam muitas vezes o emprego, outros ainda que batiam nas mulheres e nos filhos. Como é natural, não ousava fazer comparações com modelos melhores.

Também naquela manhã preparou o saco com tudo o que era preciso para as duas semanas que ele passaria em Sanremo.

- Não te esqueças das pilhas sobresselentes para o gravador. O Moscati também vai comigo - anunciou Andrea pelo telefone, com uma voz orgulhosa. Moscati era o director do jornal. - Arranja-me qualquer coisa rápida para comer. Vou deixar o carro na rua. Tratas tu de o meter na garagem?

- Claro, patrão - replicou ela, na tentativa de levar para a brincadeira a prepotência do marido.

Naquela manhã, Daniele não foi para a escola. Tinha febre alta. Pénelópe já tinha entrado em contacto com a pediatra, que prometeu ir ver a criança por volta do meio-dia. Agora tinha de preparar uma refeição rápida para o marido que, apesar de estar com pressa, não se contentaria com uma sandes de presunto. Foi para o fogão, perguntando-se quem chegaria primeiro: Andrea ou a médica?

Daniele tinha adormecido. Por sorte, havia uma posta de peixe-espada no congelador. Tinha em casa algumas ervas frescas, uns pés de chicória e laranjas em quantidade. Deitou numa frigideira a polpa de tomate, deixou-a secar rapidamente em lume vivo, em seguida pousou-lhe em cima o peixe-espada ainda congelado e diminuiu a chama. Depois acrescentaria sal, azeite, orégãos e outras ervas

aromáticas, mas entretanto tapou a frigideira e colocou ao lume uma panela cheia de água para cozer o esparguete. Depois lavou a salada, ralou o queijo parmesão e pôs a mesa rapidamente. Enquanto esperava que a água fervesse, preparou um sumo de laranja para Daniele sabendo que, quando acordasse, iria pedir de beber.

Tocaram à campainha. Era a pediatra, que vinha mais cedo. Acompanhou-a até ao quarto da criança que, perturbado pela presença da médica, começou a choramingar. Pénelópe respondeu às perguntas da pediatra e depois correu até à cozinha a buscar uma colher para que ela examinasse a garganta do filho. Segurou Daniele com firmeza, uma vez que ele não queria ser examinado, e por fim ouviu a sentença: varicela.

- Anda por aí muita, nesta altura. Deve mantê-lo na cama, bem agasalhado, dar-lhe alimentos líquidos, ricos em vitaminas, obrigá-lo a beber muito e evitar que se coce. A doença seguirá o seu caminho. Não precisa de remédios. Se a febre continuar a subir, dê-lhe uma ou duas aspirinas de chupar - aconselhou a médica, enquanto Pénelópe a ajudava a vestir o casaco. Quando se estava a despedir, perguntou: - Há outras crianças em casa?

- A minha filha mais velha. Agora está na escola - explicou Pénelópe.

- Muito bem. Se ainda não a teve, vai apanhar a varicela do irmão - anunciou com um ar seráfico.

Pénelópe fechou a porta e sentiu um cheiro muito forte que vinha da cozinha. Encontrou-a cheia de fumo. O peixe-espada alla pizzaiola estava carbonizado. Naquele momento chegou Andrea, nervoso e ofegante, como sempre que estava para fazer uma viagem.

Em vez de a ajudar a renovar o ar e a limpar a frigideira queimada, começou a protestar contra ela.

- Tens a mania de querer fazer tudo. Falei-te numa refeição rápida, não numa ementa de marqueses. Bastava-me uma sandes e uma maçã.

- Não é verdade! - protestou ela, furiosa. - Sempre detestaste sandes. Querias uma refeição como deve ser e eu tentei fazer-te a vontade. E o resultado é este - explodiu, e acrescentou: - Esteve cá a pediatra do Daniele e esqueci-me completamente do resto.

- Então como é, o miúdo está doente e tu não me dizes nada? - disse Andrea, alarmado.

- Tem calma. É só varicela.

- És mesmo estúpida. O miúdo está doente e tu pões-te a cozinhar - berrou, deixando-a para se dirigir apressadamente ao quarto do filho.

Pénelópe cerrou os punhos, esforçando-se por dominar a cólera. Ouviu-o falar com a sua voz doce de pai extremoso. Entretanto ela, que tinha andado a correr para limpar a casa, para tentar inutilmente preparar-lhe uma refeição, para chamar a médica, era considerada como uma incapaz, uma trapalhona com a mania de querer fazer tudo.

Naquele momento chegou Lucia. Estava pálida. Atirou a mochila dos livros para cima de uma cadeira e balbuciou: - Mamã, sinto-me mal.

- Eu já sabia - disse, abraçando-a.

Mais uma vez, o pai terno e extremoso ia partir, enquanto que ela, a mãe estúpida, teria de tratar dos dois filhos doentes. Com efeito, dali a pouco, Andrea pegou no seu saco de viagem e foi-se embora sem ter tocado em comida nenhuma.

Pénelópe ajudou a menina a despir-se e a enfiar o pijama e meteu-a na cama, aconchegando-lhe os cobertores e prometendo-lhe um belo copo de sumo de fruta com gelo. Apesar da janela escancarada, o cheiro a queimado persistia. Pénelópe detestava os maus odores e, enquanto enchia o copo com cubos de gelo, tentou lembrar-se de onde tinha metido as gotas de uma essência de sândalo para neutralizar aquele fedor persistente do peixe carbonizado. O telefone tocou.

- Sou Adele, a vizinha da sua sogra - anunciou uma voz que ela conhecia bem.

- Oh, valha-me Deus! Não me diga que a Maria também está doente - arriscou.

Era mesmo assim. A sogra tinha febre e reclamava a sua assistência.

- Diga-lhe que não posso de maneira nenhuma ir a casa dela. Tenho as crianças na cama, com varicela.

- Mas esta pobre senhora está sozinha. Eu, dentro de pouco tempo, tenho de voltar ao escritório. Quem olha por ela? - insistiu a vizinha.

- Já percebi - disse Pénelópe, com um suspiro resignado. - Meta-a num táxi e acompanhe-a até minha casa, por favor. Enquanto Andrea ia a caminho de Sanremo, plenamente convencido de desempenhar o papel do homem que, com o seu próprio trabalho, providencia o sustento da família, Pénelópe achou-se a tratar dos dois filhos e da sogra. Naquele dia, assim como no dia seguinte, Lucia

e Daniele, consumidos pela febre, alternavam raros momentos de vigília a choramingar com longas horas de sono, e ela dedicou-se a Maria. Instalou-a no sofá-cama da sala. Mandou chamar o médico, que diagnosticou uma gripe complicada pela bronquite crónica, pelo que considerava necessário um tratamento com antibiótico.

- Tenha cuidado para não adoecer também - recomendou-lhe, enquanto se despedia. A banalidade do médico desconcertou-a.

- O que me sugere? Devo erguer umas barricadas? Convoco as sentinelas? Ou bastam uns cães-pastores a rosnar muito? - respondeu, irónica.

Recorreu à ajuda do porteiro para lhe fazer as compras no supermercado e na farmácia. Passou o tempo a arrumar a casa, a lavar e passar pijamas e lençóis e a preparar papas e sumos de laranja. Ao terceiro dia os seus filhos estavam sem febre e cheios de pequenas pústulas por todo o corpo. À parte o incómodo do prurido, que tentava aliviar com talco mentolado, as crianças estavam óptimas.

A sogra, pelo contrário, lamentava-se continuamente. Era deprimente sentir-se prisioneira daquela situação, tanto mais que não tinha ninguém com quem contar. Pediu ajuda à mãe. Irene deixou-a falar, e depois disse: - Lamento muito, mas não tenho a mínima intenção de me deixar contagiar pela tua sogra.

Recebeu um único telefonema de Andrea, que estava instalado no Hotel dês Anglais. Depois, o silêncio.

Por comodidade, instalou os filhos na cama grande, e à noite dormia com eles. Assim, Maria pôde transferir-se para o quarto das crianças.

Os filhos, porém, estavam felicíssimos com aquela espécie de férias caídas do céu. Agora que estavam bem, pegavam-se muitas vezes e com facilidade por causa do comando da televisão. Lucia queria ver A roda da sorte, enquanto Daniele reclamava os seus desenhos animados japoneses. Disputavam também o telefone. A rapariga queria conversar com as suas amiguinhas. Daniele cronometrava o tempo porque, por sua vez, queria falar com os colegas. Pénelópe andava numa correria entre os quartos e a cozinha, a preparar pratos de massa e costeletas.

Entretanto acalmava litígios com berros cada vez mais fortes. Quando conseguia entrar na posse do telefone, telefonava aos professores para se pôr em dia com os trabalhos de casa e com as aulas

para que, mesmo obrigados a ficar em casa, os filhos não ficassem atrasados em relação aos programas escolares. Tirá-los da televisão e obrigá-los a estudar era uma empresa enervante. Por vezes Pénelópe escondia o comando e logo apareciam as revistas de banda desenhada, que ela tentava neutralizar deitando-se no meio dos dois e lendo em voz alta alguma coisa de mais educativo. Tinha escolhido As Aventuras de Huckleberry Finn. Mark Twain sempre lhe tinha agradado. Eles achavam-no aborrecido até ao bocejo, tanto que adormeciam exaustos depois de terem tentado inutilmente interromper a leitura com guerras de almofadas.

Nessa altura, Pénelópe enfiava o casaco e levava à rua Piripicchio, o velho setter irlandês, comprido de pêlo e curto de inteligência, que Andrea lhe tinha imposto onze anos atrás, mesmo

sabendo como ia ser difícil a convivência com a gatinha Frisby, que pertencia a Pénelópe e se considerava a dona da casa.

Dava uma volta rápida ao quarteirão e regressava logo, não antes de ter deixado ao porteiro a lista das compras. Uma noite deu-se conta de que há muitos dias que usava a mesma saia e a mesma camisola. Andrea não tinha dado mais notícias. Quanto à sua mãe, não se tinha sequer preocupado em telefonar-lhe.

Mas telefonou Sofia.

- Como estás? - perguntou-lhe. - Assim - respondeu, evasiva.

- Assim, como? - insistiu a amiga. - Bem - respondeu, com ar cansado. - Já percebi. Estás de meter medo - disse Sofia.

- Se já percebeste, por que é que me perguntas, bolas! - explodiu Pénelópe, e não conseguiu sufocar um soluço.

- Eu já aí vou - decidiu a amiga, sem lhe dar tempo de responder. Quando Pénelópe abriu a porta de casa, viu Sofia à frente dela, fresca, elegante, bem pintada e perfumada. A imagem da mulher sã, serena, segura de si.

- Meu Deus, que desastre - começou a amiga, olhando-a, enquanto se libertava da pele de zibelina, leve como um sopro de ar. Maria, da sua cama, chamava pela nora com uma voz queixosa. As crianças gritavam, em grande discussão.

- Se vieste para constatar o desastre, podes ir embora imediatamente - afirmou Pénelópe.

Sofia não desanimou. Sorriu-lhe e abraçou-a.

- Minha pobre querida - sussurrou, fazendo uma careta graciosa. E continuou: - Tens em cima de ti o cheiro da tua gatinha. Mau sinal. Agora trato eu daqueles teus patifes, da tua sogra e da casa. Tu, salta para a casa de banho, toma um chuveiro, veste-te como uma pessoa civilizada e corre para a cabeleireira. Não há nada melhor para levantar o moral.

Pénelópe seguiu aquelas ordens como um autómato. Vestiu o casaco e saiu de casa. O porteiro chamou um táxi e ela fez-se transportar até à Via Montenapoleone, à Miranda. Não tinha hora marcada, mas disse que queria tudo e rapidamente.

- Tudo, como? - perguntou a cabeleireira, observando-a com olho profissional e constatando que teria de se empenhar a fundo para pôr a sua cliente em condições.

- Mãos, pés, limpeza de pele, cabelo e maquilhagem - disse Pénelópe prontamente.

Três horas depois saiu para a rua e olhou-se numa montra. Sentiu-se quase feita de novo. Abençoou o coração de ouro de Sofia e, para aumentar o prazer de se sentir ainda jovem e agradável, transpôs a soleira de uma boutique.

Era época de saldos. Escolheu um tailleur cor de glicínia. Entrou numa cabina para o experimentar. Assentava-lhe como uma luva. Já decidida a ver o fundo à sua reserva de ouro, comprou também um casaquinho de caxemira azul.

- Tire-me as etiquetas. Levo tudo já vestido - declarou, feliz por se libertar das roupas velhas.

Estava longe de casa há quatro horas e não se tinha lembrado, nem de fugida, dos seus filhos, da sogra ou do marido. Encostou-se ao balcão, esperando que lhe embrulhassem a roupa.

E viu-o.

Pénelópe sempre tinha gostado de homens bonitos. Mas o homem que agora olhava para ela superava qualquer imaginação. Parecia-se com o Kevin Costner do Fandango. Ou antes, era melhor do que ele, porque tinha um rosto mais expressivo.

O homem observava com ar absorto uma série de écharpes em seda e caxemira que a empregada tinha pousado sobre o tampo de vidro da mesa. Dispostas em leque, eram uma festa de cores: do azul

pálido ao azul escuro, do vermelho suave ao vermelho vivo, do creme ao amarelo aberto. Aquele homem lindíssimo estava a estudá-las com um ar indeciso.

- São todas tão bonitas! Não sei qual hei-de escolher - disse por fim, com uma voz que derreteu o coração de Pénelópe.

- Posso saber o tipo da pessoa a quem se destina? - perguntou-lhe a empregada, tentando ajudá-lo.

Ele ergueu os olhos, viu Pénelópe que o fixava e esboçou um sorriso. - Não é tão jovem como esta menina - explicou -, mas é o mesmo tipo de mulher - acrescentou. E logo de seguida, continuando a olhar para ela, esclareceu: - Penso que aquele lilás pálido deve estar bem. - Indicava o tailleur que Pénelópe tinha acabado de vestir.

- Isto é cor de glicínia - corrigiu ela. Aproximou-se do balcão e pegou, de entre todas, numa écharpe daquela cor.

- Obrigado - disse ele, simplesmente.

Pénelópe pagou a conta e saiu para a rua. Sentiu-se leve, quase etérea. Pensou que, se desse uma corrida, certamente conseguiria voar. Tinha trinta anos, era mãe de duas crianças difíceis e tinha sido considerada uma "menina".

Quatro horas antes chorava no ombro de Sofia, que a censurava pelo seu desmazelo. Observou-se de novo numa montra e quase não se reconheceu.

À medida que a tarde caía, o frio tornava-se mais penetrante. Por sorte, o seu levíssimo casaco de caxemira envolvia-a como uma carícia.

Entrou num bar. Aquele era o dia das transgressões. Ia oferecer-se um cappuccino quente com uma pitada de cacau. Afastou-se do balcão, depois de ter saboreado com prazer aquela espuma vaporosa.

E voltou a vê-lo.

Ele reconheceu-a e sorriu-lhe. Estava a tomar um café.

- Olá - disse Pénelópe, depois de ter limpo os lábios com um guardanapo de papel.

- Olá - respondeu ele, sorrindo-lhe.

- Desejo-lhe uma boa noite - sussurrou e dirigiu-se rapidamente à saída do bar.

Ele abriu-lhe a porta e deixou-a passar. Depois estendeu-lhe a mão.

- A sua sugestão foi preciosa. A minha mãe vai gostar muitíssimo da écharpe. Obrigado, mais uma vez.

- De nada - replicou ela, apertando-lhe a mão.

- Sou Raimondo Teodoli. Os meus amigos chamam-me Mortimer. É uma desonra que trago comigo desde rapazinho - brincou.

- Eu sou Pénelópe Pennisi. Os meus amigos chamam-me Pepe - respondeu.

- Então... Adeus, Pepe - disse.

- Adeus, Mortimer - replicou. Afastou-se de repente, com um passo apressado, um pouco perturbada. A certa altura não resistiu à tentação de parar e de se virar. Ele ainda ali estava, à porta do bar, e observava-a com curiosidade. Ergueu o braço para o saudar uma última vez. Ele foi ter com ela.

- Posso levar-te a casa? - perguntou, sem conseguir esconder uma certa timidez.

Naquele momento Pénelópe pensou mesmo que voava. Sentia-se uma borboleta.

- Ia apanhar um táxi - explicou.

Mortimer acenou a um táxi que ia a passar. Abriu a porta e ajudou-a a entrar, e depois sentou-se ao lado dela. Ela deu a direcção de casa. Depois tirou as luvas e tirou de dentro da carteira um lencinho de papel para assoar o nariz. Agora que estavam tão próximos, Pénelópe deu-se conta do seu perfume. Pensou: "Tenho a certeza de que é inglês, como o meu. Andrea, ao contrário, usa aquele horrendo perfume francês".

A comparação trouxe-a de volta ao caminho da realidade.

- Os meus filhos estão de cama com varicela - sussurrou. Tinha perdido a leveza da borboleta e regressado ao seu corpo. Depois de um instante de admiração, Mortimer encaixou o golpe.

- E eu que a levei ao rio, pensando que fosse uma rapariga. No entanto, tinha marido - recitou, com voz brincalhona. Pénelópe amava Lorca e aquela poesia. Agradou-lhe saber que ele a conhecia.

- No entanto, sou muito casada - replicou, sublinhando aquele "muito".

- O teu marido é um homem cheio de sorte - afirmou Mortimer.

Ela reteve um comentário venenoso e ofereceu-lhe um sorriso. - Pareces-te com a minha mãe, quando era nova - continuou ele.

Pénelópe perguntou a si própria o que teria a mãe de Mortimer a mais do que ela para merecer um filho tão afectuoso. Ou talvez ele fosse o tipo do eterno rapaz apaixonado pela mãe.

O táxi parou em frente da porta do prédio. Mortimer apressou-se a descer, pegou no saco com as suas roupas velhas e acompanhou-a até à porta. Aqui esboçou uma vénia.

- Foi um prazer encontrar-te - disse, simplesmente.

- Para mim também - respondeu. E desapareceu pela porta da entrada.

Quando abriu a porta do apartamento, foi recebida por um silêncio insólito. Até Piripicchio, que habitualmente fazia uma barulheira medonha de cada vez que ela regressava a casa, foi ter com ela mudo e a abanar a cauda. Na sala, Sofia e a sua sogra, sentadas à mesa, jogavam as cartas.

- És mesmo tu? - cumprimentou-a Maria, com um ar espantado, observando-a por cima dos seus pequenos óculos de hipermetrope.

- Parabéns, minha querida. Recuperaste o aspecto de um ser humano - comentou Sofia com o ar satisfeito de quem se sente artífice de um pequeno milagre.

Pénelópe tinha encontrado um homem maravilhoso. Mas não o podia dizer. Limitou-se a sorrir, com um ar um pouco idiota.

- Onde estão as crianças? - perguntou.

- Estão na cozinha. Primeiro lancharam. Agora estão a fazer os deveres - respondeu a amiga.

- Por um momento, tive a suspeita de que os tinhas amarrado e amordaçado - comentou Pénelópe, dirigindo-se à cozinha. - Nem posso acreditar. Nunca os vi tão bem comportados - acrescentou, depois de tirar o casaco e de ir ter com as suas hóspedes.

- Maria, não se devia cansar - observou. Tinha deixado a sogra num total estado de prostração e agora estava espantada por a encontrar tão cheia de vida.

- A bronquite dela nunca mais sara se a deixares sempre na cama - explicou Sofia.

Pénelópe teve um movimento de enfado. Por que seria que Sofia fazia sempre as coisas certas e ela não?

- Devias ser mais calma - sugeriu a sua amiga, quase como se tivesse adivinhado os seus pensamentos.

- E vou ser - garantiu Pénelópe. - Esta saída levantou-me o moral - disse.

- E não só. Fizeste umas óptimas compras. Essa cor fica-te muito bem - elogiou. Depois olhou para o relógio. - Meu Deus, é tão tarde. O meu Silvio está quase a chegar a casa. Vou-me embora. Mas não tardo a vir cá outra vez - anunciou, enquanto Pénelópe a ajudava a vestir o casaco de peles.

Silvio Varim era o marido de Sofia. Era vinte anos mais velho do que ela. Era professor de literatura italiana na universidade. Pénelópe sempre o tinha definido para si como "um homenzinho feioso, insignificante, com um olhar ambíguo", mas nunca ousara exteriorizar este juízo cruel, sabendo a que ponto Sofia estava apaixonada por ele.

- Muito obrigada por tudo - disse ao despedir-se, abraçando-a.

Ficou à porta a olhar para ela enquanto a amiga se dirigia para as escadas. Sofia nunca andava de elevador. A sua zibelina ondeava com elegância.

Depois a sua amiga desapareceu e ela ficou ali, a olhar para o infinito, com um ar alheado.

Ouviu tocar o telefone. Fechou a porta e apressou-se a responder. Era o marido que lhe ligava de Sanremo ao fim de quatro dias de silêncio.

Falou com ele distraidamente, respondendo com monossílabos às suas perguntas. Ouvia ainda a voz de Mortimer a recitar: "E eu que a levei ao rio..."

- Pepe, está tudo bem?

A voz irritada de Andrea despedaçou o fio ténue daquela recordação agradável com que estava entretida.

No sossego da noite, enquanto os seus filhos dormiam junto dela na grande cama de casal, Pénelópe ouvia o silêncio pontuado pelo ranger ligeiro dos móveis e pelo ruído de uma chuva fina que batia no peitoril da janela. Sentia-se em paz consigo própria e com o resto do mundo, tendo relegado Andrea para o cantinho dos pensamentos pouco agradáveis. O seu telefonema distraído, a sua conversa sobre banalidades, o interesse superficial por ela, pelos filhos e pela mãe não a tinham irritado. Pelo contrário, na tibieza dos cobertores, tranquilizada pela proximidade dos seus filhos, revivia com prazer a recordação daquele singular e fugaz encontro com Mortimer.

Fechou os olhos e adormeceu, reconfortada por aquele inesperado parêntesis cor-de-rosa que tinha quebrado o cinzento do seu quotidiano.

O fio ténue daquela recordação consolidou-se na manhã seguinte quando saiu de casa para o habitual passeio com o cão. A chuva da noite tinha lavado o ar e o céu estava azul. Atravessou o jardim e parou no quiosque para comprar os jornais.

Quando regressou, o porteiro entregou-lhe um elegante saquinho de papel plastificado fechado com uma fita de seda azul.

- Vieram agora entregar isto para si, minha senhora. Arrastada pelo cão, que queria meter-se no elevador, Pénelópe nem sequer teve tempo para se perguntar quem o teria mandado. Entrou no apartamento, libertou Piripicchio e segurou o embrulho com as duas mãos. Leu a direcção e as palavras "Para a Signora Pepe Pennisi".

Desfez o laço de seda e sentiu um delicadíssimo perfume de flores. Retirou da embalagem uma taça de porcelana oval que continha uma almofada fragrante de miosótis azuis. No fundo do saco estavam as suas luvas pretas de pelica. Um pequeno envelope branco continha uma mensagem: Gentil Pepe, aqui vão as luvas de que te esqueceste no táxi. Boa sorte. Mortimer. Na parte de trás do cartão de visita estava impresso um nome: Raimondo Maria Teodoli di San Vitale.

Nem sequer tinha dado conta de que tinha levado as luvas na véspera. Voltou a pegar na taça com as duas mãos e enterrou a cara naquele volume compacto de florzinhas minúsculas. Depois, observou a porcelana. Era uma peça antiga, decorada com delicadas grinaldas em tons claros. Por baixo estava impressa a marca das manufacturas de Sèvres e uma data, 1775. Sentou-se no divã da entrada, emocionada e feliz como uma rapariguinha no seu primeiro encontro de amor.

Perguntou a si própria onde colocar aquele presente precioso. Levantou-se e foi até ao quarto. As persianas estavam descidas. As crianças ainda dormiam. Habituou os olhos à penumbra, localizou a sua escrivaninha e pousou ali a taça. Pensou em tirar de lá uma florzinha para guardar consigo, mas envergonhou-se daquele comportamento infantil. De repente, resolveu telefonar ao marido. Precisava de ouvir a voz de Andrea para retomar o contacto com a realidade. Saiu do quarto nas pontas dos pés e foi até à sala.

A sogra não estava lá; ouviu-a mexericar na cozinha. Maria estava decididamente melhor e este facto confortou-a. Procurou na lista dos telefones o número do hotel de Sanremo. Ligou e pediu para passarem a chamada ao quarto do marido. Eram nove horas da manhã.

Respondeu-lhe a voz ensonada de uma mulher que pronunciou um hello tipicamente inglês. Obviamente, o telefonista tinha-se enganado, estabelecendo-lhe a ligação com um outro quarto. Pediu desculpa, desligou e voltou a ligar. De novo a mesma voz. Então disse: - Procuro o senhor Donelli.

- Quem fala? - perguntou a estrangeira.

- É do gabinete de imprensa do festival.

Ouviu uma conversa em voz baixa e finalmente a voz do marido. Desligou a chamada. Este tipo de surpresa não era novidade para ela. Há já muito tempo que sabia que Andrea passava as noites

em que estava fora com outras mulheres. Nas primeiras vezes tinha tido reacções desesperadas. Depois prevaleceu a irritação. Desta vez esboçou um sorriso de compadecimento. Pensou na sua estupidez. O seu marido gostava de coleccionar mulheres como outros coleccionavam selos.

Tinha ainda na mão o cartão de Mortimer. Releu-o, considerando a grafia clara, linear, forte. Meteu-o no bolso do roupão e foi para a cozinha.

A sogra saudou-a com um sorriso, enquanto tirava a cafeteira do lume. Tinha já posto a mesa para o pequeno-almoço e dado de comer ao cão. Por cima do armário, a gatinha Frisby abanava nervosamente a cauda.

- Apetece-te uma chávena de café? - perguntou Maria. Pepe aceitou, sentando-se à mesa.

- Queres experimentar adoçá-lo com isto? - perguntou ela ainda, estendendo-lhe um boião com mel de acácia.

- Está bem - disse Pénelópe, deixando vaguear o olhar pelos objectos e pelos móveis que a rodeavam.

Tinha arranjado com cuidado aquele pequeno apartamento, com a ajuda distraída de Andrea. A cozinha, em particular, era a divisão em que reencontrava a sua própria imagem de jovem esposa.

As cortinas brancas de linho com bainha aberta que ela mesma tinha bordado. Uma prateleira de madeira, pintada de um bonito verde-água, suportava uma rica bateria de panelas de cobre de uma cor quente e brilhante. No guarda-louça, com três prateleiras, faziam boa figura pratos e chávenas em porcelana de Copenhaga. A colecção de pequenas gravuras florais do século xix francês emoldurava a porta que se abria sobre a varanda. Aqueles objectos reflectiam a sua visão cor-de-rosa da vida conjugal.

Agora olhava para eles e pareceu-lhe que já não lhe pertenciam. - Não estás bem? - perguntou-lhe Maria. Estava sentada na outra ponta da mesa e tomava o seu café com um ar tranquilo. Também a sogra, a quem se tinha afeiçoado desde o primeiro encontro, lhe pareceu uma estranha. Via uma velhinha de ar melancólico que pousava sobre ela um olhar afectuoso. Nunca tinham falado durante muito tempo e, sobretudo, Maria nunca lhe tinha contado muito de si nem dos outros filhos. Algumas vezes falava-lhe da dor, com mais de trinta anos, da morte da sua belíssima filha Gemina. Depois referia-se à mágoa pelo abandono do filho mais velho, Giacomo, que se lembrava dela com um postal na Páscoa e outro no Natal. - Mas a culpa não é dele. É por causa daquela víbora da mulher - dizia, para o desculpar. De Andrea tinha-lhe contado que, aos três anos, não queria fazer chichi. Ou não conseguia. Então a avó Stella pô-lo nu, em pé, dentro de uma bacia com água fria e salpicou-o com aquela água gelada, obtendo um efeito imediato. Quando o médico da aldeia soube daquilo, ficou furioso, defendendo que aqueles eram remédios de ignorantes e que o pequeno podia ter ficado gravemente doente. - Mas eu não o ouvi. De cada vez que o Andrea tinha aquele problema, eu usava a bacia e a água gelada. Funcionou sempre. - Algumas vezes falava do pai de Andrea, um homem lindíssimo com uma força desmedida e com um temperamento imprevisível, morto tragicamente no seu trabalho.

O cão saiu da cozinha e Frisby, com um pulo, aterrou em cima da mesa. Pénelópe pô-la em cima dos joelhos e acariciou-a. A gatinha começou a ronronar.

- O seu marido alguma vez a traiu? - perguntou à queima-roupa. Maria esboçou um sorriso.

- Não sei. Se o fez, nunca dei conta - respondeu, e continuou: - E tu? Foste sempre fiel ao teu? - interrogou-a num sussurro.

Pénelópe calou-se.

Andrea não gostava de falar da sua família e ela nunca tinha insistido nas perguntas, porque sentia uma espécie de mal-estar, nele, ao abordar esse assunto.

Quando namoravam, pouco antes do casamento, foi a Roma com Andrea e foram convidados para jantar em casa do irmão Giacomo. Vivia com a mulher, Rosita, num elegante apartamento na Via Maria Adelaide. Rosita não lhe agradou. Era apenas uma sensação epidérmica, porque sabia muito pouco dela. Era uma mulher com cerca de trinta anos, com um perfil de ave de rapina que a maquilhagem

bem estudada não conseguia atenuar, os pulsos e os dedos carregados de ouro e um ar de dominadora. Andrea disse-lhe que talvez Giacomo se tivesse casado com ela por amor, mas que certamente o tinha feito por interesse. Era a filha única e mimada de um comerciante de computadores que tinha negócios em todo o centro e sul. Ao chegar a Roma, Giacomo tinha conseguido que o admitissem como empregado e, com a inteligência e a vontade de subir, tornou-se director comercial. Conheceu Rosita, que se apaixonou por ele, e casaram-se. Agora era ela quem mandava, não lhe permitindo nenhum tipo de autonomia. Durante o jantar não tinha deixado de dar a entender a Andrea que o irmão não desejava ter nenhum contacto com os membros da família Donelli. A certa altura, as duas mulheres encontraram-se sós na cozinha.

- Tens a certeza de que te queres casar com um Donelli? - perguntou Rosita com um ar interrogativo.

- Por que é que me perguntas isso? Tu também te casaste com um - esclareceu ela, com um sorriso embaraçado.

- O Giacomo é o menos mau da família - respondeu Rosita em tom de provocação.

- Podes ter a certeza de que o Andrea não é nada mau - garantiu.

- E a minha sogra,) á a conheceste? - insistiu.

- Se tens alguma coisa para dizer, se achas que há alguma coisa que eu deva saber, explica-te melhor - cortou, irritada.

Então Rosita baixou a voz, verificou se a porta da cozinha estava bem fechada e depois falou.

- A Maria é uma mulher estranha. Diz-se que deu cabo dela, do marido e dos filhos. Por exemplo, o Andrea alguma vez te falou da sua irmã Gemina? - sussurrou.

- Sim. Morreu quando ele era ainda um rapazinho - replicou Pénelópe.

- E disse-te por que foi que morreu? Não, é claro. Nem o Giacomo me disse nunca uma palavra sobre isso. De resto, não acho que ele saiba muita coisa. Estava em Roma quando tudo aconteceu.

Tinha abandonado há muitos meses aquela família de loucos. Mas talvez não saibas que a Gemina andava numa rica vida em Paris.

- Era prostituta? - perguntou Pénelópe, assustada. Era incapaz de andar às voltas, com mexericos. Gostava de perguntas e respostas directas.

- E outras coisas também, acho eu. Sabes, nós fomos à terra deles aos funerais e as pessoas, nas aldeias, murmuram. De resto, o bom sangue não mente. A Maria nunca foi uma santa.

- Que funerais? - perguntou Pénelópe.

- O da Gemina e o do pai. Morreram no mesmo dia. Foi uma história muito misteriosa.

- Não sei nada disso e, se calhar, nem quero saber - rematou Pénelópe.

- E fazes bem. Mas pensa bem antes de te ligares a um Donelli. Trazem com eles uma espécie de maldição - afirmou a futura cunhada.

Agora Pénelópe, à distância de onze anos, observava aquela débil velhinha, sentada em frente dela, que queria saber se ela alguma vez tinha traído Andrea. Desejava que a sua sogra lhe dissesse que uma mulher e uma mãe não embarcam em aventuras extraconjugais. Tinha necessidade destas palavras, porque estava quase a trair o seu infidelíssimo marido, mas não tinha a certeza de o querer fazer.

Sentia-se como uma borboleta capturada pela luz de uma lâmpada. Rodopiava em volta daquela fonte luminosa e quente, dando-se conta de que acabaria por queimar as asas se não se afastasse imediatamente da tentação.

Assim, em vez de lhe responder, perguntou-lhe: - E a Maria? Foi sempre fiel ao seu marido?

- Vivíamos na aldeia, em casa da avó Stella, com os meus cunhados, as mulheres deles e alguns sobrinhos. Tínhamos um quartinho para nós os dois, no primeiro andar. Nos primeiros tempos do nosso casamento, ele à noite fechava-me no quarto, à chave. Depois saía sem me dizer onde ia, nem quando voltava - explicou, sem responder à pergunta.

- Era ciumento? - perguntou.

- Nunca cheguei a saber. Posso dizer-te que não aceitei por muito tempo o papel de reclusa porque eu sim, era ciumenta. Uma noite saltei a janela, desci pela caleira, peguei na bicicleta e fui dançar - disse.

- Foi então que o traiu, não foi? - insistiu Pénelópe.

- Fugia sempre que me deixava sozinha. Uma noite fui parar a um sítio onde ele também estava. Eu estava a dançar com um rapaz que tremia enquanto me estreitava nos seus braços. O meu marido estava sentado a uma mesa só de homens. Bebiam e riam-se. Eu também o vi. Estava já há algum

tempo à espera daquela ocasião. Tinha vinte anos, gostava muito dele e acreditava que ia conseguir fazer dele um homem, porque a sua cabeça era a de um rapazinho, apesar de ter mais dez anos do que eu. Sabes o que ele fez, enquanto o meu companheiro me beijava no pescoço? Nada! Fez de conta que não se passava nada. Porém, depois daquela vez, nunca mais me fechou à chave no quarto. Mas continuou a deixar-me sozinha. Antigamente era assim: o homem tinha o direito de se divertir, enquanto que a mulher devia tratar da casa e dos filhos. Eu não era bonita. No entanto, tinha à minha volta quem se interessasse por mim. Mas não havia maneira de o fazer sentir ciúmes, de o chamar às suas responsabilidades. Não era mau. Era um insatisfeito. Com ele nunca havia certezas. Andrea é um homem bonito como o pai e um insatisfeito como ele. Anda à procura da Lua e ainda não deu conta de que já a tem. Tu és a Lua que ele não vê - concluiu Maria.

Pénelópe compreendeu que a sua sogra não tinha respondido às suas perguntas. Sorriu-lhe, pensando que Maria teria merecido alguns momentos de alegria, traindo o marido.

- O Andrea farta-se de me pôr os cornos - confessou. Custou-lhe muito admiti-lo.

- Há muitas maneiras de trair - replicou a sogra, com uma banalidade irritante.

- Defende-o porque é seu filho - reagiu, enfadada.

- O Andrea é um estúpido. Mas gosta muito de ti. Não se dá conta de que uma mulher se sente humilhada quando o marido lhe faz coisas que não merece.

- Isso é uma rica maneira de gostar muito - observou. Pensou no seu pai, que nunca tinha traído a sua mãe, disso tinha a certeza. Ele gostava muito a sério da sua mulher. Era capaz de se pôr contra tudo e contra todos para a defender, mesmo que não tivesse razão.

- O Andrea não se decide a tornar-se adulto. Mas se uma mulher, qualquer mulher, nem que fosse a rainha de Inglaterra, lhe dissesse: "Vamos fugir os dois", ele havia de escapar a toda a velocidade para ir a correr ter contigo.

- Sinto-me só, infeliz, e não consigo dar um sentido à minha vida. Os meus filhos não chegam para me sentir uma mulher completa. Às vezes parece-me ser mais velha do que a senhora. Só tenho trinta anos, e tenho tanta vontade de ser feliz. Mas estou quase sempre maldisposta. Sou escrava de um marido infiel, de dois filhos que reclamam continuamente os meus cuidados, desta casa que tenho de limpar e arrumar todos os dias. Sempre os mesmos gestos, o mesmo cansaço, a mesma depressão.

Não era isto que eu esperava do casamento. E se tem mesmo de ser assim, gostaria que as tarefas fossem equitativamente divididas com o homem com quem casei. Mas é impossível pretender seja o que for do seu filho. Sabe o que foi que ele fez no dia em que nos casámos? Estávamos a partir para a lua-de-mel. Pôs-me na mão o bilhete da viagem e disse: "Leva-me tu, como se fosses a minha mãe e eu o teu menino". Sorri, inchada de orgulho, porque estava a pôr a sua vida nas minhas mãos. Não sabia que já estava a cavar a minha sepultura.

Falava com a sogra como se estivesse a falar consigo própria. Tinha necessidade de exteriorizar a sua amargura.

Maria abanou a cabeça e não replicou. Mas observou o bilhete que Pénelópe tinha tirado do bolso do roupão.

- Isso o que é? - perguntou.

- É para me lembrar que tenho de fazer um telefonema de agradecimento - explicou. Levantou-se da mesa, inclinou-se para a sogra e deu-lhe um beijo na testa. - Obrigada. Gostei mesmo muito do café adoçado com mel.

As crianças entraram de rompante na cozinha, reclamando o pequeno-almoço.

- Hoje estou bem. Eu trato deles - disse a sogra. E acrescentou: - Faz as tuas coisas sossegada.

Tomada por um desânimo infinito, Pénelópe passou de um quarto a outro, ordenando distraidamente as coisas e adiando assim o momento de um telefonema que, já o sabia, ia ter um seguimento. De vez em quando olhava-se num espelho. Via o seu cabelo despenteado, apesar do corte perfeito e do cuidadoso arranjo do dia anterior. Ressaltava, naquele rosto jovem e belo, um olhar desiludido e uma ruga amarga nos cantos da boca.

Pensava no marido, caprichoso, intolerante, mentiroso, frívolo e egoísta. Talvez já não o desejasse há algum tempo, mas não arranjava coragem para admitir isso.

Pensou no homem que tinha encontrado na véspera, do qual nada sabia. Tinha-lhe parecido adivinhar, no olhar e nos modos, uma determinação pacata, uma segurança que dava confiança.

Finalmente procurou o seu número na lista telefónica. Encontrou dois endereços: um de casa, na Via San Barnaba, e outro de um consultório na Via San Damiano. Marcou o número do consultório.

Atendeu um gravador de chamadas. Dizia que o Sr. Doutor recebia de tarde e pedia para voltar a telefonar para marcar uma hora.

- Então é médico - sussurrou Pénelópe, enquanto desligava sem deixar mensagem.

Marcou o número de casa. Respondeu um empregado com uma voz simpática e um acentuado sotaque estrangeiro.

- O Sr. Doutor está no hospital - disse. E acrescentou: - Se me deixar o seu nome e o número do telefone, posso dar-lhe o recado para lhe telefonar.

Mortimer ligou ao fim de meia hora.

- Queria agradecer-te por me teres devolvido as luvas - começou Pénelópe. E continuou: - Quanto à prenda, só posso dizer que é magnífica. Mas porquê uma coisa tão boa?

- Achei que tinha a ver contigo - explicou ele. - Já não te disse que sou casada? - sublinhou.

- Ainda não me esqueci. Mas gostava de te voltar a ver. Pénelópe enrolava e desenrolava mecanicamente o cartão de visita e observava uma paisagem inglesa, muito romântica, pendurada na parede à sua frente. Havia uma margem de um rio, um salgueiro cujos ramos afloravam a corrente azul-clara, uma pérgula branca coberta de trepadeiras e uma pequena ponte, ao fundo, onde um homem e uma mulher vestidos à moda do século xix se debruçavam do parapeito para observar uma canoa que navegava. Gostaria que a sua vida entrasse naquele quadro de atmosferas doces e via-se a si própria e ao seu maravilhoso interlocutor debruçados sobre a ponte. "Mas que confusões é que eu estou para aqui a arranjar?", pensou.

- Conheces aquele restaurante pequenino na Via Sant'Andrea? - perguntou ele.

- O Saint Andrews. Conheço - respondeu rapidamente. Já ali tinha ido algumas vezes com Danko, o velho músico amigo de há muito tempo.

- Então espero-te lá por volta das duas, e assim almoçamos juntos - rematou ele.

Pénelópe teve a certeza de ter entrado num comboio cujo destino não conhecia.

A partir daquele momento, Pénelópe dedicou-se freneticamente à casa, aos filhos e à sogra para se impedir de pensar. Por fim, cozinhou um puré de legumes polvilhado com parmesão e temperado com azeite, preparou umas costeletas de vitela panadas enquanto as batatas assavam no forno e

triturou maçãs e bananas, obtendo um preparado que aromatizou com sumo de um limão. Sentou à mesa os filhos e a sogra. Enquanto eles comiam, lavou-se, arranjou-se e vestiu-se com muito cuidado. Quando achou que estava apresentável, chamou um táxi. Depois anunciou: - Vou estar fora durante algumas horas. Só espero que não incomodem a avó, não fiquem pendurados no telefone, não discutam e não destruam a casa. - E saiu.

Entrou no restaurante e foi recebida por um empregado que a conduziu a uma mesa num canto, escondida do resto da sala, onde Mortimer a esperava. Pareceu-lhe ainda mais fascinante do que no dia anterior. Vestia um fato cinzento, uma impecável camisa azul e uma gravata discreta de risquinhas azuis e bordeaux. Tinha os cabelos castanhos, com reflexos acobreados, e os olhos grandes, cinzento-dourados. Estendeu-lhe a mão, que ele prendeu entre as suas, grandes, secas e quentes. Esperou que ela se sentasse à mesa antes de tomar o lugar em frente dela.

- O que preferes? Carne ou peixe? - perguntou-lhe.

- Massa - respondeu, e acrescentou: - Quando estou nervosa, e agora estou muitíssimo, os hidratos de carbono são uma fonte de segurança.

- Então, esparguete para dois - encomendou ao empregado. Depois olhou-a nos olhos e perguntou-lhe: - Como estás?

- Estou feliz, ainda que não devesse estar aqui - replicou com sinceridade.

- Eu também sou casado - confessou Mortimer. - E separado - acrescentou imediatamente.

A sua mulher chamava-se Katherine Qualquercoisa, era americana e vivia em Boston, onde ele tinha trabalhado durante dois anos depois de se ter licenciado em Medicina.

Tinham-se casado em Itália e tinham vivido juntos o suficiente para perceberem que não tinham sido feitos um para o outro. Assim, Katherine Qualquercoisa tinha regressado aos Estados Unidos. Estavam separados há três anos e ela tinha já feito avançar o processo de divórcio.

- Imagino que seja uma experiência dolorosa - comentou Pénelópe, que era muito sensível às palavras "separação" e "divórcio", como se indicassem uma doença má. Sempre tinha dito que uma união infeliz é, apesar de tudo, preferível a uma divisão drástica.

- Seguramente menos dolorosa do que as operações que faço quase todos os dias - explicou ele. - Até porque já não estou apaixonado pela Katherine, nem ela por mim.

Mortimer, por conseguinte, era cirurgião. Estava curiosa, mas não queria forçar a conversa. Nem queria interromper a maneira pacata de contar daquele interlocutor que a olhava nos olhos como se ela fosse a única pessoa no mundo digna de atenção. Uma sensação de que já se tinha esquecido. Só o pai, de vez em quando, a olhava e lhe falava daquela maneira.

Pénelópe pensou na singularidade do acaso que se divertia a jogar com o destino dos homens. Até ao dia anterior não sabia quem era Raimondo Teodoli. Agora estavam sentados à mesma mesa, comiam massa e sentiam-se perfeitamente à vontade, como se se conhecessem desde sempre. Pela primeira vez, desde que se tinha casado, Pénelópe gozava da proximidade de um homem que não era o marido.

- Tens uma namorada? - perguntou-lhe timidamente.

- Mais do que uma e nunca por muito tempo - respondeu com desenvoltura. - Portanto, não tenho nenhuma - concluiu.

- Nunca traí o Andrea - sussurrou ela, corando.

- Uma pessoa madura não trai. Acaba uma relação que não funciona e começa outra - observou Mortimer.

- Tu começas e acabas continuamente - rebateu, com uma ponta de ciúme.

- Não são relações. São encontros - explicou ele.

- Como o nosso - retorquiu Pénelópe, mas arrependeu-se logo. Aquela resposta não lhe agradava.

- O nosso encontro é diferente. Estou a tentar perceber por que me agradaste logo, mal te vi. As mulheres com quem ando não me interessam. Talvez nem eu seja importante para elas. Mas queria sê-lo para ti.

Pénelópe não respondeu. Sentia-se lisonjeada, confusa e irresistivelmente atraída por ele.

- Mas tu és a Pepe! - exclamou, de repente, uma voz masculina.

Estremeceu como se tivesse recebido uma chicotada. Levantou os olhos e viu Danko. Tinham passado alguns anos desde a última vez em que se tinham encontrado casualmente. O seu cabelo estava branco, o grande nariz mais vermelho, a pele mais estragada, mas a sua voz rouca e o sorriso que irradiava alegria não tinham mudado. Fez as apresentações.

- O Dr. Teodoli, Danko, um velho amigo - esclareceu.

Os dois homens apertaram as mãos. O velho músico não tinha nenhuma intenção de incomodar.

- Estou com pressa. Mas queria falar-te de trabalho. Um dia destes vou ter contigo - disse.

- Quando quiseres. Amanhã mesmo - propôs Pénelópe. - Então, até amanhã. Vou a tua casa de tarde - garantiu. Quando o homem foi embora, Mortimer olhou-a com curiosidade.

- É o passado que regressa? - perguntou.

Pénelópe falou-lhe da sua paixão pela música ligeira, do prazer de brincar com as rimas, de algumas letras de canções que Danko tinha musicado, da renúncia a uma profissão em que não acreditava completamente, talvez por causa das muitas dúvidas sobre o seu próprio talento.

- Em suma, ainda não me libertei da paixão pelas cançonetas.

Mas o meu sentido crítico aumenta com a passagem do tempo e deito fora quase tudo aquilo que escrevo. Raramente conservo os meus poemas. Tenho consciência de não ser uma artista. Sabes, Mortimer, a música, a verdadeira, é um planeta para poucos. Sei apreciar uma frase musical, mas não vou além das melodias clássicas, daquelas que desenvolvem um ritmo espontâneo, que fica no ouvido. A minha mãe, a minha avó e eu própria, ouvíamos Puccini, Lehár, Strauss, Gardel, Piazzola, e compreendíamos aquela música. As letras, quando as havia, comoviam-nos. A minha avó sabia de cor todos os textos das óperas e das canções do seu tempo que faziam chorar. Eu gostava de a ouvir cantar a Storia di una capinera, Profumi e balocchi, Signorinella. Foi assim que nasceu a minha paixão pelas canções. Em cima estão Brahms, Beethoven, Mozart, em baixo os roqueiros que te furam os tímpanos. Eu estou no meio do caminho. Gosto de ouvir Edith Piaf, Jacques Brel, Yves Montand, Fabrizio de André, Frank Sinatra. Os textos que escrevo são discretos, não excelentes. Eu sei-o, tenho consciência disso. Na minha cabeça há torrentes de imagens que nunca conseguirei traduzir em palavras como gostaria - explicou de um fôlego.

Enquanto falava, Mortimer tinha-lhe pegado na mão. Pénelópe recordou alguns versos de uma antiga balada que Montand interpretava com a sua voz inconfundível: "Querida, se tu quiseres, nós dormiremos juntos, numa grande cama quadrada, coberta por um lençol branco". Sim, ela gostaria de se deitar com Mortimer naquela grande cama branca.

O acaso tinha-a feito encontrar um homem por quem se tinha apaixonado imediatamente. Só que tinha chegado com dez anos de atraso. O destino esperou que ela tivesse um marido e dois filhos para

lhe oferecer uma prenda que ela não podia aceitar. Pensou nos seus filhos e pareceu-lhe que o coração lhe bateu em falso. Tinha-os deixado sozinhos com uma avó que precisava de cuidados. Podia acontecer qualquer coisa. E se Maria se tivesse sentido mal? E se Damele tivesse pegado fogo a alguma coisa? Ou se Lucia, que trepava aos móveis para apanhar Frisby, tivesse caído e se tivesse magoado?

- Tenho de voltar para casa. Já - disse, levantando-se da mesa. O encanto tinha-se quebrado.

- Compreendo - concordou ele, olhando-a com ternura.

Compreendia, certamente, pensou Pénelópe. Mas não podia conhecer até ao fundo a ânsia que a dominava, os negros pressentimentos inventados pelo seu sentimento de culpa.

- Vou levar-te - ofereceu-se, pegando-lhe no braço.

- Não. Tenho de ir sozinha. Vou apanhar um táxi - respondeu, decidida.

Deixou-o assim, sem se despedir, envergonhada da sua própria insegurança. Voltar a ver aquele homem que a levava a sonhar tinha sido um grande disparate. Ela era uma mulher casada e não se devia abandonar aos sonhos. Nunca mais iria estar com ele.

Em casa não tinha acontecido nada de catastrófico. Maria conversava amigavelmente, na sala, com Donata. Lucia e Damele, acocorados no chão, faziam um grande puzzle da Guerra das Estrelas com Giulietta e Lavinia, as gémeas de Donata, e mal deram conta da sua chegada. Maria, como sempre, sorriu-lhe. Donata, pelo contrário, agrediu-a, o que era habitual numa amizade que as unia desde o tempo da escola.

- Agora é que apareces? Esqueceste-te de que me tinhas convidado para o almoço? Chegámos à uma e meia, como estava combinado, e tu tinhas desaparecido. Estava tudo acertado, lembras-te? - Não percebo o que estás a dizer - disse Pénelópe, admirada.

- Estás mesmo com a cabeça no ar. Disse-te que trazia as gémeas, esperando que os teus filhos as contagiassem com a varicela - retorquiu a amiga.

- Valha-me Deus! Tens razão. Esqueci-me. Peço-te muita desculpa - estava desolada. Voltou ao átrio, tirou o casaco e assoou ruidosamente o nariz.

- Por sorte, trouxe um tacho com picado e uma tarte de maçã. Se não fosse isso, nós as três tínhamos ficado sem almoçar, porque a tua sogra e os teus filhos já tinham almoçado. Que rico

acolhimento - lamentou-se, com voz irritada, e continuou: - Ontem à noite telefonou-me a Sofia e pintou-me um quadro negro sobre a "pobre Pepe" amarrada em casa com dois filhos e uma sogra doentes. E, afinal, estou a ver que vais tranquilamente dar uma volta, regressas com a respiração ofegante de quem se sente em falta, vestes o tailleur das grandes ocasiões e até puseste algum rouge na cara. E tens a desfaçatez de me dizeres que te esqueceste! - sibilou, baixando o tom de voz e seguindo-a ao longo do corredor, até ao quarto de vestir.

- Já te pedi desculpa.

- Não me interessam as tuas desculpas. Diz-me mas é o que devo pensar de ti.

- Tu é que és a cartomante. O que é que diz o horóscopo do dia para um nativo de Caranguejo com ascendente Capricórnio? - provocou Pénelópe, sabendo como Donata ficava irritada quando se ouvia definir daquela maneira. Ela considerava-se uma astróloga e defendia que não tinha nada a ver com adivinhos e cartomantes. - Quando te sentes em falta, consegues dar o melhor de ti - replicou, cortante.

Pénelópe pendurou cuidadosamente no armário o tailleur e vestiu uns jeans e uma camisola, fingindo-se desenvolta. Depois meteu-se na casa de banho para tirar a pintura. Donata seguiu-a com o ar de um polícia que não pode perder a presa.

- Contas-me o que é que te está a acontecer? - perguntou-lhe, enquanto a amiga limpava cuidadosamente a cara com um creme de limpeza, sem se preocupar em responder-lhe.

- Vou à cozinha preparar o chá - anunciou Pénelópe, por fim.

Enquanto ela gesticulava em volta do fogão, Donata sentou-se à mesa. Segurando a cara entre as mãos, observava-a como se a quisesse fotografar. - Olha, Pepe, não te armes em esperta comigo - disparou.

Pénelópe não tinha nenhuma intenção de falar de Mortimer, mas também não queria mentir à sua amiga do peito.

- Não achas que engordei um bocado? - divagou, enfiando o polegar na cintura dos jeans.

- Responde - ordenou Donata.

- Encontrei o Danko. Acho que vou fazer dieta - replicou. - Que Danko? O músico?

- Conheces outro com o mesmo nome? Bastavam-me cinco quilos a menos. Parece pouco, mas perdê-los dá muito trabalho. Passei a vida a encher e a esvaziar como um acordeão - continuou, impávida.

- Pepe, vê se me explicas. Há dez anos que abandonaste as canções. Hoje, de repente, decides recomeçar. Sabes o que te digo? Estás a contar-me uma história - acusou-a.

- E sabes o que te respondo? Mete-te na tua vida - impacientou-se Pénelópe.

Donata gostava imenso de se meter nos problemas dos outros e de dar conselhos às mãos-cheias. Se alguém tentava escapar-lhe, então desfiava um repertório de invectivas e ameaças.

Considerava-se depositária dos segredos dos astros e estava intimamente convencida de que estes, se se soubessem interpretar, poderiam resolver qualquer dificuldade. Consultava-os todos os dias e a sua vida era tão plana e serena que causava inveja.

Geria um consultório de astrologia com pose empresarial. A quem a consultava, perguntava o local, a data e a hora de nascimento, realizava uma complexa série de cálculos e, por fim, revelava tudo sobre o cliente, tintim por tintim, fornecendo conselhos para ele e para os seus parentes, sugerindo comportamentos a adoptar e coisas a evitar. Depois receitava-lhe as "gotas de Bach" e mandava-o embora. Explicava a Pénelópe: "Ninguém nasce sob uma má estrela, porque as más estrelas não existem. O que existe são as nossas resistências a seguir os desígnios celestes. Uma pessoa não pode resolver casar-se, ter filhos, comprar uma casa, escolher uma profissão ou investir na bolsa sem consultar as estrelas".

Pénelópe nunca tinha acreditado no poder da astrologia mas, de facto, Donata tinha sempre tido a sorte do seu lado. Como Picasso, Donata tinha períodos azuis, ou rosa, ou amarelos, pelo que escolhia a cor da roupa que vestia em função das influências astrais. Fazia-lhe a ela as mesmas sugestões. Há muito tempo que a aconselhava a usar nas orelhas uma pérola branca e uma negra, naturais, com um diâmetro de doze milímetros, com a condição de que as pérolas fossem verdadeiras, não de cultura, defendendo que teriam um influxo benéfico no seu biorritmo. De todas as vezes, Pénelópe ficava furiosa.

- E tu dás-me os milhões para comprar as pérolas verdadeiras? - protestava.

Donata reforçava a dose: - Não tenho culpa de que me mandem estas indicações do céu. Por exemplo, o teu metal é a platina. A esmeralda é a tua pedra.

- És pérfida e ages de má-fé - dizia-lhe Pénelópe, agressiva.

- Para ti escolheste metais e pedras mais acessíveis: prata e ametista. Pois bem, arranja qualquer coisa mais acessível para mim também.

- Quando te disse para não te casares com o Andrea, não me ligaste. E, no entanto, naquele caso não precisavas de investir centenas de milhares. Se queres saber tudo, as tuas estrelas dizem que não te devias ter casado mesmo, porque tens temperamento de pessoa solteira. Só vivendo sozinha te poderias concentrar nas tuas energias cósmicas e tirar algum benefício delas.

Estas e outras coisas dizia Donata nos períodos em que Pénelópe lhe confessava os seus desgostos. Havia também momentos em que Pénelópe se mantinha a alguma distância da amiga, porque se cansava dos seus conselhos e se apercebia de uma espécie de intrusão na sua vida privada. Quando Donata lhe telefonava, chegava ao ponto de lhe dizer que tinha que fazer e não podia estar a atendê-la. Então, a astróloga deixava-lhe mensagens furiosas no gravador de chamadas, para reforçar a ideia de que ela era um desastre, que para ela não havia esperança e que era ela a principal causa dos seus próprios problemas.

Este minueto durava desde os tempos em que frequentavam a mesma escola. Já nessa altura Donata praticava aquele terrorismo, tendo-se dado conta da insegurança de Pénelópe. Num dia de chuva sussurrou-lhe que a água ia inundar a sala de aula se Pénelópe não lhe desse o seu rebuçado de cereja. Outra vez garantiu-lhe que lhe ia crescer um bigode se não aprendesse a dar cambalhotas. Durante uma otite que a reteve em casa, Donata telefonou-lhe para lhe dizer que lhe ia nascer uma corcunda nas costas se não fosse brincar com ela.

Porém, se Pénelópe caísse e esfolasse um joelho, Donata ia logo socorrê-la com amor. Fazia conluio com ela contra as colegas com quem Pepe se zangava, emprestava-lhe de boa vontade as suas jóias de plástico e dava-lhe os cromos repetidos de cantores famosos.

As suas mães eram amigas. Irene, a mãe de Pénelópe, lançava muitas vezes setas envenenadas contra Donata porque crescia muito depressa, tinha uma cabeleira brilhante e farta, os dentes perfeitos, os cadernos organizados, a roupa sempre limpa e, para além disso, nunca se enganava na tabuada.

Agora Donata era uma bela trintona, com uma cabeleira negra cheia de ondas e caracóis, umapele branca como o leite, uns olhos verdes de cigana e um corpo de manequim. Era a imagem da saúde. Nunca tinha tido uma constipação ou uma gripe. Nunca tinha sofrido por causa de uma cárie. Seguia escrupulosamente uma dieta vegetariana. Tivera as duas gémeas em casa, assistida pelo marido e por um obstetra.

O marido, Giovanni Solci, era definido como "uma jóia de homem". Todo ele era casa, família e agência de publicidade. Era ele quem levava todos os dias as pequenas gémeas ao infantário e que depois as ia buscar. Fazia as compras no supermercado, comprando apenas as "coisas necessárias". Na rua, não se virava para observar as raparigas bonitas. Nunca discutia as escolhas de Donata. Quanto a Lavinia e Giulietta, as gémeas, eram os clones dos seus pais. Viviam numa atmosfera protegida, com um pai e uma mãe que se amavam como dois namorados eternos. Aos cinco anos já tinham tido todas as doenças exantemáticas, menos a varicela, que Donata esperava que apanhassem com os filhos de Pénelópe, pois assim não voltariam a ficar doentes quando começassem a escola. Em suma, Donata era como Pénelópe gostaria de ser e tinha tudo aquilo que ela gostaria de ter: graça, beleza, segurança económica, ideias claras e solidez afectiva. Donata nunca era assaltada pela dúvida, nem quando ia votar.

Porém, Pénelópe não a invejava, porque gostava sinceramente dela. Mas irritava-se quando a amiga queria forçar as coisas e obrigá-la a fazer escolhas que não lhe interessavam.. .

-Já sou suficientemente boa a errar sozinha. Não me interessam os teus conselhos - dizia-lhe.

Agora, enquanto preparava o chá, decidiu que não lhe ia contar a sua breve aventura. Já sabia que, mesmo antes de exprimir uma opinião, Donata lhe ia pedir todos os dados do homem. Em seguida, ia elaborar um horóscopo para anunciar uma catástrofe. Para além disso, faria referência ao carácter sagrado da família, como se ela própria não tivesse a consciência de certos valores, assim como uma análise impiedosa sobre a sua necessidade de se vingar das infidelidades sofridas.

- Em suma - insistiu Donata -, não acredito que tu, de repente, tenhas decidido voltar a trabalhar.

- Parece-te assim uma decisão tão extravagante? Tu, que consegues ganhar dinheiro a vender ilusões, achas estranho que eu decida recomeçar a escrever canções? - perguntou Pénelópe, agressiva.

- Tu não te podes dar ao luxo de trabalhar - respondeu tranquilamente Donata, enquanto a ajudava a pôr os pratos e as chávenas no carrinho de chá.

- Explica-te melhor - incitou-a.

- Não tens equilíbrio suficiente para teres duas profissões: a doméstica e a artística. Falta-te concentração, não sabes programar os teus dias. És uma trapalhona, sempre com os nervos em franja, como se de ti dependessem os destinos do mundo. Eu esforço-me por te dar bons conselhos, mas tu não me ouves. E, sobretudo, mentes. Dizes que te puseste bonita só para ires ter com o Danko. Mas quem é que queres convencer com essa história?

Era uma cena de ciúme, a habitual nas ocasiões em que Pénelópe a excluía das suas confidências.

- Agora, chega. já passaste das marcas - protestou Pénelópe, lançando-lhe um olhar zangado.

- E tu também - replicou a amiga, nada atemorizada. - Por isso, vou-me embora e levo as gémeas comigo. Deixo-te os restos do picado e da tarte - concluiu, dirigindo-se a passos largos à sala para recuperar as filhas.

- Vou deitar tudo ao lixo - berrou Pénelópe.

- Devolve-me as panelas lavadas - gritou Donata.

Sabiam ambas que tinha começado um período de hostilidades. Até que Donata se desse conta de ter exagerado, e até que a irritação de Pénelópe esfriasse, não se encontrariam nem falariam ao telefone.

Lucia e Daniele, que até àquele momento se tinham comportado como pequenos lordes, por respeito ao seu papel de "grandes" em relação às gémeas, soltaram-se de repente e começaram a brigar.

A avó suplicou-lhes que se calassem porque tinha dores de cabeça. Não a ouviram.

- Quero ir para minha casa - anunciou Maria, chegando-se ao telefone para chamar um táxi.

- Ainda está muito fraca. Espere até amanhã. O Andrea regressa de Sanremo e leva-a - sugeriu-lhe Pénelópe.

- Estou demasiado velha para aguentar estes dois terroristas - afirmou, tapando as orelhas para não ouvir os gritos das crianças.

Ao fim de meia hora voltou a tranquilidade. A sogra tinha ido para casa. Ela acalmou o litígio entre os adversários com quatro bofetadas, uma chávena de chá e uma grande fatia de tarte de maçã. Depois, obrigou-os a fazer os deveres.

- E não quero ouvir nem uma mosca - ameaçou-os, antes de arrancar para o quarto e de se abandonar, exausta, sobre a cama. Tinha metido na aparelhagem um concerto de Mahler. Deixou-se ir na onda da música. Sabia que, se chorasse, a tensão diminuiria. Mas as lágrimas não vinham. Pelo contrário, emergia da penumbra do quarto a imagem de Raimondo Teodoli, à qual se sobrepunha a do marido. Andrea impunha-se com a prepotência de quem assume um papel principal. Parecia que lhe dizia: "É uma mulher indigna aquela que trai o pai dos seus próprios filhos". "E o marido que trai a mulher, o que é?" interrogou-se, sabendo que há verdades de sentido único, todas desfavoráveis às mulheres. Mas considerou que Andrea não tinha nada a ver com esta atracção adolescente por Mortimer: tê-lo-ia desejado mesmo se Andrea fosse o melhor dos companheiros. Porém, os desejos não têm necessariamente de ser satisfeitos. Não podia nem devia permitir-se uma coisa dessas. Os modelos de comportamento, que estavam na base da sua educação, sugeriam-lhe uma travagem brusca e uma inversão de marcha.

- Mas porquê? - interrogou-se, deixando correr finalmente as lágrimas. - Por que devo recusar um homem que me agrada infinitamente?

Tocou o telefone e ela atendeu com uma voz quebrada pelo choro.

- O que é que não está bem? - perguntou Mortimer.

- Eu. O meu motor está a falhar - respondeu Pénelópe, sufocando um soluço.

- Se calhar forçaste-o um pouco para além das suas possibilidades - tentou brincar.

- Exactamente. Agora tenho de o desligar. Foi bonito ter-te encontrado.

- Vai ser ainda mais bonito quando voltarmos a ver-nos - garantiu o homem.

- Mas nunca mais vamos voltar a ver-nos - disse ela, limpando as lágrimas.

Considerou encerrado aquele brevíssimo e romântico parêntesis. Sem se dar conta, Donata tinha-lhe dado uma grande ajuda. Quando lhe tinha dito: "És uma trapalhona, sempre com os nervos em franja como se de ti dependessem os destinos do mundo", tinha aberto uma brecha nos seus

pensamentos. Era realmente uma grande trapalhona e o seu nervosismo só podia reflectir-se negativamente nos filhos. Se realmente os amava, devia tratar deles com serenidade.

Depois do jantar, sentou-se com eles no sofá e viram juntos um velho filme de desenhos animados com Obélix e Astérix. Lucia e Daniele divertiram-se e ela, que tinha desligado o interruptor das insatisfações pessoais, apreciou a originalidade e a argúcia muito francesas daquela história de legionários romanos à conquista da Gália.

Depois meteu-os na cama. Lucia adormeceu imediatamente. Daniele agarrou-lhe na mão, fazendo-lhe sinal para se sentar na cama.

Precisava de umas festas suplementares. Pénelópe começou a acariciar-lhe o cabelo. - Mãe, se Deus existe, por que é que não aparece? - perguntou, à queima-roupa.

Em casa falava-se raramente de religião. Quando acontecia, Andrea cortava a conversa. - São tudo histórias inventadas pelos padres para nos portarmos bem - sentenciava, parecendo-lhe uma explicação suficiente. Mas talvez não fosse bem assim, a julgar pela pergunta de Daniele. Naquela altura os seus colegas preparavam-se para o crisma. Ele, único entre todos, estava excluído deste acontecimento. Nem sequer era baptizado, por respeito a princípios não muito bem definidos, mas intocáveis para o marido. Pénelópe tinha aceite esta como outras imposições, sem discutir. Agora, porém, o filho colocava-lhe uma questão importante.

- Não podes ver Deus porque ele está dentro de ti - respondeu.

- O meu amigo Lele disse-me que Deus está no Céu, na Terra e em todos os lugares - insistiu o menino.

- Deus está onde tu estás, onde estou eu, onde está cada um de nós. Achas que podes ver o teu fígado, os teus pulmões ou o teu coração? Da mesma maneira, não podes ver Deus - tentou explicar.

- Mas se te fizerem uma radiografia, podes ver todas as coisas que disseste. E ele não. Será que se esconde?

- Deus está dentro de ti e é invisível, porque é um pensamento. Mas quando menos o esperares, ele manifesta-se. Agora manifestou-se, levando-te a pensar nele. Percebes como é que a coisa funciona?

- Não. Vou tentar perceber amanhã - sussurrou Daniele. Fechou os olhos e adormeceu.

Pénelópe sorriu, pensando que aquele miúdo tinha mais coisas no cérebro do que ela julgava, e que estava a começar a usá-las. Devia estimulá-lo, em vez de passar o tempo a remoer os seus pequenos egoísmos. Os seus filhos estavam à frente de tudo e ela não podia correr o risco de os perder para ir atrás de sonhos impossíveis. Enquanto as crianças dormiam, conseguiu trabalhar, reencontrando, depois de tanto tempo, o prazer de escrever. No dia seguinte, quando Danko fosse ter com ela, teria algum material para lhe mostrar. Queria oferecer-lhe uma amostra dos seus progressos. A melancolia atormentada por uma história de amor iniciada e logo acabada favorecia a sua criatividade. Escrevia depressa, enchendo o seu caderno de apontamentos, sentada à escrivaninha, no quarto, tendo na sua frente a taça cheia de miosótis que Mortimer lhe tinha oferecido. As minúsculas flores azuis estavam a murchar. Antes de se deitar ia deitá-las fora.

Andrea deu sinais de vida no dia seguinte, pelo telefone.

- Olá, Pepe. Está tudo bem? Estou em casa à hora do jantar.

As crianças como estão? Tenho tanta vontade de vos ver - começou, com aquela alegria típica de quando tinha qualquer coisa de que se fazer perdoar.

Pénelópe fingiu não saber que, entre uma entrevista e um artigo, Andrea se tinha divertido um bocado. Desta vez com uma estrangeira, a julgar pelo sotaque da mulher que lhe tinha atendido o telefone. Tinha de aprender a não se agastar e a conservar a calma. Não devia fingir que entre ela e o marido existia harmonia, até porque as crianças se perturbam perante essas ficções. Mas também não podia deixar-se tomar pela ira, desencadeando assim as acostumadas e furibundas discussões, que produziam efeitos devastadores nos seus filhos.

Com esta determinação recebeu o seu amigo músico, enquanto Daniele e Lucia, completamente desinteressados em relação àquela visita, brincavam no seu quarto. Pénelópe lia e Danko anuía, ou abanava a cabeça. Ela seguia com apreensão as suas reacções. De vez em quando interrompia a leitura.

- Não está bem? Não te agrada esta ideia? - interrogava-o.

A gatinha Frisby enroscou-se de repente nos joelhos de Danko, à espera de festas.

- Sossega um bocadinho, Pepe, e continua a ler em paz - ordenou-lhe, a certa altura.

- Mas olha que estou bem sossegada - mentiu ela.

- Estás uma pilha de nervos, de contradições, de sentimentos de culpa. Salta tudo das palavras que escreveste. Há alguns versos muito bonitos e tristes. Exprimem todo o teu mal-estar. Mas está bem assim. Acho que desta vez estás pronta para trabalhar a sério - afirmou. Não fez nenhuma alusão ao encontro da véspera, quando a tinha surpreendido na companhia de Mortimer.

- Recomeçar a trabalhar? Estás a falar a sério? - perguntou Pénelópe.

- Muito a sério. Estou a preparar uma comédia musical. Quero fazer uma coisa muito alegre, com uma pitada de romantismo, que fica sempre bem, e uma veia de melancolia. A história é a do costume: ela, ele, o outro - explicou o músico.

Pénelópe corou quando Danko disse "o outro". O homem fingiu ignorar esse facto, que dizia muito sobre a situação da sua jovem amiga. E continuou: - Tens de ler a comédia, entrar nas personagens e exprimir as suas emoções. Em suma, por trás do aparente jogo de equívocos, existe o drama verdadeiro de uma mulher casada com um inconsciente que brinca aos namoros com as outras todas. A certa altura a mulher apaixona-se por outro. Daqui nasce um conflito: deve deixar o marido e os filhos para ir atrás do amor, ou deve resignar-se a uma vida infeliz para salvar os valores da família?

- Estás a contar a minha história? - reagiu Pénelópe.

- Olha que nunca me interessei por coisas que não me dissessem respeito. Mas é bom que saibas que não és a única Pénelópe da História. Houve milhões desde os tempos de Homero. Nunca se conta nada que não tenha acontecido já.

Pénelópe pensou no marido que, dentro de poucas horas, regressaria a casa ostentando o habitual sorriso de Judas, trazendo presentes para as crianças e, como era tradição, um ramo de rosas vermelhas para ela.

- Por que é que me queres confiar um trabalho tão importante? - perguntou.

- Porque quero ideias novas. Quero frescura, coração e cérebro. Tu, minha menina, tens isso tudo. E mais ainda. Conheço-te desde que eras uma rapariguinha. Nunca percebi por que razão, depois de casares, deixaste cair uma profissão que tens no sangue.

- Escrever textos divertia-me, mas tinha uma coisa mais importante para fazer. Queria ser mulher e mãe a tempo inteiro. Aliás, quero lembrar-te que não mexeste um dedo para me dissuadires - censurou.

- E se o tivesse feito, ter-me-ias ouvido?

- Não sei. Mas devias ter tentado. Devias tê-lo feito, Danko. - Com o homem dos teus sonhos a remar contra a maré? - perguntou, com um sorriso resignado.

Como sempre, aquele amigo sensato tinha razão. Andrea, passado o entusiasmo inicial, tinha feito tudo para a desencorajar, apesar de aquele trabalho ter começado a dar-lhe algumas pequenas satisfações, alegando que com o seu salário era capaz de sustentar a mulher e os filhos que viessem. Agora Danko colocava-a perante uma tarefa difícil e absorvente. Não sabia se conseguiria conciliá-la com as exigências da família. E não sabia sequer se estaria à altura das expectativas do seu velho amigo. Como poderia ela escrever canções que contassem todas as suas dúvidas, as suas amarguras, a tentação de transgredir, se nada disto era claro nem mesmo para ela?

Do quarto ao lado chegaram as vozes de uma discussão entre Lucia e Daniele. Pénelópe foi a correr ter com eles e conseguiu acalmá-los com a promessa de um pudim de chocolate quando ficassem os três sozinhos. Depois regressou à sala onde estava o amigo.

- Estás a ver a minha vida? Sou escrava dos meus filhos e de uma situação que não consigo controlar. Não acredito mesmo que consiga voltar a trabalhar.

- Tu és escrava, mas só de cabeça - sublinhou, num tom rude. Estava irritado. Naquele momento Pénelópe sentiu que, se fosse filha dele, Danko lhe teria dado umas palmadas.

- Não comeces a debitar sentenças - reagiu, pondo-se na defensiva.

- Mas quem é que tu pensas que és? Pensas que és indispensável para o teu marido e para os teus filhos, e és, mas vives da maneira errada. Se assim não fosse, não te teria surpreendido ontem a fazer olhos doces àquele bonito rapaz que olhava para ti como se tu fosses a única mulher no mundo - reagiu.

Finalmente tinha dito aquilo que pensava. Depois, com o seu passo lento e pesado, atravessou a sala e dirigiu-se à saída.

- Espera um momento, Danko. Tenta compreender os meus medos - suplicou Pénelópe. Depois acrescentou: - Deixei passar muitos anos. Há muita gente por aí a fazer óptimos textos.

- Então tenho de pôr em cena a minha comédia sem ti - anunciou.

- Mas eu sou a melhor. Juntos, brilharemos - gritou Pénelópe. - Agora reconheço-te! - exclamou ele, esboçando um sorriso. Pénelópe foi ter com ele quando já estava a entrar no elevador e abraçou-o.

- Bem-vinda, minha menina - sussurrou o velho.

Pénelópe fechou a porta do apartamento e foi para a cozinha. Tinha prometido aos filhos pudim de chocolate e eles iam tê-lo. E iam ter também uma mãe em nova edição, revista e corrigida. Uma mãe que recomeça a trabalhar e a viver a sério.

Surpreendeu-se a cantarolar enquanto misturava o leite com o cacau e o açúcar.

Andrea chegou, como tinha prometido, à hora do jantar. Piripicchio exibiu toda a sua habilidade de campeão olímpico de salto em altura ao pousar as patas nos ombros do dono. Limpou-lhe cuidadosamente, com a língua, a cara e as orelhas. Emitiu gritos dilacerantes de alegria, enquanto fustigava o ar com a sua cauda peluda. As crianças receberam-no com um comportamento análogo. Pénelópe e a gata ficaram obstinadamente ancoradas às suas posições: uma na cozinha a preparar o jantar e a outra na casa de banho, dentro do cesto da roupa suja.

- Isto é para vocês - disse Andrea às crianças, entregando-lhes dois embrulhos de cd's autografados pelos cantores que se tinham exibido no Festival. Depois, com passo decidido, dirigiu-se à cozinha.

- E isto é para a minha queridíssima Pepe - anunciou, estendendo-lhe um enorme ramo de rosas vermelhas.

Pénelópe odiou aquele ritual vulgar. Tinha vontade de o insultar e de lhe dar umas bofetadas. Mas fingiu estar ocupadíssima a mexer rapidamente a maionese para evitar o seu abraço. Tinha mais do que um motivo para agarrar naquelas rosas e atirar-lhas à cara. Proferiu um "obrigada" meio torcido e enervou-se ainda mais ao ver com quanta alegria afectuosa os filhos acolheram o regresso do pai. Ficou ciumenta com tanto entusiasmo. Com ela nunca eram tão expansivos.

- Mas que crostas tão bonitas que vocês têm - constatou

Andrea que, quase de certeza, só naquele momento se lembrara da doença dos filhos. Pénelópe observou-o de soslaio, e a cara sorridente do marido pareceu-lhe a cara feia e enganadora do lobo estendido na cama da avó do Capuchinho Vermelho. Por um momento achou que ele poderia espatifar os seus meninos, exactamente como na história. A voz risonha de Andrea dissipou o seu pesadelo. - O

que quer dizer que agora estão a sarar. Meu Deus, que contente que estou por reencontrar a minha família. Não fizeram zangar a mãe, pois não?

Ei-lo ali, o impostor, pronto para conquistar a cumplicidade dos inocentes, pensou Pénelópe. A testa franzida reflectia a sua fúria, mas Andrea; manhosamente, fez de conta que não percebeu.

Pénelópe retirou a espuma do cozido de carne, enquanto a raiva lhe subia como um rio transbordante. As crianças saltitavam atrás do pai que ia à casa de banho lavar as mãos.

Pénelópe pôs a mesa com cuidado, maldizendo a educação que recebera, que lhe sugeria manter a boca fechada, mesmo tendo vontade de gritar a sua própria dignidade ofendida e de pôr na rua aquele marido infiel.

- A comida está na mesa - anunciou, enquanto verificava com olho crítico se tudo estava no sítio certo.

As crianças apareceram, penduradas no braço do pai que ostentava o sorriso das grandes ocasiões.

- E tu, não te sentas connosco? - interrogou-a, encostando-se a ela para lhe dar um beijo. Pénelópe descobriu alguns fios prateados por entre os cabelos negros. O primeiro sinal de que a idade avançava. E interrogou-se se, quando tivessem envelhecido os dois, ela conseguiria ainda tolerar, calando.

- Comecem, se não o risotto arrefece. Eu venho já - disse. Foi à casa de banho e observou-se no espelho. O que haveria naquele rosto, naquele corpo, que tivesse levado o seu adorado marido a traí-la a primeira vez? Porque é sempre a primeira vez que conta. As escapadelas posteriores são uma consequência natural.

- Devo ter alguma coisa de errado - murmurou para a sua imagem reflectida. No entanto, aquele rosto e aquele corpo tinham captado a atenção de um homem extraordinário como Raimondo Teodoli, tal como vinte anos atrás tinham fascinado Andrea. Talvez não resistisse ao tempo. Depois do primeiro impacto, o marido tinha ficado desiludido. Provavelmente, também Mortimer, se tivessem aprofundado o conhecimento, o ficaria.

Abriu o pequeno armário dos medicamentos e tomou um tranquilizante. Ajudá-la-ia a reencontrar um mínimo de serenidade e a acalmar a vontade de explodir. Depois viu a mala de viagem que Andrea

ali tinha deixado. Estava aberta e apresentava a habitual confusão de roupa interior usada misturada com a limpa, os crachás da imprensa e os apontamentos. Era sempre ela quem tinha de pôr tudo em ordem.

Com gestos rápidos, adquiridos em anos de prática, começou a separar a roupa limpa da que precisava de ser lavada, recolheu os apontamentos e os crachás da imprensa e encontrou uma carteira

de fósforos de tamanho gigante, como as que são oferecidas em certos restaurantes e que têm na aba uma fotografia tirada com Polaroid. Viu Andrea a abraçar uma loira platinada, mais despida que vestida. Ela estava de perfil, com os lábios estendidos, a beijar o lobo da orelha do seu marido, que ostentava um sorriso de dezoito quilates. Abriu a carteira. Leu uma dedicatória escrita a caneta de feltro: "With love. Sally". Seguiam-se três linhas de cruzinhas que indicavam beijos e mais beijos. Lembrou-se da voz da mulher que tinha atendido o telefone do quarto de Andrea.

Se o marido tivesse pelo menos uma pálida ideia de como se sentiria a sua mulher ao encontrar aquela carteira de fósforos, certamente teria arranjado maneira de a deitar fora ou, pelo menos, de a esconder. Mas ele nunca tinha percebido até que ponto Pénelópe sofria com estas coisas. - Que idiota! - sussurrou. O comentário não era dirigido ao marido, mas a si própria, que continuava a tolerar. Escrava dos hábitos, das convenções, dos princípios que não eram discutidos mas simplesmente aceites, tinha sido estúpida ao ponto de encerrar, ao nascer, uma história que a poderia gratificar. - Sou mesmo uma idiota - repetiu. Deixou cair a carteira de fósforos dentro do bolso do casaco e regressou à cozinha, esperando que o tranquilizante fizesse efeito.

As crianças e o marido dirigiram-lhe sorrisos e piscadelas de olho. Pénelópe viu um embrulhinho com uma fita em cima da mesa, em frente ao seu prato. Tinha todo o ar de ser uma surpresa.

Pegou nele, virou-o entre as mãos, desfez o laço e retirou o papel dourado. Apareceu uma caixinha de veludo azul. Abriu-a. Continha um porta-chaves em ouro com um pingente em forma de trevo no qual estava escrita uma dedicatória: "Para a mãe mais bonita do mundo". O primeiro pensamento que formulou foi que não gostava de porta-chaves. Andrea devia saber isso. Nunca tinha conseguido oferecer-lhe nenhum presente a seu gosto. Avaliou-lhe o peso, com um ar impassível. O segundo pensamento foi que com o dinheiro gasto naquela futilidade podia mandar pintar o apartamento e renovar as cortinas da sala. Por fim, constatou que, com aquele gesto, o marido

pretendia fazer-se perdoar por uma nova infidelidade. Isto não a consolou. Aumentou, se possível, o seu desapontamento.

- Ganhei no casino - disse Andrea, enquanto ela fazia oscilar entre o polegar e o indicador a pequena corrente que sustinha o trevo.

Sabia que os filhos esperavam pequenos gritos de alegria e beijos, mas naquele momento detestava demasiado o marido para lhes fazer a vontade.

- Desgraçado! - sibilou, com os dentes cerrados.

Ele captou a mensagem e o seu sorriso apagou-se. Também Lucia e Daniele ouviram, mas uma vez que viviam a ficção de uma família feliz, não quis desiludi-los. Enquanto Andrea baixava os olhos para o prato, ela disse: - Desgraçado daquele que perdeu dinheiro para eu poder ter um presente tão bonito.

- Sabem, meninos, acho que me enganei. A mãe não gosta deste porta-chaves - admitiu ele, com ar triste, procurando a compreensão dos filhos, que estavam ao seu lado.

Pénelópe sentou-se à mesa, finalmente. Recusou o risotto e pôs apenas no prato legumes cozidos e uma fatia de vitela.

- Antes pelo contrário, sinto-me muito lisonjeada por ser considerada a mãe mais bonita do mundo - replicou, sorrindo a Lucia e Damele. Depois apalpou o bolso do casaco e olhou Andrea com severidade. - Como está a "Sally with love"? - perguntou à queima-roupa. E sentiu uma alegria imensa ao ver empalidecer o rosto do marido.

- Oh, estás a falar da baterista daquele grupo rock escocês? - gaguejou ele.

- Perguntei-te como está - insistiu Pénelópe.

As crianças estavam atentíssimas. Tinham captado uma nota desafinada, mas não percebiam o que estava a acontecer.

- Acho que está bem - sussurrou Andrea. - Mas, francamente, é coisa que não me interessa - acrescentou, levantando-se da mesa. - já é tarde. Tenho mesmo de ir ao jornal - concluiu. Pénelópe abandonou a cozinha por sua vez.

- Acabem de jantar - disse, para os filhos. - Eu vou levar o pai à porta.

- Deixaste estes fósforos bem à vista - disse, agressiva, quando estavam no vestíbulo. - Se os miúdos tivessem visto isto, o que haveriam de pensar do pai?

- Nada. Eles não pensam nada, se tu não lhes meteres coisas na cabeça - replicou o marido, pegando na carteira de fósforos e fazendo-a em pedaços.

- E eu? Eu também não penso nada? - atacou com uma voz furiosa, mas esforçando-se por não gritar.

- Deixa lá isso, Pepe, sabes muito bem que é um disparate. Que importância queres que tenha uma fotografia tirada num restaurante onde estavam mais de duzentas pessoas?

- Também estavam no teu quarto do Hotel des Anglais? Ou só lá estava esta "Sally with love"? Porque quando te telefonei, foi ela que me atendeu, por duas vezes - martelou Pénelópe, observando impávida o rosto do marido que assumia aquela expressão desanimada de quem é encostado à parede.

- Tu és louca. És uma louca visionária e eu não tenho tempo para perder com estes disparates.

- És tão baixo que não tens sequer a coragem de assumir as tuas acções - disse.

- E tu és uma idiota. Incapaz de te meteres na tua vida. Gostas de mexer nas feridas. Posso ler-te na cara: tens um orgasmo de cada vez que achas que me apanhaste com a boca na botija. Se os tivesses na cama, esses orgasmos, a nossa relação funcionava um bocado melhor - replicou.

Pénelópe pensou que o tranquilizante, que tinha tomado pouco antes, não estava de todo a fazer efeito, porque naquele momento evitou com alguma dificuldade esbofetear o pai dos seus filhos.

- És um ordinário - sibilou.

- E tu uma estúpida! - berrou ele. Agarrou numa jarra de porcelana, prenda de casamento da prima Pennisi, que fazia muito boa figura na cantoneira do vestíbulo e atirou-a ao chão, fazendo-a em pedaços.

Pénelópe não perdeu a compostura.

- E para que saibas, esta noite não volto para casa. Vou para casa da minha mãe. Ela, pelo menos, não me faz um interrogatório deste nível - concluiu. E saiu, batendo a porta com estrondo. Lucia e Damele espreitavam pela porta entreaberta da cozinha. Tinham visto e ouvido tudo.

- Lucia, pega na vassoura e na pá - ordenou Pénelópe, com calma. - Temos de apanhar os cacos.

Cenas deste género repetiam-se desde há anos. De todas as vezes, Pénelópe e as crianças faziam de conta que não tinha acontecido nada. As discussões com o seu marido concluíam-se sempre como se a razão estivesse toda do seu lado. A ela restava-lhe a tarefa de apanhar os cacos. Entretanto, esperava pacientemente o regresso do guerreiro arrependido. Às vezes passava-se um dia, às vezes uma semana. Depois Andrea apresentava-se com um ramo de flores, um convite para uma pizaria ou para o cinema, e não se falava mais dos motivos da discussão. A vida continuava como se não tivesse acontecido nada. Ela acumulava rancores que escondia por trás de sorrisos falsos. Gostaria tanto de poder inverter os papéis, de ser ela a bater a porta de casa, deixando-o só com os seus filhos. Mas será que uma mãe pode abandonar as suas crias? Para além do mais, não tinha um emprego. De que iria viver? E, finalmente, como cresceriam aquelas pobres crianças com um pai mentiroso e vil? Assim, mastigava em silêncio a sua raiva, ostentava uma serenidade que não tinha e ia seguindo em frente.

Desta vez, porém, reagiu de outra maneira. Fez o que pôde para serenar as crianças, explicando, sem dar demasiada importância, que entre ela e o pai tinha havido uma discussão e que ele agora

se tinha ido refugiar em casa da avó Maria. Eles deviam saber que, fosse como fosse, o pai os amava. Só estava zangado com ela. Omitiu o facto de, naquela mesma noite, ela ir recomeçar a trabalhar, e de que, se o seu trabalho valesse alguma coisa, ela iria ganhar dinheiro suficiente para não ter necessidade da ajuda de Andrea. Aquela era a melhor maneira de se libertar da escravidão.

Quando os filhos adormeceram, fechou-se na sala. Frisby aninhou-se em cima dos seus joelhos a ronronar. Piripicchio dormia em cima do tapete, aos seus pés.

Começou a folhear o texto da comédia que Danko lhe deixara. Ao ler, ia reflectindo sobre as características das personagens. A história agradava-lhe. Imaginou reconhecer, na protagonista e nos dois homens que a disputavam, ela própria, Andrea e Mortimer. Chegada a esse ponto, as palavras saíram com facilidade. O seu cérebro e o seu coração, a trabalhar em perfeita sincronia, ajudavam-na a elaborar conceitos com a velocidade de um computador. Gostou de pôr em verso as melancolias atormentadas, os desejos não satisfeitos, as iras furiosas contra o marido que davam à protagonista a coragem de se afastar cada vez mais dele para encontrar a felicidade nos braços acolhedores do outro

que, ainda por cima, era mais bonito, mais inteligente, mais meigo, infinitamente mais rico do que o marido e, sobretudo, sabia dizer-lhe "amo-te". Há quando tempo é que Andrea não lhe dizia isso?

Via-se a si própria, à mesa da cozinha, a preparar almoços e jantares dia após dia, ano após ano, para um marido sempre ausente, mesmo quando estava perto dela.

Continuou a escrever durante muitas horas e, quando estava a ponto de cair de cansaço, foi para a cama e adormeceu quase imediatamente. Não lhe importava que Andrea não tivesse regressado, pelo contrário, apreciou o prazer de ter a grande cama de casal toda para si.

Nos dias que se seguiram encontrou Danko e trabalharam juntos aplicada e agradavelmente. Nas mãos de Pénelópe a personagem de Linda, como se chamava a protagonista da comédia, assumiu contornos mais precisos e definidos. O músico estava entusiasmado.

- Eu já sabia, eu sentia que ias conseguir - comentava com vivacidade.

- Espera, Danko. Estou só no início. E a figura do amante ainda está um pouco nebulosa - protestava ela.

- Pensa naquele bonito homem com quem te vi no restaurante. Fá-lo viver, falar, deixa-o exprimir-se - sugeriu.

- Faço-o viver muito mais do que tu e ele próprio podem imaginar - declarou Pénelópe com amargura.

Tinha-o afastado da sua vida, mas não conseguia expulsá-lo do seu espírito. Mortimer estava sempre presente. Pensando nele, a jovem doméstica da comédia remendava meias e cozinhava.

- É exactamente isso que o público quer: o sorriso eivado de choro, o comentário jocoso pronunciado enquanto se reprime um soluço, porque a Linda se debate entre a razão, representada pela sua condição de mulher casada, e a transgressão, representada por aquilo que sente pelo outro - continuou Danko.

- Entretanto, consola-se comendo meio quilo de suspiros. E, desgraçadamente, engorda. Porque a Linda é assim: a ansiedade dá-lhe apetite por doces - explicou Pénelópe.

- E assim tornamos actual uma história antiga como a de Emma Bovary ou Anna Karenina. Está claro o conceito? - raciocinava o amigo.

- Mas aquelas duas pobres pecadoras morreram. Acho isso completamente injusto - protestou ela.

- Se tivessem sido mais espertas, tinham-se atulhado de suspiros e deixavam que os dois homens da sua vida se gladiassem. E que vencesse o melhor. No fim de contas, é isto que quer uma mulher que não sabe escolher - disse Danko. .

- Tens a certeza? Olha que a Linda não é uma insatisfeita como a Emma, nem uma deprimida como a Anna - precisou Pénelópe.

- A Linda é como tu. Por isso deixei o final suspenso. Vais escrevê-lo tu - ordenou Danko.

- Ora bem, a Linda não se mata. Isso garanto-te. Em geral, uma mulher não se mata quando há dois homens que a disputam. Eu penso que podia deixá-los aos dois e meter-se com um terceiro - disse ela, reflectindo em voz alta.

- O terceiro não entra nesta comédia - observou Danko. - Temos de o inventar.

- E quem poderia ser?

- Um pasteleiro. Melhor ainda, um industrial de confeitaria que produzisse suspiros - brincou Pénelópe.

- Assim temos também o título para a comédia: Suspiros. Boa, Pepe. A história vai funcionar mesmo assim - concluiu Danko, divertido.

- Não, Danko. A Linda deverá escolher entre os dois homens da sua vida. Lutando para a conquistar, tornam-se ambos melhores. E melhora ela também. É este o final.

- Sim, e viveram os três felizes e contentes. Vá lá, Pepe! Sabes muito bem que não pode ser assim. Lembras-te daquele belo poema de Edgar Lee Master?

- Aquele que diz: "Porque esta é a dor da vida: só se pode ser feliz a dois". Claro que me lembro. E então? Estamos a escrever uma comédia. Vamos deixar de lado as dores da vida e consolar-nos com os suspiros - replicou ela, alegremente. Tal como Danko, sabia que, ao continuar a trabalhar sobre o texto, o final chegaria por si.

Entretanto, Pénelópe tinha já recebido antecipadamente uma boa quantia pelo seu trabalho e tinha aberto no banco uma conta só sua.

Andrea regressou a casa ao fim de dois dias passados em casa da sua mãe.

Abraçou-a a ela e às crianças com alegria, como se não tivesse acontecido nada. Também desta vez, Pénelópe liquidou a amargura com um suspiro de resignação. O trabalho era, neste momento, uma grande consolação para ela.

- Estou muito contente por teres recomeçado a escrever - disse-lhe o marido.

- Não posso acreditar. Há dez anos, usaste toda a tua capacidade de persuasão para me convenceres a parar - disse-lhe.

- Apenas te aconselhei da melhor maneira. Tiveste todos estes anos para amadurecer. Acho que estás mesmo em condições para regressares à luta - declarou, com ar satisfeito. Pénelópe sabia que tanto entusiasmo era ditado por razões concretas. As despesas familiares aumentavam e o dinheiro que pudesse ganhar seria uma salvação. Para além do mais, presa como estava à sua comédia, teria menos tempo para indagar as aventuras sentimentais do marido.

Aquele foi um bom período. Andrea continuava a viver à sua maneira sem se sentir culpado. Pénelópe despejava as suas próprias amarguras nos textos que escrevia e, num certo sentido, libertava-se delas. As crianças estavam mais calmas. Como sempre que a mãe. e o pai estavam de acordo.

Pénelópe era a primeira a levantar-se de manhã. Andrea dormia até às dez ou mais, quando passava a noite na redacção. Ela levava logo o cão à rua e, quando regressava, preparava o pequeno-almoço para os filhos, que acordava entre festas e abanadelas. Obrigava-os a lavarem-se, ajudava-os a vestir e penteava-os.

Pénelópe dispunha então de duas horas para levar as crianças à escola, passar pelos correios ou pelo banco para pagar as contas dos vários serviços, fazer as compras no supermercado e nas outras lojas. Às dez e meia da manhã o carro tinha de estar estacionado em frente da porta do prédio para que, ao sair, Andrea o encontrasse pronto para ir para o jornal. Nada disto a incomodava.

Mas gostaria de ter um carro pequeno só para si. Agora que tinha recomeçado a trabalhar, considerou a possibilidade de arcar com aquela despesa. Mas havia outra mais urgente e mais pesada: aumentar o apartamento. A casa era, efectivamente, demasiado pequena, as crianças estavam a crescer e era preciso que cada um deles tivesse o seu próprio quarto. Também era indispensável um quarto de hóspedes, uma vez que a sogra ficava muitas vezes em casa deles. A vizinha de patamar,

uma hospedeira da Alitalia, contou a Pénelópe que ia casar-se com um banqueiro célebre que conhecera durante um voo Milão-Tóquio e queria desfazer-se do apartamento onde vivia.

- Eu tenho dinheiro para o comprar. Pensa bem, Andrea, nem sequer precisaremos de fazer mudanças. Basta abrir uma porta na parede do vestíbulo e a nossa casa fica com o dobro do tamanho - anunciou Pénelópe ao marido.

- É realmente uma sorte extraordinária - disse ele, entusiasmado, e logo a seguir anunciou em tom triunfante aos amigos e parentes: - Comprámos o apartamento ao lado do nosso. - A Pénelópe disse: - Vamos fazer dali uma coisa muito bonita.

Aquele "comprámos" e aquele "vamos fazer" caíram inteiros sobre os ombros de Pénelópe, que enfrentou com alegria e total incompetência a tarefa de acompanhar os trabalhos de ampliação.

Todos os dias discutia e criticava a intervenção de pedreiros, canalizadores, electricistas, ladrilhadores e carpinteiros. Damele e Lucia, quando não estavam na escola, nem nas lições de natação, de dança ou de viola, participavam naquela espécie de jogo novo que decorria dentro das paredes de sua casa. Ficavam encantados a observar a destreza com que os pedreiros rebocavam as paredes, a habilidade com que o electricista inseria uma série de compridíssimos fios coloridos no interior de tubos de plástico que depois eram cimentados dentro das paredes e desapareciam, corriam um atrás do outro pelo meio do entulho e tomavam o partido da mãe quando se enfurecia com os operários por causa de um trabalho malfeito.

- Se eu escrever uma canção feia, mandam-ma escrever outra vez. Se os senhores colocarem mal os azulejos, têm de os tirar e voltar a pôr. E não pago nem mais um cêntimo pelas horas extraordinárias - dizia Pénelópe.

Andrea, pelo contrário, de cada vez que regressava a casa, lamentava-se: - Até quando é que vai continuar esta confusão? Pénelópe calava o seu próprio cansaço e não respondia. Finalmente as obras acabaram e a família Donelli teve à sua disposição três casas de banho, um quarto de vestir, quatro quartos e uma sala que era o dobro da anterior.

A ampliação tinha esgotado o adiantamento dos direitos de autor de Pénelópe. Uma vez que estava habituada a fazer economias, não se alarmou, considerando que logo que a comédia estivesse pronta receberia uma quantia elevada. Apenas se preocupou porque tinha voltado a sentir uma dor

persistente nas costas. Aquilo, bem o sabia, era um sinal de alarme. Mais uma vez um dos seus ovários tinha produzido um quisto disfuncional.

Marquei uma consulta para a Dra Carini - anunciou ao marido.

A Dra Carini era a ginecologista que a seguia desde sempre e que a tinha assistido durante as duas gravidezes.

Andrea assustou-se. - O que é que se passa?

- Julgo que são os quistos do costume - disse, tentando não dar muita importância ao caso, pois sabia que se devia submeter a uma série de exames. - Passei uma fase muito cansativa e as minhas partes femininas insurgem-se, protestam e fazem birras. Vai correr tudo bem, como sempre - concluiu.

- As tuas partes femininas fazem birras demasiadas vezes. Desta vez vais tratar desse problema a sério - declarou o marido. E acrescentou: - Vou marcar uma consulta com o Professor Marco Viviam.

- E posso saber quem é?

- É o chefe de ginecologia de uma Clínica. É muito bom. - A consulta é grátis? - perguntou Pénelópe.

- Mas o que é que tu pensas? É um especialista.

- A Dra. Carini também é uma especialista. Trabalha na Caixa e o custo da consulta é o do ticket - protestou.

- Arrastas esse problema desde há anos. Parece-me sensato pedir uma opinião mais esclarecida. Viviani é o ginecologista da mulher do Moscati e de muitas outras mulheres importantes - replicou Andrea.

- Isso, na tua opinião, é uma garantia?

- É uma certeza. Viviani deve passar a ser também o teu ginecologista.

- Prefiro uma mulher. Sinto-me mais à vontade - protestou ela com pouca convicção, sabendo que já tinha perdido a partida. Gostaria de explicar ao marido como é delicada uma consulta de ginecologia, sobretudo se o médico é um homem. Já tinha experimentado isso em algumas ocasiões, quando a Dra Carini estava ausente e ela se tinha sentido muito mal. Mas não falou sobre isso com Andrea, que não teria compreendido.

Por amor à paz, marcou uma consulta com o professor Viviani. Às onze horas da manhã apresentou-se na sala de espera do seu consultório, na Clínica. Uma hora antes tinha feito uma mamografia, e uma enfermeira entregou-lhe as chapas, dizendo-lhe: - Mostre-as ao professor. Ele saberá interpretá-las de forma correcta.

- Porquê? Há alguma coisa que não está bem? - perguntou, ansiosa.

A resposta, em vez de a tranquilizar, irritou-a ainda mais.

- Não se preocupe. O Professor vai ver e vai explicar-lhe. - Pronunciava a palavra professor com P maiúsculo.

Tinha levado de casa um livro para enganar a espera. Nunca folheava as revistas das salas de espera, por pensar que estavam contaminadas por muitas mãos. Andrea, por vezes, metia-se com ela por causa dessa mania, que considerava uma forma de fanatismo pela higiene. O livro que tinha nas mãos era um romance de Bohumil Hrabal: Servi o Rei de Inglaterra. Uma história divertida que transpirava alegria de viver e que a fazia sorrir. Pegou na marca que tinha deixado na última página que lera e tentou continuar. Os olhos seguiam as palavras, mas o espírito estava em outro lugar. O que teria querido dizer aquela imbecil vestida de enfermeira com: "O Professor vai ver e vai explicar-lhe?". Havia mais duas mulheres na sala, inquietas como ela. Só faltava o chefe de serviço. Ao fim de meia hora de espera, entrou uma outra enfermeira.

- O Professor pede desculpa. Está a operar um caso urgente - anunciou. A ânsia cresceu. Por que é que tinha sempre de fazer aquilo que Andrea decidia? Tinha a sua boa ginecologista que começava as consultas às oito da manhã e que era pontual e delicada.

Mas não tinha podido ir consultá-la porque era preciso que fosse vista pelo insigne catedrático. Era meio-dia menos um quarto. Dentro de uma hora as crianças sairiam da escola e ela tinha mesmo de as ir buscar. Para além disso, ainda não tinha feito o almoço. Naquele ponto, havia duas possibilidades: descurar as crianças e o seu almoço, esperando com resignação, como faziam as duas mulheres ao seu lado, ou aproveitar o pretexto para ir embora imediatamente. Esta última possibilidade pareceu-lhe muito atractiva.

Saiu da sala de espera e, depois de dar alguns passos ao longo do corredor, viu um telefone de moedas. Teve então uma ideia luminosa: telefonar a Andrea, que estava a dormir depois de uma

noitada no jornal, e dizer-lhe como estavam as coisas. E assim fez.

Ouviu a voz do marido, que vinha das profundezas do sono. Então exibiu-se na perfeita imitação da mulher doce como o mel. - Querido, lamento ter-te acordado, mas estou com um problema. O professor ainda não chegou. Disseram que estava a operar. Pode demorar uma hora, duas, mesmo três. Não te parece que devo desistir da consulta? É preciso ir buscar os meninos... Andrea não a deixou acabar. Tinha muita vontade de contar aos amigos que Viviam era o ginecologista da mulher. De facto, recuperou imediatamente a lucidez.

- Ficas aí e esperas o tempo que for preciso. Eu trato das crianças - replicou.

- Tens a certeza? - perguntou Pénelópe, feliz por o ter acordado e por o obrigar, pelo menos uma vez, a ocupar-se dos filhos. - Não há problema, Pepe. Fica sossegada. Eu trato de tudo - garantiu Andrea.

Pénelópe desligou o telefone. Virou-se de repente e encontrou-se em frente de um homem de bata branca. Só teve tempo de sentir o aroma ligeiro de um perfume inglês antes que dois braços a apertassem. Mortimer sorria-lhe.

- O que é que estás aqui a fazer? - perguntou-lhe Mortimer. Pénelópe sentiu-se trespassada por um raio de felicidade. Há meses que tinha o pressentimento de que se voltariam a ver. Uma súbita aceleração do seu ritmo cardíaco sublinhou a emoção daquele novo encontro.

- E eu posso-te fazer a mesma pergunta - replicou, confusa. - Eu trabalho aqui - disse Mortimer.

- Eu tenho uma consulta com o professor Viviani - explicou, por sua vez.

- Hoje não é dia. Venho da sala de operações. Tivemos uma manhã terrível. Houve um caso urgente e bastante complexo que, felizmente, acabou bem. Mas estamos todos muito cansados. O Viviani hoje já não dá consultas. Está a caminho de casa. E eu também para lá vou - disse, dando-lhe o braço e conduzindo-a pelas escadas até ao andar de baixo.

- Então tu és ginecologista - constatou com surpresa.

Uma vez mais, o acaso tinha guiado o seu destino. E tinha-se servido de Andrea para o fazer.

De bata branca, Raimondo Teodoli pareceu-lhe ainda mais fascinante.

- Não imaginas a minha alegria por voltar a ver-te - afirmou ele, em tom sincero.

- Nem tu imaginas a minha - sussurrou ela, corando.

- Hoje também estás ansiosa por causa dos teus filhos? - perguntou-lhe, recordando o último encontro.

- Felizmente, as crianças estão em segurança - garantiu ela. - Então podemos estar sossegados - decidiu o médico. Levou-a através de um longo corredor para o qual davam os gabinetes de consulta. - Tenho de me mudar - disse. Por baixo da bata vestia uma camisola branca e trazia as chinelas da sala de operações. - Prometes que não desapareces? - perguntou, olhando-a nos olhos, enquanto com um gesto lhe indicava um sofá para se sentar enquanto esperava.

- Está prometido - tranquilizou-o.

Não fugiria por nada deste mundo. Tinha-lhe bastado voltar a vê-lo para que os propósitos de um Fevereiro gelado, e já distante, derretessem como neve ao sol.

Saíram da clínica e dirigiram-se aos jardins da Guastalla. Havia mães a empurrar carrinhos de bebé, velhos sentados nos bancos a ler o jornal e crianças a brincar. E havia o sol de junho a brilhar sobre as folhas das árvores e as balaustradas de pedra. Ele tinha-lhe pegado na mão e entrelaçado os seus dedos nos dela. Caminhavam devagar, naquele esplêndido dia de junho.

- Tenho pensado muito em ti - afirmou ele, apertando-lhe a mão.

- Também eu. E não devia - acrescentou ela, em voz baixa. - Não se foge ao destino - comentou Mortimer, e continuou: - Desculpa a banalidade. Estou a portar-me como um estúpido, mas não consigo exprimir claramente aquilo que sinto por ti. Não te vou deixar ir embora outra vez.

- Faz-me bem ouvir-te dizer isso - sorriu Pénelópe. Sentaram-se num banco e ficaram ali, em silêncio, durante alguns instantes, felizes por estarem juntos.

Não eram sensações novas para Pénelópe. Já as tinha vivido com Andrea, num tempo agora remoto. Recordou uma tarde de Outono, na margem do Ticino. No meio das árvores e dos arbustos tingidos de vermelho, tinha feito amor com Andrea pela primeira vez. Tinha sido uma descoberta emocionante, maravilhosa. Depois de tantos anos recomeçava a sonhar.

- Não me importo que sejas casada. Gostava que fosses a minha namorada. Percebes, Pepe? - Mortimer olhava-a nos olhos, comovido.

- Sim, eu sei - respondeu devagar.

- Onde é que queres ir agora? - perguntou, sorrindo-lhe. Pénelópe vestia um saia e casaco ligeiro de seda cinzento e branco. A saia de pregas levantou-se com uma lufada de ar. Ele cobriu-lhe os joelhos.

- Decide tu. E não imaginas como me agrada dizer isto - respondeu, sem sombra de coqueteria.

- Então vou levar-te a minha casa. Queres?

Pénelópe concordou. Estava capaz de o seguir até ao fim do mundo. Há demasiado tempo que desejava sentir de novo sobre ela o olhar de um homem apaixonado.

Entraram num prédio construído nos anos cinquenta. O apartamento de Mortimer ficava no andar superior. Recebeu-os um criado espanhol a quem o médico sussurrou qualquer coisa, antes de lhe indicar uma grande sala de estar onde quatro portadas se abriam para um terraço coberto por uma videira canadiana. Pénelópe olhou em volta. Dois grandes quadros de Campigli e dois de Fontana estavam colocados em paredes opostas, entre estantes cheias de livros. Os sofás estavam sobriamente forrados de branco. Sobre uma elegante secretária do século xviii destacava-se uma série de fotografias emolduradas.

- Senta-te - convidou-a. Pénelópe pousou numa mesinha a carteira preta e o envelope com as radiografias. Depois instalou-se num pequeno sofá.

- Mandei preparar o almoço. É uma hora e eu estou com fome.

- Por que escolheste Ginecologia? - perguntou-lhe ela. Sentia-se à vontade e tinha curiosidade em saber.

- O meu pai, e antes dele o meu avô, eram ginecologistas. O meu irmão seguiu outro caminho: especializou-se em Urologia.

- Mas ficou na mesma zona - brincou ela.

Mortimer sorriu e contou-lhe que os Teodoli, do Lácio, se tinham transferido para Bérgamo no início do século xix.

O casamento de um trisavô com uma herdeira rica tinha enriquecido a família, que se tinha instalado numa casa de campo antes de adquirir um palácio na Via di Porta Dipinta, na parte alta de Bérgamo. Ele e o irmão tinham vivido ali até ao fim do liceu. Depois tinham ido para Milão, frequentar a

faculdade de Medicina. E ali tinham ficado. O seu irmão chamava-se Riccardo. Tinha um casamento feliz e era pai de três filhos.

Pénelópe deixava-se embalar pelo som da sua voz. Lembrou-se de quando era pequena e, da janela da torre da casa de Cesenatico, invocava Romeu com paixão. Seria Mortimer o apaixonado com quem sonhava?

- Estás a ouvir-me? - perguntou-lhe.

- É claro - respondeu, sorrindo. - Mas estava também a pensar que sei muito pouco de ti e, no entanto, é como se te conhecesse desde sempre.

Ouviu-se, vindo de um quarto distante, o choro de uma criança. - É o filho do Fernando e da Pilar. Vivem comigo. O pequenito chama-se Juan. Ajudei-o a vir ao mundo. Espero que tenham mais filhos. Adoro crianças.

- Tu não tens?

- A Katherine não quis. Por isso tenho de me contentar com os dos outros.

Fernando apareceu na entrada.

- Está tudo pronto - anunciou.

A sala de jantar era pequena, rectangular. As paredes eram de estuque cor de salva. A mesa estava posta para dois. O criado serviu esparguete com molho de tomate.

- Imaginei que estivesses nervosa e quisesses um prato de massa - explicou Mortimer, assim que o criado os deixou sós. Pénelópe apreciou a sua delicadeza. Bastava-lhe olhá-lo nos olhos, sentir-se tocada pela sua mão, para experimentar uma sensação de bem-estar.

- Estou descontraída. Não deste conta? - perguntou-lhe. - Já esperava isso - respondeu com sinceridade.

- Acho que deves ser um bom médico. Tens aquilo que se pode definir como "poder taumatúrgico". Se fosse tua doente, teria uma confiança cega em ti - explicou Pénelópe. - A tua casa re

flecte a tua serenidade - acrescentou, olhando à sua volta. E naquele momento compreendeu o que a tinha tão irresistivelmente atraído quando encontrou Mortimer numa boutique a fazer compras: fazia-lhe lembrar o seu pai, Mimì Pennisi, homem fascinante, cuja beleza não era apenas feita do aspecto exterior. Enquanto que Andrea se parecia muito com Irene, a sua mãe, que atribuía à

aparência um valor desmedido. Sempre tinha considerado o pai um homem perfeito, e agora dava-se conta de desejar um companheiro que se parecesse com ele. Desta analogia nascia o sentimento de segurança, de confiança total que Mortimer conseguia transmitir-lhe. Andrea, pelo contrário, sempre lhe tinha comunicado ansiedade, incerteza e instabilidade emotiva.

- Viviam é o teu ginecologista? - perguntou Mortimer, distraindo-a dos seus pensamentos.

- Apetecia-me dizer-te que é o do meu marido. Não o conheço, mas Andrea insistiu muito para eu marcar uma consulta com ele - respondeu Pénelópe.

Tinham acabado de almoçar e estavam outra vez na sala de estar.

- É uma óptima escolha, se tens algum problema. Viviiani é o meu chefe, portanto é o melhor. Vou arranjar maneira de ele te atender amanhã de manhã - prometeu, sem fazer perguntas.

- Entretanto fiz uma mamografia. Queres vê-la? - perguntou ela, estendendo-lhe o grande envelope que a enfermeira lhe tinha entregue.

Mortimer examinou atentamente as radiografias, observando-as em contraluz.

- Os teus seios estão perfeitos - afirmou, enquanto voltava a meter tudo no envelope.

- Obrigada - replicou ela, tranquilizada. E acrescentou: - Acho que chegou o momento de nos despedirmos. - Pegou na carteira, enfiou-a no braço e olhou-o, um pouco embaraçada.

- Eu sei. E também sei que não queres que te acompanhe. Por isso vou chamar-te um táxi e vou contigo até ao portão.

A entrada do prédio estava deserta. Mortimer apertou-a contra si, delicadamente. Depois tocou ao de leve nos seus lábios com um beijo.

- Quando é que volto a ver-te? - perguntou. - Não faço ideia - respondeu ela.

- Arranja maneira de ser muito em breve. Hoje a secretária de Viviani vai ligar-te para marcar a hora da consulta - garantiu, enquanto ela entrava no táxi que a levaria de regresso a casa.

Pénelópe amarrou em volta da cabeça um lenço de algodão para se proteger do pó. Vestia um velho par de jeans e, munida de balde e esfregão, limpava, ajoelhada no chão, o pavimento da sua nova casa. Eram dez horas da noite. Lucia e Damele dormiam nos seus quartos, Andrea estava ainda no jornal e ela sentia-se dona do seu tempo. Esfregava o mármore e cantarolava uma canção que falava de uma mulher que se tinha apaixonado porque não tinha nada que fazer. Apercebeu-se do

aspecto cómico da situação e sorriu. Tinha-se apaixonado por Mortimer porque tinha imenso que fazer e os seus sentimentos em relação a ele eram uma espécie de oásis luxuriante no caos da sua existência.

Tocou o telefone. Levantou-se, abandonou o esfregão, tirou as luvas de borracha e atendeu.

- Podemos falar um bocadinho? - perguntou Mortimer.

- Claro - sussurrou Pénelópe, com o coração a bater depressa, não pelo cansaço doméstico, mas pela emoção de ouvir a sua voz.

Tinham passado dois dias desde que estivera em sua casa, tão longos como dois anos.

- O que é que estás a fazer? - perguntou-lhe. - Estou a esfregar o chão - declarou.

- O quê?

- Exactamente. Estás a ver água, esfregão, detergente e zelo?

Quando as crianças estão a dormir e o meu marido está no jornal, tenho três ou quatro horas só para mim. Então, posso trabalhar.

- Mas o teu trabalho não é esse - protestou o médico.

- Ai não? Pergunta ao Andrea. Ele tem muito orgulho em ter uma mulher que faz tudo, sem necessidade de empregada - explicou com ironia.

- Eu antes queria que tivesses alguém em casa e que conseguisses estar algum tempo comigo.

- Não posso deixar os miúdos sozinhos - replicou Pénelópe. - Eu sei, e concordo contigo. Consegues organizar as coisas para o fim-de-semana?

- Vou tentar. Em que é que estás a pensar? - Vamos a Bérgamo. A minha casa.

- Vou ver o que posso fazer. - Naquele momento ouviu o elevador parar no patamar. Despediu-se rapidamente de Mortimer. Andrea tinha voltado mais cedo do que o previsto. Entrou em casa no momento em que ela desligava o telefone.

- Não me digas que ainda estavas a discutir com o Danko - disse Andrea, da entrada.

- Na verdade, não era ele - respondeu ela, sem dar mais explicações.

Andrea não se preocupou em saber mais nada e entrou no quarto. Pouco depois apareceu em pijama.

- Há alguma coisa para comer, querida? - perguntou.

- Abre o frigorífico e vê o que arranjas - respondeu ela num tom gelado.

- A minha Pepe acordou com os pés de fora? - perguntou, enquanto passava por ela e lhe dava um beijo na face. Pénelópe observou-o. Andrea era a representação clássica do marido de pantufas. Relaxado, tranquilo. Tinha sido ela a comprar-lhe aquele pijama de popelina às riscas azuis, amarelas e cinzentas. Aos trinta e quatro anos era ainda um homem lindíssimo, mas continuava a comportar-se como um rapaz. Há algumas semanas que se entretinha com uma nova aventura. A mulher de turno, desta vez, era uma nutricionista. Era colaboradora do jornal como autora de uma rubrica sobre alimentação e frequentava o mesmo clube de ténis que Andrea. Pepe nunca a tinha visto pessoalmente, mas já algumas vezes tinha ouvido ao telefone a sua voz metálica, irritante. Depois tinha visto, porque Andrea lhe tinha mostrado, algumas fotografias tiradas durante uma partida de ténis em pares: ela e Andrea, contra Moscati e a sua mulher Erminia.

- Para uma especialista em dieta, parece-me ter um bocadinho de peso a mais - comentou Pénelópe.

- Por que és sempre tão azeda com os meus amigos? - replicou Andrea.

Pénelópe não tinha vontade nem tempo para discutir. Para além de se ocupar da casa e dos filhos, escrevia os textos das canções que depois acertava com Danko e com os autores da comédia. Era um trabalho divertido mas complexo, que a absorvia muito. Quando saía para se encontrar com eles tinha de dar tratos à imaginação para encontrar alguém a quem confiar Lucia e Daniele.

De vez em quando levava-os a casa de Donata, para onde eles iam sem grande vontade porque achavam que Lavinia e Giulietta eram demasiado pequenas para parceiras de brincadeira. Outras vezes recorria à mãe, que aceitava o encargo sempre a protestar porque tinha de anular outros compromissos. Com mais frequência intervinha Sofia, que eles adoravam porque os levava ao cinema e depois ao restaurante. Com Andrea não podia contar. Pelo contrário, quando ela não estava, ele aproveitava para ficar longe de casa.

- No domingo vou estar fora durante todo o dia - anunciou Pénelópe.

- É o único dia em que podemos estar um bocado juntos - protestou Andrea, enquanto tirava do microondas um prato com uma fatia de pizza fumegante. Ao domingo, as crianças eram entregues aos primos Pennisi e eles os dois tentavam consertar os farrapos da sua vida de casados dizendo-se

reciprocamente que ainda valia a pena viverem juntos. Era sobretudo Pénelópe que tentava convencer-se disso, porque Andrea não tinha dúvidas sobre aquela união. Por mais disparates que tivesse conseguido fazer ao longo da semana, o domingo era o dia dedicado a Pénelópe, a mulher-mãe por quem gostava de ser mimado.

- Estou cansada. Vou dormir - disse Pénelópe, como única resposta.

Andrea pousou o prato na mesa e fulminou-a com o olhar.

- O que é que há de tão urgente que tu não possas fazer na segunda-feira?

- Tenho um compromisso muito importante - concluiu, dirigindo-se ao quarto de hóspedes, onde dormia já há algumas semanas, desde a última discussão a propósito da nutricionista. Andrea, como sempre, tinha-se obstinado em negar esta história e ela, como sempre, tinha fingido acreditar na sua inocência. No entanto, tinha insistido na separação dos quartos. Desde que estavam casados, era a primeira vez que reagia com tanta firmeza: enquanto o marido continuasse a traí-la, ela não aceitaria mais relações conjugais.

Andrea, que se sentia culpado, tinha aceite aquela separação temporária, sem renunciar às traições, sabendo que Pénelópe, mais cedo ou mais tarde, voltaria a dormir com ele.

Ela fechou-se no quarto e preparou-se para se deitar.

- Posso saber qual é essa coisa tão importante que me vai estragar o domingo? - perguntou ele, irrompendo no quarto.

- Se te dissesse, nem acreditavas - respondeu, metendo-se na cama.

- Experimenta - desafiou-a.

- Tenho um encontro com um homem - anunciou ela e, enquanto o dizia, pareceu-lhe que o coração tinha falhado uma batida. Naquele ponto, tudo podia acontecer. Andrea podia desfazer a casa. Mas olhou-a, perturbado, e empalideceu.

Pénelópe viu-o vacilar e agarrar a maçaneta da porta para não perder o equilíbrio. Ao fim de pouco tempo recuperou o controlo de si. Andrea decidira que o homem em questão só podia ser Danko.

- Aquele velho idiota devia saber que o domingo é sagrado. Têm seis dias por semana para trabalharem juntos. Não chega? - afirmou, fazendo voz grossa.

- Com os teus gritos ainda vais acordar as crianças - ralhou Pénelópe.

Andrea saiu do quarto batendo com a porta e ela deu um suspiro de alívio.

Apagou a luz e escondeu a cabeça na almofada, interrogando-se o que seria a fidelidade. Se tivesse renunciado a Mortimer, poder-se-ia considerar uma mulher fiel? Fiel a quem? A quê? A si própria ou ao juramento pronunciado ao casar-se com Andrea? Era justo viver na infelicidade para ser fiel a um juramento?

Pénelópe deu voltas na cama, exasperada com estas interrogações para as quais não encontrava respostas convincentes. Por fim, vencida pelo cansaço, adormeceu.

Nos dias seguintes, Pénelópe esforçou-se por não manifestar a ânsia que a dominava, tolerando a irrequietude das crianças com uma paciência insólita. Não deu a conhecer como a irritava a súbita doçura do marido que, no entanto, a vigiava com desconfiança. Não tinha intenções de o tranquilizar, tanto mais que ela própria estava cheia de incertezas. Entretanto repetia para si própria: "No domingo vou saber se devo realmente excluir o Mortimer da minha vida".

Às nove horas da manhã, enquanto saía do prédio com os filhos, esperou um milagre: que o homem dos seus sonhos a desiludisse para que pudesse regressar à sua solidão tranquilizante.

- Onde vais? - perguntou-lhe o primo Manfredi, enquanto Lucia e Daniele entravam no carro.

- A um encontro muito importante - respondeu rapidamente. O táxi que tinha chamado já estava a encostar ao passeio. Ela fez aos filhos as recomendações do costume e depois olhou-os enquanto se afastavam no carro do primo. Então entrou no táxi, que a deixou em frente da casa da Via San Barnaba, onde Raimondo Teodoli a esperava. Cumprimentou-a com um beija-mão perfeito, enquanto ela pensava no marido que estava ainda a dormir, convencido de que ela ia passar o dia com o amigo músico.

- Estou tão feliz por te ver - disse Mortimer. Abriu-lhe a porta de um automóvel desportivo, convidando-a a entrar.

Para aquele dia insólito, Pénelópe tinha renunciado a arranjar-se. Nem sequer se tinha pintado. Calçava sapatilhas, jeans azuis, uma t-shirt branca e um blazer azul de seda. Os cabelos estavam em desordem, como sempre. Tinha decidido apresentar-se tal como era, com as suas poucas virtudes e os seus muitos defeitos, para verificar até que ponto o homem por quem se tinha apaixonado se sentia

atraído por ela. No fim de contas, ele não arriscava nada, enquanto que ela se punha em risco a si própria, aos próprios afectos e à própria família que, apesar de problemática, lhe dava estabilidade.

- Já tomaste o pequeno-almoço? - perguntou-lhe ele, sentando-se ao volante. Pénelópe abanou a cabeça.

- Então vou levar-te ao paraíso do croissant e vais provar o melhor cappuccino da tua vida - prometeu, enquanto o carro arrancava com muito barulho.

Estacionaram em frente de uma pequena pastelaria na Viale Piave. Era uma casa antiga, com a cozinha nas traseiras. Os clientes de domingo acotovelavam-se ao longo do balcão onde adquiriam bolos e caixas de doces. Mortimer conduziu-a através de uma sala fresca, onde pairava um aroma de baunilha. Sobre as mesinhas redondas, cobertas com longas toalhas de pano cor de nata, estavam pousadas pequenas jarras de porcelana que continham anémonas brancas e frésias amarelas. Sentaram-se a uma mesa ao lado de uma montra tapada com cortinas de renda.

- Croissants com creme e dois cappuccini - encomendou Mortimer a uma empregada.

- Como é que sabes que gosto de creme pasteleiro? - perguntou Pénelópe, curiosa.

- Eu também gosto - respondeu ele com naturalidade. Estavam sós naquela salinha de atmosfera envolvente.

- Sabes - disse ele -, descobri esta pastelaria há uns anos atrás, depois de a Katherine me ter deixado. Era uma manhã de domingo, como hoje. Vinha do hospital, depois de um turno de trinta e seis horas. Precisava de caminhar e de gozar a quietude da manhã de descanso. Não me agradava a ideia de regressar a uma casa vazia. O homem é um animal de hábitos. A ausência de Katherme tornava-me melancólico. E vim parar aqui. Estes croissants com creme reconciliaram-me com a vida - concluiu, enquanto a empregada servia aquilo que lhe tinha sido pedido.

Tomaram o pequeno-almoço olhando-se nos olhos e sentindo prazer pela proximidade recíproca.

Um outro casal entrou na pequena sala quando eles se levantaram para partir. A auto-estrada estava praticamente deserta. Chegaram depressa à cidade alta. O automóvel passou por baixo da muralha e enfiou por um largo protegido por uma cancela automática. Mortimer explicou-lhe que aquilo era um parque de estacionamento para os residentes. Há anos que a família Teodoli tinha em curso um

contencioso com a Câmara para construir garagens nas caves do seu palácio, mas por questões de defesa do património não lhes era concedida a autorização.

- O meu bisavô transpunha a entrada principal de caleche - explicou. - O avô estacionava o carro por baixo do pórtico. Depois o número de carros na família aumentou e o meu pai pediu autorização para construir uma rampa que descesse até um parque subterrâneo. Ainda estamos à espera de uma resposta. Às vezes a minha mãe tem tentações de vender esta casa, que requer uma manutenção contínua e muito cara. Não sei até quando conseguiremos conservá-la - continuou. E acrescentou: - Mas, entretanto, eu e o meu irmão temos prazer em vir cá, de vez em quando. E mesmo a minha mãe, que vive em Paris, vem cá muitas vezes.

Transpuseram a porta do palácio e atravessaram a entrada principal do edifício com uma abóbada em tijolo e as paredes cobertas de frescos consumidos pelo tempo. Veio ao encontro deles um homem idoso, que trazia um avental azul de trabalho.

- Seja bem-vindo, Sr. Doutor. Estávamos à sua espera - exclamou, com olhos sorridentes.

- Prazer em ver-te, Tito - disse o médico, e acrescentou, indicando Pénelópe: - A Signora Pénelópe Pennisi.

Tito cumprimentou-a respeitosamente e mostrou o cesto que tinha na mão: - Acabei de apanhar estes tomates. Ainda estão quentes do sol. Os damascos também estão a amadurecer. Alguns já estão bons. Se gostarem, vou apanhá-los - propôs. Para lá da entrada principal abria-se um pátio empedrado. Ao centro situava-se uma grande fonte barroca de pedra branca encimada por um Neptuno que segurava um tridente numa mão e, na outra, um grande peixe de cuja boca aberta corria a água. Para lá do pátio via-se o jardim com sebes de buxo esculpidas com desenhos geométricos que delineavam pequenos caminhos cobertos de glicínias. O horizonte perdia-se no céu limpo de nuvens.

- Nós vamos apanhar os damascos. E tu, vai mas é dizer à Rosetta que nos prepare o almoço para o meio-dia - ordenou Mortimer ao velho empregado, que se afastou, deixando-os sós. Depois, como se tivesse sido assaltado por uma dúvida, voltou-se para Pénelópe: - Preferes comer mais tarde?

- Está bem como tu decidiste - respondeu. Estava feliz por se entregar completamente a ele durante as poucas horas que iam passar juntos. Mortimer pegou-lhe na mão e conduziu-a através do

jardim, até um pomar viçoso e muito bem cuidado, onde pequenas árvores vergavam os ramos sob o peso de pêssegos, pêras, ameixas e damascos que amadureciam.

Pénelópe pensou na majestosa árvore de damascos, no jardim de Cesenatico. Quantas vezes, no fim do Verão, tinha trepado pelo tronco, com a sua amiga Sandrina, para comerem até fartar aqueles frutos sumarentos como néctar.

Estas árvores eram diferentes. Pequenas, bem podadas, bastava estender uma mão para colher um fruto. Apanharam uma mão-cheia cada um.

- Vamos lavá-los na fonte - disse Mortimer.

- Corremos o risco de apanhar um banho - observou ela.

- É isso que tem piada. É uma brincadeira que eu fazia quando era pequeno, com o meu irmão.

Mortimer tirou o casaco, arregaçou as mangas da camisa e lavou os frutos sob o repuxo de água que se pulverizava em minúsculas gotas. Pénelópe imitou-o. A água salpicou-lhes os rostos e as suas roupas, enquanto eles riam como crianças. O sol, que inundava o pátio, iluminava o possante Neptuno, que parecia olhá-los com benevolência.

- Depois sentávamo-nos aqui, na beira, a comer damascos e atirávamos os caroços, tentando que eles caíssem para lá do muro - recordou ele.

- Quem era o melhor? - perguntou Pénelópe.

- Nenhum de nós. Os caroços eram demasiado leves para chegar tão longe.

- Também fizeste este jogo com a Katherine? - perguntou, de repente.

- Por que é que perguntas?

- Por nada. Responde - insistiu.

- Não - respondeu Mortimer, com um tom que não admitia réplicas.

- O que é que tu queres da vida? - interrogou Pénelópe. Mortimer olhou para ela, pensativo.

- Nada - sussurrou.

- Não é resposta - teimou ela.

O homem pegou numa mão de Pénelópe entre as suas e olhou-a nos olhos.

- Aquilo que tenho já é muito e poderia viver com muito menos. Não me interessa o dinheiro, nem a carreira, nem o sucesso. Vivo num presente que me agrada ainda mais porque tu estás comigo.

- Mas amanhã não vou estar.

- Isso eu vou lamentar. Mas não muito, porque vai haver outros momentos para nós os dois.

- O que é que te faz acreditar nisso?

- O facto de desejarmos estar juntos. Não te parece uma razão suficiente?

Aproximou-se uma mulher robusta, à volta dos cinquenta anos, com um rosto largo e cordial. Segurava um tabuleiro com dois copos cheios de chá frio. Trazia um vestido de flores e um avental branco de organza, engomado.

- Pensei que talvez tivessem sede - disse, pousando o tabuleiro no rebordo da fonte.

- Esta é Cesira - explicou Mortimer. - Este palácio decadente não seria o mesmo sem ela - acrescentou, e contou que Cesira tinha chegado a casa dos Teodoli quando tinha dezoito anos. Vivia com eles há trinta e dois anos. Tinha visto nascer primeiro Riccardo e depois Raimondo. Tinha-os embalado em pequenos e tinha-os visto crescer até se tornarem homens. - Ela faz completamente parte da nossa tribo - concluiu Mortimer.

- Está sempre com vontade de brincar - defendeu-se Cesira, falando-lhes com familiaridade.

- É verdade. Mas só quando te vejo. Tu consegues pôr-me sempre bem-disposto - respondeu o médico.

A mulher cumprimentou Pénelópe com uma espécie de curiosidade complacente. Evidentemente, Mortimer não recebia muitas vezes visitas femininas na velha casa de família.

- Anda. Vou mostrar-te a casa - propôs ele, levando Pénelópe pela mão.

No andar térreo passaram através de algumas salas ao estilo do século XVIII, com belíssimos móveis e quadros da época.

- O meu pai só modificou a decoração no andar de cima, onde vivemos sempre - explicou o homem enquanto a conduzia ao andar superior através de uma grande escadaria de mármore branco iluminada por duas enormes janelas, a meio da subida, pelas quais irrompia a luz do sol. Os vidros estavam transparentes como cristal. Ao longo das paredes estavam penduradas grandes telas que retratavam damas e guerreiros.

- Estes são os antepassados de Roma e aqueles são os de Bérgamo. A minha mãe conhece a história e os nomes de cada um deles - comentou.

- E tu não? - perguntou Pénelópe.

- Só sei que alguns eram verdadeiros tratantes, inclusivamente esta abadessa de ar carrancudo. Viveu em Roma, no século Xviii. Entrou no convento porque era manca. No entanto, diz-se que chegou a dar à luz seis filhos. Vá lá a gente fiar-se em certas pessoas - exclamou, divertido. No primeiro andar, uma larga abertura em arco rebaixado dava acesso a um imenso salão onde predominavam os tons de verde-malva. Quatro portadas abriam-se para um vasto terraço do qual se podia admirar toda a parte antiga da cidade. Havia árvores carregadas de limões e uma mesa posta.

Dos sinos da igreja chegaram as badaladas do meio-dia. Cesira foi ter com eles ao terraço.

- Querem falar-lhe da Clínica - anunciou a Mortimer, enquanto lhe entregava um telefone portátil. Ele ligou o aparelho, ouviu e, por fim, disse: - Está bem. Meto-me no carro e vou já.

- Algum problema? - perguntou Pénelópe.

- Uma doente minha. Entrou em trabalho de parto e há complicações. Temos de regressar a Milão - explicou. Abraçou-a e apertou-a contra si com paixão.

- Tenho tanta pena - sussurrou-lhe ao ouvido.

- Vai ser sempre assim? - perguntou ela. Mas já sabia a resposta.

A auto-estrada estava quase deserta. Chegaram a Milão em vinte minutos.

- Deixo-te em frente da tua casa - disse Mortimer.

No caminho de regresso, tinha pensado pedir a Pénelópe que o esperasse no andar de San Barnaba, mas depois renunciou a essa proposta porque não sabia como ia evoluir a situação da sua paciente.

Pénelópe saiu do carro e sussurrou: - Tenho a certeza de que dentro em pouco a futura mamã vai estar em óptimas mãos.

- Obrigado - respondeu ele, beijando-lhe a mão.

Pénelópe estava cada vez mais apaixonada por aquele homem magnífico que, ao contrário de Andrea, não se preocupava em mostrar-se interessante e esperava que tudo entre eles acontecesse naturalmente, assim como ela desejava que fosse.

A casa estava mergulhada no silêncio. Talvez Andrea tivesse saído. Não: o seu molho de chaves estava na taça por cima da consola da entrada. As persianas da sala ainda estavam descidas. Avançou

nas pontas dos pés em direcção ao quarto. Através da porta semiaberta viu o marido a dormir. Estava nu, como sempre. "Nu e enganado", pensou. Sentia-se quase culpada. Ela tinha-o deixado só e ele refugiara-se no sono. Sentiu uma coisa mole que se lhe encostava às pernas. A pequena Frisby tinha-se materializado do nada e reclamava a sua atenção. Ergueu-a nos braços e levou-a consigo para o quarto das roupas. Pousou-a sobre a tábua de passar a ferro e acariciou-a. A gatinha virou-se de pernas para o ar para que ela lhe fizesse festas na barriga.

- És tão velha, e ainda precisas de festas - sussurrou Pénelópe.

Frisby já tinha doze anos. Tinha-a encontrado, magra e definhada, no jardim de Cesenatico, no Verão em que morreu a avó e conheceu Andrea. Tratou dela, alimentou-a e deu-lhe amor. O nome de Frisby ganhou-o pela rapidez com que conseguia fugir mal aparecia o grande gato da avó Diomira. Irene tinha protestado. - Nem pensar em dar-lhe asilo. já temos em cima de nós este animal glutão. Dois gatos são de mais.

Mas o animal glutão tinha resolvido o problema no fim do Verão. Desapareceu completamente. Nunca mais regressou de uma das suas habituais digressões nocturnas. Esperaram-no durante dias. Nunca mais o viram. Provavelmente acabou debaixo de um dos muitos automóveis que corriam de noite ao longo das avenidas. Frisby foi levada para a cidade. Tímida e assustada, escondia-se debaixo das camas e só aparecia para comer. Quando casou, Pénelópe levou-a consigo. Quando nasceu a filha mais velha, Andrea apresentou-se com um setter irlandês pequenino.

- As crianças devem crescer com os animais - disse. Pénelópe enfureceu-se. Estava de acordo com o marido relativamente ao facto de que os animais domésticos constituíam um óptimo estímulo para o crescimento dos filhos, mas já tinha muito que fazer e aquele cachorro à solta não lhe ia facilitar a vida. Frisby sentiu o novo hóspede como um ultraje. Ficou com o pêlo eriçado, abanou o rabo e mostrou os dentes aguçados, a bufar como um dragão. Depois percebeu que não havia maneira de se libertar do cachorro e então delimitou a sua zona. Decidiu que a metade superior da casa, da mesa até à parte de cima dos móveis, lhe pertencia. Nunca houve maneira de a convencer a conviver.

Piripicchio tinha morrido dois meses atrás e agora a gatinha reflorescia. Pénelópe, Andrea e as crianças choraram o desaparecimento daquele belíssimo setter.

- Agora acabaram-se os cães - declarou Pénelópe. - De acordo - disse Andrea.

Ela deitou fora casota, tigelas, trela, ossos sintéticos e, superados os primeiros dias de desconforto, apreciou a maravilha de viver sem um animal invasor e absorvente. A sua gatinha não sujava, era silenciosa e, sobretudo, não precisava de ser levada à rua com horário fixo, três vezes por dia, com qualquer tempo.

- Agora ià chega de festas - disse Pénelópe.

Tirou os jeans e a blusa. Abriu a porta de um armário para pegar num roupão e viu-se ao espelho. Nunca se demorava muito tempo em frente da sua própria imagem, até porque gostaria de ter mais dez centímetros de altura, as pernas mais finas e os flancos menos acentuados. Só se aceitava da cintura para cima.

- Da cintura para baixo há demasiada carne - constatou em voz baixa. Recordou uma canção que a avó Diomira trauteava, enquanto os seus dedos se moviam com agilidade por entre fios e lançadeira a inventar desenhos para as suas rendas frivolité, e começou a cantarolar. Exaltava a "flor carnuda" das raparigas de Havana, de "sangue tórrido, como o Equador". Palavras enfáticas que a fizeram sorrir. De repente estacou. A gatinha fazia saltar no chão uma coisa brilhante e parecia divertir-se muito. Inclinou-se e agarrou um pequeno objecto. Um brinco.

- E isto de onde vem? - sussurrou, examinando-o à luz.

Era uma pequena argola dourada com pequenos cristais transparentes. - Mas não é meu - disse, apreciando-o. - Onde o apanhaste? - perguntou a Frisby, que esticava uma pata para recuperar o seu novo brinquedo.

Vestiu o roupão e foi à cozinha.

Havia duas chávenas de café em cima da mesa: uma estava suja de batom. Ergueu-a com uma mão, enquanto na outra segurava o brinco.

Mal ela saíra de casa, Andrea organizara uma substituição.

- Mas que imbecil! - rebentou. Não havia cólera na sua voz. Apenas amargura em relação àquele marido inconsciente que, sentindo-se só, se tinha consolado com a amante de turno. Com certeza, enquanto ela tomava o pequeno-almoço com Mortimer na pastelaria da Viale Piave, os dois enrolavam-se na cama.

Pensou que ela e Andrea eram decididamente um casal de hipócritas. Ela não se considerava melhor do que ele. Caminhando nas pontas dos pés voltou ao quarto onde Andrea, alheado de tudo, dormia profundamente. Analisou o desalinho dos lençóis e das almofadas, mal se dignou a lançar um olhar ao corpo belíssimo do marido e, na penumbra, localizou o outro brinco. Estava na preciosa taça de Sèvres que Mortimer lhe tinha oferecido. Pareceu-lhe uma combinação de péssimo gosto: a fancaria dentro de uma pequena obra de arte. Pegou no outro brinco, voltou à cozinha e deitou os dois no balde do lixo. Depois lavou cuidadosamente as chávenas de café. Então foi à casa de banho, onde os dois tinham deixado outros sinais da sua passagem. Pegou nas toalhas sujas e meteu-as na máquina de lavar, posicionando o manípulo da temperatura a noventa graus. Por fim, lavou e desinfectou a casa de banho, resmungando a meia voz: - Isto não é um hotel de encontros! Ainda é a minha casa, valha-me Deus!

Foi para a cozinha e começou a preparar uma massa. Eram duas horas da tarde e precisava de comer. Sentia que estava a viver uma situação insustentável, mas desta vez não tinha coragem de pôr Andrea na rua. Também ela tinha algo de que se fazer perdoar. Apenas desejava que acontecesse alguma coisa, qualquer coisa, que os ajudasse aos dois a esclarecer a sua relação.

Devorou um prato de macarrão com tomate, manjericão fresco e parmesão.

Tocou o telefone. Era Mortimer.

- Estou a incomodar? - perguntou-lhe.

- É como se estivesse sozinha - respondeu ela, com ironia. - Como é que correu com a tua doente?

- Nasceu uma bonita menina. A mãe e a bebé estão muito bem e eu gostava de retomar uma conversa que ficou em suspenso. - Eu também gostava muito - respondeu ela. Bastava-lhe ouvir a sua voz para ficar melhor, para acalmar as angústias. Se não fossem os seus filhos, que dentro de pouco tempo regressariam a casa, iria a correr ter com ele. Mas apenas disse: - Eu telefono-te muito em breve.

Andrea acordou. Ouviu-o entrar na casa de banho e depois sentiu o barulho do chuveiro. Era evidente que pensava que ainda estava só, porque se pôs a cantar os célebres versos de Paolo Conte sobre uma tarde solitária "demasiado azul e longa".

Quando entrou na sala e a viu, teve um sobressalto. - O que é que estás aqui a fazer? - perguntou.

- Esta também é a minha casa. Ou já te esqueceste? - replicou, com um sorriso que teria enganado outro qualquer, mas não a ele.

- Só devias voltar para casa à noite - disse, perturbado. - Houve uma alteração de programa.

- Há quanto tempo estás aqui?

- Há tempo suficiente para ter feito uma limpeza geral. Menos no quarto. Abre a janela, tira os lençóis e mete-os na máquina de lavar. Os lavados estão no armário. A cama, fá-la tu - ordenou com voz severa.

Andrea estava enfiado num roupão de felpa branca e secava o cabelo com uma toalha.

- Porquê? - perguntou com um fio de voz. Quase tinha sido apanhado com a boca na botija. Quase. Havia ainda uma ténue esperança de que ela não se tivesse dado conta da passagem de outra mulher.

- Pára de te armares em parvo! E sobretudo lembra-te de que não podes trazer para casa as tuas amantes. Espero ter sido bem clara - replicou com firmeza.

Viu-o empalidecer, encrespar os lábios e esbugalhar os olhos como fazia sempre que estava em culpa.

Sabia que Andrea estava prestes a explodir. Desta vez, por sorte, as crianças não estavam.

- A tua perversão não conhece limites - gritou, com efeito, amarfanhando a toalha e atirando-a ao chão. - Inventaste o truque de uma saída dominical para chegares a casa de repente, à espera de me apanhares. Pois bem, correu-te mal.

- Pára de mentir, és ordinário e vulgar - gritou, por sua vez. - A tua Vacarrussa semeou provas da sua presença por toda a casa. - Perversa e cretina! Ou melhor, és uma louca pervertida! Queres que te diga toda a verdade? Esgotaste-me a paciência - replicou, indo em direcção ao quarto. Fechou-se e, pouco depois, saiu de ponto em branco, batendo com a porta.

Pénelópe entrou no quarto, lançou um olhar de repugnância à cama que Andrea não tinha mudado, pegou na sua taça de Sèvres e colocou-a na mesa-de-cabeceira do pequeno quarto onde dormia. Estendeu-se na cama, esperando recuperar um mínimo de tranquilidade, e esperou o regresso dos filhos.

Mãe! Quero água! - Como sempre, no momento de adormecer, Daniele reclamava a sua presença.

Pénelópe abandonou o caderno de apontamentos em que estava a escrever a letra para uma canção, saiu da cama, foi buscar um copo de água fresca e entrou no quarto do filho.

- Aqui estou - disse, inclinando-se sobre ele e levantando-lhe a cabeça para o ajudar a beber. Daniele só quis um gole. A mãe pousou o copo na cómoda. - Agora dorme - acrescentou ternamente. Ele agarrou-lhe numa mão.

- Não vás embora - suplicou.

Pénelópe agachou-se. Com uma mão segurava a do filho e com a outra acariciava-lhe a face.

- Está bem assim? - perguntou-lhe. - Está. Dá-me mais um gole de água.

- Já sabes que não deves beber muito antes de dormir - advertiu-o docemente.

- Só um bocadinho. E depois, se eu molhar a cama, tu não dizes a ninguém, pois não?

- Não. Mas tenta não a molhar. - E acrescentou: - E agora, posso voltar para a cama?

- Se não estás bem aí, podes estender-te ao pé de mim - propôs ele, arranjando espaço ao seu lado.

Naquele momento também Lucia fez ouvir a sua voz.

- Vocês os dois acordaram-me. Quero beber - choramingou.

A sua reclamação, Pénelópe sabia-o, era ditada pelos ciúmes em relação a Daniele. De cada vez que o mais pequeno reclamava as suas atenções, ela metia-se no meio deles para receber a sua parte.

- A tua irmã quer água, como tu. Espera. já volto - sussurrou, tocando-lhe a testa com os lábios.

Entrou no quartinho de Lucia. Era uma divisão pequena mas muito agradável, decorada com móveis e tecidos em tons pastel.

- Aqui tens a água, minha pequenina - sussurrou Pénelópe. - Não quero que tu ma dês. É o pai que dá - replicou a menina, com ar de despeito.

- Sabes muito bem que o pai não está - disse, apelando à sua paciência, que era muita, mas não inesgotável.

- Então, já não tenho sede - declarou, escondendo a cabeça debaixo da travesseira.

Pénelópe pousou o copo em cima da mesinha e inclinou-se para lhe acariciar as costas.

- Deixa-me - reagiu Lucia, com um movimento brusco. - Não quero perturbar o teu flirt com o Damele.

Pénelópe sorriu.

- Com quem aprendeste essa palavra, tão antiga? - perguntou. Queria distraí-la da ferradela do ciúme.

- Com a avó Irene. Ela está sempre a dizer: fulana tem um flirt com sicrano. Ou então: entre aqueles dois há um velho flirt - explicou.

- E tu sabes o que é que quer dizer?

- É quando duas pessoas namoriscam de maneira nojenta - declarou Lucia.

- Ora agora é que tu disseste bem. Eu estou a namoriscar com os meus filhos de maneira nojenta. já me fizeram perder a paciência. São horas de dormir.

- Quero o pai! - gritou Lucia.

- Vais ter de esperar. Não é certo que ele volte para casa esta noite - anunciou. Talvez Andrea passasse a noite com a Vacarrussa. Ou então podia ter ido dormir a casa da mãe. No entanto, desta vez, Pénelópe não ia sofrer. O seu coração e o seu espírito, felizmente, estavam em outro lugar. As crianças deixaram de reclamar a sua presença. Ela voltou ao quarto, deitou-se, pegou outra vez no caderno e fixou um ponto impreciso na parede à sua frente, à procura de uma inspiração que não veio. Os seus pensamentos iam obstinadamente ao encontro de Raimondo Teodoli, que tinha entrado na sua vida restituindo-lhe uma segurança que julgava perdida e que lhe vinha de se sentir desejada. Andrea, à sua maneira, continuava a gostar dela, disso tinha a certeza. Mas já não estava apaixonado por ela e ela, já desde há muito tempo, não sentia nenhuma atracção física por ele.

Fechou o caderno de apontamentos, pois já não ia conseguir trabalhar. Saiu da cama e foi espreitar os quartos dos filhos. Dormiam os dois. Voltou a fechar as portas. Esteve tentada a ir até à sala e telefonar a Mortimer. Não ousou fazê-lo, considerando que era quase meia-noite. Sentou-se na cama, segurou a cara entre as mãos, e as lágrimas brotaram. Estava metida numa grande confusão e não sabia como sair dali.

- Lamento se fui grosseiro - disse o marido.

Andrea estava ali, à sua frente, e estendia-lhe um raminho de muguet. Não o tinha ouvido entrar em casa.

- Importas-te de sair e fechar a porta? - replicou, gélida, por entre as lágrimas.

- Minha querida Pepe, será que não podemos fazer as pazes? Trouxe-te as flores de que tu gostas - insistiu, pousando na mesinha aquele bouquet tão perfumado. Como sempre, pedia-lhe que esquecesse. Durante alguns dias ia representar o papel do menino arrependido e gratificar Pénelópe de mil maneiras, para depois recomeçar a traí-la. Se naquele momento Pénelópe lhe tivesse dito: "Amo outro homem", ele daria uma grande gargalhada e não acreditaria. Mas apenas disse: - Sabes por que é que me encontras esta noite aqui? Porque tenho duas crianças que amo mais do que a minha vida. Faço um esforço para dar uma aparência de serenidade e de equilíbrio a uma família em que não há clareza. Agora, por favor, vai-te embora.

Andrea obedeceu e ela ficou só, a chorar o seu próprio descontentamento.

No dia seguinte levou os filhos à escola e depois foi ao banco ter com o pai.

- O que é que posso fazer por ti? - perguntou-lhe.

Mimì Pennisi continuava a ser para ela um ponto de referência.

Era um homem sólido, de poucas palavras, mas bastava um olhar seu ou um gesto afectuoso para lhe infundirem segurança.

- Passei por aqui e resolvi parar a falar um bocadinho contigo - disse Pénelópe. - já não nos víamos há mais de uma semana, sabias?

Mimì gostaria de replicar que não se viam há meses. Ela andava atarefada por causa da casa nova, por causa dos filhos, por causa das canções, como se fosse um robot. Um dia, quando a bateria descarregasse, o que é que ela iria fazer? Mas só disse: - Pareces um bocado cansada. Senta-te.

O gabinete do pai tinha uma parede de vidro à prova de bala. Dali podia observar a movimentação dos clientes. Havia também uma câmara de televisão que filmava o interior e o exterior do banco. Em cima da secretária, havia três fotografias emolduradas: uma de Irene, uma dele com a sua mãe e a terceira de Pénelópe com Andrea e as crianças.

- Cansar-me faz-me bem. Impede-me de pensar - sussurrou. - Pensamentos desagradáveis, portanto, já que os evitas.

- Ou demasiado agradáveis. É melhor não falarmos disso - confessou.

- Apetece-te dar uma volta? - propôs Mim!, abandonando o seu lugar atrás da secretária.

Avançaram ao longo de uma pequena rua secundária, onde não havia trânsito. Pénelópe enfiou o braço no do pai e acertou o seu passo com o dele.

- Lembro-me de quando era pequena e fazíamos um concurso a ver quem andava mais depressa. Eu perdia o ritmo e irritava-me porque os nossos pés deviam avançar em sincronia.

- Direita, direita, esquerda, esquerda - precisou Mimì.

- E tu ensinaste-me a dar um saltinho para voltar a acertar o passo - recordou ela.

- Eras uma criança pensativa - observou ele.

- E tu eras um pai silencioso - disse ela. - Gostava muito de ti, mais de ti do que da mãe.

- Nunca aceitaste a tua mãe. Sempre a encaraste como uma rival. Sabe-se lá porquê - sussurrou Mimi.

- Era tão insuportavelmente bonita. Fazia-me sentir estúpida e desajeitada. Quando eu estava contigo, era como se ganhasse asas.

- Calaram-se, continuando a caminhar. Depois ela disse: - Conheci um homem. Quando estou com ele, sou feliz.

Mimì parou. Tirou um cigarro do bolso do casaco, acendeu-o, aspirou uma profunda baforada e disse: - Estou a ouvir-te.

Ela contou-lhe tudo sobre Mortimer e concluiu: - Penso nele constantemente. A todas as horas do dia interrogo-me onde estará, o que estará a fazer, que pessoas encontrará. Sinto-lhe o perfume, vejo-lhe as mãos, ouço aquela voz encantadora.

- Em poucas palavras, foste apanhada por uma paixão terrível - comentou Mim! a meia voz. Apagou o cigarro e recomeçaram a andar.

- Desejo-o com todas as minhas forças - admitiu ela. - Devias falar sobre isso com o teu marido.

- Não é suficientemente maduro para compreender. Não me poderia ajudar. Iria pintar o diabo a quatro. Conheço-o bem, infelizmente - observou Pénelópe.

- Tu não queres ser ajudada. Falaste comigo para aliviares a consciência. Pois bem, eu não sou padre e não te posso absolver. Sou apenas teu pai e posso dizer-te que estás a cometer um erro enorme.

- Como é que podes saber o que é correcto e o que não é? Viver a andar contra si próprio é correcto? - E enquanto dizia isso compreendeu que a mãe tinha vivido assim desde que se tinha casado. Mimì não tinha culpa nenhuma em tudo isso. Nem Andrea, apesar do seu péssimo carácter e das transgressões contínuas, tinha nenhum papel na sua paixão por Mortimer.

- Tens duas crianças e um marido de quem gostas muito - afirmou ele.

- Não te diz nada, a palavra divórcio?

- Sim. Faz-me pensar que estás a andar muito depressa. Ainda não conheces o homem por quem te apaixonaste e já falas em divórcio. É realmente demasiado. Acaba com essa história enquanto estás a tempo. E fala sobre isso com Andrea. Ele pode pintar o diabo a quatro, como tu dizes, mas também pode ser uma forma de recuperares um marido de quem, apesar de tudo, gostas muito.

Regressou a casa e sentiu um agradável cheiro de assado. Foi à cozinha. Andrea, com um pano à volta da cintura, estava junto do fogão e virava num tacho um belo pedaço de novilho. As batatas douravam no forno.

- Não devias estar no jornal? - perguntou Pénelópe, espantada por encontrar o marido em versão doméstica.

- Pedi um dia de férias. E estou a tentar ser útil. Preciso tanto de ti, minha querida Pepe - disse, abraçando-a.

- Não posso acreditar! - sussurrou Pénelópe. - Estás a preparar o almoço e puseste flores frescas na mesa.

Estava dominada pela surpresa. A sua reacção a um facto tão insólito foi a suspeita. - Mas o que é que se passa? - perguntou. Depois da conversa com o pai, queria estar sozinha para reflectir. Tinha sentido muito uma afirmação de Mimì a propósito dos seus sentimentos relativamente a Andrea: "Um marido de quem, apesar de tudo, gostas muito". Era verdade. Gostava muitíssimo dele, por uma infinidade de razões que não tinham nada a ver com a paixão nem com a atracção sexual. Nem sequer com o facto de Andrea ser o pai dos seus filhos. Talvez este marido imaturo lhe satisfizesse outras

necessidades, como a de a fazer sentir-se indispensável. Sempre tinha tido plena consciência de como a sua presença era importante para ele e para a sua família.

- Não estou aqui para enganar ninguém! - declamou Andrea, imitando os vendedores das feiras.

- Então por que é que eu me sinto enganada? - A pergunta fugiu-lhe sem querer.

- Não por mim, espero. Eu sempre te levei muito a sério - disse, levando uma mão ao coração. Estava de boa-fé. Antes que Pénelópe pudesse replicar, acrescentou: - Oh, que desgraça! A carne está a queimar-se - e apressou-se a apagar o lume.

A mulher olhava-o perplexa. Ele aproximou-se e pousou-lhe as mãos nos ombros.

- Pepe, tu és a coisa mais preciosa que eu já tive. Não sei por que é que consigo estragar sempre tudo. Mas sei que logo a seguir me arrependo e te peço perdão. Já passaram três meses e meio desde que regressei do Festival de Sanremo. Desde essa altura, nunca mais dormiste comigo. Porquê? Achas mesmo que eu sou o pior dos companheiros? Não, tenho a certeza que não achas. Por isso, a partir de hoje, quero demonstrar-te que sou o melhor dos homens. Vou buscar os meninos à escola. Depois vamos todos juntos ao cinema e logo à noite, quando aqueles pequenos monstros estiverem a dormir, tu e eu vamos ficar muito juntinhos e eu vou confessar-te, como fazia antes, todo o meu amor.

Pénelópe precisava absolutamente de se defender antes que aquele rio de ternura a arrastasse, sabendo que, ao fim de alguns dias, a corrente a iria lançar uma vez mais na margem árida da desilusão. Recuou um passo para se libertar dele e observou-o friamente.

- Desta vez foste mais longe do que o costume. Trouxeste para casa a amante de turno. Ainda nem há vinte e quatro horas gozaste com ela na nossa cama. Agora não sabes como sair dessa embrulhada e puseste em cena um novo espectáculo. Tiraste um dia de férias e esperas que eu lance os meus braços ao teu pescoço. Já não funciona - disse, libertando os pés dos sapatos de tacão alto e olhando o marido de cima a baixo, com ar de desafio. Depois dirigiu-se à casa de banho, fechando-lhe a porta na cara.

- Pepe, ouve-me - suplicou ele.

- Vai-te embora - respondeu. Estava furibunda.

- Diana Vacarrussa é a amante de Moscati. Ontem de manhã veio chorar no meu ombro porque ele não se decide a separar-se da mulher. Já sabes que não gosto de bisbilhotices. Obrigas-me a

revelar-te esta história, que não te diz respeito. Diana cortou com um namorado por causa de Moscati, que agora treme de medo e não consegue deixar a mulher - revelou Andrea, com relutância.

- Mas quem é que estás a tentar convencer? - Juro-te pela saúde dos nossos filhos.

- Deixa estar os meus filhos - disse ela, escancarando a porta. - Se assim é, se esta história é verdadeira, é preciso dizer que Deus os fez, Deus os juntou. Refiro-me a ti e ao teu director. Mas vais ter de me explicar o que é que estava a fazer um brinco da Vacarrussa no nosso quarto - desafiou-o. Depois foi para a sala e Andrea foi atrás dela.

- Telefonou-me. Queria ver-me para desabafar. Disse-lhe para vir aqui e ofereci-lhe café. Começou a chorar como uma criança. Foi à casa de banho. Talvez tenha lavado a cara. Quando foi embora vi que se tinha esquecido dos brincos. Um caiu-me e não me apeteceu procurá-lo. O outro meti-o na tua taça. Depois voltei para a cama e tentei adormecer outra vez. Esta é a verdade, quer tu acredites quer não - afirmou, com ar de não estar a mentir.

- Tinha mesmo de te escolher como confidente? Porquê?

- Eu sei lá! Talvez porque eu não vou contar aos outros os seus segredos. Nem sequer ia falar disso contigo, se não me tivesses obrigado - explicou. E acrescentou: - Agora acreditas em mim?

- Estás a dar-me a volta outra vez - comentou. E prosseguiu: - Mas eu sinto-me sufocar dentro de tanta tristeza. Se a vida de um homem e de uma mulher que se amaram tem de se reduzir a isto, caímos realmente muito baixo.

- Eu volto a levar-te para cima. A doze mil metros. Queres vir comigo a Paris três dias? Partimos sexta-feira e regressamos no domingo à noite - anunciou Andrea, com um sorriso resplandecente.

Explicou-lhe que tinha sido enviado à apresentação de um filme importante. Iam viajar em primeira classe e dormir no Crillon, comer ostras do Atlântico e visitar o Louvre, passear no Quartier Latin e fazer compras nos grandes armazéns.

- Diz-me que aceitas, que esta proposta te agrada, que ainda me amas - implorou.

Apesar de tudo, Pénelópe comoveu-se.

- Deste-me mesmo a volta - sussurrou. E faltou-lhe a coragem para lhe dizer que havia outro homem na sua vida. Apenas disse: - Este convite para ir contigo chegou com demasiados anos de

atraso. Lamento muito, Andrea. - Sofria por ele, por si própria, pela sua vida a dois que estava a naufragar.

- Pensa nisso durante alguns dias, antes de recusares - sugeriu-lhe.

Naquela semana acabou o ano escolar das crianças. Pénelópe decidiu que, se partisse logo com eles para Cesenatico, poderia evitar a viagem a Paris com o marido sem o ofender. Inesperadamente, a sua mãe ofereceu-se para a ajudar.

- Eu e o teu pai - disse - estávamos a pensar passar duas semanas em Cesenatico. Tu tens muito que fazer. Nós levamos as crianças para a praia e tu vais ter connosco depois.

Assim, sem os filhos, poderia avaliar com mais objectividade a mudança de rota do marido renascido, ironia do destino, no momento em que estava para o trair. E este facto complicava ainda mais uma situação já difícil.

Lucia e Daniele partiram na quarta-feira à noite, quando Andrea ainda estava no jornal. Pénelópe telefonou a Mortimer e abordou imediatamente o assunto.

- O meu marido quer que eu vá com ele a Paris passar o fim-de-semana - anunciou.

Houve um longo momento de silêncio.

- Por que é que me estás a contar isso? - perguntou ele. - Talvez para tu me dizeres que não vá - replicou.

- Essa decisão deve ser tua.

- Podias pelo menos dizer-me que não te agrada - disse, com uma voz agressiva.

- Pepe, não vou ser eu a decidir por ti. Não tenho nenhum estatuto para o fazer. Estou apaixonado por ti. Tenho até ciúmes. Mas isso não tem nada a ver. Eu e o teu marido não somos dois cavaleiros que disputam os favores de uma dama. Eu nem sequer o conheço e ele certamente nem sabe que eu existo. Apenas te posso dizer que respeito a tua escolha. E se decidires ir a Paris, não vou deixar de te esperar. Tu ainda não conheces e determinação e a tenacidade de que sou capaz.

- Ele é o pai dos meus filhos - soluçou Pénelópe, esmagada por mil receios.

- Um dia, talvez, dirás a mesma coisa de mim, mas a sorrir. Boa noite, Pepe.

Para reagir às angústias, Pepe conhecia um único remédio: o cansaço físico. Assim, às dez horas da noite, pôs-se a virar a casa do avesso, começando pelos quartos das crianças. Escancarou as

janelas, desfez as camas, agarrou nos lençóis e nos pijamas mergulhando a cara naquele perfume de infância enquanto o seu coração inchava de ternura. Reconfortou-a o facto de os saber a salvo com os avós, longe do turbilhão que a arrastava.

Andrea regressou às onze, no momento em que ela limpava os vidros das janelas.

- Baunilha e chocolate - anunciou, mostrando uma embalagem de gelado que acabara de comprar. Estava a atacar todos os seus pontos fracos para a poder amansar.

Pénelópe pensou que devia estar-lhe grata; no entanto, tantas atenções repentinas irritavam-na ainda mais, porque a impediam de avaliar a situação com algum distanciamento. Desceu do escadote em que estava apoiada e sorriu-lhe. - Obrigada - disse.

Foram juntos até à cozinha e dividiram fraternalmente o doce. O marido observava-a de soslaio para lhe estudar o humor, enquanto falava de banalidades. A secretária de Moscati estava em casa, de licença de parto. O chefe da secção de desporto tinha comprado um Ferrart em segunda mão. Um dos fotógrafos tinha sido derrubado na Estação Central.

- Então, na sexta-feira vens comigo? - perguntou, de repente.

- Por que é que atribuis tanta importância a esta viagem? - perguntou-lhe. E acrescentou: - Se a minha mãe aqui estivesse, diria que tenho, tal como ela, o péssimo hábito de responder às perguntas com outras perguntas. Mas, de qualquer maneira, tenho de perceber antes de decidir.

- Valha-me Deus! Não te estou a insultar - estourou Andrea. - Por acaso até estás - disse ela, por sua vez, acalorada. - Achas que podes consertar um farrapo de tantos anos com um alfinete-de-ama. O tecido está todo roto e já não aguenta. Se calhar é melhor partires sem mim.

- Vai para o inferno - replicou, atirando a colher do gelado para dentro da banca e, como sempre, foi-se embora batendo com a porta da cozinha. Pénelópe não ficou muito perturbada. Estava exausta. Meteu rapidamente as taças na máquina de lavar, foi à casa de banho tomar um duche e depois foi deitar-se no seu quarto. Andrea ainda estava acordado porque se via luz através da frincha da porta do seu quarto. Não ficou a cismar nisso. Adormeceu quase imediatamente.

Foi acordada pelo estouro violento de um trovão que lacerou o silêncio da noite. Logo a seguir começou a cair a chuva em bátegas violentas, enquanto no céu explodiam relâmpagos e trovões. Levantou-se para fechar as portadas do seu quarto, as persianas dos quartos dos filhos e as janelas da

cozinha e das casas de banho, arrepiada com as lufadas de ar frio que a chuva trazia consigo. Achou que tinha sido estúpida por as ter deixado abertas. A seguir foi tratar das portadas das divisões que davam para a rua: o quarto de vestir, a sala de jantar e a sala de estar. Foi então que viu Mortimer no meio da avenida deserta. Olhava para cima, para a janela do seu apartamento, alheio à chuva torrencial que desabava sobre ele.

- É louco - pensou. Pôs-se a fazer sinais com os braços para o mandar embora. Ele não se mexeu, submerso até aos tornozelos naquela enxurrada.

Foi então que percebeu o que tinha a fazer.

Chegou à porta do prédio. Estava em pijama e chinelos. Foi atingida por uma bátega de água e ficou encharcada. Mortimer estava ali e pegou-a por um braço. Refugiaram-se no carro dele.

- Vou ficar doente. E tu também - disse Pénelópe, que segurava na mão o molho das chaves de casa.

Antes de descer ao encontro de Mortimer tinha rabiscado um recado para Andrea no espelho: "Boa viagem. Vou estar fora durante alguns dias".

- Vou levar-te já para casa - replicou ele, ligando o motor.

O temporal começou a afastar-se, mas entretanto as estradas asfaltadas pareciam torrentes e havia ramos partidos ao longo do percurso. Sirenes das ambulâncias e dos bombeiros rasgavam o silêncio da noite.

- O que é que estavas a fazer em frente a minha casa? - perguntou Pénelópe, molhada e cheia de frio.

- Aquilo que faço muitas vezes. Ando às voltas como um estúpido em frente da tua casa, porque é uma maneira de te sentir próxima. Esta noite chegou o temporal e tu chegaste também, finalmente - confessou.

Também ele estava molhado. Estendeu uma mão para o banco de trás e pegou numa manta leve. - Cobre-te - disse-lhe.

O carro aproximou-se do prédio da Via San Barnaba. Mortimer accionou um telecomando, abriu-se um portão e desceram ao longo de uma rampa até à garagem subterrânea.

Correram para o ascensor que os levou até ao andar superior. A porta de correr abriu-se com um ruído ligeiro e Pénelópe encontrou-se num corredor com uma atmosfera aconchegante: paredes cor de nata, assim como a alcatifa que cobria o chão e gravuras antigas penduradas nas paredes com retratos de poetas e escritores do passado. Pénelópe reparou de fugida nestes pormenores, enquanto ele a conduzia para o interior do apartamento até abrir uma porta que dava para uma casa de banho.

- Agora tens de te aquecer - disse Mortimer, enquanto premia um botão ao pé do chuveiro e na cabina começavam a chover jactos de água fumegante.

Pénelópe libertou-se rapidamente do pijama molhado e abençoou o calor que a inundou mal passou a porta côncava de vidro. Também Mortimer se despiu, se enfiou ao lado dela e a abraçou.

- Meu Deus, és tão pequena e delicada - sussurrou, antes de a beijar, enquanto torrentes de água tépida escorriam sobre os seus corpos envoltos numa nuvem de vapor.

Ela estava a viver um momento mágico e estava determinada a saboreá-lo até ao fundo.

- Não te mexas - disse ele, fazendo aderir o seu corpo ao dela. - Não consigo - tentou protestar, enquanto a emoção lhe cortava a respiração. - Tu estás dentro de mim e eu estou a tremer. Mortimer fechou os seus lábios com um beijo.

- Pepe, meu amor, acorda. É meio-dia - murmurou ao seu ouvido uma voz que a fez vibrar.

Abriu os olhos. Estava num quarto que nunca tinha visto, numa cama que não lhe pertencia, e estava ali um homem maravilhoso que a abraçava. Respirou um ténue perfume de lavanda. A porta que dava para a varanda estava aberta e viu o céu azul de Junho, límpido e transparente.

- Olá, Mortimer. Não foi um sonho - sussurrou, encostando-se a ele.

- Sim, é apenas um sonho. Mas, enquanto durar, vamos agarrá-lo com força - disse ele. Passou-lhe os dedos pelos cabelos despenteados e pousou um pequeno beijo na ponta do seu nariz. Depois acrescentou: - Espero por ti na cozinha. Está aqui um pijama para ti. Pénelópe vestiu-o, dobrando as mangas e as pernas das calças. Depois saiu do quarto e olhou em volta para localizar a cozinha. Aquele apartamento parecia-lhe imenso. Finalmente encontrou-a.

O médico estava a cortar fatias de pão integral em cima de uma tábua. A mesa estava posta para dois. Um sopro de vapor saía pelo bico da chaleira.

- E os teus empregados? - perguntou ela.

- Estão em Bérgamo. Estamos sós, fica sossegada - animou-a.

Havia, sobre um tabuleiro, pequenas taças de porcelana cheias de sementes. Observou-as com curiosidade.

- Com o pequeno-almoço tomam-se sementes de linho, girassol, sésamo torrado, abóbora e amêndoas. Misturam-se no iogurte e mastigam-se devagarinho. Depois tens aqui o mel e o pão - explicou Mortimer.

Pénelópe sentou-se à mesa e deitou o chá nas chávenas.

- Normalmente sou eu que preparo o pequeno-almoço - observou.

- Mas eu estou a fazer-te a corte - replicou ele, sorrindo. - Não vais ao hospital?

- Até segunda-feira ninguém nos vai incomodar. É uma promessa solene.

Misturou numa tacinha iogurte e sementes e estendeu-lha.

- Por que é que tenho de comer esta porcaria? - perguntou Pénelópe.

- Não é uma porcaria e faz-te bem - ordenou Mortimer.

- Tudo bem. Tu sabes o que se deve fazer e eu não - disse, enquanto sorvia o chá com um ar pensativo. - Se tu não tivesses estado por baixo das minhas janelas, a encharcares-te de chuva, tal vez eu não estivesse aqui. És um louco adorável - acrescentou. Esticou-se por cima da mesa e beijou-o nos lábios, enquanto pensava que quando tinha dezoito anos tinha havido um outro homem que tinha feito loucuras por ela. Lembrou-se de quando Andrea tinha chegado de madrugada a Cesenatico e tinha partido ao fim de duas horas para regressar a Milão, para ir trabalhar.

- Diz-me um número, o primeiro que te vier à cabeça, entre um e vinte e um - solicitou o homem.

- Onze - disse. - O dia em que nasci.

- Corresponde à letra M. Agora diz-me o nome de uma cidade que comece por M - prosseguiu.

- Mas o que é isso? Um jogo? - perguntou, curiosa. - já vais descobrir. Então?

- Madrid - disse ela.

- Óptimo. Partimos imediatamente - anunciou ele com ar satisfeito.

- Como é que eu vou a Madrid? Em pijama? Nem sequer tenho cuecas, nem tenho um único documento - observou, desorientando-o. Riram os dois como duas crianças. - Mas tenho comigo as chaves de casa - acrescentou ela.

- Não estás a pensar que eu te deixo voltar a tua casa. Eras capaz de me fugir outra vez. Vamos a Bérgamo. Em relação à roupa, não há problema. Espera aqui. Eu não demoro nada - decidiu, pronto para sair.

- Mas nem sequer sabes qual é o meu tamanho - protestou. - É claro que sei. É o mesmo da minha mãe.

É claro, a sua mãe. Tinham-se conhecido quando Mortimer lhe estava a comprar um presente. Só naquele momento pensou nos filhos. Telefonou para Cesenatico. Atendeu-lhe o pai.

- Ainda estão na praia com a avó. Estão bem. E tu, onde estás? - perguntou Mimì Pennisi.

- Estou fora, pai. Ou melhor, estou ocupada. Dá um beijo meu aos meninos e um beijo grande para ti também - rematou, para não ter de mentir.

Mortimer voltou ao fim de uma hora e pareceu-lhe o protagonista de uma comédia americana. Vinha cheio de embrulhos.

- Assaltaste uma loja? - perguntou ela, excitada como qualquer mulher perante tantas caixas para abrir.

- Várias lojas, porque a sapataria não vende meias e as lojas de roupa interior não vendem vestidos - brincou ele.

- Quanto gastaste? - A pergunta era ditada por um reflexo condicionado. Perguntava sempre ao marido quanto tinha gasto, de cada vez que fazia compras.

- Não sei. Paguei tudo com cartão de crédito.

- Quero a conta - insistiu.

- Eu mando-ta - prometeu ele, que a observava divertido, enquanto ela pousava na cama uma peça de roupa atrás de outra, admirando cada coisa com um olhar satisfeito. Partiram para Bérgamo de tarde. Pénelópe viveu a sua festa de amor com a intensidade emotiva de quando era adolescente e assistiu à representação de Romeu e Julieta por uma companhia de teatro de rua. Sabia que tanta felicidade lhe traria, um dia, sofrimento e lágrimas. Mas não queria pensar nisso.

Passou meses alternando a euforia da paixão, quando estava com Mortimer, com a cristalização dos seus sentimentos, quando estava com Andrea. Dentro das paredes da sua casa era uma mãe atenta e uma mulher ausente. Entre os braços do seu amor era uma jovem mulher sedenta de vida.

Tinha-se como que desdobrado e, uma vez que não era parva, tinha consciência de que aquela duplicidade não poderia durar muito.

- Um dia hei-de decidir o que fazer da minha vida - dizia para si própria, esperando, porém, não ter de decidir nunca.

Por vezes sentia em cima dela o olhar espantado de Andrea, que não sabia como interpretar o comportamento da mulher. Ele sentia de uma forma confusa que Pénelópe tinha mudado, mas não saberia dizer se para melhor ou para pior. As grandes discussões tinham acabado, não tanto por causa de uma harmonia reencontrada, mas mais por uma aparente indiferença de Pénelópe em relação aos conflitos.

Passaram-se dias, semanas, meses. Pénelópe vivia na espera dos momentos, por vezes muito breves, que passaria com Mortimer. Quando estava com ele, a sua ansiedade aplacava-se e saboreava o prazer de amar e de se sentir amada por um homem que parecia feito à sua medida. Mortimer sabia fazê-la sorrir e, sobretudo, dava-lhe aquela sensação de segurança de que sempre tinha precisado.

Uma noite, quando ela estava para o deixar e voltar a casa, ele disse-lhe: - Quero um filho teu. Pénelópe teve um sobressalto, como se tivesse sido despertada de um sonho lindíssimo.

- Um filho? - repetiu, como se quisesse ganhar tempo para reatar o fio dos seus pensamentos. O pedido de Mortimer implicava uma série de considerações e de decisões difíceis.

- Sim, um filho - reforçou ele, com voz firme.

Estavam no vestíbulo do seu apartamento. Ela estava encostada à parede, à espera que ele abrisse a porta. Mas ele apoiou uma mão na parede, por cima do seu ombro, encostou o seu corpo ao dela e beijou-a. Pénelópe sentiu-se numa armadilha.

- Quero um filho teu. Não de outra mulher. Mesmo teu, meu amor - sussurrou.

- Desde quando? - perguntou-lhe num fio de voz.

Tinham estado juntos não mais do que duas horas. Pénelópe tinha-se tornado extremamente hábil em arranjar pedaços de tempo para dedicar ao seu amor. Tinha levado os filhos para casa de Donata e tinha de ir buscá-los por volta das dez. Eram já nove e meia da noite.

- Desde sempre - respondeu ele.

- Mas eu já tenho os meus filhos - protestou.

- E um marido, também. Isso soube eu desde sempre. No entanto, há um ano que nos amamos. Há algum tempo foi inventada a instituição do divórcio, para que duas pessoas como nós possam regularizar a sua situação. Os teus filhos ficam connosco e seremos uma família - afirmou, apoiando também a outra mão na parede, como se quisesse eliminar qualquer hipótese de fuga.

- Por que é que me falas disso logo agora, quando estou para ir embora?

- Para que tu possas pensar nisso. Eu sei que não é fácil enfrentar um divórcio. Passei por isso antes de ti, lembras-te?

- Mortimer, tenho de ir - disse ela, escapando sob os seus braços para se libertar de uma situação angustiante.

- Eu sei - disse ele, a sorrir. Abriu-lhe a porta e saíram juntos para a rua. Um táxi esperava Pénelópe. Mortimer abriu a porta para ela entrar.

Pénelópe chegou pontualmente a casa de Donata e tocou à campainha para os filhos descerem. Voltariam para casa todos juntos no mesmo táxi.

- Mãe, não quero brincar mais com as gémeas - anunciou Damele assim que entrou no carro. - Esta foi mesmo a última vez que estive com elas.

- São tão boazinhas que até enjoam - acrescentou Lucia, apoiando o irmão.

- Discutiram? - perguntou ela.

- Mas esse é que é o problema. Com a Lavinia e a Giulietta é completamente impossível discutir. Meu Deus, que chatas! - continuou a rapariga.

- Só fazem brincadeiras estúpidas. Eu tenho de ser simpático porque elas são meninas. Da próxima vez que tiveres de trabalhar à noite, prefiro ficar em casa com a Lucia. Podes confiar, não vamos arranjar problemas - disse o filho, acariciando-lhe uma mão.

Pénelópe sentiu-se culpada. Há demasiado tempo que depositava aqui e ali os seus filhos como se fossem encomendas postais, com o pretexto de compromissos improváveis. Quando chegaram a casa, deitou-os, enchendo-os de ternura, enquanto pensava: "Sou uma mãe indigna. A avó Diomira diria que levo uma vida dupla. Tudo o que de mais desprezível se pode dizer de uma mulher". Arrumou a casa depressa. Preparou uma salada niçoise para o marido e pôs-lha na mesa. Andrea voltaria de um

momento para o outro. Ouviu as mensagens no gravador de chamadas. Depois entrou no seu quarto. Despiu-se. Sentia ainda em si o perfume de Mortimer.

A história com ele tinha chegado a um ponto crucial. Tinha de tomar uma decisão. Dos dois homens da sua vida, um estava a mais. Só que ela precisava dos dois.

Ouviu dois levíssimos toques de campainha. Vestiu um roupão e apressou-se a responder. Era Andrea.

- Desculpa. Esqueci-me das chaves no gabinete. Espero não ter acordado as crianças - disse o marido.

Pénelópe carregou no botão e abriu a porta de casa. Depois foi à cozinha, pegou numa lata de cerveja do frigorífico e pousou-a em cima da mesa.

- Não te queria acordar - disse o marido ao entrar.

- Ainda não me tinha deitado - respondeu, fingindo-se ocupada a arrumar o balcão.

- Por que não comes qualquer coisa comigo? - convidou ele. Ela lavou um punhado de morangos, pô-los numa taça e sentou-se em frente do marido.

- Têm pouquíssimo açúcar, por isso não fazem engordar - disse Pénelópe, como se quisesse justificar-se.

- Ultimamente pareces-me muito mais magra - observou Andrea.

- Perdi cinco quilos. Num ano, não é muito - replicou.

- Não te sentes bem? - perguntou-lhe timidamente. Precisava de falar, e talvez a sua mulher precisasse de o ouvir.

- Nunca me senti tão bem. Fisicamente, quero dizer. Quanto ao resto... - deixou a frase em suspenso.

- Sim, quanto ao resto, como é? - perguntou ele, observando em contraluz uma azeitona sem caroço.

Pénelópe susteve a respiração. A sua história com Mortimer era do conhecimento de muita gente. Era possível que Andrea soubesse qualquer coisa sobre isso.

- Diz tu - pediu-lhe.

- Eu acho que se deve assinar um armistício depois de um ano de guerra fria. É possível que te tenha causado alguns dissabores. E é certo que tu há muito tempo me atiras isso à cara com o silêncio e a ausência. Nem sequer cá estás quando nos sentamos frente a frente à mesma mesa. Eu não te quero perder, mas não quero continuar a viver com uma esfinge - disse, pacatamente.

- Então, o que propões? - perguntou-lhe, recuperando a respiração. Andrea ainda não sabia nada sobre a sua traição. Talvez tivesse chegado o momento de lhe falar.

- Há duas possibilidades: a primeira é que tu voltes a ser a mesma Pepe de sempre. Eu casei-me com uma mulher cheia de vida, conflituosa, irritante. A Pepe que sempre conheci é uma mulher que faz uma coisa e lhe atribui um peso muito maior, que dá bofetadas e depois grita dizendo que lhe bateram. É uma mulher que, quando eu faço um disparate, mo atira à cara até à eternidade, que não concede tréguas, que não dá um minuto de paz, que faz barulho de manhã à noite. Em suma, a mulher com quem me casei é realmente uma chata monumental - disse Andrea, com um tom veemente. Depois a sua voz amaciou e acrescentou: - Mas sabe ser doce como o mel, o seu riso enche o coração, é capaz de manifestações de ternura sublimes, escreve canções que me comovem e, tendo sucesso, não se vangloria. A minha Pepe é capaz de amar. É esta a mulher que eu quero voltar a ter ao meu lado.

Pénelópe, com as mãos frouxamente abandonadas no regaço, susteve um soluço. Andrea amava-a. Precisava dela, porque ela e os seus filhos eram o único ponto firme da sua vida, a sua segurança, a sua fonte de calor que lhe fornecia energia para viver. Se o deixasse e lhe levasse os filhos, o que havia de ser dele? Amou-o com todas as suas forças pela sua fragilidade, pela dor sincera que desde há muito tempo o dominava, pelo seu ar de menino perdido.

Mortimer era um homem sólido, fiável, seguro de si, em quem se podia apoiar. Andrea precisava tanto dela como ela precisava de Mortimer. Não podia renunciar a nenhum dos dois.

- Disseste que havia duas possibilidades. Qual é a segunda? - perguntou em voz baixa.

- Não há uma segunda possibilidade - afirmou, numa birra infantil.

- Isso é que há. E tu também sabes - replicou ela.

Recordou todas as vezes em que tinha saído do carro de Mortimer, a poucos metros da porta de casa. Algumas vezes tinham estado juntos durante dois ou três dias, mais frequentemente apenas durante duas ou três horas. De cada vez, deixá-lo era um tormento. Ele via-a afastar-se com um passo

apressado e, não resistindo à ideia de se separar dela, ia no seu encalço e agarrava-a pela cintura, enquanto ela se debatia entre o riso e o choro.

- É a última vez que nos encontramos às escondidas do teu marido, como se fôssemos uns malfeitores - protestava, não se conformando ao vê-la partir.

- Meu amor, por favor, não tornes as coisas mais difíceis. já estou angustiada que chegue - suplicava.

Mortimer apertava-a contra si e beijava-a apaixonadamente. Pénelópe abria a porta e ele parecia querer segui-la.

- Vai-te embora, por favor - sussurrava.

- Ainda te aparece um bandido, no átrio. Ou no elevador. Deixa-me entrar - insistia.

- Nem pensar.

- Então fico aqui em baixo até saber que já estás em casa. Vai à janela e faz-me um sinal.

Pénelópe abria muito devagar a porta de casa, esgueirava-se da entrada para a sala de estar e abria cuidadosamente uma persiana. Mortimer, no meio da rua, levantava os braços em direcção a ela e depois saltava com os pés juntos como se quisesse dar um pulo para ir ao seu encontro. Ela fazia-lhe sinais para o convencer a ir embora, ele replicava com caretas, entre o riso e o choro. Naquele ponto ela debatia-se entre a necessidade de correr até ao quarto dos filhos para os ver, tocar, senti-los respirar no seu sono, e a dor de ter de deixar o homem que amava.

- Queres falar de separação? De divórcio? - perguntou Andrea, com um trejeito entre a dor e o desprezo.

Foi então que Pénelópe lançou um grito. As mãos frouxamente pousadas no regaço contraíram-se de repente sobre as virilhas, a testa cobriu-se de suor, empalideceu e pensou: "Estou a morrer".

- Pepe, o que é que se passa? - perguntou Andrea, inclinando-se sobre ela, assustado.

- Há alguma coisa que me está a despedaçar a barriga - sussurrou, com uma voz quebrada.

- Que coisa? Explica-te, por amor de Deus - suplicou, abraçando-a.

O seu roupão de algodão estava a tingir-se de sangue.

- Estás com uma hemorragia - constatou o marido, aterrado. A dor era tão forte que ela quase não conseguia respirar.

- Vou já levar-te ao hospital - decidiu Andrea, levantando-a nos seus braços.

As nove e meia da noite, depois de Pénelópe o ter deixado, Mortimer foi ao hospital. Estava de serviço naquela noite. Foi logo ver as pacientes, que repousavam tranquilamente. Depois fechou-se no gabinete, adjacente à sala de consultas. Tirou a bata e deitou-se numa marquesa, por trás do biombo. Esperava conseguir dormir algumas horas. Se houvesse uma urgência, as enfermeiras chamavam-no. Fechou os olhos, tentando conciliar o sono. Mas os seus pensamentos giravam à volta de Pénelópe. Tinha-a encostado à parede, forçando-a a uma decisão que andava no ar há meses e que, no entanto, era constantemente protelada. Conhecendo aquela mulher, sabia que lhe tinha provocado uma grande tensão emotiva. Tinha recorrido àquele acto de força porque não conseguia manter por mais tempo uma relação tão incerta. A seriedade daquela ligação merecia mais e melhor.

Os seus encontros eram demasiado breves, porquanto Mortimer desejava viver com Pénelópe para sempre. Ela era a mulher que sempre procurara: verdadeira, deliciosamente complicada, substancialmente natural. Sabia ser uma amante apaixonada e uma amiga alegre. Era impulsiva, sonhadora, mas sabia enfrentar a realidade com determinação. Em suma, era perfeita e ele queria-a toda para si. Tinha-a apresentado à mãe, ao irmão e a alguns velhos amigos. Tinha agradado a todos. Agora queria casar com ela e ter filhos.

Antes de adormecer, esperou que ela conseguisse encontrar a coragem necessária para encerrar definitivamente a relação com o marido. Em pleno sono, foi acordado por uma enfermeira.

- Doutor, a doutora Lorenzi está à sua procura na urgência. É um caso grave. Pergunta se pode descer já.

Com uma mão estendia-lhe a bata e com a outra oferecia-lhe uma chávena de café.

Pegou nas duas coisas. Depois meteu-se no elevador. A doutora Lorenzi estava à espera dele.

- Desculpa ter-te incomodado - disse, enquanto avançavam ao longo de um corredor secundário. - Preciso muito de uma opinião tua.

- De que se trata? - perguntou ele. A doutora Lorenzi era uma ginecologista experiente e, se estava a pedir a sua ajuda, o caso era grave.

- É uma mulher jovem. Teve duas gravidezes normais. Para além disso está a ser seguida pelo Viviani por causa de uns quistos disfuncionais. Foi o marido que a trouxe aqui, e afirma que a mulher foi acometida de repente por dores abdominais lancinantes e começou a perder sangue - explicou sucintamente. Os quistos disfuncionais são um problema comum a muitas mulheres. Mortimer sabia que Pepe também sofria disso.

- Fizeste uma ecografia? - perguntou.

- Imediatamente. O exame mostrou um grande quisto no ovário esquerdo. O marido disse-me que a última ecografia foi feita há seis meses. Nessa altura não havia sinais anormais. Agora está completamente desesperada com dores. De vez em quando, perde a consciência - disse a ginecologista. E continuou: - Este quadro complexo escapa-me. Não consigo encontrar um nexo entre o quisto, a abundante perda de sangue e a dor. Acho que já te revelei toda a minha ignorância. - Depois abriu a porta do gabinete onde Pénelópe se encontrava.

- Eu vou observá-la - disse o ginecologista, aproximando-se da pequena cama onde estava instalada a mulher, sem sentidos.

De repente empalideceu e sentiu gelar-se-lhe o sangue.

- Pepe, querida, o que é que se passa contigo? - sussurrou, dobrando-se sobre ela. Poucas hora antes tinha-a tido nos seus braços, apaixonada e cheia de vida, como sempre.

- Conhece-la? - perguntou a colega.

- O suficiente para intuir o que aconteceu - replicou, enquanto afastava o lençol azul que a cobria. Pousou-lhe uma mão na barriga e identificou imediatamente a zona atingida pela dor.

- Queres ver a ecografia? - perguntou a médica.

- Sim. Apesar de não adiantar nada - disse. - Manda preparar a sala de operações. Tenho de intervir imediatamente.

- Porquê? Não percebo - insistiu a colega.

- Ora vê - explicou, mostrando-lhe a chapa -, como este grande quisto está a sangrar no abdómen. Isto explica a dor aguda. A hemorragia interna é provocada pelo estado de sofrimento hormonal. Vês como tudo se liga? - agarrou na maca e empurrou-a para fora do gabinete.

- Teodoli, espera. Vou chamar uma enfermeira - disse a mulher, caminhando ao longo do corredor até o elevador.

- Deixa estar. É mais rápido se eu a levar para cima. Vê se me descobres a melhor instrumentista. E encontra-me o anestesista depressa. Verifica se cá está o Canziani. É ele que eu quero - ordenou, antes que o elevador se fechasse nas suas costas. Mortimer sabia que uma forte tensão emotiva podia ter causado aquele súbito problema com o quisto. Talvez tivesse mesmo sido ele a desencadeá-lo, com a sua insistência, naquela noite. Pénelópe tinha abordado com Andrea o problema da separação, provocando um curto-circuito no sistema de funcionamento dos ovários.

- A culpa é minha, só minha. Perdoa-me, Pepe - sussurrou, enquanto se inclinava para lhe acariciar a face.

O elevador abriu-se. Tinham chegado ao bloco operatório. Uma enfermeira estava à espera deles.

- O Dr. Canziani já está no hospital. Vem a correr - informou-o.

Mortimer assentiu. Estava muito preocupado. A enfermeira estendia-lhe a bata esterilizada, a touca e a máscara. Ele calçou os chinelos e depois lavou as mãos.

- Os meus meninos - sussurrou Pénelópe, voltando à realidade. Agora lembrava-se de que os tinha deixado sozinhos em casa, no coração da noite. Mortimer inclinou-se sobre ela.

- Por que é que estás aqui? - perguntou, espantada.

- Parece que estás a precisar de mim - replicou ele, com um sorriso tranquilizante.

- Estou a morrer, não estou? - perguntou. - Achas mesmo que eu te deixava morrer?

- Sossega o meu marido, por favor. Está aqui, num sítio qualquer. E está desesperado. Ele é um homem muito frágil - sussurrou.

- Está bem. Agora tenta relaxar - sugeriu-lhe docemente. Naquele momento viu entrar o anestesista.

- Mede-lhe já a tensão - ordenou.

O doutor Canziani começou a ocupar-se dela.

- Está um bocado baixa - murmurou para o cirurgião. - Faz o que puderes para a subir - replicou Mortimer.

- Posso saber o que é que me está a acontecer? - perguntou Pénelópe, com um fio de voz.

- Acontece que vou ter de te fazer um pequeníssimo corte por cima da púbis. Tenho de retirar aquele quisto que te faz sofrer tanto e estancar a perda de sangue que pode pôr em perigo a tua vida. Por isso vou fazer-te uma limpeza. Daqui a menos de uma hora estarás como nova - garantiu. Depois fez um sinal à enfermeira para preparar a intervenção.

Quando Pénelópe estava já na mesa de operações, sentiu a picada de uma agulha no braço e, de uma distância remota, chegou-lhe a voz do seu homem: - Agora vais dormir. Voltamos a ver-nos quando acordares. - Ela viu os seus filhos, que dormiam serenos nas suas camas, e sentiu a leveza da sua respiração. Depois foi o vazio.

A enfermeira passou tintura de iodo na barriga de Pénelópe, que estava a dormir. Depois a assistente isolou a zona da intervenção. Mortimer estava pronto.

- Conseguiste fazer subir essa tensão? - perguntou ao anestesista.

- Oito, doze - respondeu o doutor Canziani.

Respirou fundo. Estendeu a mão enluvada em direcção à instrumentista.

- Bisturi - disse.

Fez um corte rápido e decidido. A assistente secou imediatamente o sangue para limpar a zona sobre a qual se estava a operar.

Viu as vísceras palpitantes da sua mulher e aquele horrível quisto no abdómen cheio de sangue. Raciocinou rapidamente sobre o procedimento a adoptar. Tinha duas possibilidades: parar a hemorragia e deixar que o quisto fosse reabsorvido, ou tirar o ovário que o tinha produzido. Mas não queria comprometer a fertilidade da sua mulher. Optou por uma terceira via.

- Vou fazer um corte no ovário - anunciou. Logo a seguir interrogou o anestesista. - Como é que está a tensão?

- Consigo mantê-la aceitável. Mas despacha-te - solicitou o colega.

Operou rapidamente e com escrupulosa precisão. Raspou o útero e coseu perfeitamente as partes internas e a ferida externa. De vez em quando a enfermeira limpava-lhe o suor da testa. Em meia hora tinha realizado uma pequena obra de arte. A enfermeira pegou num penso para cobrir a ferida.

- Deixe estar. Eu faço isso - disse. Apoiou-o delicadamente sobre o ventre onde a pele, por efeito da tintura, tinha assumido uma tonalidade de âmbar.

O anestesista libertou a paciente da cânula com a qual tinha sido entubada e preparou o soro.

- Arranje-me um saco de gelo - disse Mortimer à enfermeira. Pénelópe foi transferida para a cama de rodas. Ele pôs-lhe o saco de gelo sobre a ferida. Depois acompanhou as fases do despertar.

- Como é que está agora a tensão? - perguntou a Canziani. - Perfeita.

Inclinou-se sobre ela e tocou-lhe a face. - Pepe, ouves-me?

Ela soltou um lamento.

- Muito bem. Podem leva-la para o recobro - ordenou, enquanto se libertava da máscara. Depois tirou as luvas.

- O marido está ali fora - informou-o um assistente. - Vais lá tu sossega-lo? Está desorientado, coitado do homem.

Encontrar Andrea era o último dos seus desejos. Mas era uma tarefa a que não se podia esquivar. Assim, abriu energicamente a porta do bloco operatório. Viu um homem jovem, com um aspecto decididamente agradável e uma expressão desesperada.

Com um gesto nervoso, Mortimer tirou a touca.

- É o marido da Signora Pénelópe Pennisi? - perguntou com agressividade. Andrea foi ao seu encontro. Reparou na bata verde manchada de sangue.

Os dois homens trocaram um olhar intenso. No de Mortimer havia a admiração e o ciúme em relação àquele indivíduo que, na esfera afectiva de Pénelópe, ocupava um lugar de primeiro plano. No olhar de Andrea havia a ansiedade da espera e a angústia pela sorte da pessoa amada. O cirurgião compreendeu que aquele homem amava Pénelópe muito mais do que ele desejaria. Esta constatação irritou-o. Pénelópe nunca lhe tinha falado dele, embora fosse pródiga em histórias sobre as peculiaridades dos seus filhos. Só alguns raros sinais velados o tinham levado a perceber que aquela não era uma união feliz. - Está tudo resolvido - disse Mortimer, esforçando-se por exibir um tom profissional. - A senhora está prestes a ser transportada para o recobro. Dentro de alguns minutos pode ir vê-la.

- Como está? - perguntou Andrea, angustiado. - Pensei que ia morrer da hemorragia.

- Podia acontecer, se não tivéssemos actuado a tempo. Amanhã o professor Viviani vai explicar-lhe a dinâmica da intervenção. Entretanto, fique tranquilo. A senhora está bem e dentro de poucos dias poderá regressar a casa - concluiu, fechando-lhe quase a porta na cara.

Precisava de ficar algum tempo sozinho para recuperar do medo que o tinha assaltado perante o sofrimento da sua muito amada Pepe. Enquanto desapertava as fitas da bata, deu-se conta de que as suas mãos estavam a tremer.

Na casa de banho da sala de operações, despiu-se completamente, meteu-se debaixo do chuveiro e, enquanto a água lhe caía em cima, começou a soluçar. Não era só um choro de escape. Chorava porque acabava de se dar conta de que tinha perdido a sua mulher.

Uma enfermeira do turno da noite do serviço de ginecologia estava à sua espera para lhe oferecer uma chávena de chá. Mortimer agradeceu-lhe com um sorriso. Tinha recuperado a compostura habitual.

- Acompanhe de perto essa senhora - recomendou-lhe.

- Instalei-a no quartinho do fundo. É o mais sossegado - tranquilizou-o.

- Muito bem. Há algum problema?

- A rapariga do quarto número seis está com contracções cada vez mais frequentes. Mas ainda não tem a dilatação concluída. Medi-lhe a tensão. Oito e meio, catorze. O batimento cardíaco do bebé é óptimo - informou-o.

- Daqui a bocadinho vou vê-la - disse Mortimer, deixando-se cair sobre a marquesa. Estava exausto. Não pela intervenção em si, mas pela tensão emotiva que ainda não o tinha deixado. - Controlou a tensão da Signora Pénelópe Pennisi? Estivemos em riscos de a perder - sussurrou.

- Eu sei. A tensão está normal. O marido está com ela - informou-o.

- Mande-o para casa. Parece que os filhos ficaram sozinhos e a senhora está ansiosa por causa deles.

Mortimer queria regressar para junto de Pénelópe, mas não tinha nenhuma intenção de voltar a ver Andrea. Estava a ponto de detestar aquele marido demasiado bonito. Depois envergonhou-se dos seus próprios pensamentos. Bebeu o chá e pôs-se em pé. Estava cansado, mas mesmo assim decidiu ir ao quarto número seis. A rapariga grávida estava a sofrer em silêncio.

- São dolorosas, essas contracções, não são? - disse, sorrindo-lhe.

- Nem me diga - replicou ela.

Tinha dezasseis anos. Andava no liceu, em artes. No início do ano lectivo fugiu de casa com o baterista de um grupo rock. Regressou ao fim de dois meses, coberta de marcas deixadas pelas pancadas do companheiro e pelas agulhas com que se injectava de heroína. E estava grávida. Os pais receberam-na e trataram-na com amor. Com o apoio de uma comunidade terapêutica, ajudaram-na a reencontrar-se. Ela regressou à escola, confortada pela solidariedade dos colegas e dos professores. Mortimer, que seguira a sua gravidez desde o início, encorajou-a e dedicou-se-lhe com afecto durante os longos meses de espera.

- Então, vou fazer o melhor que puder para convencer a tua menina de que chegou a hora de enfrentar a grande viagem em direcção à luz - prometeu enquanto afastava o lençol para a observar.

A rapariga segurava com força na sua mão a mão da mãe, que agora estava ao pé dela, acariciando-lhe a testa e reconfortando-a. - O que é que acha, a minha pequenina não quer sair? - perguntou, curiosa.

- Ela está muito bem na tua barriguinha. Tu cumpriste o teu dever e geraste uma criatura perfeita, como tu. Agora tens mesmo de te libertar dela, mesmo que ela não esteja de acordo.

Bastou-lhe uma observação rápida para se dar conta de que o colo do útero não estava suficientemente dilatado.

- Mas nem sequer tu queres que ela nasça. Sabe-te muito bem tê-la lá dentro - sentenciou.

- Tenho medo. A ideia de dar à luz assusta-me - sussurrou a jovem.

- É normal. Tem-se sempre medo daquilo que não se conhece - disse, e acrescentou: - Agora vou fazer um pequeno corte na bolsa que contém a tua menina. Assim fazemos sair o líquido amniótico. - Cortou e, logo a seguir, chamou a enfermeira.

- Leve-a para a sala de partos - ordenou. Depois virou-se outra vez para a rapariga: - Vão pôr-te a soro para acelerar a dilatação. A tua filha vai nascer em menos de uma hora.

- Sr. Doutor, vai agora deixar-nos sozinhas? - perguntou a mãe da rapariga, preocupada.

- Eu não podia abandonar a mamã mais bonita deste serviço. Tenho de ir ver uma senhora que operei há uma hora e depois volto para ajudar a sua filha - garantiu.

No corredor, o anestesista que o tinha assistido durante a intervenção veio ao seu encontro.

- Deixei-a agora - anunciou, referindo-se a Pénelópe. - Está a ir muito bem. Só se queixa de uma forte dor nas costas.

- Está sozinha? - perguntou Mortimer.

- O marido foi-se embora. Foi ela que lhe pediu para voltar para casa - informou.

Mortimer entrou no pequeno quarto de duas camas. Pénelópe queixava-se, com uma voz débil.

- Meu amor - sussurrou ele, acariciando-lhe a testa. - O que foi que me fizeste? - perguntou ela.

- O necessário para que tu possas melhorar depressa - respondeu.

- Parece que tenho uma fogueira na barriga. Estão dois cães raivosos a morder-me as costas e a despedaçá-las - acrescentou. Naquela noite, o ginecologista voltou várias vezes ao pé dela, para a confortar, para aliviar a longa vigília com massagens nas pernas, para substituir o gelo derretido, para fazer todas aquelas coisas que habitualmente um cirurgião não faz. Mas Pénelópe era uma doente especial.

- Estou a portar-me muito mal - disse ela. - Mas sinto-me mesmo mal.

- És a paciente mais impaciente que já encontrei - censurou-a. Mas sabia que a inquietação de Pénelópe, a mesma que aguçava a sensação de dor e a impedia de relaxar e de dormir, tinha raízes profundas. Às sete e meia da manhã chegou Marco Viviani, o chefe de serviço. Mortimer pô-lo ao corrente da situação das pacientes e da intervenção de Pénelópe Pennisi.

- Mandaste analisar o tecido? - perguntou o professor. - Tudo negativo - disse o cirurgião.

- Vamos vê-la agora - decidiu Viviani.

No quarto encontraram Andrea. Estava sentado à cabeceira da mulher e falava com ela, acariciando-a com ternura: - As crianças estão em casa dos teus pais. Querem vir cá ver-te. Trago-tas assim que estiveres melhor.

O chefe de serviço pediu a Andrea para sair. Mortimer cumprimentou-o com um gesto.

- O doutor Teodoli disse-me que esta noite não conseguiu descansar. Como se sente agora? - perguntou-lhe.

- Como quem recebeu uma carga de pancada - lamentou-se ela.

- Essa sensação de pancada, como a senhora lhe chama, vai desaparecer mais cedo do que imagina. Mais logo vai levantar-se. Vai dar uns passos à volta da cama e depois fica sentada na poltrona durante meia hora. Nem sabe a sorte que teve por encontrar o meu assistente. O doutor Teodoli salvou-a por um triz.

- Por acaso até sei - tentou sorrir.

Mortimer estava direito, aos pés da cama, e olhava-a com ternura. Tinha a barba crescida e os olhos marcados pelo cansaço.

- Agora vou falar com o seu marido para o tranquilizar. Passo por cá logo, para a ver - concluiu o chefe de serviço ao sair. Mortimer encostou-se a ela e acariciou-lhe uma mão.

- Vou para casa descansar - sussurrou. - Mandei chamar uma enfermeira para te assistir na minha ausência. Pénelópe dormiu bem e, dia após dia, a dor foi acalmando.

- O doutor Teodoli está à sua espera na sala de consultas - anunciou uma enfermeira. - Vai tirar-lhe os pontos. Hoje à tarde poderá deixar o hospital - informou.

Pénelópe levantou-se, enfiou um roupão e, em passos curtos, caminhou ao longo do corredor. Estava fraquíssima. Segurava a barriga com uma mão porque lhe parecia que podia cair. Ele estava à sua espera. Fechou a porta, ajudou-a a deitar-se na marquesa, levantou a camisa de noite e descobriu o abdómen. Estava silencioso e concentrado. Humedeceu o penso com um dissolvente e depois, com um gesto decidido, destapou a ferida. Limpou-a com um desinfectante. Cortou os pontos, um por um, e puxou-os.

- Está completamente cicatrizada. Já estão a formar-se umas pequenas crostas. Durante muito tempo, esta zona vai parecer-te insensível, porque cortei alguns nervos. Em compensação, não vai ficar nenhuma marca da ferida - informou.

Recobriu a incisão com uma gaze ligeira e fechou-a com tiras finas de adesivo. Depois ajudou-a a levantar-se.

- Agora senta-te aqui - ordenou, indicando-lhe uma cadeira giratória, junto a uma secretária de metal.

- Tens alguma coisa de desagradável para me dizer? - perguntou ela.

- Alguma coisa de muito doloroso, para os dois. Pepe, não voltaremos a ver-nos - sussurrou.

Ela inclinou a cabeça para esconder as lágrimas.

- Eu sei - disse. - Soube-o há uma semana, quando tentei enfrentar o meu marido. Nunca o vou deixar, apesar de te amar infinitamente.

- Eu percebi-o quando me encontrei frente a frente com Andrea. Ele ama-te.

Pénelópe assentiu.

- Não gosto de histórias que acabam - disse, a chorar.

- Mas o nosso amor nunca vai acabar. Só as nossas existências se separam - afirmou Mortimer, estendendo-lhe um lenço para ela limpar os olhos.

- Preferia que tivéssemos falado noutro sítio - disse ela.

- Acabaríamos por cair nos braços um do outro e voltar ao princípio.

- É verdade. Mas não posso pensar em perder-te - protestou ela, por entre as lágrimas.

- Falaremos pelo telefone. Eu vou escrever-te. Cuida de ti, meu amor - sussurrou, enquanto voltava a abrir a porta do gabinete.

Pénelópe afastou-se da sua vida, em passos curtos, ao longo do corredor do serviço de ginecologia.

Passaram sete anos, e eu ainda me pergunto se a minha lindíssima história de amor acabou mesmo - observou Pénelópe, pensativa, e acrescentou: - Ele não voltou a casar e tenho a sensação de que ainda está à minha espera.

- É uma dúvida grave, minha cara amiga - disse o professor Briganti, abanando a cabeça. - Compreendo que não seja fácil arrumar uma situação dessas porque não basta a vontade quando estão em jogo os sentimentos. Quanto a mim, não chegaste a transpor completamente aquela famosa sebe. Estás ali, há anos, com um pé de cada lado, num equilbrio muito precário. A tua história parece-se com outras que eu já ouvi. Esperas que, com o passar do tempo, tudo se resolva. Mas não é assim.

- Percebi isso quando fiquei grávida do Luca. Esperei que essa terceira gravidez pudesse ser uma espécie de remédio para curar a minha relação com o Andrea. E foi-o durante nove meses. O grande tormento recomeçou no momento do parto. E esta é outra longa história que lhe hei-de contar noutra altura. Sempre me deixei envolver demasiado pelas coisas - lamentou-se.

O homem agarrou firmemente os braços da cadeira e, fazendo força com os seus braços, levantou-se. Dirigiu-se lentamente para o interior da casa. Enquanto subia as escadas, virou-se e sorriu-lhe.

- Nunca fazemos nada por acaso. Vieste até Cesenatico por uma razão bem precisa, que não tem nada a ver com a maturidade do teu marido nem com os problemas dos teus filhos. Tu ainda amas esse Mortimer. Se não voltou a casar, foi porque tu não o deixaste livre. Eu conheço-te, minha menina. És teimosa como uma mula. Mas não tens coragem de escolher. De que é que estás à espera? Que o destino escolha por ti? Isso até é possível. Mas lembra-te de que, enquanto te entreténs com as tuas interrogações, há alguém que sofre.

Agitava o indicador em direcção a ela, e aquele gesto era uma censura que o sorriso não mitigava. Entrou em casa e fechou a porta. Em conclusão, aquele amigo tão sensato tinha emitido um juízo que não era nada lisonjeiro. Saiu do jardim do vizinho e entrou no seu. Acrescentou ao seu estado de espírito a visão de todos aqueles destroços e da confusão que os operários estavam a fazer para arranjar a casa. -lhe telefonado Como é que o velho professor tinha podido atirar-lhe à cara que Mortimer não tinha voltado a casar porque ela não o tinha deixado livre? De onde teria tirado aquele juízo tão severo? Tinham-se despedido no gabinete de consultas, no hospital, e poucos meses depois ela e Andrea tinham concebido o seu terceiro filho. Ao invés, fora Mortimer quem não se conformara. Ainda três meses atrás, no dia 26 de Fevereiro, lhe tinha enviado, como todos os anos, um raminho de miosótis e, como sempre, ela tinhapara lhe dizer "obrigada, nunca me vou esquecer de ti". Mas aquilo era normal. Uma relação tão intensa fica no coração para toda a vida.

Pénelópe subiu as escadas e foi até à torre. Do Norte chegavam novelos de grandes nuvens cinzentas.

Pareciam carregadas de chuva. Uma rajada de vento frio, insinuando-se por entre os arcos, fê-la tremer. Sentou-se no banquinho de vime. Pousou as pernas sobre a pequena mesa, encostou a cabeça à parede e adormeceu. Quando acordou o sol já estava a pôr-se. Subia do jardim o cheiro da terra e das folhas lavadas pela chuva. Tinha chovido e ela não tinha dado conta. Ouviu vozes de crianças que vinham pela estrada e o seu coração encheu-se de ternura. Recordou o último contacto dos lábios do seu filho antes de partir. Levou uma mão à face, como se quisesse agarrar aquele beijo, que não era

bem um beijo, mas uma pequena vibração dos lábios que só ele sabia fazer. Reagiu à comoção e desceu as escadas.

Havia andaimes por todo o lado. Saiu de casa e viu a luz acesa no jardim do professor. O velho estava à espera dela para jantar. Mas ela não tinha fome e, sobretudo, queria estar só. Sentou-se num degrau a olhar o portão da entrada por cima do qual Andrea tinha formulado o seu pedido de casamento. Anos distantes, que se tinham alimentado de desejos e de esperanças, da curiosidade de descobrir o que a vida lhe reservava como se no seu futuro houvesse terras inexploradas, ricas de maravilhas. Os faróis de um automóvel iluminaram a alameda do jardim. Levou uma mão aos olhos para se proteger da luz dos máximos. O carro parou, a porta abriu-se e uma mulher avançou na sua direcção.

Era Donata, a sua amiga do peito. Pénelópe viu-a e não escondeu o seu desapontamento.

- Onde é que vens meter o nariz? - inquiriu, agressiva, ainda antes que ela tivesse transposto o portão.

- Fiz trezentos quilómetros para vir até aqui. Podias pelo menos perguntar-me como estou - disse a astróloga.

- Como estás? - repetiu Pénelópe distraidamente, sem se levantar do degrau. Donata estava por baixo das fúcsias e vinha ao seu encontro.

- Estou como se tivesse sido arrastada por uma avalanche. Estou toda amachucada.

- Então enganaste-te na morada. Aqui não vais encontrar nenhum pronto-socorro - replicou Pénelópe.

- És a minha melhor amiga. Com quem hei-de ir ter, se não contigo, num momento destes?

- Olha que eu estou a arranjar-me muito bem sozinha. Não preciso dos teus conselhos, nem dos da Sofia, nem dos do Padre Eterno. Quero que me deixem em paz. Será que te pedi ajuda? - disse Pénelópe, agressiva, decidindo-se finalmente a descer os degraus para ir ao encontro dela. - Como vês, a casa está numa confusão e não te posso receber. Eu própria estou a dormir num hotel. E agora o meu vizinho está à minha espera para jantar - continuou, enquanto se aproximava dela. Foi então que viu que Donata estava a chorar.

- Mas sou eu que te peço ajuda - disse a amiga, por entre as lágrimas.

- O que foi que te aconteceu? - perguntou, com um fio de voz.

- O meu casamento virou-se de pernas para o ar. O Giovanni enganou-me - soluçou, lançando-lhe os braços ao pescoço. Pénelópe pensou em Giovanni Solci, o marido perfeito, o homem com quem todas as mulheres gostariam de casar porque era belo, prático, fiável. Recordou a maneira como Donata tinha sempre tido orgulho nele e nas suas gémeas, educadas com pais exemplares. Pensou em todas as vezes em que tinha invejado Giovanni como marido e como pai, porque Giulietta e Lavinia eram duas raparigas de treze anos equilibradas, serenas, estudiosas e despreocupadas e o seu pai tinha uma grande influência em tudo isso. Quantas vezes tinha desejado que Andrea se parecesse com Giovanni, pelo menos um pouco.

- Não podemos confiar nos homens. São todos iguais - constatou, afagando as costas da amiga.

- O meu é diferente - afirmou Donata.

- Isso é o que tu pensavas. O que pensávamos todas. Mas, no fim de contas, os homens são uns estúpidos, uns inconscientes, uns egoístas. Agora é que tu vais saber. Eu aguento as traições do Andrea há anos. Sabes isso muito bem - disse.

Lembrou-se de quando tinham ido os quatro a Londres e de lá, de comboio, tinham seguido para Ramsgate. Queriam juntar o prazer das férias à utilidade de desempoeirar o seu inglês vacilante. Tinham marcado um quarto no Priory Hotel, na Priory Road. Um hotelzinho delicioso de madeira e tijolo, com móveis vitorianos, quartos elegantes e uma directora, Mrs. Brewer, que parecia saída das páginas de Dickens. Uma cara redonda como uma maçã, uns longos caracóis loiros, um discurso feito de suspiros, sorrisos e murmúrios. - Devem estar cansados da viagem. Deixem-me oferecer-vos um sherry - sussurrara, convidando-os a sentarem-se no pequeno átrio que era uma espécie de sala de estar cheia de rendas e veludos. Pénelópe e Andrea estavam casados há pouco tempo, enquanto que Donata e Giovanni eram ainda namorados.

- Mas quando é que num dos nossos hotéis te recebiam assim? - comentou Andrea.

- Os ingleses têm o sentido da hospitalidade. Mas isto só acontece na província. Em Londres a música já seria outra – replicou Giovanni, que já ia ao Reino Unido desde que era estudante do liceu.

De repente, por trás deles, como se tivesse saído do nada, ouviu-se uma voz de mulher. - Andrea! Meu amor! Que bom voltar a ver-te! - Uma beleza morena, de olhar vivo e ar sofisticado, inclinou-se

sobre o seu marido, abraçou-o e beijou-o na boca. Pénelópe, Donata e Giovanni tinham ficado sem fôlego. Andrea, absolutamente nada embaraçado, fez as apresentações. A rapariga chamava-se Emanuela. - Uma colega - explicou o seu marido, sorrindo despudoradamente. Emanuela mal se tinha dignado lançar um olhar à jovem esposa. Mas apressou-se a informar Andrea de que aquela era a sua última noite em Thanet, onde tinha realizado uma reportagem fotográfica sobre a casa de Charles Dickens, em Broadstair.

- As tuas colegas cumprimentam-te todas assim? - perguntou Pénelópe, furibunda.

- Sabes como é. Eu sou do tipo que agrada - comentou o marido, com ar de brincadeira.

Donata e Giovanni não fizeram comentários. Ela acalmou quando entrou no quarto, que era encantador. Era em tons de azul e branco. A cama de latão tinha um dossel de renda imaculada, assim como as cortinas das janelas. Sobre uma consola lacada de azul estava a chaleira eléctrica e um tabuleiro de prata com chávenas de porcelana e biscoitos aromáticos. Em cima de uma mesinha havia uma jarra de anémonas. Apanhada por aquelas deliciosas descobertas, Pénelópe esqueceu o irritante encontro do marido com aquela colega exuberante. Afastou a cortina para observar a rua de casas brancas com portões de todas as cores. Da janela da casa de banho via-se o mar e o porto onde estavam ancorados alguns navios. Saíram para jantar com Donata e Giovanni. Mrs. Brewer sugeriu que fossem ao Harvey's, um pub que parecia uma taberna de piratas. Comeram camarões e gambas com fatias de pão com manteiga, beberam cerveja e tomaram café. Divertiram-se, como jovens despreocupados que eram, e regressaram ao Priory Hotel a cantar: I wanna be loved by you..., numa cómica imitação da voz de Marilyn Monroe. Depois retiraram-se para os seus quartos. Giovanni e Donata tinham quartos separados, uma vez que tinham decidido que só depois de casarem dividiriam a mesma cama.

Andrea preparou duas chávenas de chocolate, uma para ele e outra para Pénelópe. Ofereceu-lha quando ela já estava deitada.

- Vou num instante ter com o Giovanni - disse, antes de se despir. Ela esperou-o durante horas. A meio da noite foi bater à porta de Giovanni, que dormia e estava sozinho. Depois foi chorar para junto de Donata.

- Foi para a cama com aquela Emanuela medonha. Eu sei - disse, a soluçar.

A sua amiga confortou-a, garantindo-lhe que nenhum homem, por muito malvado que fosse, faria tanto mal à própria mulher, casada há poucos meses.

- Agora vou bater às portas todas. Vou descobri-lo, aquele desgraçado - disse Pénelópe.

- Mas ela foi-se embora. Eu vi-a entrar num táxi quando voltámos - mentiu a amiga.

Então acompanhou-a até ao quarto e, juntas, ficaram a olhar os navios ancorados através da janela da casa de banho. Andrea regressou de madrugada, quando Pénelópe, surda a qualquer explicação, começava a fazer a mala. Ajoelhou-se em frente dela, pedindo-lhe perdão e oferecendo-lhe um ramo de flores amarelas. - Apanhei-as para ti, nos rochedos - disse-lhe, e forneceu-lhe uma explicação fantasiosa sobre a maneira como tinha passado a noite. Pénelópe quis acreditar na sua inocência, como tinha querido acreditar nas palavras tranquilizantes de Donata.

Agora Donata chorava entre os seus braços, recordando aquele episódio distante.

- Sim, eu sei muito bem que o Andrea sempre te enganou. Mas não é verdade que todos os homens sejam iguais. Alguns ainda são piores - afirmou, referindo-se ao próprio marido.

- Não lhe queres perdoar um momento de fraqueza? - replicou Pénelópe.

- Esse momento de fraqueza, como tu lhe chamas, praticou-o Giovanni na nossa cama com Mariano Zegna, o professor de ténis - sibilou Donata, deixando Pénelópe sem respiração.

As duas amigas foram para o Grand Hotel. Donata conseguiu um quarto contíguo ao de Pénelópe. Enquanto a amiga desfazia a mala, foi à varanda olhar os reflexos cintilantes da lua sobre a extensão sombria do mar. E, assim como da torre da casa os seus pensamentos tinham corrido até ao pequeno Luca, agora corriam para Mortimer. Conhecia perfeitamente os seus hábitos, as suas pequenas manias. Não havia hora do dia em que não conseguisse situá-lo num lugar, numa atitude. Ao acordar, de manhã, pensava: "Agora ele já está no hospital para a ronda". À noite, ao adormecer, pensava ainda: "Ele já adormeceu". Via-o estendido na cama onde durante tantos meses tinha feito amor com ele. Virado de lado, a mão direita bem modelada e forte pousada sobre a almofada e as longas pestanas descidas sobre os grandes olhos azuis-acinzentados. Sentia a sua respiração lenta e regular.

O professor tinha razão: ela não o tinha deixado livre para ele se afastar.

Do quarto ao lado chegava a voz de Donata que falava ao telefone com a mãe: - Fica tranquila. Estou em Cesenatico com a Pepe. Vou ficar aqui alguns dias. Depois volto. Trata-me das gémeas. Elas não sabem nem devem saber. Não, ele não vai ter coragem de telefonar. Claro, mãe: depois da tempestade vem a bonança. Passa-me a Lavinia.

Pénelópe ouviu-a inventar mentiras piedosas para esconder a verdade às filhas. Entretanto, um criado levou à varanda um chá de tília.

Deitou-o nas chávenas e chamou a amiga.

- Anda, senta-te, bebe e relaxa - convidou.

- Queria ver-te no meu lugar - lamentou-se Donata. - Olha que eu não estou numa situação melhor.

- Por amor de Deus! Tu não dividiste a cama com um degenerado. Eu sim. E não sabia - gritou com uma voz histérica.

- Mas, no fim de contas, também me puseram os cornos - insistiu Pénelópe, que estava transtornada com a revelação mas que ia tentando deitar água na fervura. Donata não a ouvia. Seguia o fio dos seus pensamentos.

- Enganou-me a mim, às nossas filhas, aos parentes e aos amigos. O marido-modelo de quem tinha tanto orgulho e que vocês todas invejavam, era um homossexual. Fazes alguma ideia do que pode significar ter acolhido no meu seio a semente de um degenerado? - berrou.

- Não sejas preconceituosa - censurou-a. - E realmente não sou. Ele é que é gay.

- Acaba com isso, ou vais obrigar-me a sugerir-te aquelas milagrosas gotinhas de Bach que dás a toda a gente, mas que ignoras para ti própria - escarneceu.

- Bem me podias ter poupado essa - zangou-se a amiga.

- Desculpa, Didi - disse, tratando-a pelo diminutivo de quando eram pequenas. - Estava só a tentar desdramatizar. Mas compreendo o teu desespero. Eu ainda não consigo acreditar que o Giovanni possa mesmo ser homossexual. Acho que não faz o género.

- E de que maneira! Já devia ter percebido há vinte anos atrás. A sua mania do casamento puro, das relações íntimas equilibradas e de todas as outras palermices que inventava para me evitar. Mas eu só pergunto: porquê? Por que razão tinha de casar comigo, de assumir o comportamento do marido-modelo, de mentir despudoradamente a mim e às minhas gémeas? É isto que me desespera.

Começou a contar-lhe os detalhes daquela descoberta casual, ocorrida no sábado à noite, quando regressara de um congresso de astrologia um dia mais cedo, decidida a fazer uma surpresa ao marido. Sabia que as gémeas estavam em casa dos avós a passar o fim-de-semana. Ela e Giovanni iam passar uma noite de amor inesquecível. Sabia que o ia encontrar em casa porque lhe tinha telefonado pouco tempo antes, do telemóvel.

- Estou a preparar uma ideia para o spot publicitário das massas Buitoni. Já sabes que quando não está ninguém em casa trabalho muito melhor do que no escritório - tranquilizou-a ao telefone.

Entrou no apartamento nas pontas dos pés, convencida de que ia encontrar o marido instalado no escritório. Porém, estava tudo às escuras, excepto o quarto, onde a luz ténue de um candeeiro era filtrada pela frincha da porta entreaberta. Abriu-a de repente e julgou estar a viver um pesadelo. O "seu" Giovanni e Mariano Zegna, o jovem Apolo do Clube de Ténis, estavam nus e completamente absortos num complicado exercício que nem mesmo a fantasia dos antigos gregos conseguiria imaginar. E tudo isto se passava no "sagrado tálamo" conjugal. Nem sequer se aperceberam da sua presença.

Donata lançou um grito de desespero. Enquanto os dois amantes, tão bruscamente chamados à realidade, ainda abraçados, a olhavam como se ela fosse um espectro, Donata agarrou num cabide que ali estava, em cima de uma cadeira, ao alcance da sua mão, e começou a distribuir golpes. Entretanto gritava todo o seu desespero, a repulsa, a traição. Gritava e golpeava, determinada a apagar uma cena que não esqueceria nunca em toda a sua vida. Foi preciso a força dos dois homens para a imobilizar. Por fim o instrutor de ténis desapareceu e Giovanni aproveitou a sua prostração para lhe confessar que a enganava desde sempre, desde antes de a conhecer.

- Mas isto não significa que eu não te ame, nem às gémeas - disse. - Vocês são a minha família e eu adoro-vos.

- Mas porquê? Por que me destruíste a vida? - Donata não parava de lhe colocar uma questão para a qual Giovanni não tinha resposta.

- Sempre me envergonhei de ser assim. No entanto, nunca perdi uma ocasião de estar com um homem, sempre, onde quer que fosse, em qualquer ocasião. Finalmente sabes a verdade - declarou.

Donata tirou o baú do quarto dos arrumos e, enquanto ela o enchia com as suas coisas e com as coisas das filhas, o marido atormentava-a com as suas horríveis confissões.

- Tinha posto as minhas ligas cor-de-rosa e as minhas meias de seda cor de pó-de-arroz - confessou Donata a Pénelópe, a soluçar. - Só a ti é que eu podia contar esta catástrofe, que se abateu como uma fúria sobre a minha existência construída dia após dia com amor, com o prazer de atingir a perfeição. Perdoa-me, Pepe, por todas as vezes em que te critiquei, te julguei, te fiz sofrer. É evidente que ninguém deve saber disto, apesar de já toda a gente saber. Sabem os vizinhos, que ouviram os meus gritos, e que certamente contaram a outros, que ainda vão contar a mais gente. Mas toda a gente faz de conta que não sabe. Só te peço que não fales disto nem com a Sofia.

- Oh, a Sofia! Não está melhor do que nós! - exclamou Pénelópe.

- Mas eu estou pior do que toda a gente. Percebes isso? - Já pensaste na Lavinia e na Giulietta?

- Só lhes disse que, a partir de agora, a nossa família muda de configuração. Vamos viver com os avós porque o pai se portou como um patife. Não posso traumatizá-las revelando-lhes toda a verdade. Em contrapartida, contei tudo ao meu advogado. Apesar do desespero, enquanto enchia o meu baú, tive a ideia genial de levar comigo todos os cartões que o Giovanni nunca deixa no escritório. Vou depená-lo como deve ser. Vai ter de me pagar uma mensalidade até ao fim dos seus dias - declarou, furiosa.

- Se fosse a ti, não quereria nem um tostão dele - observou Pénelópe.

- Mas tu és idiota. - Muito obrigada. - Desculpa. Não queria dizer isso.

- Claro que querias. Estás sempre a pedir desculpa. Primeiro porque me julgaste mal. Agora por me teres chamado idiota. Didì, desce do pedestal e olha a realidade tal como ela é verdadeiramente, e não como tu gostarias que ela fosse. A tua existência era demasiado perfeita para ser verdadeira. Invejei-te algumas vezes. Até porque tu exageravas um bocado em relação à tua serenidade familiar. Donata suspirou com tristeza.

- Coitadas das minhas meninas. Têm um pai que põe as minhas ligas cor-de-rosa e as minhas meias de seda. Se a cena a que eu assisti fosse de um filme, talvez me tivesse rido. Mas desde sábado à noite não faço outra coisa senão chorar. - Limpou as lágrimas e bebeu um longo trago de chá. - Lembras-te, Pepe, quantos sonhos, quantos castelos no ar construíamos sobre o nosso futuro, quando éramos raparigas? Tu eras a que sonhava mais, como é evidente. Eu interpretava o meu quadro astral à medida das minhas aspirações. Nunca imaginei que as estrelas me reservassem tanta tristeza. Disse-

te cobras e lagartos do Andrea e previ alguns desastres. Devia ter acolhido com mais modéstia os teus repetidos convites para me meter na minha vida. Agora dou-me conta de que concebi duas meninas sem ter conhecido um homem. Porque é claro que o Giovanni não é um homem. Todas as minhas certezas se desmoronaram. É o fim!

- Não é verdade. Não é o fim de nada. Quando tens a sensação de que o mundo te caiu em cima, é o momento de nascer alguma coisa de bom. É assim, acredita - disse Pénelópe.

- Palavras, palavras vazias - replicou a amiga.

- Dor, minha querida Didì. Tanta dor. Começa aqui, na boca do estômago, e depois espalha-se por todo o corpo e esmaga-te os pensamentos. Depois chega o medo, que anda sempre ao lado do sofrimento. Mas, quando menos esperas, abre-se uma frincha de luz. Não sabes como, nem de onde vem, mas chega a luz. Experimenta consultar as tuas estrelas. Tu acreditas nisso, felizmente.

- Já o fiz - revelou Donata. - Urano e Neptuno estão em marcha de quadratura dissonante. Tenho Marte em oposição e isto leva-me a ser agressiva e precipitada. Em suma, sofro a influência de um trio pouco recomendável. Foi por isso que vim a correr ter contigo. Tu tens Júpiter, que te vai tocar uma música melodiosa. Júpiter, como já sabes, é o planeta mais benéfico do Zodíaco. Estar ao pé de ti só me vai fazer bem. Tu ainda não o sabes, e se soubesses não acreditavas. Mas aproxima-se um período de grande serenidade na tua vida afectiva - profetizou a amiga, com voz inspirada.

Pénelópe não conseguiu deixar de esboçar um sorriso, mas evitou um comentário sarcástico.

- Se é isso que vês, fico contente. Procura um pouco de serenidade para ti também.

- Não sei por onde começar.

- Pensa que o teu marido está a sofrer tanto como tu, e até talvez mais. Ele não tem culpa de ser homossexual. Pensa no que ele deve ter sempre sofrido por não ser como nós todos. Queria viver como um homem normal, mas prevalecia sempre a necessidade de pôr as tuas ligas. Pobre Giovanni - sussurrou com sinceridade.

- Pobre de mim, queres dizer. Eu nunca transgredi. Fui sempre uma mulher fiel, eu - esclareceu. Era clara a alusão à história extraconjugal de Pénelópe.

- Sim, fiel à tua ideia de perfeição. Mas o homem, felizmente, é imperfeito - sublinhou Pénelópe.

Estavam a ponto de discutir, mas ainda não tinham acumulado agressividade suficiente para o fazerem.

- Olha que tu, eu e a Sofia fazemos um rico trio. Os nossos melhores anos voaram como pétalas de rosa ao vento e acabámos por ficar sozinhas. A solidão assusta-me - sussurrou Donata.

- A Sofia está muito mais só do que nós. Não teve filhos daquele desgraçado do Varim - disse Pénelópe, e continuou: - Mesmo que os filhos não cheguem para encher os nossos dias. Primeiro espremem-nos como um limão e depois vão-se embora. Como é normal que seja. E, no fim, que sentido conseguiremos dar à nossa vida? Ainda ontem os nossos corações vibravam com um olhar, uma palavra, um beijo. Hoje estamos aqui, sozinhas, numa varanda virada para o mar, a falar de desilusões, traições e derrotas. Sabes uma coisa, Didì? Não me conformo com a derrota. Ainda tenho vontade de viver, de amar, de ser feliz. Mas antes é preciso fazer alguma luz à nossa volta e dentro de nós.Naquela noite escreveu a Andrea.

Cesenatico, 26 de Maio

Querido Andrea,

Reflecti muito antes de responder à tua carta, que me comoveu pela franqueza com que a escreveste. Finalmente decidi: com a mesma serenidade, tenho de te contar aquilo que calei durante tanto tempo, mesmo tratando-se de uma história acabada, que pertence ao passado. Há alguns anos encontrei um homem por quem me apaixonei. Houve um momento em que cheguei mesmo a pensar deixar-te.

É Raimondo Teodoli, mais conhecido por Mortimer. São suas as cartas que encontraste na gaveta da minha escrivaninha. É uma história que acabou há sete anos. Não te traí por me dares pouca atenção. Aconteceu, simplesmente, porque o destino me fez encontrar um homem fantástico. Amei-o apaixonadamente. Deixei-o ao fim de um ano de dúvidas e sofrimento, porque estava convencida de que tu eras o homem da minha vida.

Quis dizer-te tudo isto para esclarecer melhor a nossa relação. Se a história de Gemma e da tua família, guardada durante tanto tempo, te tem causado desconforto e, por consequência, também a mim e aos nossos filhos, talvez tenha chegado o momento de a contares.

Sei que tens encontrado muitas dificuldades, mas espero que as resolvas com a ajuda dos miúdos.

Espero notícias.

Pénelópe

Depois de ler a carta de Pénelópe, Andrea sentiu que lhe faltava o ar. A traição da mulher era uma ferida no seu orgulho. O facto de se tratar de uma história antiga, acabada há muitos anos, não atenuava a sua dor. Tanto mais que Pénelópe tinha tido a coragem de escrever que tinha amado Raimondo Teodoli apaixonadamente. E ele nunca se tinha apercebido. Como poderia imaginar que a mãe dos seus filhos escondia uma traição? Ele sempre tinha acreditado ser o único homem da sua vida. Quando não andava angustiado por causa da mãe nem incomodado com o comportamento dos filhos, continuava a interrogar-se sobre o que aquele Mortimer teria de especial para desencadear a paixão de uma mulher como a sua Pepe. Ela definia-o como "fantástico". Andrea conhecia um único homem fantástico e irresistível: ele próprio. Pelo menos tinha acreditado nisso antes de ler a carta de Pénelópe. E agora, confessando a sua traição, dizia-lhe que tinha continuado com ele depois de ter amadurecido a convicção de que ele era o único homem da sua vida. Tinham estado muito perto da separação, do divórcio, e ele não tinha sabido de nada.

Viu Luca passar por ele e pensou: "Fiz o meu terceiro filho com uma galdéria". Não tinha dúvidas de que Luca fosse seu filho. Aquele menino parecia-se com ele como se parecem duas gotas de água. Instintivamente, pegou nele e apertou-o contra si.

- Gosto tanto de ti - disse-lhe.

- Põe-me no chão - ordenou o menino.

- Não, a não ser que antes me dês um daqueles teus beijos especiais - replicou o pai.

Luca pousou os seus pequenos lábios rosados na face de Andrea e produziu o melhor possível o seu brrr. Andrea voltou a pô-lo no chão enquanto os seus olhos brilhavam de comoção. Pénelópe tinha-

lhe dado três filhos fantásticos, complicados e fascinantes. Tinha-os transportado no seu seio durante nove meses, sem nunca o angustiar com os seus problemas de mulher grávida. Se é que os tivera. Não sabia, mas julgava lembrar-se de que, para ela, os meses de gravidez sempre tinham sido de absoluto bem-estar. Andava mais alegre e despreocupada do que habitualmente. Excepto na proximidade do parto. Nessa altura via-a mover-se com dificuldade, e os seus olhos tornavam-se maiores, mais doces.

Ao pensar nisso, não conseguiu reprimir um sentimento de ternura para com a mulher maravilhosa que sempre tinha amado. Mas depressa a cólera tomou a dianteira. Sentia a necessidade de conhecer ao pormenor a história da sua traição. Talvez Pénelópe lhe tivesse mentido. E se a história de Mortimer fosse apenas uma invenção para espicaçar o seu ciúme? Mas havia aquele maço de cartas na gaveta da escrivaninha. Ainda não tinha tido coragem para as ler. Talvez, se o fizesse, descobrisse que se tratava apenas de uma história inocente porque, se assim não fosse, não se teria preocupado em tranquilizá-lo, libertando-o de qualquer sentimento de culpa. Se realmente o tivesse traído, teria descarregado sobre ele toda a responsabilidade.

Parecia-lhe que a sua cabeça estava a ponto de explodir. A confissão de Pénelópe estava a fazê-lo enlouquecer. Só conhecia uma maneira de descarregar a tensão: fazer uma cena. Mas a quem, se Pénelópe não estava ali? É claro que não podia virar-se contra os seus filhos. Lucia e Damele estavam sentados à mesa da sala de jantar, a estudar. Lucia esforçava-se por explicar ao irmão alguns conceitos matemáticos elementares e fazia-o com o modo que lhe era característico: palavras claras, intercaladas com a pergunta do costume: "Percebeste, cabeçudo?". Luca brincava com os carrinhos, no chão da entrada, com uma menina da sua idade, filha do porteiro.

- Priscilla! - berrou.

A empregada entrou na sala de estar.

- Sim, senhor - disse, olhando-o com um ar interrogativo. Não queria rigorosamente nada e gesticulou à procura de um pretexto.

- Não me deste o talão das compras - gritou. - Nem o troco das cem mil liras.

Com um gesto de raiva, a filipina estendeu-lhe a conta do supermercado.

- Ainda tem de me dar two thousand liras - disse.

A conta que Andrea tinha começado a analisar atingia as cento e duas mil liras.

- Também fizeste compras para o Muhamed - acusou-a, constatando que Priscilla tinha comprado creme de barbear e lâminas que ele não usava.

- A senhora nunca me faz estas cenas - replicou a jovem, indignada.

- A senhora tem o péssimo hábito de fechar um olho. Às vezes até fecha os dois. Deves-me dezoito mil liras e vou descontar-tas no ordenado - declarou.

- A senhora também fecha um olho consigo. Mas com isso nunca se importou - disse, agressiva. Aquele homem estava a negar-lhe os seus pequenos direitos, que incluíam também fazer algumas compras para si, e aquele comportamento não lhe agradava.

- Estás despedida! - sibilou Andrea.

Estava a falar a sério. Priscilla assustou-se. Não se podia permitir perder o emprego na casa dos Donelli. Era uma casa de doidos, é certo, mas respeitavam-na, pagavam-lhe regularmente o ordenado e, sobretudo, gostavam dela.

- Foi a senhora que me contratou e só ela é que me pode mandar embora - replicou com uma expressão dura, sufocando o medo.

Nem Andrea queria que ela fosse. Precisava muito dela. Mas não podia deixar-se dominar por aquela filipina tão astuta.

- Vai contar essa história ao sindicato - disse. Naquele momento tocou a campainha da porta. - Vai abrir - ordenou Andrea.

- Vou já, senhor - disse, com a cara subitamente iluminada por um grande sorriso. A tempestade tinha passado. Evitaria cometer mais imprudências, pelo menos até que a senhora regressasse.

Da entrada chegou um grito de alegria de Luca. - Olá, avô! - exclamou o pequeno.

Tinha chegado o sogro. Andrea foi ao seu encontro.

- Chega na altura certa. Tenho de ir a casa da minha mãe. Importa-se de ficar um bocadinho com os miúdos? - disse, ao recebê-lo.

O sogro olhou-o com ar grave.

- Oferece-me um café e um cigarro.

Mimì Pennisi sentou-se na cadeira da entrada. Baixou os olhos para mirar a ponta dos seus brilhantíssimos sapatos.

- O Terror jacobino é filho natural da Gironda - disse. E, como o genro o olhava espantado, acrescentou: - Foi uma conclusão a que cheguei ao aprofundar o estudo da sublevação de Vendeia. Porque, estás a ver, naquela época travavam-se duas guerras: uma contra a monarquia e outra contra os opositores do governo republicano. É daí que nascem conluios, atentados e delitos. Vêem-se inimigos em todo o lado e nasce a lógica perversa do extermínio como solução para o conflito político.

- Veio até aqui para me dizer isso? - perguntou Andrea. O homem abanou a cabeça com um ar desconsolado.

Priscilla já tinha corrido até à cozinha para pôr a máquina de café ao lume. Andrea estendeu-lhe o maço de cigarros.

- Aconteceu alguma coisa que eu não saiba? - perguntou-lhe, quase contra a sua vontade.

Cheirava-lhe a más notícias e não queria ouvi-las. - Irene deixou-me sozinho - sussurrou Mimi. - Explique-se melhor - disse o genro.

- Ontem à tarde saí, como sempre, para ir até à biblioteca. Voltei à hora de jantar. Ela não estava. Nem sequer havia jantar. Telefonou-me por volta das oito e disse-me: "Vou estar fora durante algum tempo. Não te preocupes". Então tentei saber mais alguma coisa. Tinha de ficar preocupado, compreendes? Disse que, depois de se ter sacrificado durante tantos anos, tinha decidido recuperar a sua vida. O que é que isto significa, em tua opinião? - perguntou com ar desconsolado.

Em vez de lhe responder, Andrea empurrou-o para a cozinha. Priscilla, que estava a pôr na mesa as chávenas e o açucareiro, perguntou-lhe: - Então, já não estou despedida?

- Vai já fazer as camas - ordenou-lhe.

- Não fazia ideia de que ela se tinha sacrificado durante tantos anos. Pensava que lhe tinha dado tudo o que tinha, apesar de não ser muito. Tu achas que eu a sujeitei a muitos sacrifícios? - Mimì Pennisi olhava-o com um ar perdido.

- Já sabe que entre mim e Irene nunca houve grande sintonia. - Andrea não se desconcertou. Não queria revelar uma suspeita que era quase uma certeza: a sogra tinha partido com Romeo Oggioni. Há anos que Pénelópe sentia no ar aquela decisão e tinha-lhe falado nisso: - A minha mãe e Oggioni amam-se há mais de vinte anos. Mais cedo ou mais tarde, o meu pai vai ficar sozinho.

- Achas que ela volta? - perguntou Mimì.

- E pergunta-me a mim? Não vê a minha situação?

- A minha filha foi um péssimo exemplo para Irene - comentou o homem, que não sabia como explicar a decisão da mulher.

- Normalmente acontece o contrário. A sua filha acha que eu sou um péssimo exemplo para os seus netos - observou Andrea. - As mulheres! Quem é que as entende? - queixou-se Mimì, mexendo com acolher a sua chávena de café.

Maria Donelli parecia revigorada. As costas apoiadas a uma Mpilha de almofadas, o tabuleiro pousado sobre os joelhos, comia sozinha uma papa espessa, acastanhada, que parecia saber-lhe muito bem.

- É um puré de maçã - explicou ao filho. - Queres um bocadinho?

Andrea abanou a cabeça. Tinha falado com o chefe de serviço, que o tinha tranquilizado sobre o estado geral da mãe: - Está consciente e não sofre, acredite-me - disse-lhe. - A insuficiência cardíaca está sob controlo e o incómodo do braço é suportável. Maria rapou a tigela.

- Estou cansada. Ajuda-me a deitar - pediu-lhe.

Instalou-a o melhor possível. O quarto tinha duas camas e a segunda estava vazia. Assim, estavam sozinhos.

- Não gosto de estar no hospital. Pelo menos, gostava de ter a Pénelópe ao pé de mim - lamentou-se.

- Eu não te chego?

- A tua mulher deixou-te de repente. Não foi? - Como é que sabes?

- Sonhei. Ou se calhar foi um passarinho que me disse - sorriu, com olhos maliciosos.

Andrea olhou-a perplexo. Interrogou-se se a sua mãe estaria consciente daquilo que estava a dizer.

- O Daniele veio cá hoje de manhã, antes de ir para a escola.

Trouxe-me aquilo - disse, indicando uma pequena imagem sacra em cima da cómoda.

Andrea pegou nela. Era um Cristo a dar a bênção, com um longo hábito branco e as mãos e os pés marcados pelas chagas. O seu filho tinha escrito, ao longo dos bordos do hábito, uma frase que o tocou: Jesus, amo-te.

- Estava aflito com a pressa. Deu-me um beijo na testa, meteu-me esta imagem na mão e pediu-me para rezar para que a sua mãe volte depressa para casa - explicou Maria. Andrea sentiu-se desorientado.

- Educaste-os sem Deus, os teus filhos. Assim como o teu pai fez convosco. Mas eles precisam de acreditar no Senhor. Eu vou rezar para que a Pénelópe encontre o caminho de casa. Se ela conseguir, reza a Deus para te iluminar e te tornar melhor.

Andrea pousou a imagem na cómoda, sem replicar. Estava abatido. Julgava conhecer a sua mulher e os seus filhos e dava-se conta, cada vez mais, de que não sabia absolutamente nada sobre eles. Para ele existia apenas o trabalho, a afirmação profissional e o jogo da sedução.

- A Pénelópe teve um amante. já sabias? - sussurrou.

- Casaste-te com uma óptima rapariga. Eu quero-lhe como se fosse minha filha. Tens muita sorte por ela não te ter deixado há muitos anos. Se o tivesse feito nessa altura, não teria voltado para ti. Agora pode ser que pense nisso.

- E eu tenho de fazer de conta que não se passa nada? Não imaginas como sou ciumento - protestou.

- Eu também enganei o teu pai. Por duas vezes. Foi no princípio do casamento. Ele não me ligava e eu era muito infeliz. Quando ele soube, fez de conta que não se passava nada. Porém, deixou de me enganar. Mas eu continuei a ser infeliz. Faz com que não aconteça o mesmo com a tua mulher. Maria adormeceu e ele ficou ao lado dela, acariciando-lhe docemente a mão. A mãe tinha razão. O que seria que o tinha levado a trair desde sempre a sua amada companheira? A primeira vez tinha sido por acaso. Recordou a noite em Ramsgate, no Priory Hotel. Não tinha a mínima intenção de deixar Pénelópe. Quando entraram no seu quarto lindíssimo, Pénelópe foi à casa de banho e ele, chegando-se à janela, viu Giovanni Solci na rua. Não estava com Donata, mas com um rapaz que o beijava.

- Vou num instante ter com o Giovanni - disse a Pénelópe. Desceu a correr, escancarou a porta do hall e não estava ninguém na rua. Então voltou a subir e bateu à porta do amigo. Esperou um bocado antes que Giovanni abrisse uma fresta. Estava nu. - O que queres? - perguntou.

- Nada. Desculpa. Pareceu-me ter-te visto na rua. Uma imagem inquietante, podes ter a certeza - tentou explicar.

- Vai para o diabo - foi a sua resposta, enquanto voltava a fechar a porta.

Voltou a sair à rua, um pouco confuso e não completamente tranquilo, interrogando-se sobre o que lhe estaria a acontecer. Estava absolutamente convencido de que um dos dois jovens que se beijavam era Giovanni e agora perguntava-se por que viciosa alteração mental tinha tido aquela certeza. Convenceu-se de que tinha bebido demasiada cerveja e decidiu dar uma volta até aos rochedos. As acácias estavam carregadas de flores amarelas. Apanhou um ramo para a mulher que, seguramente, o esperava. Tropeçou outra vez em Emanuela. Estava com dois fotógrafos e os três convidaram-no para ir a um pub. Depois regressaram ao hotel. Emanuela fê-lo entrar no seu quarto. Ele estava decididamente embriagado e só de madrugada, quando voltou a si, se deu conta da confusão em que se tinha metido com Pénelópe. Agarrou nas flores e foi ter com ela, decidido a jurar que não a tinha traído. E quando, mais tarde, voltou a encontrar Giovanni, envergonhou-se da alucinação que tinha tido.

- Desculpa-me aquilo desta noite - disse-lhe.

- Desculpa-me tu. Mandei-te para o diabo, mas é que estava a tomar banho - respondeu o amigo. Foram umas férias fantásticas. Lucia foi concebida ali.

- Olá, Andrea - disse uma voz viva que o fez sobressaltar. Sofia, a outra amiga do peito da sua mulher, sorria-lhe da porta do quarto. Parecia uma fotografia de uma revista de moda: saia e casaco de seda cor-de-rosa pálido, sapatos e carteira cor de cinza, pérolas cinzentas nos lobos das orelhas e no pescoço. A cabeleira brilhante e a pintura cuidadosa davam-lhe o aspecto de uma mulher jovem pronta para ir a uma recepção. Sempre a tinha visto assim, e sempre lhe tinha dado a ideia de estar prestes a entrar em cena, em trajes de prima-dona. Sabendo como ela o estimava pouco, sempre a tinha considerado como uma espécie de calamidade na vida da sua mulher, que dificilmente tomava uma decisão sem a consultar primeiro.

Detestava-a desde sempre, porque Sofia tinha tudo aquilo que lhe faltava a ele: um grande sentido de organização, a capacidade de conservar a calma nos momentos mais difíceis e um estilo inato que lhe permitia mover-se com desenvoltura em qualquer situação. E, finalmente, gozava da confiança de Pénelópe, que seguia sempre as suas sugestões. Sofia organizava os seus tempos livres indicando a Pénelópe a "viagem certa", a exposição que valia a pena não perder, o concerto a que era absolutamente necessário assistir, a ementa para um jantar a servir às visitas, o lugar ideal para umas férias na montanha com as crianças. Priscilla, a empregada, tinha sido arranjada por Sofia. Quando Pénelópe tinha um problema, telefonava a Sofia, que encontrava uma solução correcta e imediata.

- É tão dedicada aos assuntos dos outros que não consegue resolver os dela - comentou Andrea, radiante, quando o marido, Silvio Varini, a deixou. Para além do mais, detestava também o insigne docente, presumido e antipático.

Agora, porém, enquanto Sofia chilreava um "Posso entrar?", Andrea teve um momento de contentamento. Aquela presença vivaz num local onde reinavam a dor e a solidão era uma nota alegre, potente e vital.

Levantou-se, foi ao encontro dela e abraçou-a.

- Francamente, não estava à tua espera - disse ele.

- Pensei que a Maria pudesse ficar contente por me ver. Trouxe-lhe um óleo energético porque vai mesmo precisar que alguém lhe faça umas massagens no corpo. Nos hospitais não se preocupam com estas coisas, mas são tão importantes como as terapias médicas. E, como sou optimista, trouxe também o baralho de cartas. Quem sabe se não lhe darão vontade de jogar uma bisca? - depôs em cima da cama uma série de embrulhinhos.

Maria estava a dormir. Sofia acariciou-lhe a testa. E continuou: - Vai ter com os teus filhos. Eu fico aqui com ela, até chegar a enfermeira da noite.

- És muito querida - sussurrou Andrea.

- Eu sei. Sempre fui. Mas não é uma virtude. Nasci assim, como outros nascem músicos ou conflituosos - minimizou, complacente.

Quando chegou a casa, Andrea viu em frente da porta o jovem Roberto Tradati, o namorado da filha.

- O que é que estás a fazer aqui? Por que não sobes? - perguntou-lhe Andrea.

- Tenho de levar a Lucia ao ensaio de flamenco - explicou o rapaz.

- Mas quantos ensaios é que ela tem? já ontem a levaste, e anteontem também.

- O espectáculo é daqui a dois dias. Aquelas pobres estão a trabalhar como umas doidas - explicou, em tom informativo.

- Por que não frequentas tu também o curso de dança?

- A mim não me entusiasma. Para Lucia é um dever muito sério. De qualquer maneira, acaba de me dar uma ideia. Há um professor espanhol que dança com ela. Para os meus gostos, é demasiado bonito e demasiado bom. E ela olha-o com demasiado arrebatamento. Diz que faz parte do pathos da dança. Mas a coisa não me agrada. já que tem mais experiência do que eu com as mulheres, diga-me o que pensa. Devo acreditar nela?

- De maneira nenhuma. As mulheres, meu caro, nunca se chegam a conhecer o suficiente. Quando pensamos que as temos na mão, esgueiram-se sem a gente se dar conta. Mantém a minha menina bem segura, o mais que puderes - sugeriu-lhe com um sorriso cúmplice, enquanto Lucia surgia à porta.

Deu-lhe um beijo de fugida, antes de subir para a moto de Roberto.

Em casa encontrou Daniele e Luca com o avô. Mimì Pennisi tinha cozinhado um prato de beringelas com queijo que tinha um aroma sugestivo.

- Novidades? - perguntou Andrea, sentando-se à mesa. Priscilla estava na varanda a limpar a gaiola de Cip e Ciop, e, entretanto, ia recitando a ladainha do costume: - Estou cansada de tratar dos vossos animais. A senhora não está cá e cai-me tudo em cima dos ombros. Sansone, os peixes e estes pequenos birds que sujam por dez. Vou afogá-los no aquário se não tratarem deles. Todos encolheram os ombros e continuaram a comer.

- Perguntei se havia novidades - repetiu Andrea.

- A Lucia telefonou à mãe - disse Daniele. - Estiveram a falar durante muito tempo.

- Conta - pediu Andrea.

- Pergunta ao Luca. Ele estava lá e ouviu tudo. - Então? - perguntou o pai, ansioso por saber.

- Não ouvi nada - disse Luca, com um olhar impune. Não falaria nem sob tortura. ,

- Pelo menos, podes dizer-nos se a mãe tem intenções de voltar para casa? - insistiu Andrea.

- A mãe só está em férias há uma semana. A Priscilla, quando vai às Filipinas, fica dois meses fora. Quantos dias tem uma semana? E quantos têm dois meses? Pega no número mais pequeno e tira-o do maior. Aí tens os dias que a mãe ainda tem de passar fora.

O avô, o pai e o irmão olharam-no, assombrados. De onde lhe viria um conceito tão preciso e tão complexo?

- Mas tu sabes fazer subtracções! - exclamou Daniele.

- O que são subtracções? - perguntou, com uma candura desarmante.

- É aquilo que acabas de fazer - interveio Andrea.

- A Lucia não fez outra coisa senão repetir estas coisas ao Daniele durante toda a tarde. Não é preciso muito para perceber - rematou.

- Ou és um génio ou és completamente idiota - rosnou o irmão.

Mimì ficou a dormir com eles. Disse que não lhe apetecia regressar a casa. Priscilla protestou outra vez porque mais um hóspede lhe complicava a vida. Daniele passou o serão às voltas com os livros, na tentativa extrema de evitar uma reprovação. Luca e Andrea foram os dois para a cama grande. Sansone já tinha aprendido a dormir no tapete, aos pés da cama.

- O Daniele deitou fora o resguardo de borracha. Disse que já não precisa dele - sussurrou Luca ao ouvido do pai, antes de adormecer.

- Obrigado por me teres feito essa confidência - disse Andrea, dando-lhe um beijo. Gostaria que a mulher o soubesse.

Três acordes de guitarra e o soluço final da cantaora Carmen Amor, rainha do flamenco, concluíram a última sevillana. O público que enchia o teatro aplaudiu longamente.

Os primeiros bailarinos, Carlos Sanlucar e Lucia Donelli, de mãos dadas, inclinaram-se ofegantes, irradiando felicidade no sorriso com o qual respondiam àquela calorosa homenagem. Da plateia voaram flores, enquanto o público, composto por amigos e parentes, gritava em voz alta os nomes das bailarinas, acompanhando-os com "bravos" entusiasmados. Lucia viu o pequeno Luca empoleirado nos

ombros de Daniele a gritar como um louco o nome da sua irmã. Ela e Carlos, com um gesto elegante, indicaram as bailarinas alinhadas atrás de si.

Lucia continuava a sorrir, enquanto passava em revista os rostos dos seus mais queridos com o olhar. Estava o seu pai, que lançou para o palco um ramo de pequenas rosas brancas. Ela apanhou-as em pleno voo. Estavam os primos Pennisi, estava Sofia que, para a ocasião, tinha esquecido a compostura habitual e esbracejava gritando em voz alta o seu nome. Estava Roberto Tradati, o seu namorado que, com o polegar e o indicador enfiados na boca, assobiava toda a sua aprovação. Estavam as colegas e os colegas da escola que gritavam em coro: - Lucia, és o máximo! - Só faltava Pénelópe. Quando estava ainda no camarim, foi-lhe entregue em mão um ramo de lírios perfumadíssimos e um bilhete: "Penso em ti com todo o meu amor. Mãe". Enfiou a mensagem na cintura do fato escarlate de cigana. Olhou-se ao espelho e sentiu-se lindíssima. Pintou-se com sabedoria, apanhou os cabelos castanhos na nuca e enfiou-lhes uma rosa de seda vermelha. Sabia que tinha dançado com a raiva, a paixão e a volúpia de uma autêntica cigana.

- Amo-te - sussurrou-lhe Carlos Sanlucar, o seu belíssimo professor de flamenco, que tinha dançado com ela.

- Também te amo - replicou, continuando a sorrir para o público.

Dizia a verdade. Carlos tinha a força e a elegância de um antigo fidalgo. Os seus olhos ardentes e misteriosos tinham-na encandeado desde o primeiro encontro, que datava de Outubro do ano anterior, quando se inscreveu no quarto ano da escola de dança.

A professora que a acompanhara nos cursos anteriores tinha regressado a Espanha e Carlos tinha chegado.

Era jovem, tinha um perfil cigano, uma voz risonha, e observou Lucia como se ela fosse uma flor rara.

- Mostra-me aquilo que aprendeste até agora - disse-lhe.

Ela exibiu-se com naturalidade em alguns passos com o ritmo de um fandango.

- Tens muito gosto pela dança - sentenciou com gravidade. Lucia sorriu por causa daquela linguagem extravagante, mas também porque tinha sido tocada pela musicalidade da voz de Carlos. Depois baixou o olhar para esconder a emoção. - Tens uma óptima postura, muito de palco. Tens

temperamento e também és muito linda - concluiu Carlos, baixando o tom de voz, como se falasse consigo próprio.

Naquele momento Lucia corou porque nos olhos daquele jovem e encantador professor tinha lido o desejo de poder tocá-la. Pénelópe, que a acompanhara, disfarçou a sua contrariedade intervindo bruscamente: - Sim, a minha filha é muito linda, como disse, e determinada também. Mas para ela a dança é uma actividade absolutamente secundária. A mim, interessa-me saber se o custo da inscrição é o mesmo.

Lucia deu-lhe um beliscão no braço enquanto sibilava: - Odeio-te.

Carlos dedicou-lhe um sorriso fascinante.

- Sobre isso, Signora Pénelópe Donelli, terá de se informar na secretaria. Pessoalmente, espero que tenha aumentado, pois assim ganharei mais.

- O novo professor parece-me demasiado giro - comentou Pénelópe, quando iam para casa.

- Mas por que é que não calas a boca, de vez em quando? - disse a sua filha, agressiva. - Por que és tão detestável quando alguém me agrada?

- Uma mãe defende os seus filhotes - explicou. - Ele não me agrediu.

- Fez pior. Fascinou-te.

- Eu amo o Roberto. E detesto-te a ti. És insuportável, sobretudo quando tens ideias estranhas.

- Estas ideias foste tu que mas deste, pela maneira como coraste, como pestanejaste, e tudo o resto. Até posso estar enganada.

Mas a mãe tinha percebido tudo. Ao longo daqueles meses, semana após semana, Lucia tinha cedido a uma paixão superficial mas intensa por Carlos. Tinha razões para acreditar que ele lhe retribuía este sentimento, mesmo sabendo ser inflexível e exigindo o máximo dela.

Roberto era condescendente, permissivo, dócil e terno. Carlos era severo, impiedoso e agressivo. Mas, no fim de cada lição, quando ela ficava destroçada pelo cansaço, ele sorria-lhe, dava-lhe um beliscão no nariz e dizia-lhe: - És perfeita, Lucia. Absolutamente perfeita. - E ela derretia como neve ao sol.

Guardava ciosamente os seus próprios sentimentos e continuava a repetir para si que Roberto era o seu namorado.

A poucas semanas do espectáculo de fim de curso, Carlos seguiu-a no fim de uma lição.

- Em junho regresso a Barcelona - disse-lhe.

- Queres dizer que já não vais cá estar no próximo ano? - perguntou-lhe, sufocando a desilusão.

- Podias vir comigo.

Saíram juntos da escola, na Via Dogana, e ele arrastou-a até à Piazza del Duomo.

- Por que é que havia de ir?

- Quero continuar a dançar contigo. E tu também queres - respondeu, passando-lhe um braço à volta dos ombros.

Eram bonitos, e os transeuntes olhavam-nos com admiração. - Como a minha mãe te disse, a dança, para mim, é uma actividade absolutamente secundária. - Indo contra si própria, com o coração num tumulto, Lucia estava a pôr à prova toda a sua capacidade de resistência.

- Mas eu amo-te. E tu também me amas - sussurrou Carlos, encostando o rosto ao da rapariga, como se a quisesse beijar. Ela fechou os olhos e recebeu o beliscão do costume na ponta do nariz. Lucia lamentou aquele instante de fraqueza.

- Na minha idade, é fácil cair na armadilha de um homem de vinte e nove anos, sobretudo se se chamar Carlos Sanlucar, for um bailarino extraordinário e emanar toneladas de fascínio - replicou com voz firme. Depois libertou-se do seu abraço e acrescentou: - De qualquer maneira, não estou muito segura de te amar. Talvez isto seja só uma paixoneta superficial. Gosto da tua voz, do teu sorriso, do teu perfume e da maneira como me olhas. Acho que gostava que me beijasses. Mas isto não é amor. Compreendes?

- Isto é paixão, minha preciosíssima Lucia - objectou ele, com um sorriso que teria desencadeado aplausos.

Ela respondeu com uma careta um pouco infantil.

- Vemo-nos no sábado, na aula - declarou. Depois dirigiu-se quase a correr para a entrada do metropolitano. Agora, o espectáculo tinha acabado de modo triunfal.

Enquanto se dirigiam para os camarins, Carlos segurou-a por um braço e empurrou-a para dentro do seu. Depois fechou a porta. - Daqui a dois dias parto para Barcelona - disse-lhe.

- Eu sei - anuiu Lucia.

Ele ergueu os braços, levou as mãos à nuca e tirou do pescoço um fio de ouro muito fino de que pendia uma pequena cruz grega, - Uso-a desde pequeno. Mandou-ma o meu pai, que tinha emigrado para a Argentina, como presente de Primeira Comunhão. Quero que seja tua - disse, enquanto apertava o fio no pescoço dela. - Porquê? - perguntou Lucia com voz insegura.

- És a minha melhor aluna - sussurrou ele. Então segurou o rosto da rapariga entre as mãos e beijou-a, longa e intensamente. Lucia sentiu um nó apertar-lhe a garganta e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Se naquele momento Carlos lhe tivesse dito "Anda comigo", ela tê-lo-ia seguido.

- Daqui a duas semanas acabas as aulas na escola. Se quiseres, sabes onde encontrar-me. Eu fico à tua espera - disse, simplesmente.

Lucia abriu lentamente a porta do camarim, saiu para o corredor, misturou-se com as companheiras ainda excitadas e cansadas, mudou-se e saiu do teatro. No átrio foi acolhida pelo aplauso festivo da sua família. Roberto abraçou-a. A tia Sofia estampou-lhe um beijo na testa. O pai sorriu-lhe, orgulhoso. Luca e Daniele olharam-na com admiração.

- Vamos para casa - disse ela. - Estou cansada.

- Só queria que a mãe te visse - sussurrou Damele.

- Vou telefonar-lhe - respondeu Lucia, quando estava para entrar no carro com a família.

Assim que ficou sozinha no seu quarto, telefonou a Pénelópe. - Obrigada por aquelas flores lindíssimas que me mandaste - começou.

- Passa-se alguma coisa contigo? - perguntou a mãe, captando uma desafinação na sua voz.

- O Carlos beijou-me e eu chorei - confessou imediatamente.

Pénelópe não replicou. Limitou-se a ouvir a continuação.

- Enquanto ele me beijava, vi as cores do arco-íris. Propôs-me ir ter com ele a Espanha, quando acabar as aulas.

- O teu namorado sabe? - perguntou a mãe.

- Nem deve saber. Eu amo o Roberto. Se lhe dissesse que amo o Carlos, ele não ia entender. Não sei o que fazer.

Pénelópe não respondeu. Pensou que também ela tinha amado dois homens. Renunciara a Mortimer, mas ainda agora sofria por causa disso. Gostaria de dizer à rapariga: "Deixa lá o bailarino". Mas não tinha a certeza de que aquilo fosse um bom conselho. Os sentimentos, as emoções e os impulsos do coração devem seguir o seu curso.

- Então, o que devo fazer? - perguntou Lucia.

- Tu querias ir atrás do Carlos, mas não queres perder o Roberto. Tens um problema que ninguém pode resolver por ti - disse, por fim. Dentro do seu coração, se dependesse dela, preferia que Lucia ficasse bem junto do seu namorado, porque o conhecia e apreciava o seu realismo e a sua honestidade. Ficaria muito ansiosa se Lucia decidisse ir ao encontro do bailarino. Deste cigano espanhol, Pénelópe não conhecia nada e temia que ele quisesse apenas divertir-se com uma rapariga de boa família.

- Mãe, por favor, ajuda-me - suplicou.

- Gostava que estivesses aqui para te poder abraçar - disse a mãe.

- Mas estás a trezentos quilómetros de distância e eu estou no meu quarto, sozinha e desorientada - lamentou-se a filha, levantando a voz. - Se ao menos eu pudesse ter uma discussão saudável contigo, talvez conseguisse aclarar as ideias. Por exemplo, se tu me dissesses para esquecer o Carlos, eu sei que ia a correr ter com ele. Nem que fosse só para te contrariar - declarou com simplicidade.

- Mas eu não o faço porque quero que tu sejas livre de tomares as tuas decisões.

- Tenho a sensação de que me estás a dar a volta - sibilou a sua filha. E acrescentou: - Desde quando é que és assim tão compreensiva?

- E tu, desde quando é que vens ter comigo para saberes o que deves fazer? Sempre me acusaste de ser a causa dos teus problemas. Mas não serão eles também um pouco por culpa tua, valha-me Deus? - reagiu Pénelópe.

- Agora já te conheço. Esta mãe condescendente e compreensiva não me convencia, de facto - declarou a rapariga, e prosseguiu: - Mas tu tens uma resposta. É assim tão difícil dizeres aquilo que pensas? Os adultos nunca dizem aquilo que pensam, mas aquilo que consideram certo. Só os velhos têm a coragem de dizer a verdade. A avó Maria, por exemplo, diria que eu sou uma estúpida, destinada

a uma infelicidade eterna. O avô diria que sou uma tontinha, frívola e apaixonada só por mim própria. Mas tu és a minha mãe. Por que não me ajudas? - gritou.

- Se tu te estivesses a afogar, eu faria tudo para te salvar. Mas estás apenas a viver. O teu problema sentimental faz parte da vida. Assim como o teu amor pela dança, os teus sucessos escolares, as tuas alegrias e as tuas desilusões. Na vida há riso e há choro.

- As minhas amigas são muito mais felizes e despreocupadas do que eu - precisou Lucia.

- Também as minhas amigas o eram quando eu tinha a tua idade. Mas depois também chegou para elas o momento das lágrimas - disse Pénelópe.

- Mas deve haver uma maneira de não sofrer - replicou Lucia, zangada.

- Se há, eu não conheço - admitiu a mãe com sinceridade.

- Se eu não fizer asneiras num exercício da escola, sou premiada pelo professor com uma boa nota. Se interpretar uma dança na perfeição, recebo aplausos. Portanto, se viver da maneira correcta, não devo sofrer. Qual é a maneira correcta para enfrentar a vida?

- A receita da felicidade não existe. Cada um deve encontrá-la por si, sem ter medo. Coragem. Tenho a certeza de que vais conseguir.

- Mas por que é que nós, mulheres, temos de ser tão complicadas? - suspirou em tom de melodrama. E acrescentou: - Agora o avô está a viver connosco. A avó fugiu. Não se sabe porquê. Ou, pelo menos, o avô não sabe. Ou finge que não sabe.

"Finalmente, decidiu-se" pensou Pénelópe. E disse: - Tenho pena por ele. Vai sofrer muitíssimo.

- Está feito num farrapo. Acho que o Roberto também sofria muito se eu fosse com o Carlos para Barcelona. E eu também sofria, porque o amo.

- Estás a ver? Encontraste sozinha a resposta que procuravas.

A TAPEÇARIA DA SALINHA CHIPPENDALE...

A tapeçaria da salinha chippendale, nos anos da primeira infância de Pénelópe, era de seda verde adamascada. Depois tinha desaparecido para deixar a parede nua, pintada de branco. Pénelópe ainda se lembrava da decisão de Irene: - É preciso eliminar este tecido. Os insectos podem fazer ninhos por trás daquilo.

Agora a casa estava recuperada. Só faltavam alguns acabamentos. Gostaria de voltar a forrar as paredes com seda, mas o custo era excessivo. Por isso teve de admitir que a decisão da sua mãe tinha sido, efectivamente, a mais praticável. Porém, em vez do branco, optou por um tom verde-pálido e, ao longo do perímetro superior das paredes, mandou colar um bordo do mesmo tecido que revestia divãs e poltronas.

Com o restauro terminado, a salinha da avó Diomira voltava a triunfar em todo o seu esplendor. As mesinhas redondas, de três pernas arqueadas e dois tabuleiros, arranjadas pelo marceneiro, mostravam a perfeição do desenho original. Pénelópe, tal como fazia quando era pequena, parou a olhar para a figura do dragão com as fauces abertas e a língua fina bifurcada. Passou as pontas dos dedos pelas pequenas escamas douradas do monstro que parecia querer engolir a ponte de parapeitos floridos e a casinha com tecto de pagode. Aquele tecto com volutas tinha-a impressionado quando era menina e passara horas a contemplá-lo, imaginando países longínquos que o bisavô capitão visitara no seu infinito peregrinar pelos mares do mundo.

- Estás a ver, avó? Finalmente fiz as coisas bem, mesmo como tu gostarias. Tenho a certeza de que estás contente por ver como a tua casa voltou a ser bonita - disse para si, sentando-se na poltrona onde Diomira tinha saboreado a última fumaça.

Pénelópe estava muito orgulhosa por ter conseguido, sem a ajuda de um arquitecto, devolver à casa a sua traça original. Não deitou nada fora. Tudo aquilo que não pôde recuperar mandou reproduzir a partir dos desenhos originais. Agora estava satisfeita consigo própria.

- Boa, Pepe! Óptimo trabalho. Estou a falar a sério.

A voz era a da sua mãe, que estava ali, de pé, à porta da salinha, e lhe sorria.

Pepe levantou-se e enfrentou-a com um olhar zangado.

- Estava perto. Em Forlimpopoli, mais exactamente. Pensei em dar uma vista de olhos à minha casa - continuou Irene, sublinhando o possessivo "minha". E, como Pénelópe não falava, prosseguiu: - É claro que não vim para ficar. Imagino que já saibas que deixei o teu pai. Ando em viagem com o Romeo. Queremos ir a Roma passar uns dias.

- Encontrei a tua certidão de casamento - disse Pénelópe. Irene deu dois passos em direcção ao meio da sala e inclinou o olhar para observar a tijoleira octogonal, verde e branca, a brilhar. - Parece nova - comentou. - Ficou bem, este pavimento. Falta um tapete, é claro.

- Ouviste o que eu te disse? - insistiu a filha.

Irene estava um espanto. Sobre a sua pele de alabastro, o conjunto de saia-e-casaco de shantung de seda cor-de-rosa rebuçado realçava a sua figura delgada.

Mais uma vez, Pénelópe sentiu-se deslocada. Calçava umas sandálias rasas da cor do couro, uns calções desbotados e uma t-shirt branca com uma letras vistosas:

DEUS MORREU, MARX MORREU E EU TAMBÉM NÃO ME SINTO MUITO BEM. A assinatura era de Woody Allen.

- Sim, ouvi perfeitamente - replicou Irene, considerando o pensamento de Woody Allen, bem visível no peito da sua filha.

- Nunca acreditei em ti. E tinha razão - afirmou Pénelópe. - É verdade que andas por aí com pensamentos cheios de optimismo - disse, com ironia. Aquela t-shirt era de Damele. Pénelópe encontrou-a no meio das roupas de Verão que ali tinham deixado. Vestiu-a porque tinha saudades do filho, mas também porque, tudo somado, aquela espécie de mote estava em sintonia com o seu estado de espírito.

- Não tenho muitas razões para estar contente - rebateu, olhando-a com severidade.

Mas Irene fugia do seu olhar e pôs-se a observar as paredes da sala onde as aguarelas da avó Diomira tinham voltado a fazer boa figura dentro de molduras novas em bonitos tons pastel.

- Sempre tiveste um péssimo feitio. És daqueles que vêem sempre o copo meio vazio - sentenciou a sua mãe.

- Ter uma mãe como tu não foi propriamente uma injecção de optimismo.

- Não vim aqui para discutir - sorriu Irene.

- Eu sei. Vieste para o último adeus, antes de desapareceres com aquele horrível Romeo Oggioni - disse Pénelópe, com uma voz cortante.

- Eu transportei duas cruzes muito pesadas na minha vida: o teu pai e tu. Ele ama-me para além do razoável, tu detestas-me por ciúme. Com a tua idade, vens falar das minhas relações pré-nupciais com o teu pai. Não achas que estás a exagerar?

- Agora percebo por que é que tu e o Andrea nunca se entenderam: são iguais. Eu pergunto-lhe a razão das suas traições e ele nega. Quero saber por que seguraste tão alto o estandarte da esposa que chegou virgem ao altar - gritou Pénelópe, exasperada com o comportamento da mãe.

- Alguma vez vais contar aos teus filhos que tiveste um amante? - replicou Irene num sussurro.

Pénelópe sentiu-se desorientada.

- Não me parece que a tua relação com a Lucia seja melhor do que a nossa - prosseguiu Irene, reforçando a dose.

- Eu nunca representei o papel da mãe perfeita - tentou defender-se.

- Eu sim. Sempre achei que me devia apresentar o melhor possível, se queria servir-te de exemplo. Não consegui. E no entanto foi por tua causa, só por tua causa, que acabei a relação com o Romeo. Se não estivesse grávida, talvez nem sequer me tivesse casado com o teu pai. Mas tu estavas dentro de mim e eu não queria matar-te como fizeram e continuam a fazer muitas mulheres. Mimì foi o melhor dos maridos. Só que para duas pessoas estarem bem juntas é preciso que o queiram as duas. E eu não queria. É verdade, vim despedir-me de ti. Vou viver com um homem que amo e que me ama há trinta anos. É claro que me faltou a coragem de dizer a verdade ao teu pai. Gosto dele e dói-me saber o quanto vai sofrer com a minha fuga. Vim dizer-te para ficares perto dele, se puderes.

Pénelópe esteve quase a deixar-se perturbar pela comoção. Mas aguentou firme. Já tinha os seus problemas e não queria carregar também com os dos seus pais.

- Assim, com meia dúzia de palavrinhas, aliviaste a tua consciência - comentou.

- Exactamente como tu. Com meia dúzia de obras de restauro nesta casinha decadente pensas pôr em ordem a tua vida desconchavada - replicou Irene, levantando-se e dirigindo-se para fora da sala.

- Esta casa, até ontem, era chamada "a casa de praia", se bem me lembro. Quanto à minha vida desconchavada, sempre te mantive fora dos meus problemas. Isso, pelo menos, deverias apreciar.

- E fizeste mal. Eu poderia ajudar-te. De qualquer maneira, devo-te um conselho. Depois tu farás, como sempre, o que quiseres - disse, descendo as escadas.

Do outro lado do portão Pénelópe viu Romeo Oggioni ao volante de um Porsche preto. Olhava na direcção delas.

- Acaba a história com aquele médico. Há anos que a arrastas, quando tens um marido que é mesmo feito à tua medida. Ao contrário do teu pai, ele sabe criar-te dificuldades. É disso que nós, mulheres, precisamos para nos sentirmos úteis - sentenciou Irene, avançando em direcção ao homem que a esperava.

Romeo saiu do carro e abriu a porta de Irene. Mas antes fez um aceno de despedida a Pénelópe.

Então, num impulso, Pénelópe correu ao longo do caminho, saiu o portão e, antes que a mãe entrasse no carro, abraçou-a.

- Boa sorte - sussurrou.

- Lembra-te do meu conselho - insistiu a sua mãe, comovida.

O bip-bip insistente do relógio electrónico repercutiu-se na sua cabeça como uma sucessão de marteladas que despedaçaram as tranquilas regiões do seu sono. Daniele esticou o braço em direcção à mesa-de-cabeceira, desligou o despertador e viu as horas no mostrador luminoso: eram cinco e meia da manhã.

Escorregou para fora da cama, barafustando contra o sentido do dever que era uma novidade absoluta. na sua jovem vida. Movendo-se com cautela para não perturbar o sono da família, foi para a casa de banho arranjar-se. Depois vestiu-se, pegou no livro de psicologia e fechou-se na sala de estar. Naquela manhã tinha uma chamada, a última do ano, e não queria entrar mudo e sair calado.

Enterrou-se numa poltrona e escolheu um capítulo ao acaso. Em dois dias tinha quase memorizado a matéria do ano inteiro. O capítulo escolhido intitulava-se "Elementos e funções da vida intelectiva". Então começou a recitar em voz alta: "Os elementos são: sensação, percepção, memória e conceito..."

Quando acabava de repetir uma frase, conferia no texto a exactidão da exposição. E comentava para si próprio: "Eu, por exemplo, tenho a sensação de que estas parvoíces não me interessam nada, mas tenho a percepção de que se não aprendo estas parvoíces arranjo mais chatices".

Ao fim de hora e meia de revisões, achou que estava com uma preparação aceitável.

Dentro de pouco tempo o avô e Lucia estariam a pé. O pai e Luca iam dormir até às oito. Decidiu telefonar à mãe. A necessidade que sentia dela parecia cada vez mais urgente. Não é que tivesse necessidades particulares. Mas tinha vontade de a ver, de sentir o calor do seu abraço, de ouvir a sua voz. Ligou o número de Cesenatico e Pénelópe atendeu ao fim de vários toques, no momento em que estava já para desligar.

- És tu, meu querido! - disse, com uma voz ensonada.

- Pensei que não estivesses em casa - respondeu Daniele com uma sensação de alívio.

- Acontece que tive de descer do meu quarto até ao vestíbulo. Acho que tenho de pedir uma extensão para o primeiro andar. Quando era pequena como tu, descia estas escadas como uma doida. Agora estou a perder agilidade e jeito - explicou ela.

- Mãe, ainda vais estar fora muito tempo? - perguntou o rapaz, afrontando o motivo do telefonema.

- Aqui ainda há obras por acabar e...

- E tu não estás pronta. Eu percebo - rematou Daniele.

- Tenho tantas saudades tuas, querido - suspirou ela. - Tenho saudades de todos.

- Do pai também?

- Claro, mas menos do que de vocês. Gostava de vos ter aqui, tu, a Lucia e o pequenino. Quem sabe se não se poderá resolver isso brevemente. Penso muito em vós. Como é que estão?

- Bem, em geral. Eu levantei-me às cinco e meia para rever a matéria de psicologia. Tenho uma chamada ao segundo tempo. Já sei que vou chumbar. Mas não quero que seja sem honra. Já fiz tantos disparates. De alguns nem sabes - confessou.

- Quais são os que não sei? - perguntou ela, já aflita.

- Agora já não interessam. É tão bom fazer "as coisas direitas", como tu dizes. Eu antes não sabia. Tenho de desligar, porque estou a ouvir alguém a mexer-se ali fora. Deve ser o avô.

- Ainda aí está, o meu pai? - perguntou.

- Vive connosco. Sabes, depois da partida da avó ele sentiu-se muito só. Ele e o pai dão-se muito bem.

- Mudou tanta coisa, desde que eu me vim embora. E estou contente. Boa sorte para a tua chamada.

- Mãe, gosto tanto de ti. Espero ver-te depressa - disse Daniele.

Desligou o telefone, pegou no seu livro e foi até à cozinha. Abriu a porta da varanda, levantou as persianas e deixou entrar a luz de junho. Estava a pôr o leite ao lume quando se apercebeu de que havia um silêncio insólito. Cip e Ciop ainda não se tinham exibido do seu habitual chilreio furioso. Levantou ao olhos em direcção à gaiola. Estava vazia.

O seu primeiro pensamento foi que tivessem fugido. Mas a porta estava fechada. Foi então que os viu, sem vida, no chão da gaiola. Eram dois montinhos de penas cintilantes.

- Lucia! Lucia, anda cá depressa - suplicou, batendo à porta da casa de banho.

- Ainda só são sete e dez e tu já vens chatear - deplorou a irmã, escancarando a porta e olhando-o com agressividade.

- O Cip e o Ciop morreram - anunciou.

- Não sejas palerma. Ontem à noite estavam óptimos. - Estava quase a fechar outra vez a porta quando viu que o irmão tinha os olhos brilhantes de choro.

- Oh, que desgraça. E agora quem é que diz ao Luca? - sussurrou ela, que se tinha precipitado até à cozinha para constatar o falecimento.

- Alguém lhes apertou o pescoço durante a noite - raciocinou o rapaz.

- Não digas imbecilidades. Quem é que iria fazer uma coisa dessas?

- A Priscilla. Passa a vida a queixar-se. Tolera o Sansone, mas só porque tem medo dele. Todos os dias repete obsessivamente que já não pode mais com estes birds. Foi ela - decidiu Daniele. Naquele momento apareceu Mim! Pennisi. Tinha a trela na mão e preparava-se para levar o cão à rua. Era uma tarefa que tinha assumido voluntariamente. Os seus netos perscrutaram-no com um ar acusatório, depois de terem trocado um olhar eloquente, que dizia: "E se tivesse sido o avô?"

- Então, o que é que se passa? - perguntou Mim! com um ar cândido.

- Não, o avô nunca se sujaria com uma infâmia semelhante - considerou Daniele em voz alta.

- Alguém apertou o pescoço ao Cip e ao Ciop - anunciou Lucia.

Sansone rosnava à entrada da porta porque tinha visto a trela e queria sair rapidamente. O avô abriu a gaiola, pegou num dos pássaros entre as mãos e examinou-o com atenção.

- Ninguém lhe apertou o pescoço - sentenciou. - Com certeza morreram de enfarte.

- Os dois ao mesmo tempo? - duvidou Lucia.

- Pode acontecer. Talvez tenha morrido primeiro o Cip. O pobre Ciop não aguentou a dor. Quando dois seres se amam como eles, a morte de um significa muitas vezes a morte também para o outro. Sabem como se chamam estes pequenos papagaios? "Os inseparáveis." Não podem viver um sem o outro.

- Vai ser um duro golpe para o Luca - insistiu Lucia. - Primeiro a mãe foi-se embora, depois foi a avó, e agora morreram eles. - Eu, de qualquer maneira, não o acordo para lhe dar a notícia. Até porque estou atrasado - decidiu Daniele.

- Não te preocupes. Eu trato de falar com ele - tranquilizou-o o avô.

Luca aceitou o facto com aparente tranquilidade. Envolveu com amor os pequenos papagaios num lenço de papel. Sacrificou uma caixinha do seu Lego para lhes fazer um caixão. Enquanto os irmãos estavam na escola, organizou o funeral. Avisou os amiguinhos que viviam no condomínio e confabulou com o porteiro, que prometeu escavar um buraco no canteiro ao fundo do pátio, por baixo de um aloendro em flor. Na tarde daquele dia, do átrio do prédio, partiu uma pequena procissão. Luca, à frente de todos, segurava solenemente na palma das mãos a caixa que continha os despojos dos dois passarinhos. As outras crianças seguiam-no, compungidas. Daniele e o avô fechavam o cortejo.

Para a ocasião, Daniele tinha escrito uma breve canção que cantou, acompanhado à guitarra, enquanto os outros davam a volta ao pátio.

Lucia tinha-se recusado a participar naquilo que definiu como "uma palhaçada infantil". Mas ao ouvir a bonita voz do irmão debruçou-se da varanda e acompanhou a cerimónia inteira.

Priscilla escondeu a pequena gaiola vazia no topo de uma estante do quarto dos arrumos.

- Se não for por mais nada, ao menos a cozinha agora vai estar mais limpa - sentenciou.

Lucia não fez comentários. Começou a preparar um chocolate. - Com este calor? - protestou a empregada.

- O Luca gosta. Precisa de consolo - replicou.

Luca agradeceu-lhe. Mimì Pennisi, por sua vez, recuperou a sua alma siciliana e disse: - Os pássaros mortos em casa anunciam uma desgraça.

Andrea tinha mais do que uma razão para estar preocupado. A mãe ainda estava no hospital. No jornal havia muita tensão porque, ultimamente, as tiragens estavam a sofrer uma redução progressiva e Moscati não perdia a ocasião de descarregar sobre os jornalistas o seu mau humor. A sua família, sem Pénelópe, caía inteiramente sobre ele. Mas, sobretudo, atormentava-o o ciúme. O facto de a mulher ter esperado oito anos para lhe revelar uma traição não lhe dava sossego.

Felizmente, os problemas familiares absorviam grande parte do tempo que não dedicava ao trabalho. Para além do mais, devia programar um Verão decente para o pequeno Luca. Andava também a tentar perceber o que se estava a passar entre Lucia e o namorado. Quando os via juntos, pareciam-lhe mais um casal de velhos do que dois jovens apaixonados. Andrea tinha a impressão de que a filha se queria libertar de Roberto e que ele procurava caminhos oblíquos para o evitar.

Agora já tinha a noção exacta de como era difícil tratar de uma família, de uma empregada cretina, de um sogro que, quando não delirava com as histórias de Marart e Charlotte Corday, profetizava desventuras por causa da morte daqueles dois estúpidos papagaios. Naquele momento estavam todos à mesa a consumir um jantar espartano preparado por Lucia. Naquela noite tinha cozinhado um arroz frio com salada e camarões.

- Prato único - explicou. - Porque é composto por entrada, prato principal e acompanhamento. Custa um dinheirão, comam-no com respeito.

Luca, pelo contrário, tirava do seu prato um camarão atrás de outro e estendia-os a Sansone.

- Tu és mesmo estúpido! - impacientou-se a irmã, tendo dado conta daquela manobra executada sorrateiramente. - Fazes alguma ideia de quanto isto custa?

- Eu não como cadáveres de bichinhos - disse Luca, furioso. - Muito bem! Só faltava um vegetariano neste circo de loucos - observou Andrea.

Daniele estava eufórico naquela noite porque saboreava ainda a óptima nota da chamada de psicologia.

Levantou-se da mesa e voltou pouco depois, segurando entre o indicador e o polegar um peixinho vermelho que se debatia.

- Se não comes os bichinhos mortos, come este que está vivo - afirmou, pondo-lho no prato.

Como única resposta Luca empalideceu, depois corou, arquejou, ficou roxo e deixou de respirar.

Os dois irmãos, sentindo-se culpados, foram tratar dele, preocupados e meigos.

- Desculpa-me, desculpa-me - suplicou Daniele.

- Juro que nunca mais ralho contigo - prometeu Lucia, pois o irmão manifestava os mesmos sintomas preocupantes daquela vez em que o tinham levado de urgência para o hospital.

Priscilla começou a gritar. Nunca tinha visto Luca naquelas condições.

- My god! O menino vai morrer! Mimì Pennisi não perdeu a compostura.

Andrea pegou na caneca da água que estava em cima da mesa e despejou-lha sobre a cabeça. Funcionou. A criança engoliu ar e recomeçou a respirar. Naquele momento o pai agarrou-o pelas axilas, pô-lo de pé em cima da cadeira e deu-lhe duas valentes bofetadas na cara. Depois meteu-lhe uma mão no bolso dos calções e apoderou-se da bomba de Ventilan.

- Estás a vê-la? - disse, com voz firme. - Olha bem para ela, porque a partir deste momento nunca mais a vês. - E atirou-a pela janela fora.

- Agora vai depressa mudar de roupa e depois volta aqui para comeres o arroz e os camarões. Nunca mais quero ouvir falar de asma, de spray para a asma, de ataques de asma. Acabou. Fiz-me entender? - Voltou a pô-lo no chão e empurrou-o para fora da cozinha.

- Vou morrer. E vou ficar-te a pesar na consciência - disse Luca, com um olhar ameaçador.

- E nós vamos fazer-te um rico funeral, como o do Cip e do Ciop.

- E se não morrer vou ficar tão doente que vais ter de me levar ao hospital - insistiu o miúdo.

- Muito bem. Assim ficas com a avó Maria. E ficas lá tanto tempo quanto ela ficar - decretou Andrea. - E olha que vai ser muito.

Poucos minutos depois, Luca apresentou-se à mesa.

Tinha-se mudado e penteado. Ainda se lhe viam na cara as marcas vermelhas das bofetadas. Voltou a ocupar o seu lugar e comeu o arroz todo, até ao último grão, e os camarões.

Depois olhou o pai nos olhos e disse: - Nunca mais te digo nem uma palavra enquanto fores vivo, e nunca mais durmo na cama grande contigo. - Desceu da cadeira e, seguido por Sansone, fechou-se no quarto.

- Eu vou à farmácia comprar-lhe o Ventilan - anunciou Lucia. Andrea não fez comentários. Estava incomodado por ter dado aquelas bofetadas ao filho. Esperava ardentemente que a sua firmeza pudesse servir para acalmar as crises ansiosas do pequeno.

Foi trabalhar com o coração cheio de amargura. Quando regressou a casa, pouco depois da meia-noite, viu a sua cama vazia. Sentiu-se só. Pensou na mulher, que lhe atirara com uma família para gerir. Sentou-se à escrivaninha. Pegou num papel e numa caneta e começou a escrever uma carta em que andava a meditar há dias.

30 de Maio

Querida Pénelópe,

Estive calado durante alguns dias na tentativa de digerir a tua traição. Não consegui. Passou a fúria, mas não a amargura. Sei que nunca te facilitei a vida, mas que necessidade havia, ao fim de tanto tempo, de me dizeres que te apaixonaste por um homem fantástico? Só o rancor te pode ter levado a esta confissão tardia. Se a tua revelação não foi ditada pela perfídia, o que te levou a fazê-lo?

Tenho sido um companheiro transgressor e um pai ausente. É verdade. Talvez a tua fuga fosse mesmo necessária. Tive oportunidade de pensar, de reflectir, de procurar em mim próprio as razões de tantas atitudes minhas infantis e tolas. Compreendi como te feriram os meus ataques de fúria, a minha incapacidade de ter um confronto razoável contigo e com os nossos filhos. Até percebi a causa de certos comportamentos irracionais que agora, a custo, tento controlar. Se não tivesses ido embora, deixando-me perante os factos, em vez das palavras, provavelmente não chegaria nunca a tomar consciência de um mal-estar que vem de longe. E, portanto, estou-te muito grato por isso.

Mas se é verdade que, durante anos, te feri e te humilhei, é igualmente verdade que tu retribuíste as minhas culpas disparando sobre mim à queima-roupa, como um assassino impiedoso. Deixaste-me definitivamente prostrado.

Minha muito amada Pénelópe, tenho de dizer uma verdade irrefutável: só amei uma mulher. Tu. E perdi-te para aquele detestável Raimondo Maria Teodoli de San Vitale, que um raio o fulmine. Neste momento, se ainda consideras que erraste por o teres deixado a ele para continuares a viver comigo, estou pronto para te dar o divórcio, assumindo todas as culpas.

Não quero chegar à idade do teu pai contigo a fugir para seguires um amor antigo.

Andrea

Depois de ter recuperado o melhor possível a casa da avó Diomira, Pénelópe deu-se conta de que não tinha mais nada que fazer. Passou em revista a casa, da cave até à torre, procurando inutilmente uma maneira de empregar o seu tempo. Estava tudo limpo e ordenado. O seu colete de salvação tinha-se esvaziado e ela esbracejava no mar instável da sua solidão.

A sua fuga estava a produzir frutos no seio da família. Naquilo que lhe dizia respeito, tinha-a ajudado a compreender que devia absolutamente encerrar o assunto com Mortimer. Mas não sabia como. Será que bastava pegar no telefone, marcar o seu número, ouvir a sua voz e dizer-lhe: "Acabou"? Não fazia sentido. Depois de desligar o telefore, encontrar-se-ia no mesmo ponto. Tinha de voltar a estar com ele, olhá-lo nos olhos, falar-lhe de si. Devia fazê-lo sentir que aquela história estava realmente acabada. Não haveria hipótese de reconsiderar. Mortimer estava no seu coração, mas Andrea e os seus filhos estavam na sua vida, para sempre. Ao restaurar a casa, quis conservar o velho telefone preto de parede. Entrou então no vestíbulo, decidida a telefonar-lhe. Levantou o auscultador e depois achou que faria melhor se tomasse primeiro um café.

Foi à cozinha e pôs a máquina ao lume. Ouviu tocar a campainha. Chegou-se à janela. Era o seu vizinho.

- Posso entrar? - perguntou o professor.

- Sentiu o cheiro do café, verdade? - disse ela, accionando o trinco eléctrico.

O homem avançou ao longo do caminho. Pénelópe foi ao seu encontro.

- Apesar de saber que tu estás aqui em casa, o carteiro insiste em meter a tua correspondência na minha caixa - explicou, estendendo-lhe um maço de cartas. Ela pousou-as em cima da mesa redonda

do vestíbulo. Depois foi à sua frente, em direcção à cozinha. - Sabes que o médico me proibiu de tomar café? - anunciou, como se se tratasse de uma proibição escandalosa.

- Desde quando? - perguntou ela, enquanto punha em cima da mesa duas bonitas chávenas de porcelana russa, em azul e ouro, que era tudo o que restava de um serviço completo da avó.

- Desde ontem. Tive uma tontura. A Isabella ficou preocupada. Chamou o Fantini, que me fez uma consulta muito cuidadosa. Por fim, disse: "Nada de café, nada dé vinho, nada de comidas com molho, e tome estes comprimidos para a tensão". Estás a perceber, minha menina, como e que estão as coisas? - Isabella era uma mulher da aldeia que trabalhava em casa dele e Fantim era o velho médico que tinha tratado da avó, da mãe, dela própria e também dos seus filhos, quando ficavam doentes durante o Verão.

- E então? - perguntou ela, sem saber se havia de servir o café também a ele.

- Entretanto não posso recusar o teu convite. Por isso, vou tomar. Para além do mais, gostava de conversar contigo sobre este assunto: será justo proibir estes pequenos pecados a um homem da minha idade? Percebes, o meu objectivo não é chegar aos noventa anos, como a minha mãe. Se continuar a tomar café e tudo o resto significa abreviar a minha vida, eu digo que está bem. Cada um de nós tem direito à sua própria dignidade. Estas renúncias são uma maldade. Lembro-me de quantas vezes o Fantini dizia à tua avó: "Chega de cigarros". Ela nunca o ouviu. Sem fumar, se calhar, tinha vivido mais tempo. Mas como? Em que condições? É correcto acrescentar anos à vida, como se se tratasse de uma competição de resistência? Mais meia colherzinha de açúcar. Sabes que gosto dele doce. Muito obrigado, querida. Portanto, estava a dizer-te que pensei muito, ontem à noite, em tudo isto. E depois telefonei ao Fantini e expus-lhe estas dúvidas. O Fantini, como tu sabes, é um grande amigo. No geral, declarou que estava de acordo comigo. Mas! Há sempre um "mas", quando se tenta fazer valer as próprias razões. "Mas" disse ele, "com a tensão alta corres o risco de uma isquemia cerebral. Isto, trocado em miúdos, quer dizer uma paralisia. Queres correr esse risco?". Eu digo que não, que não quero correr esse risco. Gostaria de acabar os meus dias de repente, como aconteceu com a minha mãe e com a tua avó. O que é que tu achas? - perguntou, enquanto levava aos lábios a chávena de café.

- Eu gostava que o senhor não morresse nunca. Sempre que uma pessoa querida se vai, leva também com ela uma parte da minha vida - replicou.

Veio insinuar-se entre as suas pernas uma gatinha grávida a miar.

- Arranjaste um gato? - perguntou o professor.

- Ela é que me arranjou a mim. Andava por aí há uns dias às voltas no jardim. Eu dava-lhe de comer e de beber. Depois dei-me conta de que estava grávida. Então preparei-lhe uma cesta, por baixo da marquise, e forrei-a com uma velha camisola de lã. Acho que vai ali dar à luz - explicou.

- Pois é, agora está a queixar-se. Talvez precise de ti - preveniu-a. Levantou-se e saiu da cozinha. - Muito obrigado pelo café. Encontrei uma solução para a ameaça do Fantini: vou tomar os comprimidos, mas não me vou privar do vinho, dos molhos nem do café - concluiu.

A gata seguiu-o até ao jardim. Pénelópe fechou o portão. Agora ia telefonar a Mortimer. Marcou o número da sua casa, em Milão. O empregado espanhol informou-a de que o médico estava em Bérgamo.

Então telefonou para o palácio de San Vitale.

- Que bom ouvi-la, minha senhora - exclamou Cesira. - Já lhe passo o Sr. Doutor.

Poucos instantes depois, ele disse: - Olá, Pepe. - Preciso de te ver - respondeu ela.

- Quando quiseres.

- Estou em Cesenatico. Preciso de três horas para chegar aí. - Podes vir a qualquer momento.

- Vou fechar a casa e parto já. - Estou à tua espera.

Pénelópe pousou lentamente o auscultador no suporte. Deu a volta à casa para fechar as portas e as janelas. Ouviu o queixume da gatinha. Correu até lá fora e encontrou-a na cesta. A pequena vadia olhava-a com olhos suplicantes. Ia dar à luz e estava a sofrer. Então ela acariciou-lhe o ventre como Mortimer tinha feito com ela, quando estava para dar à luz o seu filho Luca.

A TERCEIRA GRAVIDEZ

Penclope regressou a casa ofegante pelo esforço de pegar em dois grandes sacos de plástico cheios de compras. Tinha entrado no nono mês de gravidez e tinha engordado dez quilos. O telefone estava a tocar. Pousou os sacos no chão e precipitou-se para atender. Era o marido que lhe ligava do jornal.

- Pepe, convidei, para esta noite, o Moscati e a mulher. Prepara qualquer coisa especial, como tu sabes fazer. Vê lá, ajuda-me a fazer boa figura.

Ela estava com uma respiração rápida e as pernas inchadas, porque fazia muita retenção de líquidos. O professor Viviani, que a acompanhava desde o início, tinha-a tranquilizado. O menino estava óptimo. Ela só precisava de ser mais rigorosa com a dieta. Mas não conseguia renunciar a algumas incursões furtivas à pastelaria da esquina, onde se consolava de éclairs de baunilha e chocolate.

- Logo hoje? Estou tão cansada, Andrea - respondeu, na tentativa de um tímido protesto.

- São só onze horas da manhã. Tens o dia todo para descansar, e logo à noite vais estar em grande forma. Confio em ti. Um beijo - disse ele, desligando a chamada.

Pénelópe deixou-se cair, exausta, numa poltrona. Libertou-se dos sapatos que continham com dificuldade os seus pés inchados. Emitiu um suspiro de resignação. Ainda tinha de fazer as camas. Havia um cesto de roupa para meter na máquina de lavar. Era preciso preparar o almoço e ir à escola buscar Daniele e Lucia. E depois tinha de cozinhar durante toda a tarde para apresentar um jantar decente. Tudo menos o dia todo para descansar! Andrea estava preocupado apenas em fazer boa figura com o seu director e a gentil consorte, que continuava a enganar com Diana Vacarrussa. Queria que Moscati visse a sua bela casa, que apreciasse os bons pratos que Pénelópe sabia preparar. O facto de tudo isto ser produto do cansaço de Pénelópe era absolutamente secundário. Para arranjar o novo apartamento, Pénelópe tinha esgotado todos os ganhos vindos dos direitos de autor de Suspiros. Naquele momento, apesar de ter uma extrema necessidade de ajuda doméstica, sabia que não se podia dar a esse luxo. Assim, continuava a aguentar com as suas forças o peso da família.

Preparou um jantar com o melhor das suas capacidades. Depois deitou Damele e Lucia, recomendando-lhes que se portassem bem porque o pai tinha visitas importantes. Pôs a mesa na sala de jantar com a toalha de linho de Flandres, os pratos de porcelana e os preciosos copos de cristal que tinham pertencido à avó. Os talheres de prata inglesa tinham idêntica proveniência.

Moscati, que era um napolitano de origem proletária, e a mulher, milanesa de origens modestas, nem sequer se deram conta do requinte daquele serviço.

Durante todo o tempo, Pénelópe arrastou o seu peso da cozinha até à sala de jantar e vice-versa, enquanto Andrea conversava amavelmente com os hóspedes, lhe dava ordens e ignorava obtusamente o seu cansaço.

Mas a mulher de Moscati disse a certa altura: - Minha querida, pareces-me um bocadinho cansada.

Aquele comentário soou a brincadeira. A senhora nem sequer se tinha dignado a ajudá-la a levantar a mesa. E, no entanto, via-a curvar-se, vergada pelo peso da grande barriga. Ela nem se preocupou em responder-lhe. Enquanto Andrea formulava um novo pedido - servir o café e aquele whisky escocês de doze anos - Pénelópe avançou ao longo do corredor, entrou no quarto e estendeu-se na cama. Estava exausta e sentia umas guinadas surdas e dolorosas que lhe atormentavam as costas.

Andrea escancarou a porta do quarto.

- Será que enlouqueceste? Nós, ali, à espera do whisky e do café. O que foi que te deu para nos largares...

- Telefona ao professor Viviani. Diz-lhe que me parece que estou com contracções - disse ela, arquejante.

Uma hora depois estava na sala de partos da Clínica.

O professor Viviani não estava. Tinha ido a Viena, a um congresso. Mas estava uma obstetra que discutia com o ginecologista de serviço porque este afirmava que o bebé não estava na posição correcta para sair.

- É um parto prematuro - disse o ginecologista. - Vai demorar horas até que a senhora dê à luz - explicou a Andrea.

Mais uma vez, Daniele e Lucia tinham ficado em casa sozinhos, em plena noite.

- Vai ter com eles, por favor - suplicou Pénelópe ao marido. Andrea estava ansioso e transtornado.

- Pepe, desculpa-me. Fui um egoísta, como sempre. Estava tão preocupado com as visitas que me esqueci do teu estado. Sinto-me um verme.

- Deixa lá. Agora trata das crianças. Vai depressa ter com eles - recomendou-lhe.

- Para quê? Eles já são crescidos. Para além do mais, felizmente, estão a dormir - protestou ele. - E depois, este que está para nascer também é meu filho.

- Sim, mas para já o assunto é só meu. Vai embora, Andrea. Eu já tive dois filhos. Sei como são estas coisas. Sinto que este trabalho de parto vai demorar muito. Vai depressa para casa - ordenou-lhe. A obstetra anuiu. Pertencia à velha escola, segundo a qual o parto é um problema exclusivo das mulheres. Os pais, na sala de partos, incomodavam-na muito, apesar de ter que mostrar boa cara porque estas eram as novas regras.

Assim que Ándrea se foi embora, ela inclinou-se sobre a parturiente e acariciou-lhe os cabelos.

- Ouça, minha filha - disse num sussurro -, eu não estou a ver este parto muito bem parado, com o Dr. Botti perdido de bêbedo.

- Fiquei enjoada assim que senti o seu hálito alcoólico - confirmou Pénelópe.

- Por isso tomei a liberdade de chamar o doutor Teodoli. É o melhor, aqui dentro. Encontrei-o em casa, felizmente. E como está perto, não demora a chegar. Com ele, fico mais sossegada e a senhora vai estar em óptimas mãos.

Aquilo é que não era preciso. Pénelópe e Mortimer tinham-se separado já há um ano. Com que ânimo a ia ajudar a dar à luz o filho que tanto desejava ter dela?

- Não devia - protestou debilmente.

- Minha filha, eu trabalho aqui dentro há uma vida. já vi de tudo, entre médicos e doentes. Botti é uma pedra no sapato que aguentamos há anos. Por isso os médicos estão alerta, quando ele está de serviço. Dentro de pouco tempo vai chegar a pessoa certa para a ajudar. Olhe, já aqui está - disse com alívio, enquanto Mortimer entrava no quarto. Ele viu o rosto inchado e sofredor de Pénelópe. Sorriu-lhe. Destapou o ventre enorme, pousou uma mão no seu regaço e acariciou-a. Pénelópe tinha os olhos fechados. Fazia uma respiração curta, inspirando pouco ar com muita frequência. As carícias do médico na sua barriga deram-lhe algum alívio.

- Estás três semanas adiantada em relação à data prevista - disse. E acrescentou: - É evidente que este menino está com muita pressa de nascer. - Mortimer sabia desta gravidez, porque Pénelópe lhe tinha escrito. Ele, porém, deixou passar algumas semanas antes de dar sinais de vida.

- Como é que vai a gravidez? - perguntou-lhe. Conhecendo-o, Pénelópe sabia o que lhe devia custar aquele tom aparentemente asséptico. O facto de ela ter engravidado implicava uma serenidade reencontrada na sua relação com o marido.

- O Dr. Viviani diz que está tudo bem. E tu, como estás? - perguntou, por sua vez.

- Acabei de chegar de Boston. A minha mulher voltou a casar e quis-me como padrinho - explicou.

- Foi difícil?

- Foi muito divertido. A Katherine sabe ser espirituosa. Assim, tinha-lhe transmitido uma outra mensagem. Agora ele era realmente um homem livre. Ela, pelo contrário, tinha-se comprometido com uma nova gravidez.

- Eu não. Não sei ser espirituosa em situações deste género. Nem tu - disse.

Agora Mortimer estava inclinado sobre ela, tocava-lhe o ventre com aquelas mãos que tinham verdadeiramente o poder de a fazer sentir-se melhor, e falava-lhe com doçura.

- Parece-me que o bebé está em óptima posição. A monitorização cardíaca diz-me que está bem. As contracções estão cada vez mais frequentes. Pepe, parece-me que chegou a hora. Vou levar-te para ali. O teu filho está quase a nascer - declarou com uma voz alegre.

Na sala de partos já os esperavam a obstetra, duas enfermeiras e o neonatologista. Mortimer deu-lhe uma anestesia local e em seguida fez-lhe uma pequena incisão na vagina para facilitar a saída do bebé sem provocar uma laceração à mãe.

- Força, Pepe. Faz força - estimulou-a. - Assim, muito bem. já estou a ver a cabeça. Mais força, querida. - Aquele "querida" saiu-lhe e nem sequer deu conta. A obstetra reparou naquelas três sílabas pronunciadas com amor. Trabalhava com ele e conhecia as suas expressões habituais com as parturientes. Era sempre terno e decidido. Mas nunca tinha chamado "querida" a nenhuma delas. A mulher segurou a cabeça do bebé que estava já toda de fora. Mortimer pousou os antebraços sobre o abdómen de Pénelópe e exerceu uma forte pressão para a ajudar a expulsar o filho. Pénelópe estava coberta de suor, dilacerada pelas contracções, mas puxou com todas as suas forças.

Foi ele que o recebeu quando, com um último impulso, saiu do ventre da sua mãe, e entregou-o à enfermeira para o limpar. Depois pousou-lho entre os braços. Era um bebé lindíssimo. O neonatologista observou-o rapidamente. - Não precisa de incubadora - disse. E voltando-se para Pénelópe, acrescentou: - Parabéns, minha senhora. Teve um belíssimo bebé.

Pouco depois expulsou a placenta. Por fim, Mortimer coseu-a. Depois passaram-na para uma maca para a levarem para o quarto. - Podem levá-la para cima - disse o ginecologista.

- Tenho frio - queixou-se Pénelópe quando chegou ao quarto. Era sempre assim quando dava à luz. Primeiro tinha arrepios de frio e tremuras por todo o corpo. Depois chegava a paz e, com esta, as lágrimas.

Estava a chorar quando Mortimer entrou no quarto. já tinha tirado a bata. Trazia a mesma roupa daquele domingo de dois anos atrás, quando a tinha levado a Bérgamo pela primeira vez.

- Quero dizer-te que te portaste muito bem - começou ele, pegando-lhe numa mão e pousando-lhe um beijo ligeiro.

- Tenho algum treino. Na quarta gravidez vou ser quase perfeita - tentou brincar.

- Não queiras brincar a todo o custo. Chora tranquilamente, com todas as tuas lágrimas. Vais demorar alguns dias, já sabes, a sair da depressão.

- Eu sei. Mas isso não impede que eu me sinta horrivelmente. Chegaste mais uma vez, exactamente no momento em que precisava de ti - sussurrou por entre as lágrimas.

- Parece que, apesar da nossa boa vontade para nos mantermos separados, o acaso nos volta a pôr outra vez no mesmo caminho - disse ele, com um sorriso melancólico. Entrou no quarto uma enfermeira com gaze e desinfectante para limpar o seio.

- Agora vamos trazer-lhe o bebé. Já sabe como agarrá-lo ao mamilo, não é verdade?

Pénelópe anuiu. Ficaram outra vez sozinhos e Mortimer recuou dois passos, em direcção à porta.

- Escolhe um nome para o menino. Tens o direito - disse Pénelópe.

Ele abanou a cabeça.

- Não me envolvas para além das minhas possibilidades - respondeu.

- Ainda passas cá para me veres? - perguntou. - Já não precisas de mim, Pepe.

Quando lhe trouxeram o filho, ela aproximou do seio a pequena boca sequiosa de vida. Sorriu por entre as lágrimas.

- Vou chamar-te Luca, como o evangelista. Era médico e pintor. Talvez venhas a ser um artista, ou um bom médico. Tal como o Mortimer - sussurrou.

Continuou a acariciar a gatinha, que a olhava com uns olhos cheios de reconhecimento. Nasceram quatro filhotes, pretos e brancos como a mãe. Estavam molhados e cheios de fome. Tinham ainda os olhos fechados, mas o instinto guiou-os para os mamilos da mãe, que os alimentava e limpava com a sua língua áspera. - És uma mamã perfeita - consolou-a Pénelópe. - Um dia hei-de encontrar um nome que te fique bem. Colocou ao lado da cesta uma tigela com água. Depois chamou o professor, que estava no jardim.

- A gata teve quatro gatinhos - anunciou. - Deixei aqui algumas latas de comida. Será que pode dar-lhe uma olhadela, de vez em quando? - perguntou-lhe.

O professor aproximou-se do muro que separava os respectivos jardins.

- Como foi que disseste, minha querida? - Vou partir.

- Regressas a Milão?

- Não. Vou ver se devo saltar aquela famosa sebe - confiou-lhe.

- Óptima decisão, minha menina.

- É provável que volte hoje à noite. Mas se só chegar amanhã, quem vai tratar da minha gatinha? A comida está no parapeito da marquise. O senhor trata dela, professor?

- Conta comigo - garantiu o velho.

Entrou no carro, com a certeza de regressar a Cesenatico à noite. Mas não queria que o professor Briganti ficasse ansioso por causa dela, e por isso deu uma margem maior de tempo. Estava de novo em viagem. O seu estado de espírito, felizmente, era melhor do que quando deixara a sua família. Na solidão de Cesenatico tinha tomado uma decisão que permitiria que ela e Mortimer separassem definitivamente os seus destinos. Finalmente ia falar-lhe com a serenidade e o distanciamento de quem amadureceu uma convicção profunda. Aquilo que vivera com ele tinha sido um belíssimo sonho. Uma recordação magnífica para embalar durante toda a vida.

Enquanto conduzia, recordou o palácio barroco da Via Porta Dipinta, os magníficos frescos de Gian Giacomo Barbelli, no andar principal, as salas que se abriam sobre o pátio, os aposentos de Mortimer onde, durante muitos meses, tinha passado momentos de absoluta felicidade. Em Lodi, antes de entrar no desvio para Bérgamo, parou para meter gasolina. Aproximava-se um temporal. Mal entrou no carro, caíram as primeiras gotas grossas de água suja de areia. Parecia que a chuva lhe preparava uma emboscada de cada vez que decidia partir. Quando passou a portagem de Bérgamo, o temporal tinha-se afastado para oeste. Percorreu até ao fundo as longas rectas da cidade nova e depois começou a subir em direcção à cidade alta. Passou pela antiga porta encimada pelo Leone della Serenissima e deixou o carro no estacionamento pago, não muito longe do palácio dos Teodoli.

Pegou na carteira e saiu para uma pequena praça. Avançou por uma pequena rua tortuosa, ladeada por palacetes antigos e jardins debruçados sobre os velhos muros.

Quando surgiu a silhueta imponente do palácio San Vitale, parou para tomar fôlego. Estava quase a encerrar para sempre um capítulo muito importante da sua vida. Estava emocionada. Quando se encontrasse com Mortimer, dir-lhe-ia: "Arranja uma família. Casa-te e não penses mais em mim".

Respirou fundo e, com um passo decidido, atravessou o átrio. Mortimer estava sentado na beira da fonte, no meio do pátio. O grande Neptuno dominava-o com a sua imponência e, com o braço que segurava o tridente, parecia dividir a zona de sombra da ensolarada, onde a sebe de murta, com as folhas ainda tenras, brilhava, lavada pela chuva recente.

Ele tinha o cabelo muito curto. O rosto tinha emagrecido, as linhas perfeitas tinham adquirido uma maior agudeza. Trazia umas calças cinzentas, um pólo branco e um casaco azul. Sentiu o eco dos seus passos, levantou a cara e sorriu-lhe.

- Meu Deus, estás tão pálido - sussurrou ela, enquanto Mortimer a abraçava.

O seu último encontro tinha sido dois anos atrás. Tinham-se visto durante a estreia de uma comédia musical no Teatro Nuovo. O nome de Pénelópe era referido, no cartaz, entre os dos autores. Ela tinha escrito os textos das canções e estava ali, a gozar uma festa que também era sua, com Andrea e Lucia.

No primeiro intervalo, a meio do espectáculo, enquanto o público enchia os corredores, Andrea ficou na plateia a conversar com alguns colegas, críticos musicais. Ela e Lucia abriram caminho com

dificuldade por entre as pessoas para tentarem chegar ao bar e ouvirem, se possível, os comentários dos espectadores.

Apesar de ele estar de costas, reconheceu imediatamente Mortimer no meio da multidão. A sua figura imponente, a nuca sólida e a massa de cabelos escuros que lhe acariciavam o pescoço eram inconfundíveis.

- Vai ao bar. Pede o que quiseres e compra rebuçados - disse à filha. - Encontramo-nos na sala - acrescentou, metendo-lhe o dinheiro na mão sem dar explicações.

Ele, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, observava um dos muitos cartazes que forravam as paredes.

- Eu sei que não é o género de espectáculo que preferes - começou Pénelópe, tocando-lhe no ombro. - Por isso, agradeço-te duas vezes por estares aqui.

- Estou muito orgulhoso de ti - replicou ele, voltando-se para olhar para ela.

Ela estendeu-lhe uma mão que ele segurou firmemente na sua. Olharam-se durante muito tempo nos olhos e os seus olhares foram mais eloquentes do que as palavras. Não tinham deixado de se amar. Pénelópe libertou a mão que ele segurava, recuou um passo e, cheia de saudade, sussurrou: - Eu telefono-te, um destes dias. Agora, no pátio do palácio, enquanto se agarravam um ao outro, Pénelópe teve a sensação de abraçar o nada. Onde tinha ido parar aquele corpo sólido, bem estruturado e palpitante de vida que ela amara tanto? Porém, apercebeu-se ainda da intensidade do seu perfume.

- O que foi que te aconteceu? - perguntou-lhe, alarmada, escondendo a cara na cavidade do seu ombro.

- As pessoas mudam - respondeu ele, afastando-se dos seus braços. - Tu, felizmente, continuas a ser a rapariga bonita de sempre - acrescentou. Depois chegou aos seus lábios o sorriso que ela conhecia. - Mas eu gosto mais de ti assim. - Passou-lhe uma mão por entre os cabelos e despenteou-os.

- Oh, não! E eu que me tinha penteado com tanto cuidado. Já sabes como são as mulheres. Em frente de um homem, gostamos de nos apresentar no nosso melhor - brincou, e acrescentou: - Por que não me dizes o que foi que te aconteceu?

Parecia que ele não tinha vontade de lhe responder. Deu-lhe o braço e conduziu-a até ao interior do palácio. Subiram a escadaria que levava ao andar superior. Pénelópe olhou distraidamente para os retratos dos Teodoli e dos San Vitale. Já os conhecia de cor.

- Primeiro falas tu. Foste tu que me telefonaste a dizer que querias estar comigo - precisou.

Mas Pénelópe estava sem palavras. Tinha chegado até ali com o firme propósito de encerrar para sempre a história com ele. Agora sentia uma espécie de emoção e de desânimo que a impediam de se exprimir.

No primeiro andar veio ao encontro deles a mãe de Mortimer, que trazia pela mão um bonito rapazinho com uns grandes olhos escuros e risonhos.

- Olá, Pepe - cumprimentou, abraçando-a. - Tenho pena que tenhas chegado só agora, quando já todos foram embora. Sabes, tivemos cá a almoçar alguns colegas do Mortimer e o meu filho Riccardo com a família. Agora também eu vou embora e levo o Manuel comigo. Lembras-te, não é verdade, do pequeno Manuel? Falava-lhe como se a não visse apenas desde a véspera e não desde há sete anos. Na sua voz havia a vivacidade de outros tempos, mas parecia envelhecida e tinha nos olhos uma sombra de tristeza.

- Claro que me lembro. Era um menino deste tamanho - disse Pénelópe, referindo-se ao rapaz, filho dos empregados espanhóis que viviam com Mortimer na casa de Milão. - Olá, Manuel - sorriu. Depois dirigiu-se à senhora: - Se calhar apareci num momento pouco oportuno.

- Isso não me parece. Mandei a Cesira preparar o chá. Afastou-se com o rapazinho, enquanto ela e Mortimer entravam na sala de estar. A porta de vidro estava aberta sobre a varanda. Cesira preparava a mesa de acrílico transparente, sustentada por uma estrutura em aço, colocando chávenas, pratos com bolos e guardanapos de linho delicadamente bordados. Cumprimentou alegremente Pénelópe e depois retirou-se, deixando-os sós. Sentaram-se num pequeno divã coberto de almofadas forradas de pano-cru. Mortimer deitou chá nas chávenas.

- Suspiros? - perguntou-lhe.

- Ainda te lembras como eu gosto deles? - disse ela.

- Estão fresquíssimos. Foi a Cesira que os fez quando soube que cá vinhas.

- Fala-me de ti - pediu Pénelópe, antes de levar a chávena aos lábios.

- Tudo começou com um sinal na perna - sussurrou Mortimer, olhando o céu por cima do jardim. E acrescentou: - Há uma hora atrás ainda chovia. Depois voltou o sol para te receber.

- Continua - incitou-o.

- O saia-e-casaco que trazes vestido faz-me recuar no tempo. E vem-me à cabeça uma bonita rapariga que eu podia levar ao rio - gracejou, evitando falar de si.

- Anda lá, Mortimer. De qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde vou acabar por saber tudo. Era assim tão feio, aquele sinal? - Bastante. Explodiu há seis meses, disparando células anómalas para todo o lado. O resultado, estás a vê-lo - confessou, finalmente.

Pénelópe sentiu-se morrer. O homem forte, vital e fascinante que tinha conhecido já não existia. Mortimer olhava-a tristemente, viu-a empalidecer e recuperou o sorriso. Pegou num biscoito entre os dedos e meteu-lho nos lábios. - Diz-me se gostas - sussurrou. Pénelópe agarrou-lhe o pulso e segurou-o com firmeza, olhando-o desanimada.

- Por que é que eu não soube de nada? - perguntou-lhe.

A última carta de Mortimer datava de há três meses atrás. Falava-lhe de uma viagem a Paris, onde tinha ficado hospedado em casa da mãe e do padrasto. Contava-lhe um jantar no Procope, onde tinha encontrado alguns colegas, antigos companheiros da universidade. Fora escrita com palavras ligeiras, e o tom brincalhão não deixava transparecer o drama que estava a viver. Agora percebia que tinha ido a França para consultar algum especialista que lhe desse uma esperança. - Por que é que eu não soube de nada? - repetiu, agressiva.

Mortimer teve um movimento de impaciência.

- Achas que te devia ter telefonado ou escrito a dizer que estava doente? O que é que tu terias feito? Eu não preciso de lágrimas. A piedade irrita-me. A verdade aterra-me. Amo a vida, como tu sabes, minha querida Pepe.

Pénelópe levou as mãos à cara, como se quisesse pôr urna barreira entre ela e aquela terrível verdade.

- Tive dias difíceis - continuou Mortimer. - Consegui até chegar ao ponto de detestar as pessoas que mais me amam: a minha mãe, o meu irmão, os meus sobrinhos, os meus colegas. Sentiam-se

todos na obrigação de me consolarem. Alguns deles, ainda hoje, tentam minimizar as coisas. São mentiras que me irritam.

Pénelópe abraçou-o num impulso, com os olhos húmidos de choro.

- A morte não tem amigos. Escondi-te a minha situação. Não queria que soubesses. Depois tu telefonaste-me. Disseste que querias estar comigo. Deveria ter-te respondido que não era uma boa altura. Mas, por fraqueza, cedi. Estou feliz por voltar a ver-te - disse Mortimer, encostando-a a si.

- Meu amor - sussurrou Pénelópe, e acrescentou: - Vim para te dizer que não devias continuar à minha espera, que devias arranjar uma família. Se não nos tivéssemos separado, talvez não tivesses adoecido.

- Aquele sinal já existia muito antes de te encontrar. Nunca lhe tinha ligado. Não te deixes apanhar pelos sentimentos de culpa. Ias meter-te por um caminho muito mau. E, desta vez, não te poderia oferecer um ombro para te encostares.

Tinha caído a noite e levantavam-se rajadas de ar fresco que iam trazer mais chuva. O chá arrefecia nas chávenas. Pénelópe teve um arrepio.

- Vamos para dentro - sugeriu ele.

Entraram na grande sala de estar, onde Cesira tinha posto bem à vista, em cima de uma mesa, uma taça de cerejas.

- São do nosso pomar. Queres? - perguntou Mortimer.

- Talvez mais tarde. Agora gostava de descansar - respondeu. De repente, sentia-se cansadíssima, sem forças.

- Se te quiseres mudar, ainda encontras no quarto as tuas roupas - informou-a.

- Durante todos estes anos... - sussurrou ela, sem acabar a frase.

- Sempre esperei que voltasses - anuiu com uma careta, entre o riso e o choro.

Pénelópe estava angustiada, e a ideia de retomar a viagem para regressar a Cesenatico parecia-lhe insustentável.

- Achas que posso passar aqui a noite? - perguntou, hesitando.

- Eu já estava a contar que ficasses - replicou ele.

Pénelópe penetrou nos aposentos de Mortimer e entrou no quarto que habitualmente ocupava. Não tinha mudado nada desde que ali estivera pela última vez. Por todo o lado reinava a mesma ordem meticulosa, o mesmo perfume, e as poucas roupas que ali deixara estavam ainda penduradas no armário. Finalmente só, Pénelópe explodiu num pranto libertador. Depois entrou na casa de banho. Havia uma banheira com hidromassagem. Aquilo era novidade. Encheu-a de água, despiu-se e estendeu-se naquele pequeno mar que fervilhava de borbulhas.

- A água que ferve - sussurrou, recordando o quiosque de bebidas ao lado do cinema Arena de Cesenatico. Tinha dezasseis anos e, nas noites de julho e Agosto, trabalhava como ajudante no bar, com um grande desapontamento da avó e os suspiros resignados da mãe. As crianças, antes de pisarem a areia estival, estendiam-lhe quinhentas liras e diziam-lhe: - Pepe, dá-me uma garrafa de água, daquela que ferve. - Referiam-se à água mineral gaseificada.

Naqueles anos, ela e as suas amigas interrogavam-se muitas vezes sobre o seu futuro. Sofia dizia: - Eu vou ser uma senhora, como a minha mãe. - E aquilo queria dizer que nas suas aspirações estava um bom casamento, e que continuaria a viver na Via Cappuccini, que passaria os seus dias a jogar golfe e as noites a jogar bridge. Donata elaborava projectos sobre a sua actividade como astróloga: - Vou casar-me com um homem que possa ser um bom pai para os meus filhos e abro um consultório. Vou ter uma clientela importante e uma existência muito serena.

Pénelópe suspirava: - Eu só queria estar sempre apaixonada. Naquela época tinha quase a idade da sua filha Lucia.

Saiu da banheira. Num pequeno armário encontrou um creme hidratante para o corpo e outro para a cara. Secou rapidamente o cabelo e vestiu umas calças de linho azul e uma camisa de seda branca.

Voltou à sala de estar. Atravessou a porta que dava para a varanda e viu Cesira a arranjar a mesa em que tinha servido o chá. No céu, grandes nuvens escuras anunciavam mais chuva.

- O Sr. Doutor foi descansar - informou-a, indo ao seu encontro.

- Mas são quase horas de jantar - objectou Pénelópe.

- Teve um dia muito cansativo. Ultimamente cansa-se com qualquer coisa - comentou, abanando a cabeça. Depois disse: - Estou a fazer uma sopa de legumes e uns fritos de abóbora. Parece-me que gostava muito deles. Quando quiser jantar, é só dizer, minha senhora.

- Vou esperar que o Sr. Doutor se levante - replicou, sentando-se numa poltrona. Parecia-lhe estar a viver um sonho mau. Sobre aquele grande palácio, tão bonito e confortável, onde em tempos tinha passado horas de prazer intenso, tinha descido a sombra da morte.

- Nem sequer provou as nossas cerejas. E o Tito que as apanhou de propósito para si - censurou a velha empregada.

- Lamento muito, mas fechou-se-me o estômago - desculpou-se Pénelópe.

- Eu entendo. Mas hoje a senhora está aqui outra vez e parece-me que ele está muito contente. A minha senhora quase nunca o deixa só. Os amigos vêm muitas vezes visitá-lo, mas até quase parece que o incomodam - disse, antes de sair do quarto.

Pénelópe viu cair uma chuva fina e sentiu na pele o sopro gelado da solidão. "A morte não tem amigos" tinha dito Mortimer, pouco antes. Palavras cruas que exprimiam substancialmente uma grande verdade. Deu um murro no braço da poltrona, num gesto inútil de desespero. Não conseguia aceitar aquela realidade tão cruel.

Saiu da sala, regressou aos aposentos de Mortimer e entreabriu a porta do quarto. Em cima da mesa-de-cabeceira, o candeeiro estava aceso. Ele dormia. Aproximou-se da cama nas pontas dos pés.

Da dobra cândida do lençol emergia um braço nu, com uma musculatura ainda harmoniosa.

Agachou-se no tapete, ao lado dele. Ouviu a sua respiração, enquanto espreitava a sua cara, assim como fazia com os seus filhos quando estava em cuidado por causa deles. Aproveitava o sono para estar perto deles, para poder olhar para eles, sentir o seu cheiro e imaginar os seus sonhos. A ternura inundou-lhe o coração. De repente, Mortimer mexeu o braço e pousou-o sobre o seu ombro.

- Já sabia que vinhas - sussurrou. - Acordei-te?

- Sinto-te perto e parece-me que o sonho continua – disse ele.

- O que foi que sonhaste? - Pénelópe pôs-se de joelhos e pousou a cabeça na almofada, ao lado da sua.

- Uma coisa bonita e estranha. - Conta.

- Estava num bosque de árvores muito altas e caminhava num terreno coberto de folhas. Estava escuro, à minha volta, e eu tinha medo. Depois levantei os olhos e vi uma girândola de luzes que tinha

as cores do arco-íris. Experimentei uma sensação de alegria absoluta, só comparável àquela que sentia quando fazia amor contigo.

- Estás a dizer-me uma coisa lindíssima - sorriu ela.

- Deste-me uma prenda esplêndida ao vires aqui - sussurrou ele. E abraçou-a.

Então Pénelópe despiu a camisa, tirou as calças e deslizou para dentro da cama, encostando o seu corpo ao de Mortimer.

- Sabes que eu também nunca tinha sentido um prazer tão intenso e perfeito antes de te conhecer - confessou-lhe. E acrescentou: - Acho que tu és a outra metade da minha maçã.

Mortimer sorriu, enquanto ela começou a despi-lo com gestos lentos e delicados. Sentia sob os dedos a leveza daquele corpo tão amado que conservava uma robustez macia e o perfume que ela conhecia. Queria com todas as suas forças que Mortimer sentisse, mais uma vez, o prazer da vida.

Ouviram cair a chuva enquanto ela o acolhia dentro de si. Depois choraram juntos, muito encostados um ao outro.

- Lembras-te, meu amor, de quantas vezes fomos felizes nesta grande cama? - perguntou Pénelópe, num sussurro.

- O milagre repetiu-se mais uma vez - disse ele. - Valeu a pena esperar por ti. - E cobriu-lhe o rosto com muitos beijos, até que ela adormeceu.

Mortimer ficou imóvel, segurando-a nos seus braços. Quando a sentiu mergulhada num sono profundo, afastou-se dela, levantou-se e vestiu-se. Abriu o cofre de parede, escondido por baixo de um desenho de Gustav Klimt. Pegou numa caixa pequena forrada de pele escura. Abriu-a. Observou o anel de platina com um grande diamante rosa lapidado em marquise. Tinha sido da sua mãe. Deveria tê-lo oferecido à sua mulher, Katherine. Nunca o fizera. Há sete anos esperara inutilmente o momento oportuno para o enfiar no dedo de Pénelópe. Fê-lo agora, delicadamente, sem a acordar.

Depois inclinou-se sobre ela. Tocou-lhe os cabelos numa carícia. Apagou o candeeiro. Saiu do quarto. Foi à casa de banho e injectou um analgésico. Tinha suspendido a quimioterapia dois meses atrás. já não tinha motivos para prolongar, ainda que por pouco, a sua existência. Cesira estava a preparar a mesa para o jantar.

- Põe só um lugar, para a senhora - ordenou. Depois acrescentou: - Diz ao Tito que se prepare para me levar a Milão.

- Mas a senhora... - tentou objectar Cesira. - Está a dormir.

- E quando acordar?

- Vai perceber - disse ele. E não havia realmente mais nada a acrescentar.

Pénelópe acordou sobressaltada, tomada por uma sensação de angústia. Pensou que tinha tido um pesadelo. Depois lembrou-se. Esticou uma mão na cama à procura de Mortimer. Não estava ali. Tacteando, encontrou o interruptor da luz, e, ao fazer aquele gesto, sentiu uma coisa pesada no anelar. O candeeiro da cómoda iluminou o quarto e a grande pedra que brilhava no seu dedo. Em cima da cómoda estava a pequena caixa de pele escura onde estivera o anel. Tinha de ter sido ele a oferecer-lhe aquele magnífico presente.

Foi à casa de banho refrescar-se, depois vestiu-se e entrou na sala de estar. Cesira estava a tricotar em frente da televisão, que transmitia um filme antigo.

- Descansou bem? - perguntou-lhe.

- Onde está o Sr. Doutor? - perguntou Pénelópe.

- Foram levá-lo a Milão. Ele disse que a senhora entenderia. - Que horas são? - estava transtornada e infinitamente triste. - São quase dez. Apetece-lhe comer alguma coisa? – propôs a empregada, abandonando o filme e o trabalho de lã. Ouvia-se o ruído da chuva nos vidros da janela.

- Vou comer aquelas cerejas que me ofereceu há bocado. - E acrescentou: - Acho que me vou embora também.

- Com este tempo?

- Cesira, tenho de sair daqui.

A mulher anuiu. Foi assim que Pénelópe saiu para sempre daquele palácio onde deixava uma parte importante da sua própria vida.

Chegou a Cesenatico a meio da noite. Continuava a chover e, ainda antes de entrar em casa, foi procurar a gata. Iluminou o vão das escadas com uma lanterna que tinha sempre no parapeito da marquise. A cesta estava vazia. Não havia vestígios nem da mãe nem dos seus filhotes.

- Fugiu! - sussurrou, cheia de desilusão. Dominada como estava pelo pensamento da morte, a perspectiva de encontrar aqueles gatinhos palpitantes de vida representava uma pequena consolação. "Porquê?", perguntou a si própria com amargura, enquanto abria a porta de casa. Acendeu as luzes todas, foi à cozinha e pôs ao lume uma cafeteira com leite e cacau. A avó Diomira, quando tinha uma contrariedade, consolava-se a beber leite com cacau. Ela fez a mesma coisa. Adoçou-o bem e deitou-o numa chávena. Entrou na sala de estar e sentou-se com ar pensativo naquela tão incómoda cadeira chippendale. Começou a beber o chocolate, sentindo-se completamente desprovida de qualquer tipo de energia. Esvaziou a chávena e, sem se dar conta, começou a baloiçar-se na cadeira, como fazia quando era pequena.

Ouviu a voz rouca da avó Diomira que lhe dizia: - Pénelópe, por amor de Deus, pára de baloiçar na minha chippendale.

Fechou os olhos. Reviu a avó sentada à sua frente, na poltrona de braços. Trazia o vestido de seda negra com flores brancas. Entre o indicador e o médio segurava o cigarro. Sentiu o seu perfume de pó-de-arroz, tabaco e Givenchy.

- Estou a sofrer muito, avó. E o teu chocolate não me deu grande conforto - sussurrou.

Pareceu-lhe que ela lhe respondia: - Quem te disse que a vida é um belo passeio? Eu não, com certeza. Se não sofreres, nem sequer podes dizer que estás viva. Uma miadela triste trouxe-a de novo à realidade. Pénelópe abriu os olhos. Na poltrona chippendale, no lugar de Diomira, estava a gata. Parou de baloiçar e olhou-a, dominada pelo espanto.

- Bichana, minha amiga! - exclamou. Inclinou-se para a acariciar, falando-lhe com doçura. - Para onde levaste os teus filhotes?

Sempre a miar, a gata avançou à sua frente até à marquise. No chão, num canto, por baixo do cadeirão de vime, tinha instalado os seus filhos em cima de uma almofada às flores caída de uma poltrona.

- Não gostavas da cesta lá fora. Não é assim? Tinhas medo que aparecesse algum gato mau a incomodar-te - considerou, comovida.

A gata enroscou-se em cima da almofada e aconchegou os gatinhos com as patas. Viu as suas cabecinhas trémulas procurarem o leite da mãe, que agora a olhava com orgulho. Então Pénelópe

ajoelhou-se ao pé dela e, finalmente, chorou todas as lágrimas que tinha retido. A soluçar, tirou do dedo o anel com o diamante e pendurou-o no fio que trazia ao pescoço. Havia de o trazer sempre consigo, assim como havia de conservar para sempre no coração a lembrança de Mortimer. Chorou por ela, por ele, pela ausência dos seus filhos, por aquele marido que nunca mais conseguiria amar como quando tinha vinte anos e pensava que ele ia ser o único homem da sua vida. Depois de tanto chorar, acalmou por fim.

- Tu tens mais sorte do que eu - sussurrou docemente para a gata. - Podes ter os teus pequeninos ao pé de ti. E estás-te nas tintas para aquele desgraçado do pai deles.

A gata fechou os olhos e adormeceu. Pénelópe apagou a luz e, ao passar pelo vestíbulo, reparou no correio que tinha abandonado em cima da mesa no dia anterior. Inspeccionou-o rapidamente. Havia recibos, facturas, publicidade e uma carta. Reconheceu a letra de Andrea. Não tinha intenções de a ler. Não naquela noite. Atirou-a distraidamente para cima do armário e não se apercebeu de que a carta foi parar entre a parede e as costas do móvel, desaparecendo da vista. Subiu ao primeiro andar e refugiou-se no quarto. Estendeu-se em cima da cama e, exausta, adormeceu imediatamente.

Acordou quando o sol de junho iá brilhava num céu de cristal. Desceu ao andar de baixo e só então se lembrou da carta do marido. Devia lê-la. Mas não a encontrou. Parecia ter-se dissolvido em nada.

Sofia regressou a casa quando faltava já pouco para a hora do jantar. Vinha de casa de Maria Donelli, onde tinha passado algumas horas com Lucia, a sua afilhada. Maria, com efeito, tinha tido alta do hospital em condições precárias e foi só por mérito do sentido de organização de Sofia que pôde regressar a casa, em vez de ser transferida para um dos muitos lares para idosos não auto-suficientes onde as pessoas como ela esperavam a morte.

Sofia arranjou o pequeno apartamento à medida de uma mulher gravemente doente do corpo e do espírito. Substituiu a sua cama por uma bem apetrechada e munida de grades para evitar que caísse. Descobriu uma mulher indiana, meiga e inteligente, que aprendeu imediatamente a dar-lhe assistência. Conseguiu um acordo com os serviços sociais e obteve a intervenção diária de uma assistente que se ocupava da higiene pessoal da enferma. Ela ia vê-la com Lucia em dias alternados. Daniele cobria os

outros dias. Andrea passava por casa da mãe todas as manhãs antes de ir para o jornal. Finalmente, Maria recebia aquilo que sempre tinha dado a todos: amor e dedicação.

Andrea sofria pelo mal-estar da mãe mas, sobretudo, não se conformava com a ideia de que o seu irmão Giacomo se tivesse desinteressado completamente dela.

- Deus há-de castigá-lo por este sacrilégio - comentou Sofia. - Isso não serve de consolação - replicou ele.

Naquela noite, depois de ter deixado Maria, Sofia acompanhou a afilhada a casa. Esta atacou o assunto que mais a preocupava: as férias de Verão. Com a leveza dos jovens, esquecera já a situação da avó, empenhada como estava nos seus próprios problemas.

- Também vais andar de barco neste Verão? - informou-se. - Com certeza. E espero agarrar pelos cabelos, os poucos que lhe restam, aquele verme a que tu chamas tio. - Referia-se a Silvio Varini, que se tinha afastado de casa há muitos meses para ir viver com uma jovem aluna.

Lucia conhecia as desventuras conjugais de Sofia que, evidentemente, se tinha casado com o homem errado. Ela não queria cometer um erro semelhante. Por isso mantinha em suspenso a relação com Roberto e a paixão por Carlos.

Queria reflectir, e por isso decidiu aproveitar as férias para ficar longe dos dois.

- Se tu me convidasses, iria contigo de boa vontade - declarou. Sofia reagiu com um gesto de nervosismo. Aquela ideia de Lucia era péssima. Ela tinha necessidade de uma certa intimidade para recuperar a relação com o marido e para o trazer de volta a casa.

- Receio que te possas aborrecer. Sabes, é que nós não vamos a discotecas nem a coisas do género. Para te dizer a verdade, os nossos dias são de um tédio mortal. Quando andamos a navegar, apanhamos sol. Quando atracamos, damos as banalíssimas voltas do costume pelas lojas e, à noite, arranjamo-nos para ir jantar aos sítios do costume e cumprimentar a gente do costume que também encontramos na cidade. Às vezes ficamos até tarde a conversar na ponte de um ou outro barco de amigos e finalmente vamos dormir naquelas cabinas tão incómodas que te dão saudades do teu quarto. Parecem-te uma férias assim tão excitantes? - Como é evidente, Sofia tinha insistido na tónica do tédio da vida num barco para afastar o perigo de uma intrusão. Depois, leu a desilusão no olhar daquela

rapariga a quem era tão afeiçoada e acrescentou: - Pensa bem. Se não te parecer assim tão aterrador um mês inteiro comigo e com o professor, fico contente por te levar.

Tinham-se separado neste ponto, e Sofia correu até casa para dar as últimas indicações a Tina, a empregada.

A mesa já estava posta e enfeitada, como sempre, com flores fresquíssimas e perfumadas, candelabros de prata, pratos de porcelana e copos de vidro soprado.

Na cozinha, a empregada lavava aipo, cenouras, corações de alcachofras e rabanetes, que o professor Silvio Varini gostava de comer temperado com um molho de azeite, sal e pimenta.

- Atenção, Tina. Só uma gota de azeite. Não podemos esquecer que o professor tem os triglicéridos altos - disse Sofia.

- Eu sei, minha senhora. Só limão, pouco vinagre, sal dietético e ervas aromáticas - disse a mulher, com tom paciente. Se dependesse dela, acrescentaria de boa vontade algumas gotas de arsénico na comida do professor e da sua amiguinha exuberante. No entanto, de cada vez que os dois se apresentavam para almoçar ou para jantar, ela tinha de pesar todos os condimentos na balança. E também tinha de receber das mãos dele, com um sorriso, um saco de roupa para lavar porque a sua amiga nem sequer sabia pôr a funcionar a máquina de lavar a roupa. Quanto ao ferro de engomar, a rapariga não fazia ideia de que tinha sido inventado. Ele desculpava-a com um ar divertido: - É tão nova! Ainda tem de ser moldada - dizia.

- No frango grelhado, deita uma pitadinha de sementes de sésamo. Fazem-lhe bem por causa do cálcio. E põe uma boa quantidade de tomate na salada, porque é muito rico em sódio - recomendou Sofia.

- Minha senhora, eu já sei de cor o valor dos triglicéridos, do colesterol e do açúcar do professor. Não se fala de outra coisa nesta casa - disse a mulher, perdendo a paciência.

- Tina, vamos ver se nos entendemos. Se não pensarmos nós nele, quem é que pensa? - perguntou Sofia. - A menina Capuozzo? - acrescentou com ar irónico.

Angelina Capuozzo era o nome da rapariga de vinte e dois anos com quem o "verme" tinha ido viver. Nascida num qualquer monte da Campânia, tinha crescido numa choupana no meio das cabras e das ovelhas. Tinha tirado um curso, "sabe Deus como", de educadora de infância e depois chegou a

Milão e inscreveu-se na universidade. Nem sequer se podia dizer que era bonita. Não tinha classe. Mas, por definição do professor, tinha um "olhar de fêmea" que o fazia enlouquecer.

De início, Sofia tinha-a recebido em casa, como costumava fazer com as anteriores alunas do marido, com elegância e uma ponta de condescendência. Em geral, tratava-se de jovens deslumbradas com o fascínio do grande académico, brilhante e extremamente bem preparado. Não se tinha ela também deixado deslumbrar, quando andava na universidade e assistia às suas aulas? O professor Varini era autor de textos cujas teses eram analisadas e discutidas nos meios académicos. Era declaradamente um homem de esquerda e os políticos seguiam os seus conselhos. Era muitas vezes convidado para debates televisivos. Em suma, uma figura conhecida, que gozava de certa fama. Era também de uma avareza extrema, que ele definia como parcimónia. E, segundo esta definição, preferia servir-se da empregada da mulher do que contratar uma e pagar-lhe.

Sofia dizia: - São as fraquezas dos grandes homens. - E desculpava-o.

A montanhesa da Campânia, e isto Sofia intuiu imediatamente, era um osso duro de roer. Assim, desde o início, tinha assumido toda a sua capacidade de simulação, tratando-a por "querida", enquanto que com o marido e com as amigas lhe chamava "a Capuozzo". Por nada deste mundo a trataria por tu nem lhe chamaria Angelina.

- Vou tomar um duche e mudar de roupa - anunciou Sofia. E, ao sair da cozinha, ordenou a Tina: - Se chegarem antes de eu estar pronta, serve um sumo de tomate. Com muito limão e pouco sal, para o professor. No da menina põe pimenta, muita pimenta. Dizem que destrói o fígado - declarou com uma voz muito doce. Aqueles jantares a três - ela, ele e a jovem amante - eram uma espécie de ritual semanal que se repetia há quase um ano. Efectivamente demasiado para a tolerância de Sofia, que tinha em mente aproveitar aquelas longas férias de barco para convencer o marido a encerrar definitivamente a história com a amiguinha. Assim, enquanto estavam sentados à mesa, Sofia, bela e altiva como sempre, anunciou: - Sabes, querido, aluguei o barco para o princípio de Julho. Com os dois marinheiros do costume, como é evidente. E alguns convidados de quem tu gostas muito.

- Quem são? - perguntou o professor com súbita curiosidade. - O ministro Frontini e a mulher. O senador Bellani e a mulher - precisou, com voz suave. E prosseguiu: - O Frontini só vai estar connosco na segunda metade de Julho. Alegou os seus deveres parlamentares. Será verdade? - perguntou, com

ar inocente. - Realmente, quando tu queres, consegues superar-te a ti própria - observou o professor, contente, e prosseguiu: - Com o Fróntim tenho mais do que um assunto para discutir. E também não é mau que lá esteja o senador - comentou, satisfeito. Então virou-se para a jovem companheira e disse: - Tens muito que aprender com a Sofia. Quatro semanas de barco connosco vão ser uma óptima aprendizagem.

Sofia empalideceu. Não estava preparada para receber aquela punhalada à traição. - Mas, meu querido, esta pobre pequena não pode de maneira nenhuma fazer parte do grupo. Como é que a íamos apresentar? - sussurrou, ostentando um sorriso que escondia lágrimas de raiva.

- Sofia! Nem te estou a reconhecer! De onde te vêm esses pudores do século passado? Somos todos maiores e vacinados. Que diabo! - disse o "verme", sorrindo à jovem, que olhou Sofia com ar de desafio.

- Como foi que disseste? - perguntou Sofia, pasmada.

- Estou a dizer que a Angelina vai connosco. Tu e ela, agora, fazem parte da minha vida - replicou o marido, com serenidade. Naquele ponto Sofia percorreu num instante todos os anos da sua vida de mulher afectuosa, fiel e tolerante, graças à educação que recebera. Tanto a sua mãe como a sua avó lhe diziam: "O matrimónio é um sacramento que apenas as mulheres têm de respeitar". Tinha visto o avô e o pai envolvidos em relações clandestinas perante as quais a avó e a mãe se calavam, fingindo ignorar. Os maridos, mais cedo ou mais tarde, regressavam ao curral com ar de ovelhas tresmalhadas. Agora, e só agora, Sofia se perguntou onde iam aquelas mulheres buscar tanta força para engolir tantos sapos com um sorriso nos lábios. Recordou todas as vezes em que tinha regressado a casa, ao apartamento vazio, tendo apenas Tina como interlocutora. Recordou dias, meses, anos de melancolia, de lágrimas solitárias, de esperas ansiosas, e deu-se conta da sua própria estupidez. Não ia mais permitir ao seu marido que lhe fizesse aquilo que o seu pai e o seu avô fizeram às suas mulheres. Ia aprender a viver para si própria e não em função de um marido egoísta e tolo. - Tinaaa! - gritou.

- Estou aqui, minha senhora.

- Pega no saco dos trapos que este verme trouxe e deita-o pela janela fora - mandou.

- Com muito prazer, minha senhora - anuiu a empregada.

- E tu, fora daqui, imediatamente! - ordenou ao marido com um tom que não admitia réplicas. Varini, literalmente desorientado, não entendeu a situação.

- Minha amiga, o que foi que te deu? Eu... eu não te estou a reconhecer. De um momento para o outro, tu... - balbuciava, assustado.

Angelina Capuozzo, pelo contrário, tinha percebido imediatamente o sentido da reacção de Sofia.

- Mas é muito simples. A senhora, finalmente, deixou de fingir. A mulher generosa, compreensiva, de vistas largas, tirou a máscara. Não entendes, Puccio?

Puccio! O docente ilustre que tinha já ultrapassado os cinquenta anos, estava quase careca e mostrava sinais de envelhecimento precoce, na intimidade com a pastora da Campânia tinha passado a Puccio! "A apoteose do ridículo", pensou Sofia, irritada por ter desempenhado o papel de capacho, mitificando as suas afinidades electivas.

- Eu disse fora! - repetiu Sofia. - Se não sais imediatamente trespasso-te com este garfo.

Estava cheia de uma cólera sufocada durante muito tempo e encostou-lhe à garganta, mesmo por cima da maçã-de-Adão, os dentes de um garfo de prata.

O professor Silvio Varini percebeu que tinha chegado o momento de mudar de táctica. Apercebeu-se de que tinha passado os limites ao propor à mulher a presença de Angelina no barco alugado para as férias. Ergueu as mãos num gesto de rendição, enquanto recuava cautelosamente em direcção à porta. Não queria de modo nenhum perder Sofia, até porque sem o seu apoio se sentiria perdido.

- De acordo, eu vou-me embora - condescendeu. E acrescentou: - Mas fica sabendo que te amo.

Tina tinha escancarado a porta de casa e estava em pé, muito direita, na soleira, transpirando satisfação pela demonstração de orgulho da sua patroa.

- Bastava que dissesses que não querias a Angelina connosco. já sabes que todos os teus desejos são sagrados. A Angelina é muito compreensiva e não vai connosco. Não é verdade, Puccia, que não vais? - A ideia de perder o encontro com o ministro e com o senador era-lhe intolerável. Assim como não queria perder as vantagens que lhe vinham do casamento com Sofia.

Naquele ponto, porém, a sua jovem aluna olhou-o com a mesma expressão com que se olha um objecto nojento.

- Vai pró caraças, imbecil! - sibilou.

Saiu de casa a saracotear-se enquanto Sofia, sorrindo, lhe dedicou um aplauso compassado.

- Parabéns, Capuozzo. Vinte valores, com distinção e louvor! - declarou. Logo a seguir bateu a porta de casa na cara do marido. Tina explodiu finalmente numa gargalhada libertadora.

- Muito bem, minha senhora. já não era sem tempo - não conseguiu impedir-se de comentar.

- Sim, já não era sem tempo - disse Sofia, com amargura. Entrou no quarto de vestir. Só queria pôr-se à vontade, vestir um pijama e ir para a cama.

Pensou em Pénelópe e em Donata, as suas amigas do peito. Ambas tinham despachado os seus maridos a poucos dias de distância. Seria aquilo uma doença contagiosa? Conhecia as razões de Pénelópe, mas agora estava disposta a admitir que Andrea era de longe melhor do que o "verme". As razões de Donata, pelo contrário, estavam ainda envoltas em névoa. Giovanni Solci era uma jóia de homem. Porém, alguma coisa devia ter corrido mal, se Donata o tinha deixado a meio da noite, levando também as filhas consigo. Mais cedo ou mais tarde, acabaria por descobrir a verdade. Agora estava na mesma situação que elas.

- Mas por que esperei eu tanto tempo antes de o pôr na rua? - interrogou-se, encolerizada. Depois admitiu que a razão pela qual tinha sido tão tolerante era o amor. Estava perdidamente apaixonada pelo professor Varini. Estava subjugada pelo seu fascínio, pela sua personalidade impetuosa, pela sua inteligência viva, pela sua eloquência brilhante. Naquela noite, de repente, operara-se o milagre. Tinha-o visto tal qual ele era: um homem de meia-idade, realmente nada bonito, indiferente até ao insulto aos sentimentos dos outros, ambicioso e egoísta. Naquele momento tinha deixado de o amar. Aquele homem mitificado já não lhe agradava. Estendida na cama, perante um programa televisivo que não estava a ver, pegou no telefone e marcou o número do seu advogado.

- Quero divorciar-me do Varini - anunciou. - Quero um divórcio litigioso. Vou fornecer-te todos os elementos para o castigares como merece.

Depois respirou fundo, de alívio. Ia servir-se do pretexto do divórcio para se libertar do compromisso com os dois políticos e as mulheres deles. Eram personagens que não estimava e relativamente às quais se tinha sempre mostrado condescendente para agradar ao marido.

Depois telefonou a Lucia.

- Sabes, estive a pensar no teu desejo de passares as férias comigo. Parece-me uma solução excelente, tanto mais que esta noite despachei o verme - anunciou.

- Levas-me contigo de barco? Fico tão feliz, tia Sofia - disse Lucia, entusiasmada.

- Exactamente. Duas raparigas em passeio pelo Mediterrâneo. O que é que dizes?

- Digo que me parece o título de um filme - aprovou Lucia. Tinha a certeza de que se ia divertir com Sofia e, quem sabe, talvez conseguisse esquecer o bailarino espanhol.

A notícia chegou-lhe pelo telefone e, naquele momento, deixou-o incrédulo e desconfiado.

- Passaste - anunciou Lele, o seu colega de turma. - Vá, não me gozes - zangou-se Daniele.

- Juro-te! A minha mãe quase me arrastou à força para eu ver as pautas. Eu, reprovado. Tu, aprovado. A minha mãe fez-me uma cena que tu nem imaginas. Hoje a família vai reunir em tribunal e eu já sei a sentença: nada de férias, cursos intensivos durante o Verão, e depois matrícula numa escola particular. Um corte desgraçado! - disse o amigo.

- Fico triste por ti - lamentou.

No entanto, a incredulidade levou-o a efectuar uma verificação. Telefonou a outro colega. A sua passagem foi confirmada. Daniele passara as primeiras horas da manhã às voltas pela casa sem arranjar coragem para se apresentar no átrio da escola para ver os resultados. Tinha a certeza de que ia reprovar.

Agora estava tão contente que sentiu a necessidade de dar a notícia à sua família. Porém, à excepção de Luca, que estava barricado no seu quarto, não estava ninguém em casa, nem sequer Priscilla, que tinha ido às compras.

Foi ter com o irmão mais novo. Encontrou-o à secretária. Sansone, deitado aos seus pés, rosnou de protesto pela intromissão de Daniele.

- Já para a casota! - ordenou-lhe. Depois voltou-se para Luca: - O que é que estás a fazer?

O miúdo não respondeu. Tinha apoiado a mão aberta em cima de uma folha branca e, com uma caneta, traçava-lhe os contornos. Acabou o desenho. Depois levantou a mão.

- Estive a escrever a minha mão - disse Luca. - Estiveste a desenhá-la - corrigiu o irmão. - Não. Escrevi-a.

- Tudo bem. Escreveste-a. Agora queres escrever também o pé? - perguntou-lhe, com ar impaciente.

- Já está - declarou o pequeno, pegando noutra folha onde estava bem evidenciado o contorno do seu pezinho nu.

- Passei de ano - anunciou Daniele.

- O pé vai ao encontro da mãe. A mão toca-lhe - murmurou Luca.

- Oh, valha-me Deus, mas o que é que estás a tentar dizer?

- Não sei - replicou Luca e, com um gesto de cólera, amarrotou as duas folhas e deitou-as no cesto dos papéis.

- Não. Espera. Para raciocinar contigo é preciso um intérprete - bufou Daniele. Apanhou as folhas, alisou-as em cima da mesa e observou-as. Entretanto repetiu: - Ouviste? Disse-te que passei de ano.

- Quero lá saber - replicou Luca.

- És muito palerma! - lamentou o irmão.

Luca atirou-se para a cama e Sansone saltou em cima dele, pronto para brincar. Daniele pensou que, apesar de ter passado, ia aguentar, de qualquer maneira, dois meses de férias numa nojenta quinta irlandesa, porque o pai já tinha pago um sinal a uma tal senhora O'Donnell, que o receberia, e comprado o bilhete para a viagem.

Os seus amigos iam divertir-se como uns doidos a viajar pela Europa em absoluta liberdade, vivendo sabe-se lá que aventuras excitantes, enquanto que ele ia ser mandado para um lugar horrível, no meio das cabras, nos campos varridos pelo vento e pela chuva. Mas ainda faltavam dez dias para a partida e, uma vez que tinha passado de ano, tinha de tentar convencer o pai e a mãe a reverem o programa.

- Estou muito contente com a minha passagem. Quero telefonar à mãe e dizer-lhe. Assim ela também vai ficar contente - insistiu Daniele.

- A mãe não quer saber nada de ti nem de mim - disse Luca, com um olhar agressivo.

- Tu queres que ela volte. Não é verdade? - Nunca mais a quero ver.

- Mentira. "Escreveste" o teu pé para ires ter com ela e a tua mão para a poderes tocar - insistiu o irmão, mostrando-lhe os desenhos nas duas folhas. - Tive uma ideia. Ajuda-me a levar a Igor embora.

- Porquê?

- Vou vendê-la outra vez ao Luigi.

Luigi era o comerciante de animais exóticos a quem tinha comprado a cobra. A sua loja era ao fundo do quarteirão.

- Já não a queres? - admirou-se a criança.

- Vou estar fora os meses de julho e Agosto. Quem é que ia tratar dela?

- Eu, não. O Sansone não gosta da Igor. Por isso, eu também não gosto. Arranja-te.

Luca tinha ficado mais agressivo depois do último ataque de fúria do pai, que lhe tinha valido duas estaladas. A sua veia polémica tinha-se aguçado e a necessidade de ver a mãe tinha-se acentuado.

- Ouve. Tive uma inspiração. O Luigi vai dar-me dinheiro e nós os dois poderemos pôr em prática um plano brilhante - insistiu o irmão.

- E o que é um plano brilhante?

- Vais descobrir, se me ajudares a levar a Igor - prometeu-lhe.

- E se eu não tiver vontade de o descobrir? - perguntou em tom de provocação.

- Ajudas-me de qualquer maneira, porque isto é uma ordem - disse Daniele com voz firme.

- Metes-me nojo - declarou o miúdo. - Primeiro gostas da Igor e depois já não a queres. Eu não dava o Sansone nem a troco de uma caixa nova de Lego.

- Não digas imbecilidades!

- Tu também dizes asneiras. E sabes que o pai não suporta isso.

- Levanta-te da cama e obedece.

- Pensas que tenho medo de ti? - desafiou-o.

- Penso, sim senhor, porque eu sou mais velho e maior dó que tu e posso levar-te aonde me apetecer.

- Sansone, ataca! - ordenou Luca.

O cão deu um salto e, com as patas anteriores, imobilizou Damele, encostando-o à parede.

- Agora vamos lá ver se és mais forte do que o meu cão - desafiou-o o irmão mais novo.

Priscilla regressou a casa naquele momento e, ouvindo a discussão, intrometeu-se, gritando por sua vez.

- Se a vossa mãe não se despacha a voltar para casa, eu despeço-me. Estou cansada disto tudo - ameaçou.

Quando viu os dois rapazes entrarem no elevador levando Igor dentro da sua caixa, respirou de alívio. Estava tão contente que acariciou Sansone. Como única resposta, o cão dirigiu-lhe uma rosnadela ameaçadora. O aspecto positivo das crianças Donelli, pensou, era que, depois de se terem engalfinhado como selvagens, voltavam a ficar sossegados e mais amigos do que nunca.

Andrea telefonou do jornal, como todos os dias, por volta do meio-dia, a saber notícias.

- Tudo bem, senhor Donelli - informou Priscilla. - O avô foi para a biblioteca. A Lucia foi on shopping com a Signora Sofia, e o Daniele e o pequeno saíram juntos: levaram a Igor. A cobra já cá não está - concluiu a rir.

- E por que outro animal foi substituída? - perguntou, cautelosamente.

- Como é que hei-de saber? Ainda não voltaram.

Andrea desligou o telefone e perguntou a si próprio o que estariam os seus filhos a tramar. Tinha notado os progressos de Daniele, que se tinha libertado de todos aqueles, anéis que o desfiguravam, já não molhava a cama e, num gesto de orgulho tão extremo quanto inútil, tinha até começado a estudar. Agora também renunciava à cobra. Aquilo parecia-lhe realmente exagerado. Tinha de perceber o mais depressa possível o que estava a acontecer. Mas, entretanto, sentia uma grande satisfação.

Naquela mesma manhã tinha-lhe telefonado um dirigente da RAI, de Roma.

- Trata-se de um encontro informal, pelo menos para já. Queríamos que viesse aqui, a Saxa Rubra. É claro que lhe serão pagas as despesas da viagem - disse o seu interlocutor.

- Poderei ter, pelo menos, uma ideia do motivo deste encontro? - perguntou.

- Estamos a estudar um programa totalmente novo. Deveria ser um telejornal do espectáculo. Mas ainda não está nada definido. De qualquer maneira, esperamos por si amanhã de tarde. Acha que consegue comparecer?

Andrea estava tão excitado que foi a correr contar tudo ao seu director. Moscati nem se preocupou em esconder o seu desapontamento.

- Logo agora, que o jornal atravessa uma fase difícil, tu abandonas-me - disse.

- Se calhar é um projecto que não vai a lado nenhum - disse ele, para atenuar as coisas.

- Por mim, espero bem - concluiu o director.

Voltou a casa à hora de almoço, ao mesmo tempo que Lucia, que vinha carregada de sacos e embrulhos.

- A Sofia ofereceu-me um guarda-roupa completo para o mar - explicou. - Fatos de banho, calças, blusas e sandálias. Queres ver? - perguntou, excitada.

- Francamente, não estou interessado. Dificilmente distingo uma saia de umas bermudas - declarou o pai, com sinceridade. - E não gosto que a Sofia gaste tanto dinheiro contigo - concluiu.

- A tia Sofia seria minha madrinha, se tu me tivesses baptizado. Por isso, ela é quase uma segunda mãe, quer tu queiras quer não - quis esclarecer a filha.

- Tudo bem. Não arranjemos polémicas e vamos comer. Chama os teus irmãos - ordenou.

- Luca e Damele ainda não voltaram - disse Priscilla, preocupada.

- Mas já é uma e meia. Como é possível? - alarmou-se Andrea.

Lucia fez uma incursão ao quarto dos irmãos e regressou com um bilhete que tinha sido deixado bem à vista sobre a secretária. Dizia: Passei de ano. Parto com o Luca. Vamos ter com a mãe. Beijos. Dantele.

Querido Andrea,

Recebi a tua última carta num momento particularmente difícil. Deixei-a de lado para a ler quando estivesse um pouco mais serena. Agora já estou. Mas a tua carta desapareceu. Não consigo encontrá-la. Não imaginava que isso me incomodasse tanto. Mas as coisas são mesmo assim. Não queria ver-te nem falar contigo, mas as cartas eram e são uma maneira de dialogar civilizadamente à distância e conseguirmos dizer um ao outro aquilo que calámos em dezoito anos de casamento.

Há alguns dias atrás fui a Bérgamo, a casa de Raimondo Teodoli. Foi uma visita breve e traumatizante. Eu sabia que, em todos estes anos, ele não tinha deixado de me esperar, e queria dizer-lhe que não há nenhuma possibilidade de retomar uma história que acabou, porque a minha família é aquilo que eu tenho de mais importante. Encontrei um homem sofredor, gravemente doente. Não lhe disse nada. Amei-o pela sua dor. Sei que não voltarei a vê-lo.

Regressei aqui a meio da noite e não estava com disposição para ler a tua carta. Deixei-a de lado. Na manhã seguinte já não a encontrei. Vasculhei por todo o lado. Nada. Tenho pena.

Sei que tu, o meu pai e os miúdos estão a arranjar-se muito bem. Isso consola-me.

Conheço realmente a acreditar que era necessária uma separação efectiva para esclarecer um pouco as coisas entre nós. Não sei se teremos um futuro juntos. Mas tenho a certeza de que os meus filhos vão ter uma mãe mais responsável. Sofro com a falta deles. Peço-te que me escrevas depressa.

Pénelópe

Cesenatico, 15 de junho

Penclope enviou a carta para o marido. Depois foi ao supermercado fazer compras. Colocou tudo na bicicleta e, pedalando com calma, dirigiu-se a casa. Por alturas do Hotel Pino viu vir ao seu encontro a Signorina Leonida, que começou a tocar a campainha para a cumprimentar. Naquele momento travaram as duas e encontraram-se face a face.

- Louvado seja Deus! Soube que cá estás há algum tempo. Por que foi que não apareceste? - atacou a velha senhora, mais conhecida na terra pela sua alcunha: "A gazeta da Romagna".

- Querida Signorina Leonida, se soubesse o que eu tive de fazer - disse-lhe Pénelópe a sorrir e, esticando-se por cima do guiador, deu-lhe um beijo na cara rugosa.

- Eu sei, eu sei. Anteontem mesmo fui a Sant'Arcangelo e encontrei o Signor Maffei. Disse-me que te restaurou a salinha chippendale da Diomira. Sabes, enquanto me deixarem ocupar o lugar, continuo a acompanhar os meus alunos entre Sala, Sant'Arcangelo, Gambettola e Cannucceto. Deus seja louvado, que vou para os setenta e cinco. Sabias? Mas o trabalho mantém-me jovem. Ainda no outro dia o Bruno, sabes quem é, me disse: "Signorina Leonida, ainda tem as pernas mais bonitas de Cesenatico". Foi com estas pernas que fiz andar à roda a cabeça do Artemio Santamaria, que Deus o tenha em sua glória. Mas a verdade é que, quanto a pernas bonitas, a tua mãe não fica atrás de ninguém. Pois é, a Irene foi sempre um belo pedaço de rapariga. Sabes, disseram-me que a viram em Frampula, com o Romeo. Será verdade?

Leonida Casadei, nos seus tempos, fora realmente uma bonita rapariga. Filha de camponeses abastados, estudou piano em Cesena. A mãe, autoritária e ciumenta, conseguiu sempre afastar os seus pretendentes. Decidiu que, dos seus oito filhos, a última, Leonida, devia ficar solteira para assistir os pais na velhice. Porém, aos vinte e seis anos, a pianista conheceu um violinista de Bolonha: Artemio Santamaria. Um belo homem por quem se apaixonou. Para que ele não fosse afastado, encetou uma fuga de amor. Mas a gente da terra viu e falou. Os irmãos de Leonida descobriram rapidamente o casal num pequeno hotel de Faença, no momento em que o violinista se preparava para revelar à jovem companheira os segredos do prazer. Artemio foi espancado e Leonida reconduzida a casa, lavada em lágrimas. Soube-se, entretanto, que o violinista tinha mulher e quatro filhos e que já tinha sofrido duas condenações por violência física. Leonida foi isolada em casa durante muito tempo, e apenas quando pareceu tomar juízo lhe foi permitido dar lições de piano às crianças da terra. A Signorina Leonida ficou solteira. E isso tornou-a um pouco amarga. Por vezes, dizia: "Envelheci sem saber se aquela coisa é bonita, como dizem alguns, ou feia, como dizia a minha mãe".

Quando Pénelópe era pequena, ela foi durante alguns anos, no Verão, sua professora de piano. Depois continuou a frequentar a casa porque se tornara amiga da avó Diomira.

Agora queria saber por Pénelópe se era verdade aquilo que se contava em Forlimpopoli a propósito de uma fuga de amor da sua mãe com Romeo Oggioni. Por muito que desaprovasse a cabeçada de Irene, Pénelópe não queria atiçar a coscuvilhice.

- Olhe, não ouça tudo o que as pessoas dizem. A mamã veio cá tratar dos seus assuntos. Sabe muito bem que aquele laboratório de Frampula pertence à mãe - disse. Depois esticou-se outra vez na direcção dela e beijou-a com afecto. - Venha visitar-me - acrescentou. - Assim posso oferecer-lhe uma chávena de chá na salinha chippendale.

Quando regressou a casa ouviu tocar o telefone. Nem de propósito, era a sua mãe.

- Onde estás? - perguntou-lhe.

- Em Roma. No Hotel d'Inghilterra. Vou estar aqui alguns dias, porque o Romeo tem uma série de reuniões de trabalho. Entretanto vou vendo as lojas. À noite jantamos em restaurantes muito engraçados. Em suma, não é bem uma lua-de-mel, mas parece um bocadinho - sussurrou Irene.

- Foi para me dizeres isso que telefonaste? - perguntou Pénelópe.

- Queria notícias do teu pai.

- Por que não te diriges a ele directamente?

- Sabes muito bem que não tenho coragem. Mas penso muito nele - confessou.

- Porquê? Faz-te falta? - insinuou a filha. - Eu não disse isso.

- Por aqui fala-se de ti e do Oggiom - revelou.

- Não me incomoda rigorosamente nada. Sempre estivemos acima das bisbilhotices. Como estão os teus filhos?

- Bem, espero. Tenho muitas saudades deles.

- Eu também. Perdi os meus pontos de referência, as minhas amigas, os velhos hábitos. Não é fácil, na minha idade, inventar outra vez a vida - deixou escapar. E acrescentou: - Mas tu não podes compreender-me.

Mas compreendia. Compreendia as suas contradições e a desilusão de um amor sonhado durante trinta anos que agora se revelava inconsistente, comparado com os afectos familiares que dão um sentido à vida. Compreendia que a mãe sentia a falta do marido.

- Eu digo ao pai que pensas nele - prometeu.

Desligou a chamada, pegou nos sacos das compras e levou-os para a cozinha. Antes de mais, queria preparar um prato nutritivo para a sua gata. Agarrou num punhado de sardinhas, limpou-as, tirou-lhes as espinhas, cortou-as, deitou-as numa tigela e foi à marquise. A gata sentiu o cheiro do peixe fresco. Deixou os seus filhotes e, sempre a miar em sinal de reconhecimento, começou a comer com a delicadeza e a elegância dos gatos. Pénelópe fez-lhe uma festa e acariciou os gatinhos. A gata deixou-a fazer o que quis. Tinha confiança nela. Depois foi até ao jardim, sentou-se no banco por baixo da marquise e continuou a leitura de um livro que estava a começar. De vez em quando, parava de ler e pensava em Mortimer. Imaginava-o na casa da Via San Barnaba, assistido pela mãe, pelo irmão e pelos empregados. Certamente pensava nela e, no entanto, não a queria ao pé dele. Compreendia as suas razões e respeitava-as.

Pouco depois ouviu uma voz que a chamava: - Mãe! Mãe!

O seu coração começou a galopar. Abandonou o livro, correu pelo caminho do jardim e, por trás das barras do portão, viu Daniele e Luca. Parou, levando uma mão ao peito.

- Mãe, estamos aqui! - gritou Luca, erguendo um braço para a saudar.

Escancarou o portão, abriu os braços e saltou-lhe do coração uma gargalhada cheia de lágrimas.

Sorria como quando era menina e, no horizonte plano da Romagna, via nascer o arco-íris depois do temporal. Uma vez começou a correr num prado, ao longo de um canal do Rubicone. - Pepe, onde é que vais? - gritou o pai.

- Vou apanhar o arco-íris. Está ali em baixo - respondeu, rindo de alegria.

Nunca esquecera aquele tempo de felicidade absoluta.

A mesma que agora sentia, enquanto apertava nos braços os filhos e os enchia de perguntas. Queria saber tudo sobre eles e Lucia, o pai e o avô. Entretanto, o telefone de casa continuava a tocar; mas ela não se importou.

Foi Daniele quem entrou em casa e atendeu.

Era Andrea, fora de si por causa daquilo que ele considerava uma acção impensada e imperdoável.

- Se fui suficientemente maduro para passar de ano, também o sou para vir ter com a mãe - replicou o rapaz, com calma.

- Podia ter-vos acontecido alguma coisa. Que justificação é que eu dava à tua mãe? - perguntou-lhe o pai.

- Mas não aconteceu nada. Correu tudo bem. Esperava que ficasses contente porque passei de ano e não te pedi dinheiro para a viagem. Vendi a Igor para chegar até aqui. Tive de trazer também o Luca, antes que se passasse da cabeça. Queria ver a mãe. Portanto, não grites - replicou.

Quando se despediram, Andrea já tinha acalmado e estava muito contente pelo sucesso escolar de Daniele.

Pénelópe mostrou aos filhos a gata vadia, que agora lhe pertencia, e os seus filhotes. Quando Luca tentou fazer-lhes festas, ela começou a abanar nervosamente a cauda. Depois acalmou. Percebeu que a criança não ia maltratá-los. Daniele fez uma rápida incursão, da torre até à cave, para visitar a casa da avó toda restaurada.

- Gastaste um dinheirão - constatou, enquanto a mãe fritava espetadinhas de camarões.

- Mais uma vez, gastei as minhas economias nesta casa, que nem sequer me pertence. Mas tinha de ocupar o meu tempo para não pensar demasiado em vós - justificou-se.

- Nós arranjámo-nos muito bem, apesar de todas as confusões que houve - disse Daniele.

- Pois, eu soube de algumas coisas - replicou Pénelópe, que tinha sido quase diariamente informada por Sofia.

- E também sabes que o pai é muito severo? - perguntou Luca.

- Como todos os pais. Ser doce e compreensiva é tarefa só das mães - sorriu Pénelópe, tomando nota do facto de Andrea, finalmente, ter mudado de atitude para com os seus filhos.

- Mãe, posso estar aqui contigo? - perguntou Luca. - Já aqui estás.

- Mas eu digo ficar, em vez de voltar para Milão com o Damele.

- Tens de pedir ao teu pai. Se ele disser que sim, por mim tudo bem.

- E se ele disser que não? É capaz de dizer que não, mesmo que eu tenha uma crise de asma - sublinhou Luca. - Sabes que deitou o meu Ventilan pela janela fora?

- Acho que fez bem. Nunca foste tão conversador como desde que ficaste sem aquele remédio. De qualquer maneira, se o pai dissesse que não, tu terias de obedecer - decidiu Pénelópe, sabendo que Andrea ia consentir. - Mas eu acho que ele vai dizer que sim - concluiu, com uma piscadela cúmplice.

Consolava-a ver como Luca tinha mudado para melhor. Espantava-a o repentino amadurecimento de Daniele. O seu filho tinha passado de ano, ao contrário de quaisquer previsões, estava mais bonito, mais doce e mais assente. Teria acontecido por acaso? Não o podia saber, mas queria acreditar que a sua ausência tinha acelerado o tempo de uma tomada de consciência. Até Lucia parecia mais responsável. É claro que a filha ia sempre entrar em conflito com ela. Parecia-se mais com ela do que ela gostaria. Era uma rapariga complicada e um dia tornar-se-ia uma mulher e uma mãe complicada, exactamente como ela.

Teve pena, sem o conhecer, do homem que havia de casar com ela. E, naquele momento, pela primeira vez, teve um lampejo de compreensão também pelo seu marido.

- Telefona ao pai para combinarem a viagem de regresso. Se te pedir para falar comigo, passa-me o telefone - disse a Daniele. Mas quando ligou, Andrea limitou-se a perguntar-lhe como estava a mãe.

- Bem - respondeu Daniele e, baixando o tom de voz, acrescentou: - Queres que ta passe?

- Não é preciso. Eu acredito em ti. Mas diz-lhe que, se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

- Ainda não estou preparado para estes jogos refinados entre adultos. Não lhe digo rigorosamente nada - concluiu Daniele. Pénelópe não fez perguntas e ele não fez referência à mensagem.

Ela manteve os seus rapazes muito juntos a si durante dois dias. Depois decidiu que tinha chegado o momento de se separar do mais velho.

- Agora tens de te conformar com a estadia na Irlanda, onde vais ter de ganhar para viver durante dois meses - disse a mãe. Daniele tentou a chantagem emocional.

- Não posso ficar aqui contigo? Trato do Luca, e do jardim, que está muito mal-arranjado. À noite posso ir para o bar, como tu fazias quando eras pequena, vender água que ferve. Estás a ver que bem que ficávamos nós os três, muito juntinhos?

- Vais para a Irlanda. Durante dois meses vais aprender a perceber e a fazeres-te entender pelos teus anfitriões. E, se calhar, até te vais divertir. Viver de uma maneira diferente vai ser-te útil - respondeu a mãe, com um tom que não admitia réplicas.

Assim, juntamente com Luca, levou-o a Rimim para apanhar o comboio. Andrea iria ter com ele à estação de Milão.

Naquele dia, quando ia a sair para o jornal, Andrea encontrou na caixa do correio a carta de Pénelópe. Abriu-a imediatamente e começou a lê-la. Aquelas palavras amarguradas comoveram-no. Pareciam quase um pedido de tréguas, se não de paz. Mas logo após as primeiras linhas, ficou a ferver. "Há alguns dias atrás fui a Bérgamo, a casa de Raimondo Teodoli".

- E ainda por cima me dizes! És mesmo idiota - barafustou enquanto atravessava o átrio do prédio.

O porteiro, que tinha ouvido o comentário, dirigiu-lhe um obsequioso: - Bom dia, senhor Donelli - acompanhado de um sorriso irónico.

- E o senhor, onde é que vem meter o nariz? - disse Andrea, fulminante, com um berro que serviu, momentaneamente, para o acalmar.

Entrou no carro e continuou a leitura. "Amei-o pela sua dor. Sei que não voltarei a vê-lo." Com estas palavras, mais uma vez, parou.

Na carta anterior tinha-lhe dito que aquela história tinha acabado há sete anos e agora revelava-lhe que o tinha amado pela sua dor. Que sentido haveria em tudo aquilo? Seria então verdade que aquele

maldito indivíduo estava gravemente doente? O ciúme voltou a agredi-lo. Em vez de pôr o carro a andar, voltou a casa, entrou no quarto e pegou naquele maço de cartas, na gaveta da escrivaninha, que nunca tinha ousado abrir. E começou a lê-las. Em certos momentos, a cólera temperava-se com a piedade. Não que aquelas mensagens fossem dramáticas. Pelo contrário, eram escritas com leveza e sentido de humor. Eram pontuadas por salpicos de alegria. Mas, na reconstituição de uma paixão que ele tinha ignorado, percebia a melancolia de um amor intenso bruscamente sufocado. Reconstituiu o conflito da mulher, dividida entre dois homens que amava sinceramente. E não sabia bem se, a haver um vencedor, seria ele ou aquele Mortimer que uma vez lhe tinha salvado a vida e depois a ajudara a dar à luz o pequeno Luca com a ternura de um homem apaixonado. Enquanto ele estava em casa com as crianças, o outro tinha segurado o seu filho nas mãos e tinha-o entregue à vida.

- Deve ser um tormento, ajudar a mulher que se ama a dar à luz o filho de outro - disse para si, com uma sombra de comoção. Naquele momento já não conseguia odiar o rival. Deu-se conta de que, para não ter de enfrentar uma situação desagradável, nunca, em tantos anos de casamento, se tinha perguntado se a sua mulher o teria traído. Da mesma forma que ele quisera ignorar, durante anos, a sua infância trágica. Só depois da fuga de Pénelópe conseguira olhar a realidade de frente. E agora, sem hipocrisias, a sua mulher falava-lhe em poucas palavras amarguradas da sua dor e da sua necessidade de falar com ele. Deveria acreditar na sua sinceridade?

Nunca, até agora, tinha Andrea formulado tantas interrogações sobre aquilo que Pénelópe sentia e pensava.

Voltou a dobrar todas as cartas de Mortimer, meteu-as nos envelopes e fechou-as à chave na gaveta. Meteu no bolso a carta da mulher e saiu. Chegou à redacção sem ter lido os jornais. Percorreu-os rapidamente, foi à sala dos redactores e acertou alguns pormenores sobre notícias e serviços. Depois retirou-se para o seu gabinete e começou a ler um jornal diário.

Parou de repente na página da necrologia: era inteiramente dedicada a Mortimer. Parentes, amigos e colegas choravam o desaparecimento do doutor Raimondo Maria Teodoli de San Vitale.

Foi como se tivesse recebido um murro no estômago. Recordou as palavras da sua carta para Pénelópe: "Aquele Mortimer, que um raio o fulmine", e as suas mãos começaram a tremer, enquanto

sussurrava: - A culpa é minha. Fui eu que lhe desejei a morte. - Lembrou-se do seu pai, de Gemina, da professora Cazzaniga. Todas as pessoas a quem tinha ardentemente desejado a morte.

- Mas o que vem a ser esta maldição que carrego comigo?interrogou-se, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

- Desde que a tua mulher te deixou, já não te reconheço - disse o director, que entrou no gabinete de Andrea.

- já nem sequer eu me reconheço - respondeu ele, envergonhado por ter sido apanhado num momento de fraqueza.

Querida Pepe,

O Luca está contigo, a Lucia e o Daniele estão comigo pela última noite. Amanhã a Sofia vem buscar a nossa filha para umas férias de barco, no Mediterrâneo. Eu vou levar o Daniele ao aeroporto de Malpensa. Chega a Dublim num voo da Alitalia e dali vai ter a Galway de comboio. Na estação estará o Patrick, o filho mais velho da Mrs. Margareth O'Donnell, que o levará até à quinta deles, a poucos quilómetros da cidade. Assim, vou ficar sozinho com a Priscilla, porque o teu pai também se foi embora. Tínhamos combinado ir a Roma juntos, eu para discutir uma oferta de trabalho na RAI, e ele para enfrentar a mulher.

À última hora não me apeteceu ir. Pensei que, no caso de se chegar a algum acordo, eu teria de me transferir para Roma. Francamente, não me apetece afastar-me dos miúdos cinco dias por semana. A Lucia, o Daniele e o Luca, até tu teres ido embora, não tiveram pai. Agora, por sorte minha e deles, já têm, e não tenciono voltar a repetir os erros do passado. Estou a descobrir o que significa amar verdadeiramente os próprios filhos. E sei que te devo isso a ti.

Estou contente por não teres conseguido encontrar a minha última carta. Era uma carta muito feia e não merecia ser lida. Se chegares a encontrá-la, rasga-a sem a abrires. Peço-te isso como um favor pessoal.

Soube há pouco pelos jornais que Raimondo Teodoli faleceu. Lamento por ti. Hoje de manhã li as cartas de Mortimer que tens guardadas na gaveta da escrivaninha. Não fui correcto, eu sei. já me

perdoaste muita coisa. Se puderes, perdoa-me mais esta. Não fui motivado pela curiosidade, mas pelo desespero, pela necessidade de compreender. Amo-te mais do que tu acreditas. Nestes últimos dias estive mais do que uma vez a ponto de te telefonar. Não o fiz apenas porque me proibiste de o fazer.

Abraça por mim o nosso pequenino.

Andrea

Milão, 20 de junho

Luca. nunca se afastava dela. Dava-lhe a mão quando iam para a praia e não entrava na água se a mãe não nadasse ao pé dele. Dormia com ela na cama grande e seguia-a para todo o lado, até para a casa de banho.

- Faz aquilo que tiveres de fazer. Eu fico aqui à tua espera - dizia-lhe.

- Olha que eu não fujo - tentava tranquilizá-lo Pénelópe, sabendo que era perda de tempo, porque só com o contacto físico é que Luca tinha a certeza de que ela não ia outra vez embora. Pénelópe compreendia-o e acompanhava-o.

As aulas tinham acabado e a praia estava animada. Pénelópe encontrava as amigas de sempre com os seus filhos. Para acalmar a sua curiosidade, teve de explicar que Lucia e Damele já estavam crescidos e preferiam outros destinos para as suas férias. Andrea andava muito ocupado e iria ter com ela quando tivesse férias. Quanto a Irene e ao pai, não tardariam a chegar. Mas por muito que se esforçasse em não alimentar as coscuvilhices, estas surgiam por todo o lado, porque nos modos e nas palavras de Pénelópe os amigos apercebiam-se de qualquer coisa de insólito.

Um dia, a Signorina Leonida interrogou-a abertamente. Pénelópe estava deitada por baixo do guarda-sol. Luca, aos seus pés, jogava aos berlindes com dois amiguinhos. A professora de piano foi ter com ela, estendendo-lhe um pacotinho de rebuçados de fruta.

- Muito obrigada. Posso guardá-los para mais tarde? - disse Pénelópe, que não tinha a mínima intenção de provar aquela coisa melada. Desde há algum tempo, estranhamente, sentia aversão pelos

doces e ficava até satisfeita com isso, pensando que essa rejeição lhe permitiria conservar uma forma perfeita.

- Conheço-te desde quando ainda andavas de fraldas. Sempre foste uma rapariga exuberante, cheia de vida. Agora estás mudada. O que foi que te aconteceu? - perguntou a velha senhora, sentando-se na espreguiçadeira ao lado dela.

Pénelópe observou.-a com ar pensativo. Não estava ali para bisbilhotar, pelo contrário, havia na sua voz uma nota amargurada, quase materna. Estendeu uma mão e acariciou a sua.

- Nunca estive tão tranquila - garantiu.

- Estás magra como um palito. Nunca te tinha visto neste estado.

Finalmente compreendeu que a gente da terra estava preocupada com a sua saúde. Pensavam que estava doente e lamentavam a sua reserva, que impedia que a ajudassem.

- Então por que é que tens o Luca sempre agarrado a ti, como se tivesses medo de não o voltares a ver? - observou a menina Leonida.

Para a tirar daquela situação embaraçosa, ouviu uma voz que conhecia bem.

- Oh! Estão aqui, finalmente! - exclamou Irene, com um sorriso gaiteiro.

A mãe e o pai, com os chinelos na mão, dirigiam-se para o guarda-sol. Irene vinha agarrada ao braço de Mimì, não para procurar um apoio, de que não tinha necessidade, mas como se temesse perdê-lo. Trazia um fato-de-banho de um belo amarelo dourado que sublinhava a perfeição de um corpo admiravelmente conservado. O pai trazia uns calções de cores berrantes.

Luca viu-os e foi a correr abraçá-los.

- O que foi que me trouxeram? - perguntou.

Pénelópe não parecia muito surpreendida por os ver juntos. Beijou-os aos dois, enquanto a mãe exibia já o seu ar de salão para cumprimentar a Signorina Leonida. Nasceu imediatamente uma longa conversa entre a professora de piano e a mãe. Luca voltou à brincadeira com os amigos e Pénelópe afastou-se com o pai.

- Como fizeste para a recuperar? - perguntou-lhe logo.

- Tu disseste-me onde ela estava. Eu fui buscá-la. Parecia que não estava à espera de outra coisa. Fez as birras do costume, como é evidente. Eu estava tão furioso que, pela primeira vez na minha vida,

levantei a mão para uma mulher. Dei-lhe uma estalada. Só uma, Pepe. Estávamos no hall do hotel. Os hóspedes e os porteiros olharam-nos como se fôssemos marcianos. E sabes o que fez a tua mãe? Levando uma mão à cara, sorriu a toda a gente, e depois disse: "Não façam caso. O meu marido tem a mão sempre pronta. Mas ainda não me viram a mim". Assentou-me um bofetão capaz de aturdir qualquer um. Depois acrescentou: "Isto é por me teres permitido fugir com aquele Oggioni, que é mais insuportável do que tu". Deu-me o braço e disse: "Leva-me depressa para casa". Foi exactamente assim. E por isso devo agradecer-te. Parece que se deu muito mal com o herói dos seus sonhos. Um homem que só pensa no trabalho e se dedicava a ela apenas nos poucos tempos livres - contou o pai. Tinha ar de estar muito satisfeito.

Irene foi ter com eles depois de despachar a amiga. Olhou a filha com uma ternura nova.

- Estás muito bonita - disse-lhe, com doçura. E acrescentou: - Onde é que foste buscar esse solitário espantoso que trazes ao pescoço com um ar tão desportivo?

- Foi uma prenda - sussurrou Pénelópe, corando. - Imagino. Foi ele que to deu?

- Sim. Foi antes...

- O Andrea disse-me. Lamento muito. Assim, acabou tudo - disse, acariciando-lhe o rosto.

Regressaram a casa juntos. Luca meteu-se no carro dos avós para procurar as prendas que lhe tinham trazido. Irene e a filha foram para a cozinha.

- O teu marido mudou muito, sabias? E devo dizer-te que mudou para melhor. Trabalha muito, mas quanto a isso nunca houve problema. Passa o tempo livre com a pobre da Maria. Eu também a fui visitar. Sinto muita ternura por ela. Tiraram-lhe o gesso do braço. Andrea dá-lhe massagens e mexe-o para recuperar força. Devias ir visitá-la, um destes dias. - Irene contava estas coisas enquanto panava escalopes de vitela para fritar.

Pénelópe lavava folhas de alface, em pé, em frente do lava-loiça.

De repente teve uma tontura. Sentiu um mal-estar que, do estômago, lhe subia à cabeça. Deixou tudo e foi a correr à casa de banho. Vomitou. Ficou logo melhor. A culpa era das batatinhas fritas que o pai insistira em lhe oferecer no bar da praia. Desde há alguns dias que não suportava coisas fritas. Tanto que, quando Irene começou a fritar os escalopes, ela foi para o jardim brincar com Luca e com os gatinhos.

Naquela noite Daniele telefonou da Irlanda. Fazia-o todos os fins-de-semana, com chamadas a pagar no destino. De início falava quase todos os dias para lhes suplicar que o deixassem regressar. Andrea não se deixou comover e disse-lhe que, se regressasse, encontraria a porta de casa trancada.

- Pai, por favor, estou aqui muito mal. Tenho de ir apanhar turfa, de mungir uma pobre vaca e de tratar de umas ovelhas pestilentas. Está sempre a chover. Apanhei uma constipação terrível. Dão-me coisas nojentas para comer e, ainda por cima, antes de cada refeição, é preciso agradecer ao Senhor pela comida que nos dá - lamentou-se. Andrea teve um momento de compaixão por aquele rapazinho de dezasseis anos que, até há poucas semanas, fazia chichi na cama. Naquele ponto, pediu conselho à mulher. Aquele foi o primeiro telefonema que fez a Pénelópe desde o dia em que ela tinha partido.

- O que fazias no meu lugar? - perguntou-lhe.

- Exactamente aquilo que tu estás a fazer. Mantém-te duro. Vai perceber que nesta vida precisamos de saber adaptar-nos - respondeu ela.

E quando Daniele pediu ajuda à mãe para quebrar a dureza paterna, Pénelópe disse-lhe: - Lamento muito, mas tens de obedecer ao pai. - Era uma alegria poder descarregar toda a responsabilidade sobre o marido.

Ao fim de uma semana, as notícias da Irlanda tornaram-se mais toleráveis.

- Mãe, estou a ficar com uns músculos incríveis - disse, mal ouviu a sua voz. E acrescentou: - Sabes que estou a aprender a andar a cavalo? À noite vou aos ensaios com o coro da igreja e no domingo vou poder cantar com os outros na missa maior. A Mrs. Margareth é muito simpática. Patrick e Sean, os dois filhos dela, ensinam-me a dar murros. Sabes, agora já nos entendemos melhor com a língua. E tu, como estás?

Foi um telefonema cheio de alegria. Pénelópe gostou sobretudo de saber que Damele ia cantar no coro. Tinha sensibilidade para a música e esperou que, quando recomeçassem as aulas, o filho quisesse inscrever-se num curso de guitarra clássica. Como todas as mães, projectava nos filhos os seus próprios sonhos não realizados. À hora de jantar telefonou também Lucia, de Porto Cervo. Estava exuberante e falava com a mesma entoação de Sofia. Estava a passar uma férias extraordinárias, como era justo para uma aluna que era a melhor da turma.

- Vou ter contigo a Cesenatico em Agosto, se ainda aí estiveres - disse.

- Claro que vou estar aqui. Aonde queres que vá? - perguntou Pénelópe.

- Nesse caso, seria bom se o pai estivesse também connosco. - Eu também espero - respondeu a mãe, e acrescentou: - Diz-me mas é como vão os teus problemas de coração.

- Estou a saborear a maravilha de não ter ninguém. Acho que dezassete anos é muito pouco para uma rapariga se ligar a um homem. De qualquer maneira, hoje estive com o Roberto. Logo vamos sair juntos. Depois eu conto-te - concluiu, com uma risada frívola.

Pénelópe regressou à mesa com um sorriso radioso. Quando os filhos estavam contentes, ela sentia-se feliz.

- Mãe, hoje à noite vão estar os s-ciocador na praça. Levas-me lá? - perguntou Luca. Os s-ciocador eram uns jovens dotados de braços fortíssimos que faziam estalar longos chicotes ao ritmo de músicas populares.

- Mas é claro. Despacha-te a acabar a tua salada - solicitou Pénelópe. - Vocês também vêm? - perguntou aos pais.

- Eu e a tua mãe estávamos a pensar ir dançar. Em Sant'Arcangelo há um conjunto musical que toca muito bem - explicou Mimì. Pegou numa mão da mulher e levou-a aos lábios. Irene anuiu com ar amigável.

Pénelópe e o filho encontravam-se na mesma praça em que, quando Pénelópe era pequena, assistira com a avó e a sua amiga Sandrina ao drama de Romeu e Julieta. Luca, como todas as outras crianças, acompanhou aquela longa exibição, que tinha origem em festas populares antiquíssimas, com espanto e admiração.

- Mãe, compras-me um chicote? - perguntou-lhe, no caminho de regresso.

- Amanhã vamos ao mercado de Sant'Arcangelo. Se encontrarmos um pequeno, próprio para ti, compro-to - prometeu. Pénelópe estava tranquila e, a reforçar esse estado de alma, havia também o facto de Luca não ter tido mais nenhuma crise de asma. Esse era o sinal mais tangível da serenidade do seu menino. Deitou-o, e ele adormeceu quase imediatamente. Então foi até à cozinha. Estava com fome. Os pais ainda não tinham chegado. Nunca os tinha visto tão unidos e, sobretudo, nunca tinha visto a mãe tão condescendente com o marido. Com o tempo, a honestidade, a dedicação e a doçura do pai tinham vencido a inquietação de Irene.

Num prato oval, cobertos com uma folha de película transparente, estavam os escalopes que tinham sobrado do almoço. Viu-os e sentiu uma náusea. Mais uma vez, correu para a casa de banho e vomitou. Foi então que se revelou em toda a sua evidência aquilo que, durante alguns dias, tinha sido a sombra de uma suspeita. Entrou na salinha chippendale, sentou-se na poltrona da avó Diomira e sussurrou: - Estou grávida.

Pénelópe foi deitar-se no momento em que os pais regressavam a casa. Aproximou-se de Luca, que dormia ao seu lado, e abraçou-o.

- Parece que vais ter um irmãozinho. Ou talvez uma irmãzinha - sussurrou-lhe ao ouvido.

Nos dias seguintes, o teste da urina confirmou a gravidez.

Uma manhã, de madrugada, ouviu tocar o telefone no vestíbulo. Precipitou-se pelas escadas abaixo, a barafustar contra a sua preguiça, que a fazia adiar o pedido de um telefone suplementar para o andar superior.

- Estou na praia. Por que não vens ter comigo? - Era Andrea.

- Vou ià - respondeu.

Do quarto do primeiro andar chegou a voz da sua mãe.

- Quem foi que telefonou a esta hora? - perguntou, aborrecida.

- Foi engano. Dorme - disse Pénelópe.

Abriu devagar a porta de casa, saiu para o jardim, montou na bicicleta e começou a pedalar velozmente em direcção à praia. Cesenatico, de madrugada, era a mesma de sempre: uma cidade lunar. Abandonou a bicicleta em frente da porta do bar, que ainda estava corrida. Contornou o edifício branco e chegou à praia. Os guarda-sóis estavam fechados, as espreguiçadeiras e as camas dobradas e encostadas às mesas. O Sol nascia à superfície da água. Andrea, de jeans e t-shirt de algodão, veio ao seu encontro.

Parou a dois passos dela e sorriu-lhe. - Estás muito bem - disse.

- Estou ainda em camisa de noite - replicou.

- Vamos tomar um banho? - propôs o marido, enquanto tirava a camisola.

- Achas que desta vez conseguimos chegar ao Sol? - perguntou ela, correndo em direcção ao mar que se estendia em ondas planas, a acariciar a areia. Nadaram em sincronia até ao largo. Depois viraram-se de costas, a olhar o Sol que se erguia rapidamente no céu.

- Pensava que um momento tão bonito não se repetiria jamais! - exclamou Andrea.

- Às vezes, a felicidade regressa - afirmou ela. Deu uma cambalhota e recomeçou a nadar em direcção à praia.

Saíram da água a tremer.

- Na cabina há roupões para os dois - anunciou ela. Naquele momento abriu o bar. O banheiro, que tantos anos antes tentara seduzir Pénelópe, apareceu à porta e viu-os.

- São madrugadores, vocês os dois - observou, divertido. - Tens bolos frescos? - perguntou-lhe Andrea.

- Chegaram agora mesmo. Vou ligar a pressão da máquina para vos preparar o cappuccino do costume - prometeu.

Na cabina com Andrea, Pénelópe libertou-se da camisa encharcada e envolveu-se num roupão de felpa.

- És muito bonita. Há vinte anos não me deixaste ver-te nua - brincou Andrea. Pénelópe sorriu-lhe e saiu da cabina. Dirigiram-se para o bar e ela disse: - Há vinte anos não tínhamos tido três filhos os dois. Depois, em voz baixa, acrescentou: - Agora vem aí um quarto.

O marido segurou-a por um braço, obrigou-a a virar-se e olhou-a com uma expressão de felicidade absoluta.

- Estás grávida? Ela confirmou.

- E só agora é que me dizes isso? - exclamou com uma gargalhada cheia de alegria que, de repente, se extinguiu. Largou-lhe o braço e perguntou: - Quem é o pai?

Pénelópe calou-se. Dirigiu o olhar para a cintilante extensão do mar e sussurrou: - Não sei.

Andrea não reagiu. Sabia que a mulher estava a dizer a verdade. Ela baixou os olhos e encostou-se a uma mesa. Sentou-se, apertando no peito o roupão de felpa. Levantou o rosto. O marido inclinou-

se sobre ela e pousou os lábios nos cabelos molhados. Pôs-lhe um braço à volta dos ombros e apertou-a contra si.

- Este filho é meu, porque te amo - disse.

Ficaram assim, abraçados, a olhar o céu límpido daquela esplêndida manhã de junho.

- Ainda não dormiste, pois não? - perguntou Pénelópe. - Acabei de trabalhar há três horas. Como é que podia? - Tens de voltar à cidade?

- Tenho vontade de abraçar o Luca. E preciso de estar contigo. Vamos para casa.

FIM